



PROFHISTÓRIA

MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

FREDERICO VITORIA DA SILVA NETO

**PESO NÃO, TONELADA!: RELAÇÕES ENTRE O BREGA E O ENSINO DE
HISTÓRIA**

Recife
2025

FREDERICO VITORIA DA SILVA NETO

**PESO NÃO, TONELADA!: RELAÇÕES ENTRE O BREGA E O ENSINO DE
HISTÓRIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Ensino de História.

Área de concentração: Ensino de História

Orientador: Professor Dr. Paulo Julião da Silva

Recife

2025

FREDERICO VITORIA DA SILVA NETO

**PESO NÃO, TONELADA!: RELAÇÕES ENTRE O BREGA E O ENSINO DE
HISTÓRIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Ensino de História.

Área de concentração: Ensino de História

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Paulo Julião da Silva (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Prof. Dr. Carlos André Silva de Moura
Universidade Federal de Pernambuco (UPE)

Prof. Dr. André Mendes Salles
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

.Catalogação de Publicação na Fonte. UFPE - Biblioteca Central

Silva Neto, Frederico Vitoria da.

Peso não, tonelada!: relações entre o brega e o ensino de história / Frederico Vitoria da Silva Neto. - Recife, 2024.
234f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História, 2024.

Orientação: Paulo Julião da Silva.

Inclui referências e anexos.

1. Movimento Brega; 2. Ensino de História; 3. Patrimônio. I. Silva, Paulo Julião da. II. Título.

UFPE-Biblioteca Central

Dedico este trabalho a toda minha família, aos docentes desse país, e a todos que
fazem parte do Movimento Brega.

AGRADECIMENTOS

Guimarães Rosa diz que “viver é um rasgar-se e remendar-se” e essa frase nunca fez tanto sentido na minha vida. Sou um jovem comum para as estatísticas criminais do Brasil, estudante oriundo da rede pública, nascido e criado na comunidade do Cardoso, negro. Mudar essa “rota” é mostrar também para outros jovens da periferia que a educação e o amor de pessoas que acreditam em você é fundamental nesta jornada. Cada remendo na minha vida é a contribuição de alguém que passou e marcou de alguma forma, cada rasgo é a luta pela sobrevivência num país desigual como o nosso. Como diria Racionais: “Duas vezes melhor como?”.

Agradeço aos meus pais, Maria e Dimas, por todo amor e carinho que me dão nessa vida, sempre mostrando que a educação seria o melhor caminho para ter um futuro diferente do deles. A privação de lazer, vestimenta, comida etc. que tiveram nessa vida para dar condições necessárias para que eu pudesse estudar com tranquilidade não foi em vão, e me sinto honrado por tudo. O amor de vocês nos trouxe até esse momento, estamos nos tornando mestre.

Ao amor da minha vida, Isabela, por ter sido meu porto seguro, minha companheira, o vento para me guiar na direção desta vida. Sem o seu amor e lealdade, pouco seria. O seu respeito pelo meu momento de construção deste trabalho nas madrugadas, sua sobrecarrega para que eu pudesse me dedicar cada vez mais conta um pouco da nossa história, de sempre um apoiar o outro quando mais precisamos. Temos ainda muito o que conquistar. Te amo muito, meu amor.

Agradeço à minha filha Íris. Eu não seria nada sem você. O brega que você canta e dança comigo, mesmo com apenas 3 anos de idade, foi de grande combustível para que eu pudesse escrever e te dar o melhor. Você foi a melhor coisa da minha vida.

Agradeço à minha irmã Fernanda, por sempre acreditar em mim. Te amo, irmãzinha.

Agradeço à minha sogra, Ivone, por todo amor que tem comigo e com minha filha. Obrigado por todos os dias que pedi para ficar com Íris para que eu pudesse escrever. Deu certo, viu?! Muito obrigado.

Agradeço a minha tia Ninha, que acumula o título de madrinha e tia-avó, obrigado por toda dedicação comigo e com minha filha. Amo demais a senhora.

Agradeço a toda família pelo carinho. Todas as nossas gerações podem sonhar nessa nova realidade política e mesmo sendo o primeiro, que muitos dos nossos e nossas possam alcançar o que desejam. Agradeço demais por todo carinho de sempre comigo. Em especial, dedico à Silvana, Miguel, Rui, Enzo, Tia Finha, Simone, Eduardo, Isadora, Bernardo, Andrea, Nubia, Quina, Pelé, Gabriel, Natalia, Rebeca, Tia Fia, Laís, Alicia, Arielle.

Ao meu orientador, Paulo Julião, pelo conhecimento compartilhado, pelas sugestões, pela calma, leveza compreensão nas correções, pela paciência e pelas inúmeras qualidades nas quais eu não poderia ter uma pessoa melhor ao lado para construir este trabalho. O senhor acreditou em mim quando nem eu acreditei. Seu incentivo, amizade e humanidade mostram o grande orientador que é. Um dos profissionais que admiro e tenho como referência na educação e na vida. Muito obrigado.

Agradeço à minha turma do ProfHistória pela amizade e discussões durante todo esse tempo. Pedro Paulo, Lia, Lourdes, Tatiana, Diego, James, Edgard, Jonathas, Igor, Olga, Rayza, Ana Paula, Walter e William, muito obrigado por todo companheirismo e conhecimento.

Agradeço a Jailton por toda amizade construída nesse processo de construção e defesa da dissertação. As nossas angústias compartilhadas e sanadas pelo WhatsApp também nos levaram até aqui, e como você me disse: já deu certo!. Você é mais que um amigo, é um irmão.

Aos professores, professoras e secretários do ProfHistória, em especial a Ricardo Pinto, Luiza Reis, Emília, Eleta, André Mendes, Adriana, Lucas, Arnaldo, muito obrigado por todo conhecimento compartilhado.

Agradeço à Monica Alves, minha gestora na Escola José Clarindo e na Douglas Menezes. Apesar do pouco tempo, a sua confiança no meu trabalho e seu jeito humano para lidar com pessoas é algo que quero levar para a vida. Muito obrigado.

Agradeço aos professores e professoras, funcionários e funcionárias da Escola em Tempo Integral Douglas Menezes, obrigado por todo o incentivo e carinho no dia a dia. É uma honra conviver com vocês.

Agradeço aos professores e professoras, funcionários e funcionárias da Escola de Ensino Fundamental e Médio Barão do Abiaí, que torceram para que eu conseguisse concluir este trabalho. Muito obrigado!

Agradeço aos “Mizeravis de Recife”, em especial os professores Anthony Cavalcanti, Emílio Moura e Vilmar Victor. Vocês são provas das noites em claro de dedicação e das discussões que levaram minha dissertação. Os incentivos que me davam, mesmo quando estava tomado pelo sono e cansaço, foram de grande valor para que conseguisse chegar neste momento tão esperado. Meu muito obrigado pela amizade sincera vocês.

Agradeço a Marco Aurélio Filho, por ser esse cara irreverente, de uma energia cativante e por acreditar na minha pesquisa. Você é um cara por quem que nutro uma admiração enorme, você representa e defende o Movimento brega onde estiver. Todo sucesso do mundo nessa caminhada e conte comigo.

Agradeço ao Movimento Brega que, por fazer sentido na minha vida, nas músicas, no jeito de falar, de vestir, etc. faz com que ame cada vez mais essa cultura. Agradeço especialmente à Nega do Babado, Dany Myler, Wagner, Esdras Azevedo, Edilson Silva, Junior Paz, Michelle Melo, Cibeles e Tarcísio, da Estilo Bregoso, por participarem desta dissertação. Suas contribuições foram fundamentais para o desenvolvimento desse trabalho. Muito obrigado.

Agradeço a Diógenes Calado pela ajuda nas transcrições das entrevistas, valeu demais meu amigo.

Agradeço a José Leandro pela colaboração no trabalho ao ceder sua imagem. Conte comigo meu amigo.

Agradeço a Silas Veloso, Mylena e Jullia Almeida pela sugestões e ajuda na formatação deste trabalho. Vocês arrasam demais. Jullia, em breve, será você a mestra e posteriormente doutora, tenho orgulho demais de ter sido seu professor.

Agradeço aos professores que passaram em minha vida, todo carinho que tiveram comigo nos trouxe até aqui. Sou fruto do amor e dedicação de vocês em sala. Com todo carinho do mundo, dedico especialmente à Maria Vitória, Adriana Maia, Marcos Targino, Joselma, Margareth, Telma, Amaro, Risélia, Italo Almeida, Antonio Paulo Rezende, José Bento, Renato Pinto, Dabat.

Agradeço às amigadas que tenho e que souberam compreender e ajudar no momento de dificuldade na construção desse trabalho. Dedico esse trabalho especialmente à Wanderson e o seu incrível @guiaboemio, Thiago Henrick, Luciana Cardoso, Wandson Santos e Victor Azevedo. Cada dica, publicações, perfis do instagram que ajudaram muito na construção deste trabalho.

Agradeço imensamente a todos e todas estudantes que contribuíram decisivamente para minha formação. Agradeço especialmente aos estudantes da Escola José Clarindo e Barão do Abiaí, que abraçaram a ideia do meu produto e tivemos resultados incríveis. Desejo para vocês o melhor e contem sempre comigo.

Agradeço aos pré-vestibulares gratuitos, sou fruto do Pré-Vestibular Solidário da UFPE. É graças a essas ações que jovens da periferia vêm ocupando cada vez mais espaços nas universidades públicas. Temos que avançar mais. Vida longa ao Programa Rumo à Universidade, Portal, Interação, Vestibular Solidário, Vestibular Cidadão, Pré-Vest Ibura e todos os outros que contribuem decisivamente para mudar a educação deste país.

Por último, mas não menos importante, dedico este trabalho à toda juventude periférica. Já fui da idade de vocês e tive a oportunidade de conhecer Alcides do Nascimento Lins, estudante do Martins Júnior com uma história de vida incrível. Alcides foi primeiro lugar da rede pública, na extinta Covest, e seu ingresso na universidade federal abriu a mente dos mais jovens da minha época, que não acreditavam que estudando na rede pública, com todos os problemas estruturais que conhecemos, conseguiriam entrar na Federal. O sonho o levou à universidade. O sonho o levou à mudança de vida. O sonho nos move. Sonhe. Acredite em você. É através da educação que podemos mudar o mundo. Sonhe!

*"E aqueles que foram vistos dançando foram julgados insanos por aqueles que não
podiam ouvir a música."
Friedrich Nietzsche.*

RESUMO

Numa educação multicultural, compreender as diversas expressões da cultura de um povo evidencia um momento em que determinados traços culturais até então marginalizados são reconhecidos pelo poder do Estado. Dessa forma, a música brega, caracterizada pela sociedade como uma expressão artística de baixo valor (estético/moral), mesmo sendo recentemente patrimonializada pela Lei nº 16.044/2017, no estado de Pernambuco e depois reconhecido como Movimento Brega, pela Prefeitura do Recife (Lei nº 18.807/2021), possui grande alcance entre os jovens nas redes sociais (TikTok, Instagram, Facebook), mas há tensões quando se trata de utilizá-la dentro do ambiente escolar. Sob a ótica do pensamento de Dominique Julia sobre a cultura escolar como objeto histórico, o objetivo geral da dissertação consistirá em analisar a importância do Movimento Brega e seus usos para o ensino de história, fomentando o debate com professores sobre a construção do patrimônio cultural, mapeando as práticas pedagógicas dos professores da rede estadual de ensino que utilizam o brega como recurso didático, analisando o brega pernambucano e o seu processo de reconhecimento pelo estado de Pernambuco, como Patrimônio Cultural, e pela Prefeitura do Recife, como Expressão Cultural. O produto desenvolvido será uma sequência didática que utiliza o brega como ferramenta pedagógica para o ensino de História e educação patrimonial.

Palavras-chave: Ensino de História; Movimento Brega; Patrimônio.

ABSTRACT

In a multicultural education, understanding the diverse expressions of a people's culture highlights a moment when certain cultural traits, previously marginalized, are recognized by the power of the State. In this context, brega music, which society characterizes as an artistic expression of low aesthetic and moral value, has recently been patrimonialized by Law nº. 16.044/2017 in the State of Pernambuco and later recognized as the Brega Movement by the Recife City Hall (Law nº 18.807/2021). Despite its broad appeal among young people on social media platforms (TikTok, Instagram, Facebook), tensions arise when it comes to using it in the school environment. From the perspective of Dominique Julia's thought on school culture as a historical object, the general objective of this dissertation is to analyze the importance of the Brega Movement and its uses for teaching history, fostering debate among teachers about the construction of cultural heritage, mapping the pedagogical practices of state education teachers who use brega as a didactic resource, and examining the recognition process of brega as Cultural Heritage by the State of Pernambuco and as Cultural Expression by the Recife City Hall. The developed product will be a didactic sequence that utilizes brega as a pedagogical tool for teaching history and cultural heritage education.

Keywords: History Education; Brega Movement; Heritage.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1. A BNCC E O ENSINO DE HISTÓRIA	24
1.1 DEBATES, APROVAÇÃO E RESISTÊNCIAS QUANTO À BNCC E O FORMATO DA CONFIGURAÇÃO DO ENSINO DE HISTÓRIA	24
1.2 MÚSICA E ENSINO DE HISTÓRIA	41
1.3. MÚSICA E CULTURA PERIFÉRICA	54
1.4. A PATRIMONIALIZAÇÃO DO BREGA	61
1.4.1. O papel do Estado na marginalização e aceitação do Movimento Brega	66
1.4.2. O impacto da covid-19 na cadeia produtiva do Brega	70
2. ESTILOS DA MÚSICA BREGA E A VOZ DE ALGUNS DOS SEUS PRODUTORES	73
2.1. ATENÇÃO PELOTÃO DO BREGA, SENTIDO!	74
2.2. BREGA FUNK	77
2.3. BREGA E MOVIMENTO BREGA	79
2.3.1. Entrevistas com artistas e personalidades da política e da cultura que são envolvidas com o Movimento brega	81
2.3.1.1 Entrevista com Esdras Azevedo	83
2.3.1.2 Entrevista com Marco Aurélio	88
2.3.1.3 Entrevista com Dany Miller	97
2.3.1.4 Entrevista com Waguinho	105
2.3.1.5 Entrevista com Edilson Silva	110
2.3.1.6 Entrevista com Nega do Babado	116
2.3.1.7 Entrevista com Júnior Paz	120
2.3.1.8 Entrevista com Michelle Melo	125
3. A APLICAÇÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA E OS RESULTADOS OBTIDOS: BREGA E ENSINO DE HISTÓRIA NA SALA DE AULA	136
3.1 CONSTRUÇÃO	136
3.2 A ESCUTA DOS DOCENTES SOBRE O USO DO MOVIMENTO BREGA COMO UM RECURSO DIDÁTICO	136
3.2.1 Autodeclaração	138
3.2.2 Sobre o conhecimento do movimento brega pernambucano	139
3.2.3 O quanto considera o Movimento Brega um recurso didático para o ensino de História?	141
3.2.4 Existiu/existe algum apoio para que o Movimento Brega fosse/seja utilizado em sala de aula?	141
3.2.5 Existe/existiu alguma resistência (estudantes, professores, direção, responsáveis, comunidade escolar, etc.) sobre o uso do Movimento Brega em sala de aula?	
3.2.6 Você já usou o Movimento brega como recurso didático para as suas aulas?	146
3.2.7 O quanto você considera importante formações ou eventos sobre o	

uso do brega no ensino de história	149
3.3 A SEQUÊNCIA DIDÁTICA	150
3.4 APLICAÇÃO	155
3.4.1 Aplicação com a turma da Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJA)	168
3.4.2 Aplicação da sequência didática com estudantes do Ensino Médio do município de Alhandra (PB)	173
CONSIDERAÇÕES FINAIS	186
REFERÊNCIAS	189
ANEXO A - GERAÇÕES DO BREGA	198
ANEXO B - LEIS E DOCUMENTOS SOBRE A PATRIMONIALIZAÇÃO DO BREGA	200
ANEXO C – AUTORIZAÇÃO DA FOTO DO GALEROSO	204
O PRODUTO	205
INTRODUÇÃO	205
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	206
SEQUÊNCIA DIDÁTICA	210
DESENVOLVIMENTO	211
1º momento	211
2º momento	213
3º momento	213
4º momento	215
5º momento - Avaliação	215
CONSIDERAÇÕES FINAIS	217
REFERÊNCIAS	218
ANEXO A – PLANO DE AULA	221
ANEXO B – SEGUNDO MOMENTO	225
ANEXO C – TEXTOS DE APOIO	226
ANEXO C - PROPAGANDA DE ALVEJANTE	228
ANEXO D - PROPAGANDA DE SABÃO	229
ANEXO E - PROPAGANDA DOVE	230
ANEXO F - TEXTOS MOTIVADORES	231
ANEXO G – QUARTO MOMENTO	232
ANEXO H – O GALEROSO	233
ANEXO I – QR CODE COM MATERIAL SOBRE O BREGA	234

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Ao centro o Deputado Estadual Edilson Silva (PSOL) e artistas da música brega.	69
Figura 2: O vereador Marco Aurélio Filho ao lado do Prefeito da Cidade do Recife João Campos e a banda Amigas do Brega.	71
Figura 3: Linha do Tempo do Brega no Viva Guararapes.	73
Figura 4: Produtos da loja Estilo Bregoso.	79
Figura 5: Estoque de camisas da loja Estilo Bregoso.	79
Figura 6: GREs e Regiões de desenvolvimento.	137
Figura 7: Gráfico de autodeclaração de raça/cor.	139
Figura 8: Gráfico sobre o conhecimento do Movimento Brega.	140
Figura 9: Gráfico sobre a relação Movimento Brega e ensino de História.	141
Figura 10: Gráfico sobre apoio para o uso do movimento brega em sala de aula.	142
Figura 11: Gráfico sobre a resistência sobre o uso do Movimento Brega em sala de aula.	142
Figura 12: Gráfico sobre o uso do Movimento Brega como recurso didático para a sala de aula.	146
Figura 13: Gráfico sobre a importância de formações ou eventos sobre o uso do brega no ensino de História.	150
Figura 14, 15 e 16: Estudantes discutindo as imagens e textos em sala de aula.	157
Figura 17: Estudantes produzindo cartazes sobre o racismo.	159
Figuras 18 e 19: Cartazes produzidos pelos estudantes sobre o tema do racismo.	159
Figuras 20 e 21: Construção do mapa afetivo em sala de aula.	160
Figura 22 e 23: Mapas afetivos confeccionados pelos alunos.	161
Figura 24: Estudantes se pintam em referência à cultura negra.	161
Figura 25: Representação de abordagem policial.	163
Figura 26: Professor de geografia discutindo racismo estrutural.	164
Figura 27: Apresentação cultural dos estudantes dos 9º anos.	165
Figura 28: Poema criado pelos estudantes.	165
Figura 29: Poema criado pelos estudantes.	167
Figuras 30 e 31: Coffee-break para os estudantes na roda de diálogo e Lanche servido para o EJAII.	168
Figuras 32, 33 e 34: Exibição dos vídeos para o EJAII (2).	170
Figura 35: Auto-retrato (1).	172
Figuras 36 e 37: Autorretrato (2) e (3).	172

Figura 38: Jurema no quintal de uma estudante.	175
Figuras 39 e 40: Ramos da árvore jurema.	176
Figura 41: Estudantes com ramo da jurema e o professor.	177
Figuras 42 e 43: Capas de trabalhos sobre a história de Alhandra.	178
Figuras 44 e 45: Construção do mapa afetivo de Alhandra (1) e (2).	179
Figura 46: Mapa afetivo da cidade de Alhandra.	180
Figura 47: Apresentação do Ciclo V sobre a História de Alhandra.	181
Figuras 48 e 49: Parte 1 e 2 – Trabalho do Ciclo V/A.	182
Figuras 50 e 51: Parte 3 e 4 – Trabalho do Ciclo V/A.	183
Figura 52: Trabalho do Ciclo V/A.	184
Figura 53: Trabalho completo do Ciclo V/A.	185

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Disposição da BNCC	37
Quadro 2 - Habilidades presentes na BNCC.	39

INTRODUÇÃO

O presente trabalho discute, sob o olhar do ensino de História, a relação com o Movimento Brega, que tem sido reconhecido para além de um estilo musical, sendo considerado uma manifestação cultural do país, que tem a cidade do Recife como um lugar de destaque desta expressão artística, que envolve um estilo de se vestir, de usar o cabelo, de dançar e de movimentar a economia do estado, sendo considerado uma verdadeira cadeia produtiva¹. Parto de uma perspectiva histórico-política, com base na premissa da educação que une vivência e conhecimento (Freire, 1968). Deste modo, tenho como enfoque o ensino de História vinculada ao cotidiano dos/as educandos/as e mobilizo uma pesquisa que investiga a compatibilidade entre História e brega na busca de novas metodologias de ensino-aprendizagem, sobretudo através da prática.

Sou nascido e criado na comunidade do Cardoso, localizada na Zona Oeste do Recife, lugar marcado pela violência, intenso tráfico de drogas entre outras estatísticas que ceifam as vidas de pessoas negras. Apesar disso, vivi num lugar que tinha brega por onde passasse. Bandas, como Labaredas, Camelô, Luminar, Reginaldo Rossi, estiveram entre os artistas ou grupos de artistas que cresci ouvindo.

Amo o brega e muitas vezes me sinto, para quem conhece o anime Naruto, o jinchuuriki² do brega, porque esse estilo é algo que está dentro de mim. Coloco-me nessa posição porque é algo que faz parte da minha identidade e por onde passo faço questão de deixar essa marca. Além do gosto musical, quando era jovem, me vestia como um galeroso³, quase sempre associado à violência, fruto do racismo estrutural da nossa sociedade.

Fui estudante da Rede Pública na Escola Martins Junior, e sempre havia projetos que integravam a comunidade. Um desses projetos foi capitaneado pela professora de História, Adriana Maia, onde caminhávamos pela comunidade e bairros para desvendar a nossa história, além da história da nossa escola, que

¹ Disponível em:

<<https://www2.recife.pe.gov.br/noticias/01/07/2021/movimento-brega-se-torna-patrimonio-imaterial-do-recife>>. Acesso em: 01 ago. 2024.

² Jinchuuriki é um ser humano que possui uma Bijuu selada em seu corpo, possuindo enormes reservas de chakra, com grandes habilidades. Acredito que tenho o brega na minha alma.

³ Galeroso é o/a jovem eu geralmente se vestem com roupas da marca Cyclone, Seaway, Kenner, usam óculos Juliet, tem um estilo de linguagem e caminhar únicos.

homenageava um abolicionista. Esse projeto funcionou como um divisor de águas na minha vida e além de outros professores (Marcos Targino, Joselma, Vitória Tavóra, Romero, Silvania, Margareth, Amaro) e estudantes da época (Alcides do Nascimento Lins) que me motivaram a sonhar com a Universidade, por querer conhecer mais a História e entender minha própria história

A trajetória até a Universidade Federal de Pernambuco pode ser resumida com a música *Vida é Desafio*, do grupo *Racionais MC's*. Tive que ser duas, três ou quem sabe quantas vezes melhor que eu pensava ser para conseguir ingressar no ensino superior. Consegui em 2009 quando participei de um cursinho pré-vestibular, o *Vestibular Solidário* que funciona no Centro da Educação da Universidade Federal de Pernambuco. Além de estudante, depois do ingresso na universidade, me tornei professor e coordenador do referido programa.

Esse caminho para o ingresso no ensino superior tem uma relação especial com o objeto de estudo desse mestrado. Durante as aulas do cursinho, eu ministrava aula de história utilizando o brega para alguns colegas durante as aulas vagas e após os cursinhos ou feriados. Às vezes como paródia. Em outros momentos para discutir temas mais complexos para a redação. Foi o momento da vida que usava o brega para decorar formulas de física, de química, pra tudo tinha brega no meio, o que facilitava a minha compreensão. Daí comecei a querer ser professor de história dessa forma.

Estudei na Universidade Federal de Pernambuco (2010 - 2014), quando o curso era integrado (licenciatura e bacharelado) e pude perceber o abismo que é a sociedade ao ver os colegas com diferença de renda exorbitante. Esses colegas não gostavam de brega, curtiam MPB, Chico Buarque, Chopin, Dire Straits, artistas que também gosto. Não é porque amo brega que esqueço outros gêneros musicais, na verdade, o brega muitas vezes é uma releitura de músicas de outros ritmos. *Homem é tudo igual* da *Banda Bregueço*⁴ é uma releitura de *Whitout You*, eternizado na voz de *Mariah Carey*⁵, por exemplo.

Comecei a perceber preconceito por gostar de brega, seja de estudantes ou professores. Não era algo que me incomodava no início, mas essas pessoas que não gostavam e faziam alguma graça sobre o tema, quando estavam em bares em torno da Universidade ou numa confraternização, ouviam e pediam para que tocasse

⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=nfDhKFX6Y4A> Acesso em 11/11/2024.

⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=Hat1Hc9SNwE> Acesso em 11/11/2024

alguma música brega. Essa hipocrisia aliado ao meu pensamento de relacionar o brega com o ensino de história foi o motivo para terminar o curso de história desenvolvendo essas habilidades.

Minha permanência na UFPE foi possível também aos programas de assistência estudantis. Destaco os que fui bolsista BIA (Bolsa de Iniciação Acadêmica); Bolsista DAE (Bolsa de Desenvolvimento Acadêmico), Bolsista Conexão de Saberes, Bolsista de Iniciação Científica pela Facepe e Intercâmbio na Universidade de Coimbra através do Programa de Bolsa Luso Brasileiros do Banco Santander.

Em nenhum desses programas ou até mesmo na elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso para a obtenção do grau de bacharel, o brega era visto como objeto de estudo. Quase sempre fui desmotivado pelos professores na graduação, mesmo quando se discutia sobre as práticas do ensino de história. As experiências que considerava satisfatórias com os estudantes, aparentavam não ter valor nenhum. Dessa forma, após concluir a licenciatura em história, fui para Direito na mesma Universidade, até abrir o Mestrado Profissional com uma seleção e proposta diferente do Mestrado Acadêmico.

Atualmente sou professor efetivo de História na Rede Estadual da Paraíba, na Escola de Ensino Fundamental e Médio Barão do Abiaí e contratado na Rede Municipal de Educação do Cabo de Santo Agostinho, na Escola José Clarindo e na Escola de Ensino Integral Douglas Menezes. A atuação no setor privado acontece desde o momento de ingresso na Universidade (2010), ministrando aulas nas escolas particulares e preparatórios para concursos e vestibulares.

É necessário fazer uma distinção sobre brega e o movimento brega. A primeira palavra pode ser entendida como um substantivo que significa aquilo que é cafona, um desvalor, associado ao estilo musical que surge em meados das décadas de 1960 e 1970. A música voltada para o romantismo, a “dor de cotovelo”, a música de “corno”, o “castelo” são palavras que fazem parte do que é ser brega.

O *Movimento Brega* é inicialmente uma nomenclatura que aborda os aspectos econômicos, a cadeia de produção do brega. Quando existe um show de *Mc Cego Abusado* no *Esquentão* (casa de show), que fica localizado no bairro do Arruda, zona periférica do Recife, onde as pessoas vão comercializar bebidas, comidas em frente ao local. O Mc tem uma equipe de produção que compõe dj, técnico de som, maquiador, cabeleireiro, designer, social media. A casa de show tem

seus funcionários e dependendo da quantidade de ingressos vendidos, funcionários para o dia são contratados. É necessário ter promotores para divulgar o evento, gráfica que é contratada para fazer a arte e os ingressos. Esse tipo de evento na periferia movimenta a economia e mostra a força que a cultura tem.

O uso do termo “Movimento Brega” é por mim utilizado a partir da definição que foi trazida pela Lei 18807/2021, onde no contexto da pandemia da COVID-19 foi necessário garantir o sustento das pessoas que viviam, em sua maioria, informalmente. E, para garantir algum auxílio por parte do Estado, esse público precisava dessa consideração. Apesar da importância, o Movimento Brega vai além da economia, compreendendo aspectos culturais que foram potencializados com o surgimento do bregafunk e das redes sociais. As expressões e o jeito de falar, o galeroso, os memes que são criados nas redes sociais, em especial o brega bregoso⁶, o passinho e o uso do ombro nas batalhas, tornam uma cultura de pertencimento entre a juventude, sobretudo de bairros periféricos.

O ensino de história tem passado por grandes debates e transformações epistemológicas e historiográficas ao longo do tempo. No seu início foi marcado por uma construção de uma identidade branca e cristã, pautada numa dimensão positivista dos grandes feitos e heróis (Bittencourt, 2018). Atualmente existem desafios para a inclusão/consolidação da História de África e cultura-afro brasileira, que valorizem a experiência dos estudantes, as culturas silenciadas pelo racismo estrutural, sendo esse um ponto importante para uma nova concepção do ensino de história.

Nóbrega (2018) ao falar dos arranjos informais que predominam sobre a legalidade estatal, nos mostra que é comum existir resistências nos espaços de poder mesmo havendo normativas que indiquem as mudanças necessárias. O desrespeito à lei 10.639/2003 é um exemplo gritante disso, onde 71% das secretarias municipais não cumprem com a obrigatoriedade⁷. Isso acaba culminado no predomínio de uma visão tradicional do ensino de história, mantendo, e muitas vezes reforçando padrões que deveriam ser extintos da sociedade.

⁶ Brega Bregoso é um perfil nas plataformas digitais (Instagram, X, Facebook), onde são divulgados boa parte da cultura brega, como shows, músicas, vestimentas, linguagem e o cotidiano do recifense.

⁷ Informações disponíveis em:

<https://www.geledes.org.br/dez-anos-depois-lei-que-obriga-ensino-afro-brasileiro-ainda-nao-e-aplicada/?gad_source=1&gclid=CjwKCAjwufq2BhAmEiwAnZqw8jggF2idQNnrI2Bw4SPwujthzEulbX6ZvJoDsVsJ5SveXXREgtOFNBoCMqUQAvD_BwE>. Acesso em 13/08/2024.

Laville (1999) evidencia a importância do ensino de história no período pós Segunda Guerra Mundial ao mostrar que deve-se tratar da formação cidadã e participação democrática, sendo essa concepção predominante nos países europeus, asiáticos e americanos no fim do século XX. Estamos tratando de um ensino de história crítico que fomente o diálogo e a construção democrática do mundo. É necessária uma concepção de inclusão, que as pessoas sintam pertencente a aquilo que vivem, que se sintam acolhidas, próximas. Não existe democracia sem diálogo, sem respeito. É o ensino de história responsável, segundo Laville, por essa ideologia.

Observe que o pensamento de Laville mostra uma “pedagogia do cidadão”, trazendo um ensino de história crítico, numa dimensão participativa da sociedade. Do outro lado temos um país capitalista que objetiva formar cidadãos através de uma educação tecnicista, sendo essa uma concepção diametralmente oposta, causando tensionamentos e disputas no campo da história.

Dominique Julia (2001, pág. 19) afirma que “mais que nos tempos de calmaria, é nos tempos de crise e de conflitos que podemos captar melhor o funcionamento real das finalidades atribuídas à escola”. É através do período de crise política instaurada no Brasil que observamos uma dinâmica diferente quanto à elaboração da BNCC, Reforma do Ensino Médio, a participação democrática, crítica deu lugar a um projeto neoliberal de educação. Não quero dizer que não houve resistência, escolas e universidades foram ocupadas, passeatas aconteceram, mas não foram suficientes para naquele momento barrar o que estava sendo proposto.

Dessa forma, ao trazer um projeto neoliberal, individualista e que busca manter as estruturas da sociedade brasileira, temas como o brega, maracatu, capoeira, afoxé etc. terão dificuldades de serem trabalhados por não existirem incentivos para valorizar a cultura desses jovens que se veem ali representados, de discutir politicamente o seu silenciamento ao longo da história, o preconceito etc.. É dentro dessa proposta que pretendemos considerar as tensões e mostrar caminhos para um ensino de história que valorize a criticidade dos estudantes.

Para a construção desse texto, as fontes utilizadas foram referentes às normativas que vão desde a Constituição Federal, Lei de Diretrizes e Base da Educação, Conselho Nacional de Educação, Base Nacional Comum Curricular, Parâmetros Curriculares Nacionais, entre outros. As entrevistas realizadas com as pessoas importantes para o Movimento Brega foram fundamentais para abordar a

história do brega em Pernambuco, pois há certa escassez de trabalhos sobre o tema na Academia, em especial no Ensino de História. Apliquei um questionário com alguns professores, bem como uma sequência didática em sala de aula, que será apresentada aos leitores no terceiro capítulo da dissertação. Foi também necessário discussão bibliográfica sobre os trabalhos que abordavam a temática do brega, com o objetivo de cruzar as informações com as fontes orais, dando maior credibilidade e possibilitando maiores detalhes dessa cultura.

O primeiro capítulo dessa dissertação discute sobre o processo de construção e implementação da Base Nacional Comum Curricular e a Reforma do Ensino Médio. Focando nas prescrições que abordavam a construção de um currículo nacional, no processo acelerado e com o lobby de setores externos, e de como o ensino de história encontra inúmeros desafios.

A relação entre ensino de história e música é uma seção do primeiro capítulo que busca fazer uma discussão sobre o tema, através de uma perspectiva que considere o movimento brega como recurso didático para a sala de aula, evidenciando os benefícios para de seu uso para uma educação crítica e que valorize a cultura dos estudantes.

A última seção corresponde às leis estadual e municipal que reconheceram o brega como patrimônio de Pernambuco e Recife, respectivamente, as motivações que propiciaram esse momento histórico para essa expressão cultural, como também os impactos posteriores são temas da discussão.

O segundo capítulo aborda a trajetória do brega enquanto fenômeno cultural nacional e local. Na primeira seção, é destacada a trajetória dos artistas que fizeram parte da primeira geração e como o termo brega e cafona foram associados a uma música popular, de baixa criticidade, em comparação aos demais estilos da Música Popular Brasileira (MPB), e de nomes como Roberto Carlos, Gilberto Gil, Caetano Veloso etc.

A segunda seção trata sobre o surgimento do bregafunk, ritmo que hoje possui alcance nacional, mas que na sua origem foi marcada pela sobrevivência de artistas que viviam do “baile de galera”⁸, marcado pela visão midiática de violência entre grupos da periferia que possuíam siglas e cantos de guerra. É um ponto de

⁸ Baile de galera é como era chamado em Pernambuco os eventos que aconteciam nos fins de semana que tinham como objetivo o encontro de grupos de jovens da periferia. Também conhecido como baile de corredor, esses eventos aconteciam regularmente em clubes como o Ferroviário e o Baile do Téo.

destaque os personagens que surgem e potencializam o bregafunk, dando sentido de pertencimento e identidade à juventude recifense.

A última seção do capítulo é marcada pela utilização das entrevistas, onde os artistas e personagens do brega pernambucano que contribuíram de alguma forma para a sua patrimonialização trazem suas reflexões sobre o tema. A história oral é fundamental para a construção da história do movimento brega já que é uma ferramenta importante para a construção de narrativas e a memória coletiva, onde é possível encontrar seus “vestígios do pretérito existentes no presente” (Guarinello, 1998, p. 62). A construção desse capítulo também levou em consideração o pensamento de que a “história dessas vidas representam a força da experiência individual” (Albert et. al., 2000), valorizando o aspecto humano da história.

No último capítulo dessa dissertação, abordo a perspectiva de Dominique Julia e o conceito de cultura escolar como objeto histórico, onde busco relacionar com o ensino de história e o brega, entrevistando professores da Rede Estadual de Pernambuco, analisando as tensões ou facilitadores no espaço escolar para o uso dessa expressão cultural como recurso didático, fonte histórica, etc. refletindo sobre aspectos de suas práticas e concepções sobre o tema. Para a construção dessa seção, foi utilizado google formulários, com o objetivo de ter maior praticidade no preenchimento das respostas.

O produto construído durante a dissertação foi uma sequência didática que busca aliar ensino de história, movimento brega, patrimônio e identidade. Dividido em quatro momentos distintos, a aula consiste em uma metodologia dialógica que mostra ser possível o uso do brega como recurso didático e como fonte histórica, trabalhando elementos da história do Recife e trazendo um dos objetivos principais do ensino de história que é a aplicação/interpretação do que é visto em sala na realidade do estudante, valorizando a sua experiência e seu território.

A discussão sobre a aplicação da sequência didática aconteceu em três modalidades de ensino: o primeiro na Escola de Ensino Fundamental e Médio Barão do Abiaí, localizado na Paraíba com as turmas do ensino médio; a segunda e terceira aplicação com as turmas de ensino fundamental II e Educação de Jovens e Adultos, esta última modalidade na Fase III, na Escola Municipal José Clarindo. Os resultados diferentes e as descobertas feitas pelos estudantes contribuíram bastante para o enriquecimento do debate na dissertação.

1 A BNCC E O ENSINO DE HISTÓRIA

1.1 DEBATES, APROVAÇÃO E RESISTÊNCIAS QUANTO À BNCC E O FORMATO DA CONFIGURAÇÃO DO ENSINO DE HISTÓRIA

O poder do legislador originário na Constituição Cidadã de 1988 prever a implementação de um país democrático, plural e com inúmeros desafios a serem vencidos em sua gênese. No campo educacional, como documentos, leis e normativas fundamentais temos a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica⁹, homologada em 2017, na sua terceira

⁹ Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192>. Acesso em 04 ago. 2024.

versão, tinha sua previsão legal na Carta Magna e em outros dispositivos legais, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), que “estabelece as diretrizes e bases da educação nacional”¹⁰; os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para o Ensino Fundamental e Médio (PCNs), que são diretrizes que são agrupadas por disciplinas, elaboradas pelo governo federal e que não são obrigatórias por lei, servindo apenas como um documento norteador para professores e diretores. Portanto, a sua função é

[...] orientar e garantir a coerência dos investimentos no sistema educacional, socializando discussões, pesquisas e recomendações, subsidiando a participação de técnicos e professores brasileiros, principalmente daqueles que se encontram mais isolados, com menor contato com a produção pedagógica atual. Por sua natureza aberta, configuram uma proposta flexível, a ser concretizada nas decisões regionais e locais sobre currículos e sobre programas de transformação da realidade educacional empreendidos pelas autoridades governamentais, pelas escolas e pelos professores. Não configuram, portanto, um modelo curricular homogêneo e impositivo, que se sobreporia à competência político-executiva dos Estados e Municípios, à diversidade sociocultural das diferentes regiões do País ou à autonomia de professores e equipes pedagógicas (Brasil, Secretaria de Educação Fundamental, 1997, p. 13)¹¹.

Dentre os documentos orientadores, ainda temos as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação¹², que “estabelecem a base nacional comum, responsável por orientar a organização, articulação, o desenvolvimento e a avaliação das propostas pedagógicas de todas as redes de ensino brasileiras” (Brasil, 2013, p. 4), dentre outros documentos que normatizam a educação brasileira. A partir disso, é necessário compreender o processo histórico da construção desse documento e a sua recente homologação, principalmente em relação aos seus impactos para o Ensino de História.

A linha do tempo normativa da BNCC inicia-se com a homologação da Constituição de 1988, precisamente no seu artigo 210¹³ que, objetivando uma base que fosse comum a todos, valendo da sua formação cidadã e cultural, afirma:

¹⁰ Disponível em:

<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1ed.pdf>.

Acesso em: 01. ago. 2024.

¹¹ Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>>. Acesso em: 01 ago. 2024.

¹² Disponível

em:

<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13448-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 01 ago. 2024.

¹³ Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 01 ago. 2024.

Art. 210. Serão fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais.

§ 1º O ensino religioso, de matrícula facultativa, constituirá disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental.

§ 2º O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem. (Brasil, 1988)

A normativa que leva em consideração a importância da diversidade como direito do cidadão também aparecerá na BNCC, já que “os valores culturais e artísticos regionais não poderiam ser marginalizados diante de seus congêneres nacionais” (Junior, Silva e Cunha, 2022, pág. 42). Desse modo, para tratar da nossa diversidade cultural, devemos compreender a formação da sociedade brasileira e o silenciamento ou subalternização das práticas culturais de experiências culturais negras e indígenas, principalmente no tocante à construção da identidade nacional (Garrido; Abdala, 2022, p. 166).

O presidente Fernando Henrique Cardoso, que comandou o Brasil durante boa parte da década de 1990, possuía uma perspectiva ideológica de orientação neoliberal e com o interesse privatista na educação. Sendo assim, na época, o campo educacional encontrava-se alinhado às orientações do Banco Mundial e da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), instituições neoliberais que buscam o gerenciamento da educação baseadas em “critérios de qualidade total, enfoque sistêmico da gestão educacional, administração eficiente no processo pedagógico” (Junior; Silva; Cunha, 2022, p. 44).

Fruto desse alinhamento, a produção normativa da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, no ano de 1996, afirma que:

Art. 26.[4] Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos. (Brasil, Senado Federal, 2017, p.19).

É necessário destacar o que Oliveira e Freitas (2018) chamam de “entulho democrático”, herança do período da Ditadura Civil Militar na educação, com suas resoluções, leis, formas de organização, ainda eram presentes e para suprimi-las. O governo de FHC acabou por ser um período marcado por regulamentações, com leis

e Resoluções do Conselho Nacional de Educação¹⁴, que

[...] tem por missão a busca democrática de alternativas e mecanismos institucionais que possibilitem, no âmbito de sua esfera de competência, assegurar a participação da sociedade no desenvolvimento, aprimoramento e consolidação da educação nacional de qualidade” (Brasil, Ministério da Educação)¹⁵.

Nos anos 2000, apesar de o país ter vivenciado mais de uma década com a educação sendo construída de modo mais democrático e participativo, com um viés de uma educação para todos, as orientações neoliberais serão retomadas na formulação da BNCC em 2015, onde os setores dos movimentos sociais e sindicais estavam disputando o texto normativo (Oliveira; Freitas, 2018, p. 51) com setores empresariais de grande poder político na sociedade brasileira.

Em 2014, a aprovação do Plano Nacional da Educação (PNE), a partir da Lei nº 13.005/2014¹⁶, com validade de 10 anos, evidencia caminhos para o diálogo e consequentemente a elaboração de uma Base Nacional Comum Curricular, com “a estratégia de pactuar entre União, Estados, Distrito Federal e Municípios a implementação dos direitos à aprendizagem e desenvolvimento nas respectivas etapas da educação formal fazia parte do plano” (Junior, et. al. 2022, p. 44). Baseado nisso, o plano apresenta 20 metas a serem alcançadas até o presente ano de 2024. Dentre elas, destaca-se a segunda, que objetiva

Universalizar o ensino fundamental de 9 (nove) anos para toda a população de 6 (seis) a 14 (quatorze) anos e garantir que pelo menos 95% (noventa e cinco por cento) dos alunos concluam essa etapa na idade recomendada, até o último ano de vigência deste PNE (Brasil, Ministério da Educação)¹⁷.

E apresenta 13 estratégias para que essa meta seja alcançada. Aqui, destacamos duas:

2.1) o Ministério da Educação, em articulação e colaboração com os

¹⁴ O Conselho Nacional de Educação é um órgão colegiado independente ligado ao Ministério da Educação, responsável por dar apoio na elaboração de diretrizes e políticas educacionais, buscando assegurar a participação da sociedade e demais segmentos institucionais no processo de elaboração dos documentos normativos a serem seguidos por Estados e Municípios.

¹⁵ Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/apresentacao>>. Acesso em: 01 ago. 2024.

¹⁶ Disponível em: <<https://pne.mec.gov.br/18-planos-subnacionais-de-educacao/543-plano-nacional-de-educacao-lei-n-13-005-2014>>. Acesso em 01 ago. 2024.

¹⁷ Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/apresentacao>>. Acesso em: 01 ago. 2024.

Estados, o Distrito Federal e os Municípios, deverá, até o final do 2o (segundo) ano de vigência deste PNE, elaborar e encaminhar ao Conselho Nacional de Educação, precedida de consulta pública nacional, proposta de direitos e objetivos de aprendizagem e desenvolvimento para os (as) alunos (as) do ensino fundamental;

2.2) pactuar entre União, Estados, Distrito Federal e Municípios, no âmbito da instância permanente de que trata o § 5º do art. 7º desta Lei, a implantação dos direitos e objetivos de aprendizagem e desenvolvimento que configurarão a base nacional comum curricular do ensino fundamental;

Na meta 3, o Plano visa “universalizar, até 2016, o atendimento escolar para toda a população de 15 (quinze) a 17 (dezesete) anos e elevar, até o final do período de vigência deste PNE, a taxa líquida de matrículas no ensino médio para 85% (oitenta e cinco por cento)” (Brasil, Ministério da Educação), tendo como estratégias

3.1) institucionalizar programa nacional de renovação do ensino médio, a fim de incentivar práticas pedagógicas com abordagens interdisciplinares estruturadas pela relação entre teoria e prática, por meio de currículos escolares que organizem, de maneira flexível e diversificada, conteúdos obrigatórios e eletivos articulados em dimensões como ciência, trabalho, linguagens, tecnologia, cultura e esporte, garantindo-se a aquisição de equipamentos e laboratórios, a produção de material didático específico, a formação continuada de professores e a articulação com instituições acadêmicas, esportivas e culturais;

3.2) o Ministério da Educação, em articulação e colaboração com os entes federados e ouvida a sociedade mediante consulta pública nacional, elaborará e encaminhará ao Conselho Nacional de Educação – CNE, até o 2o (segundo) ano de vigência deste PNE, proposta de direitos e objetivos de aprendizagem e desenvolvimento para os (as) alunos (as) de ensino médio, a serem atingidos nos tempos e etapas de organização deste nível de ensino, com vistas a garantir formação básica comum;

3.3) pactuar entre União, Estados, Distrito Federal e Municípios, no âmbito da instância permanente de que trata o § 5o do art. 7o desta Lei, a implantação dos direitos e objetivos de aprendizagem e desenvolvimento que configurarão a base nacional comum curricular do ensino médio (Brasil, 2014).

Mediante o exposto, a respectiva Lei informa que as metas 2 e 3 do PNE estabelecem caminhos para o diálogo com outros entes federativos e sobre a efetivação de direitos na educação básica. Desse modo, uma efetiva consulta pública seria fundamental para que ocorresse a construção de uma proposta que contemplasse os atores envolvidos. Veremos posteriormente que até a promulgação da BNCC, e devido à conjuntura política em que se encontrava o país, o processo de elaboração através do diálogo foi abandonado por uma proposta que agradasse

a influência que o mercado editorial e os setores neoliberais exercem na educação brasileira.

Outro ponto chave a ser considerado nas Metas do PNE são os desafios para a educação brasileira: a universalização do ensino fundamental para toda a população e a garantia de que pelo menos 95% deles concluam essa etapa no tempo estabelecido. Para o ensino médio, a proposta é a de universalizar o atendimento escolar para os jovens entre 15 e 17 anos (Junior; et..al., 2022). Para o ensino de História, encontramos a “positivação¹⁸” para o ensino de história e cultura afro-brasileira, africana e indígena (Cordeiro, et al.,2022).

Faz-se necessário destacar que, em uma sociedade democrática, o diálogo e o funcionamento do Estado Democrático de Direito são fundamentais para a construção de caminhos para o bem comum. E, de acordo com o que era previsto no PNE, a Portaria nº 592/2015¹⁹ instituiu a primeira Comissão de Especialistas para a Elaboração de Proposta da BNCC, que seriam os responsáveis por estabelecer a discussão com a sociedade civil e com as organizações e entidades científicas, mostrando que o poder de articulação do governo federal acaba sendo fundamental na união com os municípios e estados no cumprimento das metas estabelecidas pelo PNE.

Segundo Sacristan (2000), Moreira e Silva (1997), o currículo é concebido como um campo cercado de relações de poder, ideologia e cultura, que não pode ser visto como um objeto estático, sendo um processo que possui, no seu âmago, os fatores epistemológicos, políticos, culturais e simbólicos que podem incluir ou excluir determinados grupos sociais. De tal forma, ele não pode ser visto apenas como uma lista de conteúdos a serem seguidos ou apenas um modelo de educação com suas respectivas aprendizagens necessárias. Sendo assim, o “currículo é a ligação entre a cultura e a sociedade exterior à escola e à educação; entre o conhecimento e cultura herdados e a aprendizagem dos alunos; entre a teoria e a prática possível, dadas determinadas condições”. (Sácristan, 2000, p. 61).

Essa definição é necessária para que possamos acompanhar a construção da Base Nacional Comum Curricular, tendo em vista as relações de poder existentes e

¹⁸ Disponível em:

<<https://valor.globo.com/brasil/noticia/2013/02/15/quando-a-onda-da-mpb-atingiu-a-classe-media.ghtml>>. Acesso em 02 fev./2024.

¹⁹ Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=21361-port-592-bnc-21-set-2015-pdf&Itemid=30192> . Acesso em 01 ago. 2024.

a sua disputa em diversos setores, sobretudo pela classe editorial e os rumos que a política brasileira estava tomando quando foi produzida a primeira versão e as subsequentes, até sua efetivação. A primeira versão da BNCC foi produzida em 2015, num contexto político diferente das outras normativas até então apresentadas. Na época, a presidenta Dilma Rousseff, eleita democraticamente, sofria pressão da oposição, no congresso, e do empresariado, que acabou resultando no afastamento do cargo, resultando, no ano seguinte, em um processo de impeachment, no qual o então vice-presidente, Michel Temer, de orientação política diferente, assumiu a presidência do país.

A formação da Comissão e o resultado da apresentação da primeira proposta se baseava em torno de um currículo socialmente construído e ancorado na gestão escolar democrática, valorizando a diversidade sociocultural, a pluralidade do ensino e da aprendizagem, as relações da escola com a comunidade (Junior, Silva e Cunha, 2022, pág. 55). Inovadora, essa primeira versão da BNCC evidenciava objetivos a serem alcançados, diferentemente dos manuais tradicionais que listavam conteúdos. Dessa forma, o documento era uma ferramenta para a aprendizagem e não um fim em si mesmo.

Cruz e Cerri (2021) afirmam que a proposta “brasileira²⁰” da BNCC na disciplina de História trouxe inúmeros embates, por subverter uma lógica eurocêntrica e epistêmica no ensino da disciplina. A narrativa mestra da proposta era de colocar o Brasil no centro, retirando as chamadas origens greco-romanas e a conformação do nosso modo de pensar com a sociedade medieval e o cristianismo (Oliveira e Freitas, p. 68). Segundo Cabral,

Por meio desse documento, pretendia-se apresentar definições de conhecimentos, bem como competências e habilidades entendidas como necessárias para a formação de crianças, adolescentes e jovens em processo de escolarização formal. No caso dessa primeira versão da BNCC de História, trata-se de uma proposta ousada que busca instituir uma nova estruturação do conhecimento histórico escolar, na medida em que propõe outra maneira de operar com a relação entre passado e presente, apresenta novas representações de sujeitos sociais e estabelece reordenamentos temporais e espaciais na explicação da causalidade histórica (Cabral, 2018, p. 12-13).

A não presença dos conteúdos tradicionais, consolidados pelos documentos

²⁰ Disponível em:

<<https://valor.globo.com/brasil/noticia/2013/02/15/quando-a-onda-da-mpb-atingiu-a-classe-media.ghtml>>. Acesso em 02 jan. 2024.

normativos anteriores à BNCC, de forma explícita, levou a uma série de críticas até por historiadores. Mas, como afirma Oliveira e Freitas (2018), os conteúdos estavam presentes na proposta, porém não na forma linear que era tradicionalmente concebida a história, no sistema quadripartite europeu (história antiga, medieval, moderna e contemporânea). Desse modo, o conhecimento histórico teria uma outra abordagem, ao levar em consideração a história do Brasil. Porto Gonçalves (2005. p. 3) afirma que o conservadorismo na teoria historiográfica se remete “a um legado epistemológico que nos impede de compreender o mundo a partir do próprio mundo em que vivemos e das epistemes que lhes são próprias”.

O advento da Lei nº 10.639 de 2003²¹, que assinala a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira nos estabelecimentos público e privado, abrangendo os ensinos fundamentais e médio, conteúdos programáticos que abordem a cultura negra, a História da África e sobretudo resgatando a contribuição do povo negro no Brasil, acabou por influenciar as decisões da Comissão na elaboração da primeira versão da BNCC, levando em consideração que ela buscava reconhecer a diversidade cultural brasileira como um resultado da inter-relação de culturas, e o entendimento de dominação uma sobre as outras, percebendo a população negra não como um objeto, mas sim como sujeitos históricos que contribuíram na formação da sociedade brasileira (Oliveira e Freitas, 2018). Essa legislação constitui-se a partir de um ponto de vista não-europeu para a construção do conhecimento histórico emancipador pelas contribuições do ensino de História renovado, sobretudo, ao considerar a história brasileira como o epicentro da Base Nacional Curricular, já que a seleção feita sobre os conhecimentos históricos vistos como condição *sine qua non* são considerados princípios norteadores de uma sociabilidade almejada. Dessa maneira, o ensino de História deve ser visto como um espaço que busque formar cidadãos críticos, que possam refletir o seu papel na sociedade e a relação entre os tempos históricos, “possibilitando ao estudante discutir e refletir sobre fatos e acontecimentos do passado, vislumbrando uma sociedade mais justa, democrática e igualitária” (Bruxel et al, 2022, pág. 2).

Da mesma forma que foi construída a LDB, diversos grupos da sociedade civil participaram da elaboração da proposta da BNCC, incluindo os grupos empresariais e seus interesses privatistas, que influenciaram os rumos que o documento

²¹ Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm>. Acesso em: 04 ago. 2024.

acabou por tomar. Não somente pelo contexto político em que estavam inseridos, mas também pela presença de instituições como a *Fundação Lemann*, *Instituto Ayrton Senna*, *Movimento pela Base*, *Todos pela Educação* e *Instituto Unibanco*, que participaram das discussões e já tinham formação profissional continuada, organizando-se politicamente para sua influência no fomento da BNCC.

Esses grupos possuem em comum o discurso de serem “apartidários”, sem orientação político-ideológica. No entanto, por trás do discurso “novo” existem ideias bem velhas, que acabam por reforçar o que denomino de “neutralidade liberal”, que reforça o imaginário de meritocracia, ao colocar em xeque as políticas públicas de grande importância na sociedade, com o objetivo de alcançar a justiça social prevista na Constituição. Porém, numa sociedade desigual como o Brasil, a universalização significa exclusão (Junior, Silva e Cunha, 2022), onde a BNCC pode desconsiderar as particularidades regionais de um país com dimensões territoriais, suprimindo práticas culturais, reforçando estereótipos, criando um terreno para uma educação que não seja crítica, já que esse interesse empresarial tem em seu histórico à formação da mão de obra em detrimento da formação humana, que “respeite os tempos e espaços de vida”(Júnior, et. al. 2022, pág. 50) dos indivíduos.

A conjuntura existente ao longo do processo de construção da BNCC incita alguns questionamentos, como a curiosidade em saber quais os interesses desse grupo. Junior, Silva e Cunha (2022) apresentam um caminho para responder a esse questionamento, que perpassa pelo mercado editorial, já que a defesa de temas considerados fundamentais para a construção do componente curricular História são também temas dos sumários de livros didáticos mais vendidos no país, caminho que não valoriza a diversidade sociocultural do Brasil, que possui dimensões continentais e diferenças regionais econômicas, culturais, políticas e sociais.

Desse modo, o mercado editorial apresenta uma hierarquia na produção historiográfica que desconsidera a diversidade cultural e evidencia as relações de poder na dimensão construtiva dos materiais didáticos. Podemos observar que

Tal hierarquia alimenta a ideia de que é esse eixo Rio-São Paulo o responsável pelas decisões que a população nacional, o indicador dos ocupantes dos postos chave em entidades, comissões, conselhos e, no âmbito acadêmico, a instância legitimadora da bibliografia que, infelizmente, não raras vezes, reproduzem lugares-comuns, análises nomeadas ‘nacionais’ e centradas em dados parciais regionais e discursos de dominação, preconceitos e estereótipos” (Oliveira e Freitas, pág. 50).

Vale salientar que o Brasil é um país continental e com uma grande diversidade cultural. Deste modo, é inadequado que se concentre ou privatize o diálogo apenas a alguns grupos que possuem o interesse de mercado, em detrimento a um currículo que fomente o respeito a essa diversidade, contemplando as regiões com suas especificidades, de forma a combater preconceitos regionais e históricos. Destaca-se ainda que a disputa pelo poder é também o poder de definir a política cultural, por isso é necessário questionar práticas que favorecem uma narrativa de história única, favorecendo a invisibilização de minorias que foram alijadas desse processo.

O interesse do mercado editorial e dos grupos neoliberais na BNCC é a chancela “por uma distribuição do conhecimento escolar regulada pela primazia de descritores e avaliação em larga escala, situando-se em polo antagônico à proposta não voltada para o ensino técnico da primeira versão da BNCC” (Junior, Silva e Cunha, 2022, p. 52). Esse setor conservador demonstrava interesse e preocupação com a possível “contaminação ideológica” que a Base poderia conter, ponto de vista que é tido como um descompasso com as teorias educacionais contemporâneas que evidenciam a necessidade de debater a viabilidade de uma educação dialógica, que faça sentido para o estudante, que os ajude na compreensão do seu mundo e de si como sujeito de direitos.

A primeira versão da Base Nacional Comum Curricular foi produto do seu tempo e contou com a participação de instituições e sociedade civil, visando uma Base que pudesse colocar o Brasil como o referencial, sendo uma mudança epistêmica, rompendo com a visão eurocêntrica, até então predominante. Principalmente sob uma visão, por assim dizer, revolucionária, ao considerar a História do Brasil e, conseqüentemente, o negro e o indígena, que historicamente estiveram à margem da reflexão e de seus papéis na formação da sociedade, como agentes prioritários para compreensão da sociedade brasileira e de sua história. Além de sua prescrição na LDB, a BNCC tinha como objetivo um direito de todo cidadão brasileiro, garantindo um núcleo básico de aprendizagem, sendo uma política de equiparação que ultrapassaria a esfera educacional (Oliveira e Freitas, 2018).

As críticas que foram veiculadas à primeira proposta da BNCC, em especial ao componente curricular História, eram de um “empobrecimento do currículo”, com a possível marginalização daqueles conteúdos consolidados e considerados

fundamentais (Junior, Silva e Cunha, 2022). No entanto, discutir a formação da sociedade brasileira com protagonismo no conhecimento histórico era um viés descolonizador. Isso fez com que pesquisadores como Cerri e Costa (2021) afirmassem que

A primeira versão da BNCC-H/EF fez a opção de privilegiar a história do Brasil e a história recente. Tratou-se, em nosso ponto de vista, de uma opção, oportuna e legítima. (...) A opção pelo foco no Brasil não correspondeu a um abandono da história geral, nem a um projeto vulgarmente nacionalista de ensino, mas uma mudança de foco e de prioridades de conteúdo.

A segunda versão da Base Nacional Comum Curricular foi apresentada em 2016, mas bem diferente da versão anterior. Nos bastidores de sua produção, a versão apresentada foi feita por um grupo paralelo ao da Comissão Oficial, esta última que era composta por nomes como Margarida Dias (Universidade Federal do Rio Grande do Norte), Claudia Ricci (Universidade Federal de Minas Gerais), Itamar Freitas (Universidade de Brasília) e Mauro Coelho (Universidade Federal do Pará). Esse grupo de professores encerraram a sua participação na produção do documento após a Secretaria de Educação Básica, pressionada por setores da sociedade civil e da academia, sugerir a aceitação de uma proposta desenhada e produzida sob encomenda (Oliveira e Freitas. 2018).

A permanência de uma narrativa mestra, que fosse voltada para a História das Civilizações, considerando o Brasil como um papel secundário voltou à tona, com uma tendência da História que tem origem numa narrativa mestra de raízes burguesas e laicas, partindo da Europa como o centro dos eventos históricos, políticos e culturais (Bittencourt, 1993). Ademais, a volta do sistema quadripartite era uma das principais críticas à primeira versão da BNCC, e seu retorno mostra a disputa que existia nos diversos setores da sociedade, incluindo à Academia, onde a “comunidade de História demonstrou que não conseguiu superar o esquema de europeu. Consegue criticá-lo mas não está pronto para superá-lo concretamente” (Cerri e Costa, 2021.p. 16).

Os avanços das Leis nº 10.639 de 2003, e 11.645 de 2008, sobre o ensino de História da África, Cultura Afro-brasileira e Indígena teriam um enfoque maior com a perspectiva de uma história voltada para a sua análise com a narrativa mestra no Brasil, evidenciando a perspectiva sobre o conhecimento histórico e a suas escolhas

na construção do currículo. Fonte de disputas tais grupos, vivenciam uma sociedade marcada historicamente pela herança da escravidão, sendo esse o grande desafio que buscava ser superado na primeira proposta da BNCC.

Alves Pereira (2020) nos mostra que o silenciamento e a negligência sobre a história do povo negro está numa relação intrínseca com a produção e perpetuação do racismo institucionalizado, permanentemente observado nas relações sociais e de poder no território brasileiro. Trazer à tona uma perspectiva curricular que reconsidere a história dos povos silenciados é de certa forma considerar também a pluralidade de culturas presentes no espaço escolar.

Já a terceira versão da BNCC reforça a continuidade do que foi a segunda, apresentada por um grupo paralelo ao grupo estabelecido oficialmente. Cabe destacar que a continuação da primeira proposta do grupo oficial não foi discutida nem apresentada para discussão. Esta última proposta, que foi posteriormente homologada, é dotada de uma visão linear e eurocêntrica da História, que mantém uma lista de conteúdos que representam o sistema quadripartite para os níveis de Ensino Fundamental e Médio. Ademais, faz-se necessário lembrar que a construção da segunda e a homologação da terceira versão da Base Nacional Curricular ocorreram em um período político instável no poder executivo do país, em que um grupo político que mantinha o diálogo com a sociedade civil organizadas e diversos atores do campo educacional foram substituídos pela forte presença de grupos empresariais e militares.

Nesse cenário, as mudanças implementadas pela última versão da BNCC afetaram e modificaram importantes disciplinas, como História, Filosofia, Sociologia, Geografia, Artes e Educação Física, disciplinas essas que são fundamentais para entender a história do país, sua formação e sua atualidade. Todas foram suprimidas em detrimento de algumas disciplinas como “Projeto de Vida”, “Empreendedorismo”, “Eletivas” e afins, evidenciando a influência empresarial e mercadológica na educação. Mas as mudanças não ficaram apenas por aí.

O processo de elaboração da BNCC e da Reforma do Ensino Médio são distintos, mas deveriam possuir a mesma gênese de vários segmentos construindo, propondo, debatendo os documentos normativos que irão impactar a educação do país, ponto que foi possível, apesar das críticas, na formação da Comissão para discutir a BNCC. Segundo Branco e Zanatta (2021), a Reforma do Ensino Médio foi “caracterizada por muitos como antidemocrática e excludente, principalmente por

sua imposição por meio da Medida Provisória (MP) N ° 746/2016 transformada na Lei N ° 13.415/2017”. (Branco, Zanatta, 2021, pág. 59).

Sobre a falta de participação popular na Reforma do Ensino Médio, Gonçalves (2017) considera que não houve um amplo debate com a sociedade, muitos menos com aqueles que seriam impactados diretamente com a aprovação da normativa, docentes e discentes ficaram de fora. Assim,

O fato da proposta ter sido por meio de MP evidenciou a postura antidemocrática do governo, pois não foi dada oportunidade de diálogo e discussão, uma vez que a Medida Provisória tem efeito imediato, precisando ser aprovada pelo Congresso Nacional em até 120 dias (Gonçalves, 2017, p. 134).

Monica Ribeiro Silva (2018) evidencia os motivos que levaram à urgência apresentada pelo governo para a aprovação da Reforma do Novo Ensino Médio foram o IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) do ensino médio estagnado, apenas 10% das matrículas no ensino médio eram em educação profissional, sobrecarga na trajetória formativa por 13 disciplinas, entre outros. Apesar da nomenclatura “Novo”, o Ensino Médio é pautado numa lógica economicista e uma grande aproximação com setores privados, levando em consideração a lógica mercadológica da sociedade capitalista.

A Reforma do Ensino Médio foi aprovada no ano de 2017 em meio a um período turbulento da história recente brasileira. A consolidação do *impeachment* de Dilma Rousseff e o governo sob o comando de Michel Temer fez com que existisse a luta pela sua não implementação, com movimentos sociais, manifestações, ocupações estudantis nas escolas e universidades. A aprovação da Lei nº 13.415²² altera a redação da LDB, com a seguinte redação:

Art. 35-A. A Base Nacional Comum Curricular definirá direitos e objetivos de aprendizagem do ensino médio, conforme diretrizes do Conselho Nacional de Educação, nas seguintes áreas do conhecimento: (Incluído pela Lei nº 13.415, de 2017)

I - linguagens e suas tecnologias; (Incluído pela Lei nº 13.415, de 2017)

II - matemática e suas tecnologias; (Incluído pela Lei nº 13.415, de 2017)

III - ciências da natureza e suas tecnologias; (Incluído pela Lei nº 13.415, de 2017)

IV - ciências humanas e sociais aplicadas. (Incluído pela Lei nº 13.415, de 2017)

²² Disponível em:

<https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Lei/L13415.htm?msclkid=99fb7879d0c211ec91a329a85274182b>. Acesso em 05 ago. 2024.

§ 1º A parte diversificada dos currículos de que trata o caput do art. 26, definida em cada sistema de ensino, deverá estar harmonizada à Base Nacional Comum Curricular e ser articulada a partir do contexto histórico, econômico, social, ambiental e cultural. (Incluído pela Lei nº 13.415, de 2017)

Art. 36. O currículo do ensino médio será composto pela Base Nacional Comum Curricular e por itinerários formativos, que deverão ser organizados por meio da oferta de diferentes arranjos curriculares, conforme a relevância para o contexto local e a possibilidade dos sistemas de ensino, a saber: (Brasil, 2017).

A BNCC versa sobre os ensinos infantil, fundamental (anos iniciais e finais) e médio, com uma classificação diferente para cada um, cabendo aqui, para o interesse do ensino de História, os anos finais e o médio, ficando com a classificação abaixo apresentada:

Quadro 1 - Disposição da BNCC.

Ensino Fundamental			Ensino Médio	
Áreas do conhecimento			Áreas do conhecimento	
Competências específicas de área			Competências específicas de área	
Componentes curriculares				Língua Portuguesa Matemática
Competências específicas de componente				
Anos Iniciais		Anos Finais		
Unidades Temáticas	Objetos do conhecimento	Habilidades	Habilidades	

Fonte: Elaboração própria, baseado no documento em questão, 2023.

Como já mencionado, a BNCC é um documento orientador dos estabelecimentos de ensino que buscam nela cumprir as suas funções, assegurando aos estudantes o desenvolvimento equânime das competências gerais estabelecidas, com os conhecimentos que devem ser trabalhados em sala de aula e no âmbito escolar. Segundo Bruxel (et al. 2002, p. 3), o conceito de competência refere-se ao “desenvolvimento da capacidade, aptidão, potencialidade, habilidade e conhecimento e, pode ser descrita como o que permite ao aluno enfrentar e aprender um conjunto de tarefas e situações”. Para a BNCC, a

[...] competência é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho. (Brasil, 2018, p. 8).

Uma competência geral que rege a BNCC pode ser a de número 3, que busca “valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural” (Brasil, 2018, p. 9). Dado o exposto, é deduzível, por exemplo, que as festividades culturais de Recife possam ser vivenciadas em sala de aula, como o Carnaval, abordando o Maracatu, o Caboclinho, o Frevo etc. uma vez que esses ritmos musicais são manifestações locais que possuem referencial na normativa. Sob esses aspectos, o presente trabalho parte desse parâmetro, tendo como referência a unificação de vivência e conhecimento que propõe o educador Paulo Freire (1978). Nesse sentido, é um exercício docente de ensino-aprendizagem que pretende produzir “um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender” (Hooks, 2017, p. 25).

Sobre as habilidades, elas são conceituadas como “as aprendizagens essenciais que devem ser asseguradas aos alunos nos diferentes contextos escolares” (Brasil, 2018, p. 29), que estão presentes em todas as fases de ensino e seriam os objetivos de um plano de aula. Numa ordem do maior para o menor, exemplificado abaixo no ensino fundamental.

Quadro 2 - Habilidades presentes na BNCC.

Unidade Temática	Objeto do Conhecimento	Habilidade
A invenção do mundo clássico e o contraponto com outras sociedades	Povos da Antiguidade na África (egípcios), no Oriente Médio (mesopotâmicos) e nas Américas (pré-colombianos).	(EF06HI07) Identificar aspectos e formas de registro das sociedades antigas na África, no Oriente Médio e nas Américas, distinguindo alguns

	Os povos indígenas originários do atual território brasileiro e seus hábitos culturais e sociais.	significados presentes na cultura material e na tradição oral dessas sociedades. (EF06HI08) Identificar os espaços territoriais ocupados e os aportes culturais, científicos, sociais e econômicos dos astecas, maias e incas e dos povos indígenas de diversas regiões brasileiras.
--	---	---

Fonte: Elaboração própria (2024).

Cada habilidade é referenciada com um código alfanumérico, no exemplo acima mencionado, a habilidade EF06HI07 é decifrada da seguinte maneira:

- EF: O primeiro par de letras se refere à etapa de ensino, aqui seria Ensino Fundamental;
- 06: O par de números indica o ano a que se refere a habilidade, aqui seria 6º ano.
- HI: O par de letras corresponde ao componente curricular aqui indicado: História.
- 07: a posição deste último par de números indica a posição da habilidade na numeração sequencial.

Sobre o componente curricular História, é importante observar os rumos que ele tomou no ensino fundamental e médio. Na primeira versão, vemos a disciplina independente, com sua carga horária, unidades temáticas, objetos de conhecimento e habilidades descritas na BNCC. Na segunda, devido, sobretudo, à Reforma do Ensino Médio, temos a diminuição da carga horária e a formação de um bloco de

“Ciências Sociais e Aplicadas”, estando presentes disciplinas como História, Geografia, Filosofia e Sociologia, possuindo somente as habilidades e as competências gerais, sem a descrição que acontece no ensino fundamental.

Compreender as relações de poder que existem na sociedade e propor um ensino de História que possibilite a reflexão do estudante e de seu papel social no meio em que vive são caminhos que o professor pode seguir na sua prática docente. Assim sendo, deter-se exclusivamente aos documentos orientadores dos currículos escolares é tolher a potencialidade da juventude, castrando o poder da experiência, vivência, pois o modelo hegemônico presente no documento normativo não impulsiona a diversidade cultural, a identidade e a construção de um planejamento que valorize a criticidade.

A forma como se deu o processo histórico da construção da Base Nacional Comum Curricular mostra o antagonismo entre a sua previsão e sua conclusão. O recém Estado Democrático de Direito, pensado na Constituição de 1988, visando o diálogo e a efetivação de direitos para uma sociedade que jurídica e politicamente acabavam de se formar, resultou em poucos anos de diálogo com setores diversos da sociedade. Desse modo, a conclusão da BNCC ocorreu de forma antidemocrática, com descontentamento de atores do campo educacional e com forte influência do empresariado e de setores conservadores. Pesquisadores como Abdala e Garrido (2022) expõem críticas quanto a fase de conclusão da BNCC, resultando na ausência das discussões sobre gênero e a prevalência dos interesses privatistas dos grandes grupos empresariais da educação, já citados anteriormente. Nesse contexto, a influência produzida pelos setores do mercado ocasionou um ensino voltado para o mercado de trabalho, em contraponto a uma educação que busca a autonomia intelectual e política dos estudantes.

O currículo é um documento que serve como guia do processo de ensino e aprendizagem, define conteúdos, é base para a prática pedagógica, estabelece objetivos a serem seguidos no espaço escolar, entre tantas outras nuances. O mesmo se encontra numa arena de disputas que implica sobre o modo de ser de uma sociedade, de sua produção cultural. Logo, existe uma relação intrínseca de política e poder em seu amago. Dessa forma a BNCC é um documento que é carregado de tensões do seu tempo histórico na sua elaboração, refletindo o modo de pensar a educação brasileira.

A participação efetiva de instituições públicas e da sociedade civil nos

processos de decisões é uma constância das sociedades democráticas, e na construção da BNCC até se iniciou, mas foi atropelada por influências externas de segmentos externos e a conturbação política do ano de 2016. Como afirma Monica Ribeiro “a reforma sem a participação dos professores é limitada desde seu início” (2018, pág.13), pois não levou em consideração a escola como referência, esquecendo o saber produzido pelo docente, as singularidades em que o conhecimento é edificado em cada região. Essas são questões que um currículo deve abordar em seu cerne (2018, Pág. 13).

Desta forma, a primeira versão da BNCC apresentada pela Comissão trazia uma visão da história “brasilcentrica”, que na arena de disputas tinha do outro lado o tradicional eurocentrismo e a história quadripartite (Junior, et. al. 2022). É importante entender que essas disputas não acontecem por acaso, e as discussões na reforma ou criação do currículo é fundamental para que se atenda as constantes transformações que acontecem na sociedade. É necessário que os atores envolvidos participem das decisões a serem tomadas.

Apesar da aprovação da BNCC e a Reforma do Novo Ensino Médio terem tido um debate acelerado e com pouca participação popular, não quer dizer que não houve resistência da sociedade civil. A juventude, principal impactada com o currículo, ocupou escolas e universidades que tinham o objetivo de resistir à sua implementação que trouxe perdas significativas para disciplinas, em especial as ciências humanas que tiveram retirada a obrigatoriedade de filosofia e sociologia, além da redução da carga horária de história.

A escolha de estabelecer habilidades e competências na BNCC, conduz que a educação está pautada para uma noção de eficiência e produtividade, organizando os estudantes para o mercado de trabalho, propiciando uma educação pautada no “não reconhecimento da dimensão da cultura como elemento que produz, ao mesmo tempo, a identidade e a diferença” (Silva, 2018, pág. 11).

As mudanças na educação brasileira e no ensino de história após a consolidação da BNCC e a Reforma do Ensino Médio ainda são objetos de estudo, pois mesmo com a trajetória histórica e prescritibilidade constitucional, é necessário reconhecer a pluralidade da sociedade brasileira, a representatividade dos povos indígenas e negros, os LGBTQIAPN+, entre outras demandas que são/foram silenciadas pelos documentos normativos, mas não pela vivência nas escolas.

1.2 MÚSICA E ENSINO DE HISTÓRIA

A música faz parte do cotidiano de muitas pessoas e nela podemos identificar elementos culturais, personagens históricos, sociabilidades e outros fatores de uma determinada sociedade em seu tempo. “É um artefato cultural que auxilia o ser humano a estabelecer relações com o meio” (Soares, 2017, p. 83).

Considerar a música como um recurso didático em sala de aula pode contribuir de maneira significativa para o ensino-aprendizagem, podendo tornar a sua integração com o ensino de História de forma envolvente, contribuindo para uma compreensão significativa dos conteúdos, a partir da criação de estratégias interessantes para envolvimento dos estudantes, tornando, com isso, o aprendizado mais dinâmico e capaz de promover discussão relevantes sobre fatos históricos.

A união entre o ensino de História e a música encontra seus primeiros manuais na década de 70, afirma Chaves (2021), que é com o Manual de João Alfredo Libânio Guedes, intitulado “Curso de Didática da História”, onde demonstra um enorme apreço as músicas inspiradas em temas históricos e folclóricos, temas que seriam fundamentais para a discoteca da escola (Chaves, 2021, p. 296).

O trabalho de Guedes mostra caminhos para a relação do ensino de História e música, ocasião em que o docente pode seguir, para a construção das suas aulas, sugestões de temas de forma bem variada, abordando a estrutura da escola ao

[...] sugerir uma organização temática para a formação de uma discoteca escolar, oferece uma rica e diversificada, nos limites de seu tempo, fonte de estudos para as aulas de História, como por exemplo as cantigas ameríndias, que, segundo o autor, poderiam ser encontradas no registro do Museu Nacional, cantos religiosos dos negros, vistos pelo autor como folclore, e óperas como a Ave Maria da Primeira Missa no Brasil, gravação da Rádio Ministério da Educação e Cultura (Chaves, 2021, p. 296 e 297).

Marcos Napolitano (2002) também aborda a relação entre a música e o ensino de História partindo do entendimento de que a primeira pode ser compreendida como documento, um produto de determinado tempo, sendo ponto de encontro de etnias, religiões, ideologias, classes sociais, experiências diversas, ora complementares, ora conflitantes; a música no Brasil nunca foi um veículo neutro de ideias. As características históricas, sociológicas, linguísticas, multicultural de um povo podem ser encontradas em várias representações, sendo a música uma delas.

Barros (2018) também evidencia a relação da música como fonte para o

ensino de história ao observar que “podemos estudar não somente a música de uma dada sociedade, mas também a própria sociedade como um todo, nos seus aspectos extramusicais” (2018, p. 5). Para isso, é necessário analisar os aspectos da cultura material da época, os avanços tecnológicos, o contexto e o usos políticos da sociedade em questão, as relações sociais etc. entre outras questões que possibilitam o uso da música com fonte histórica.

Recurso didático pode ser entendido como determinado material que é utilizado como auxílio no ensino e aprendizagem, enriquecendo a aula e facilitando a melhor compreensão dos estudantes. Sobre o tema, Napolitano (2002) ao considerar a música como um recurso didático no ensino de história, observa que o estímulo ao passado através da cultura e linguagem musical cria e favorece o componente curricular, por se tratar de algo que faz parte do cotidiano dos estudantes, sendo uma ferramenta importante em sala.

No mesmo sentido, Chaves (2021) compreende que o uso da música no ensino de História “oferece estímulos para que os estudantes possam criar novos significados sobre o passado e o presente, propondo novas perguntas históricas” (p. 296), atrelando à sua realidade o conteúdo vivenciado em sala de aula, possibilitando, desse modo, um maior entendimento sobre o conteúdo ministrado.

No mundo globalizado que nos encontramos, a internet e as mídias digitais contribuem para um diferente contexto no qual Guedes (1975) estava inserido, dado que o acesso à informação e à cultura melhorou bastante nos últimos anos. Atualmente, o estudante e o professor podem encontrar no *smartphone*, inúmeros aplicativos com rádios, vídeos, músicas, *podcasts*, entre outros recursos para seu uso em sala de aula.

Sobre esses impactos, Soares (2017) afirma que cabe ao professor ficar atento cotidianamente às metodologias de ensino, para que seja considerada a realidade vivida pelos estudantes, de maneira a viabilizar a produção do conhecimento histórico no ambiente escolar. Diante disso, surge a indagação: Como a música pode contribuir para um ensino de História que “faça sentido” para os estudantes?

“Fazer sentido” na relação entre música e ensino de História é possibilitar ao estudante a construção de novos significados, compreendendo as rupturas e permanências do tempo histórico (Chaves, 2021), pois a produção do conhecimento

histórico está para além da reprodução ou transmissão de conteúdos em sala de aula. É necessário ter a interpretação daquilo que está sendo apresentado.

Dessa forma, o uso da música como um recurso didático precisa ser atrativo ao estudante, algo que esteja próximo e dialogue com a sua realidade, mas isso não significa dizer que ele não deve conhecer outros estilos musicais, e sim que é importante haver relação entre o contexto cultural e a metodologia utilizada.

Um exemplo comumente trazido por professores de História que vão ministrar o conteúdo sobre a Ditadura Civil-militar brasileira (1964-1985) no ensino médio, período marcado por intensa repressão e censura, é o uso da música Cálice, de Chico Buarque de Holanda e Gilberto Gil, produzida em 1973, mas somente lançada em 1978, que faz um jogo de palavras homônimas (Cálice = Cale-se) e traz palavras e expressões que remetem à tortura do período, como “vinho tinto de sangue”, “calar a boca”, “força bruta”, que podem ser observados no trecho a seguir:

Pai, afasta de mim esse cálice
Pai, afasta de mim esse cálice
Pai, afasta de mim esse cálice
De vinho tinto de sangue
Como beber dessa bebida amarga?
Tragar a dor, engolir a labuta
Mesmo calada a boca, resta o peito
Silêncio na cidade não se escuta
De que me vale ser filho da santa?
Melhor seria ser filho da outra
Outra realidade menos morta
Tanta mentira, tanta força bruta.
(Holanda e Gil, 1978).

Essa música faz parte do que ficou conhecido como “Música Popular Brasileira” (MPB), que tinha a classe média e alta como principal ouvinte, já que, na época, eram as únicas classes impulsionadas pelas novidades do rádio e da TV. Mas a MPB foi um gênero musical que teve o seu alcance amplificado devido ao contexto histórico e às críticas ao governo ditatorial que se instalara no Brasil em 1964.

No mesmo período em que Chico Buarque e Gilberto Gil escreviam letras de música da MPB, tivemos também Odair José compondo músicas brega. O referido cantor foi um dos artistas mais perseguidos pela censura do regime ditatorial brasileiro. Segundo a pesquisa do historiador Ivan Lima (2015), as letras de cunho amoroso, cenas do cotidiano, transgressões morais entre outros temas, fizeram com

que músicas como “A Primeira Noite”, “Amantes” e “Em qualquer lugar” fossem consideradas de cunho subversivo e consequentemente proibidas.

Agora eu vou ter que ir embora
Você sabe tanto quanto eu
Que já não posso mais ficar aqui
Modere um pouco seus desejos
Não marque meu corpo com seus beijos
Pois tenho que voltar pra casa
E ela vai querer saber por onde eu andava
(José, 1974).

O professor de história pode utilizar ambas as músicas para retratar os eventos da Ditadura militar, mas é interessante observar o que é atrativo para o estudante, tendo em vista que é preciso inseri-lo no processo de construção do conhecimento, dado que é necessário que ele sinta pertencimento naquilo que é apresentado. A variedade de músicas e/ou fontes para abordar determinado conteúdo no ensino de história tem o objetivo voltado para o estudante ter um melhor aproveitamento do que foi proposto, sendo capaz de interpretar e utilizar as diversas fontes de maneira crítica e reflexiva.

De acordo com o psicólogo Lev Semionovitch Vygotsky (2010), o ser humano está inserido em um meio que é marcado pelo contexto histórico e cultural de cada sociedade, e nossa relação com esse meio é fundamental para a construção de nossa dimensão psíquica e cognitiva. São exemplos do meio em que estamos inseridos: o Estado, a família, a escola, a religião, a música etc..

A relação que o ser humano tem com o meio se chama vivência, sendo ela caracterizada e mediada pelos artefatos culturais produzidos ao longo do tempo. Desse modo, é importante que docentes entendam esse conceito para que seja possível compreender que tipo de vivência os estudantes possuem com a música, com a escola, com a didática escolar (Vygotsky, 2010).

Para isso, é condição *sine qua non* a compreensão da formação da sociedade brasileira e o acesso dos estudantes aos bens culturais, à formação do território, de suas identidades, as violações dos direitos humanos a que são submetidos, pois tudo isso também contribui para a compreensão do espaço escolar.

Dessa maneira, a vivência do estudante é fundamental para a consideração dos conteúdos e a metodologia que o professor adotará em sala de aula, uma vez que é a partir do entendimento dela que a música pode trazer inúmeras possibilidades,

pois mesmo uma das músicas sendo do conhecimento de todos, individualmente podemos ter a sensação de pertencimento, uma recordação da família, dias ruins etc.. ao ouvi-la. Nesse sentido, Santos (2022) afirma que a música “enquanto linguagem em que se expressam as subjetividades humanas” (2022, pág. 23), sendo uma forma de interação com o outro, uma relação com o sujeito e o meio, onde através dela expressa as suas emoções, anseios, manifestos.

Sendo entendida como um produto do seu tempo e como uma forma de linguagem, a música possui elementos que extrapolam a esfera da própria música, os acordes, partituras, beats etc. possuem significados que podem ser explorados pelo ensino de história. Concordando com Santos (2022):

[...] a música pode servir como referência para a compreensão do modo de pensar, agir e falar de um determinado tempo ou lugar, ela sofre todo tipo de influência do ambiente em que foi composta. Assim, percebo como possível considerar a música como uma fonte documental, não apenas para pesquisa histórica, como também um recurso didático em sala de aula. (Santos, 2022, pág. 24)

A vivência possui o seu critério objetivo que consiste no meio em que o estudante está inserido, que seria o seu “gosto musical” (Soares, 2017), partindo do acesso que possui aos bens culturais, o que é comumente divulgado nos meios de comunicação a que tem acesso, levando também em consideração a cultura local. Apesar de existir a predominância de expressões culturais em determinadas regiões do Brasil, o fenômeno da globalização com a internet, aproximou os ritmos musicais de outros países. Sendo assim, é necessário que o docente fique atento ao que se escuta no mundo e localmente.

Sobre o tema, um exemplo seria a própria construção/manutenção de identidade nacional, que leva o Estado a fomentar políticas para as festividades, fatos históricos etc.. Ao falar de samba, associaríamos ao Brasil e Tango à Argentina. Mas hoje é possível falar Tango e associar a um chinês, que vive no sudoeste e através do acesso as plataformas de áudio e vídeo na internet, consegue ter acesso e também viralizar nas redes sociais. Kwon Min-Sung, conhecido popularmente como Dropmeoff²³ é um sul coreano que expôs seus vídeos dançando na rede sociais Tik e Tok ritmos brasileiros, entre os principais, axé e brega funk, e devido ao sucesso, chegou a ser convidado para ser atração do carnaval da Bahia

²³ Pesquisar na Rede Social Instagram o perfil @dropmeoff

em 2023²⁴.

O processo inverso também acontece, saindo do campo da música, mas ainda nas plataformas de streaming, o Brasil torna-se o 5º maior consumidor do mundo de Doramas²⁵, séries de vídeos que possuem entre 12 a 24 episódios de 50 minutos de duração cada um, onde são retratados dramas. Dorama seria correspondente às novelas, porém elas são produzidas na Coreia do Sul, Japão e China, o que não significa dizer que ameaça as produções brasileiras exibidas principalmente na TV aberta, mas é um ponto de reflexão sobre o consumo das famílias sobre o que é oferecido pelos streamings.

O critério subjetivo consiste na interação do indivíduo e/ou coletivo com a música e com os sujeitos, citando como exemplo o grupo pernambucano de dança Seja Fada²⁶, onde jovens faziam coreografias das canções de brega funk e divulgavam nas redes sociais, o que de certa forma contribuiu para que outros/outras jovens mostrassem as suas coreografias. Outro ponto são as batalhas de passinho²⁷ que surgiram nas periferias e que tomaram outros estados do Brasil como Alagoas, Paraíba, Rio Grande do Norte, onde jovens dançavam sozinhos um contra o outro ou em grupo, balançando os ombros, mostrando todo seu gingado para ganhar a batalha que era decidida na maioria das vezes pelo grito das pessoas ou em casos raros com uma comissão específica que o julgasse, composto geralmente por influencers da internet, artistas do movimento brega, mc's.

Sobre o uso da música em sala de aula, Soares afirma que:

O caráter objetivo está relacionado a 'o que os alunos ouvem', aos seus 'gostos' musicais, o que agrega musicalmente o maior número de alunos, quais as divergências 'sonoras', existentes entre eles. O caráter subjetivo se relaciona a 'como é a escuta' dos alunos, que tipo de interações são realizadas por meio da música, quais os inúmeros sentidos que a música tem no cotidiano dos alunos. (Soares, 2017. p. 87).

Sendo assim, todos esses elementos devem ser considerados ao selecionar uma música como recurso didático ou fonte histórica. Consideremos como exemplo uma

²⁴<https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2023/02/09/influenciador-sul-coreano-volta-para-salvador-e-da-nca-novo-hit-de-cantor.ghtml> Acesso em 3 de junho de 2024.

²⁵ Disponível em:

<https://nossomeio.com.br/doramas-no-brasil-a-nova-sensacao-dos-streamings-e-seu-impacto-cultural/> Acesso em 3 de junho de 2024.

²⁶ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=u8qjt03D_IQ Acesso em 12/08/2024.

²⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ayj5RsuAyNU> Acesso em 12/08/2024.

escola no bairro de Água Fria²⁸, localizado na Zona norte do Recife e marcado por ter grande parte de sua população negra, com suas manifestações culturais advindas majoritariamente da herança afro-brasileira, sendo o brega um ritmo de grande alcance na região.

Nesse contexto, é importante se questionar: Qual seria a melhor chance de sucesso para o professor de História conseguir envolver os estudantes na aula, a música de Chico Buarque ou de Odair José? Apesar de ser interessante pensar qual música dialogaria melhor com a vivência dos alunos, isso não implica dizer que eles não devem conhecer outras expressões culturais. Isso significa, sobretudo, possibilitar a esses estudantes a compreensão do seu território, identidade, e considerar o meio em que estão inseridos (Bittencourt, 2009). Portanto, são escolhas que devem ser bem analisadas para que os resultados sejam satisfatórios.

Circe Bittencourt (2009) afirma que o “uso da música é importante para situar os jovens diante de um meio de comunicação próximo de sua vivência, mediante o qual o professor pode identificar o gosto, a estética da nova geração” (Bittencourt, 2009, pág. 379), mostrando que a juventude tem um papel crucial na produção musical, em especial na periferia, por muitas vezes representar as suas vivências, desejos, emoções, denúncias, as narrativas do cotidiano e tantos outros temas pertinentes às suas realidades.

Dessa forma, o ensino de História precisa estar comprometido com o desenvolvimento dos estudantes, possibilitando a produção de conhecimento, e não a sua transmissão e reprodução (Soares, 2017). Nessa questão, o professor tem um papel fundamental na organização do seu planejamento de ensino, plano de aula e metodologia, o que exige que o docente “mergulhe” na cultura musical do local em que a escola e seus estudantes estão inseridos. Compreender a cultura musical do meio em que os estudantes estão inseridos é analisar os aspectos objetivos e subjetivos das vivências que acontecem através da interação entre membros na escola, do lugar onde a escola está inserida espacialmente (e aqui cabe destacar a interação da escola com a comunidade escolar, os atores, a sua ligação com o

²⁸ Água Fria é um bairro da Zona Norte do Recife e tem sua história marcada por rupturas e continuidades que marcaram a história do Séc. XX do Recife, que através de um discurso higienizador, deslocou os vários grupos sociais (predominantemente pretos) do centro da cidade para os arrabaldes dos rios Capibaribe e Beberibe, formando atualmente a periferia da cidade. Mesmo com o processo de expulsão e perseguição, o povo preto conseguiu manter à sua cultura, ponto marcante do Bairro são os terreiros. Sobre o tema, a dissertação de mestrado no programa de Geografia da UFPE, intitulada: De Chapéu do Sol a Água Fria, numa trama de enredos, a construção da identidade de um bairro na cidade do Recife, de autoria de Bruno Maia Halley, 2010.

território) e os eventos e festividades que compõem o calendário escolar. Esses pontos são caminhos para que o professor possa se envolver e, de certa forma, buscar elementos para compor o entendimento do que os estudantes ouvem e/ou produzem.

No entanto, é preciso ter em mente que não é só porque escutam o gênero musical pagode que não pode ser utilizado Música Popular Brasileira, pois a escola serve como espaço capaz de aumentar o repertório cultural dos estudantes, pois ela é um local de conhecimento, e quanto mais gêneros musicais conhecerem, melhor será o entendimento da produção humana ao longo do tempo. Porém, ao construir o seu planejamento, é necessário que o professor possa entender o que mais chama atenção nos estudantes, o que aguça curiosidade deles, elementos que possibilitam caminhos para a construção da sua didática e recurso para o ensino de História.

Nesse processo, o docente tem um papel importante, dado que é ele quem produz o planejamento de ensino e conseqüentemente vai planejar a aula, porque ele entende os objetivos e caminhos para a boa aprendizagem. Desse modo, ao escolher a parceria da música, o professor de História precisa ter certo conhecimento sobre os gêneros musicais, sua história, como é produzido, em que território é predominante, seu vestuário, se tem influência em outras áreas de conhecimento ou sociedade etc.. Essas questões são caminhos que possibilitam estratégias com maior alcance em sala de aula.

Sobre o tema, Barros (2018) distingue bem a relação entre História e Música ao falar sobre a importância de cada área nessa construção, evidenciando reflexões sobre o percurso que pode ser feito para tal. Para Barros:

Uma música (uma composição musical), independente de vir ou não integrada a uma dimensão poética, é uma forma de expressão artística que envolve aspectos diversos como forma, gênero musical, estilo, elementos variados de estética musical, ritmo, melodia, harmonia, timbre, instrumentação, performance, mediação através do intérprete, entre outros mais que poderiam ser citados. É aqui que reside a dificuldade maior do historiador da música que carece totalmente de uma formação musical. Não estou afirmando com isto que todos os estudiosos que desejem abordar a música como objeto ou fonte precisem ter a dupla formação de historiador e músico. Mas é certamente necessário que o historiador, quando não possui formação musical propriamente dita, avizinhe-se seriamente dos conhecimentos pertinentes a aspectos musicais como os que foram citados acima. É preciso compreender, pelo menos, o vocabulário e o sistema conceitual da Música (Barros, 2018, p. 27).

Ao trazer essa reflexão, Barros (2018) nos leva a pensar que o uso da música

na sala de aula não se dá somente através de uma simples “escuta”. Trata-se de compreender as inúmeras nuances da “música”, e não apenas a letra dela. Um exemplo interessante é a polêmica que envolve a música “Meio- termo”, interpretada principalmente nas vozes de Luan Santana, um dos grandes nomes do sertanejo universitário, e Raphaela Santos²⁹, grande nome no brega romântico em Pernambuco. Essa música é do primeiro artista, mas a cantora de brega fez um *cover* (regravação de uma canção).

Ouvindo a letra pela letra, a voz, a sua interpretação, a emoção ali existente, a ideia de pertencimento etc. não se encaixariam em sala de aula e, por ser assim, não seria interessante trazê-la para sala de aula, mas deixaria de ser debatido os porquês da interpretação de Raphaela ter sido retirada das plataformas digitais enquanto que outros artistas regravam a mesma coisa. Será que é por se tratar de uma artista do gênero brega que teve essa polêmica? Não teria feito isso de outra forma? Qual o alcance de Raphaela Santos em relação a Luan Santana? São perguntas que enriquecem a discussão em sala de aula.

O exercício de trazer a música para a sala de aula é, de fato, entender que ela possui “mais condições de tornar-se importante fonte de informações históricas, de ser investigada no sentido de contribuir para a maior compreensão da produção cultural da nossa sociedade” (Bittencourt, 2009, p. 378), tendo em vista que ela é produto de um tempo histórico, dotada de especificidade, sentimento, intencionalidade etc. possibilitando, com isso, uma maior e mais ampla reflexão sobre o objeto que está sendo estudado em sala de aula, “oferecendo estímulos para que os alunos possam construir novos significados sobre o passado e o presente, propondo novas perguntas históricas” (Chaves, p 296).

Um exemplo interessante do uso da música em sala de aula se dá com “Cálice” (anteriormente citada), quando se fala da Ditadura Militar no Brasil, tratando da produção cultural de Chico Buarque. Mas essa abordagem não precisa ficar restrita apenas à música, tendo em vista as possibilidades que a biografia do autor também pode propiciar para o período que seria de 1964 – 1985, já que é possível abordar o contexto histórico e o exílio do artista, criando um ambiente rico para reflexão de um tema sensível na história do país. Ademais, falar, a partir da música e

²⁹ Disponível em:

<https://record.r7.com/balanco-geral/hora-da-venenosa/videos/luan-santana-e-acusado-de-derrubar-cover-de-raphaela-santos-04012024/> - Acesso em 02/04/2024

sua interpretação, sobre as violações dos direitos humanos que aconteceram naquela época traz à tona o sangue daqueles que resistiram contra o regime ditatorial.

Ao falar sobre a Revolução dos Cravos em Portugal³⁰, se o docente analisar apenas a “letra pela letra” deixará passar a oportunidade de tratar o tema de forma mais ampla, com uma maior realidade, despiando de historicidade a representação e o significado que foi esse momento histórico. Nesse caso, temos a música “Grândola, Vila Morena”, de José Afonso, que representou o sinal para que o Movimento das Forças Armadas (MFA) retomasse o poder e findasse a ditadura de Salazar em Portugal, sendo essa canção considerada um fado, ritmo que é caracterizado por sua tradição associado “às esferas mais marginais da sociedade ditar-lhe-ia uma vincada rejeição pela parte da *intelectualidade* portuguesa”³¹ (Pereira, 2008).

Os exemplos acima mostram caminhos que podem ser utilizados pelo professor de História para uma nova roupagem dos conteúdos, sendo preciso atentar-se ao movimento de não só ouvir a música, mas pensá-la (Bittencourt, 2009), construindo novos significados sobre o tempo histórico (Chaves, 2021), e tendo um outro olhar sobre o objeto, de forma instigante, fomentando, assim, a curiosidade dos estudantes e, conseqüentemente, tendo um maior envolvimento deles dentro dos objetivos propostos no planejamento da disciplina.

Sobre essa nova abordagem e organização dos conteúdos, Abud (2005) e Chaves (2021) coadunam o pensamento de que o uso da música em sala de aula oportuniza o reconhecimento de evidências para a compreensão de determinados acontecimentos onde

Tal metodologia de ensino auxilia os alunos a elaborar conceitos e dar significados a fatos históricos. As letras das músicas se constituem em evidência, registros de acontecimentos a serem compreendidos pelos alunos em sua abrangência mais ampla, ou seja, em sua compreensão cronológica, na elaboração e ressignificação de conceitos próprios da disciplina. Mais ainda, a utilização de tais registros colabora na formação de conceitos espontâneos dos alunos e na aproximação entre eles e os conceitos científicos (Abud 2005, p. 315-316).

Sendo assim, a organização dos conteúdos e o protagonismo do professor ao

³⁰ Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/04/25/cultura/1524648806_683408.html>. Acesso em: 02 fev. 2024.

³¹ <https://www.politize.com.br/funk-no-brasil-e-polemicas/> - Acesso em 12/01/2024

organizar o seu planejamento é um dos pontos de um ensino de História que busca a criticidade e a releitura de fatos históricos com novas metodologias, sendo a música um dos principais elementos que podem ser utilizados para tal. Ademais, levar em consideração a cultura musical dos estudantes e os registros históricos de determinado tempo histórico criam uma nova ótica sobre o ensino, tornando-o mais atrativo e desafiador na sala de aula.

Ainda sobre o tema, Kátia Abud acredita que

Os diferentes temas tratados na canção (trabalho, disciplina do trabalho, mentalidade, cotidiano, moda, comportamentos, entre outros) podem sugerir ao professor novos roteiros de organização dos conteúdos a serem desenvolvidos, desviando-se de propostas guiadas exclusivamente pela cronologia, predominante nos manuais didáticos, mesmo naqueles que se apresentam como portadores de história integradas (Abud, 2005, p. 315-316).

Pensar o ensino de História e sua relação com a música é sobretudo ter a possibilidade de novas propostas que acompanhem as mudanças ocorridas no mundo globalizado, já que a música é produto de um tempo histórico e, vista dessa maneira, representa vontades, pertencimento, denúncia, alegria, sentimentos etc. que vão se ressignificando com cada geração.

Ao tratar da música com os estudantes, podemos trazer um ensino de História que crie um “canal para que eles se sintam à vontade para debater o conteúdo de uma canção sem se preocuparem em dar a ‘resposta’ certa ou esperada” (Pacheco, 2020, p. 414), abrindo um leque de interpretações e um ambiente confortável onde os estudantes possam trazer a sua visão/opinião sobre o conteúdo que está sendo abordado.

Ademais, é importante o professor inserir a música na sala de aula para a potencialização das expectativas de aprendizagem, mas é necessário que essa escolha seja bem pensada, de forma a não apenas reproduzi-la e partir para outro ponto, sem a necessária reflexão daquilo que foi trazido e que deveria ser debatido com os estudantes durante a reprodução.

Soares (2017), em sua obra, discute o uso da música no ensino de História e, para tal, aborda o conteúdo sobre a Chegada dos Portugueses no Brasil, um tema que é comum nos ensinos Fundamental e Médio. A canção trazida por ele tem a seguinte letra e o principal objetivo do docente era fazer com que o estudante a decorasse:

Dom Manuel, O Venturoso/ era rei de Portugal/ escolheu ir para as Índias/
 Pedro Alvares Cabral./ navegou até que um dia/ novas terras avistou/ e num
 porto com alegria/ bem seguro ancorou/ ai ai ai, era 22 de Abril/ Que Cabral
 aqui chegando, descobriu o meu Brasil!! Frei Henrique de Coimbra/ Duas
 missas celebrou, Logo Pero Vaz de Caminha/ Uma carta ao rei mandou./
 Pra falar das novas terras/ Descobertas por Cabral,/ E logo delas tomou
 posse/ para o rei de Portugal/ Ai, ai, ai rica terra tão gentil, Vera Cruz e
 Santa Cruz/ Tem hoje o nome de Brasil! (Soares, 2017, p. 80).

O uso de músicas com o fim estritamente de decorar, como no exemplo citado acima, tem como cerne fazer com que o estudante memorize os principais fatos históricos, personalidades, rupturas e permanências. É um ponto em que vai além da esfera da História, utilizada por outras disciplinas, sobretudo no ensino pré-vestibular/concurso, que o objetivo é fazer com que, num espaço curto de tempo, o discente saiba o que é necessário para a sua aprovação. Contudo, isso é um uso da música que vai na contramão do que é pensando no ensino de História, que é através dessa metodologia que “ao decorar a letra e cantarolar, provavelmente não aprenderão sobre o fato de que fazem parte da história, sendo estes sujeitos dela e capazes de produzir conhecimento” (Soares, 2017, p. 81).

A utilização da música com a finalidade de memorizar, decorar ou fazer uma análise fria da letra faz com que a capacidade de potencializar fique no limbo, criando, nessa dinâmica, a música como um depósito de conteúdo, sem interação ou interpretação de quem o faz (Pacheco, 2020). Portanto, é necessário que a música tenha a capacidade de instigar os estudantes, que ela seja o elo para a relação com o objeto de estudo (Leontiev, 1978); e um dos caminhos é que o professor possa deixar explícitos os objetivos que esperam ser alcançados com aquela dinâmica, respondendo perguntas como o “o que?, para que? e por que?”, buscando com isso a consciência (Fonseca, 2013) do que se propõe (Soares, 2017).

Sobre a importância da consciência do que se propõe em sala de aula no ensino de História, Soares acredita que

A consciência sobre o que ensinar não pode estar desvinculada da consciência de porquê e como ensinar. Ao analisarmos as formas mais elaboradas de utilização da música nas práticas de ensino de história, verificamos que a busca por essa consciência se torna mais completa, porém necessária (Soares, 2017, p. 82).

Ao traçar objetivos para a aula, o professor tem uma “bússola” para alcançar

o que foi proposto, buscando uma metodologia que facilite e potencialize a sua prática pedagógica. Desse modo, a interação dos estudantes acontece também por música (Duarte, 2011; Soares 2008), por diferentes questões, entre elas através de cultura musical, por identidade, por algo que tem “viralizado” nas plataformas e redes musicais, e o professor precisa acompanhar o que esses jovens escutam para traçar o melhor caminho.

No tema sobre o descobrimento do Brasil, citado anteriormente, Soares refere-se a uma música com o objetivo de decorar, sem a reflexão do que aquilo era proposto, cabendo salientar que era uma proposta de um tempo em que o ensino de História tinha o aspecto tradicional, voltado para a reprodução do seu conteúdo, pautado numa historiografia positivista de valorizar os grandes heróis e feitos ocorridos na história da humanidade. Buscando metodologias mais atuais para o uso da música como recurso de ensino, a música, sendo usada como recurso didático ou fonte histórica, estando alinhada aos objetivos do ensino de História e estabelecendo uma relação de troca entre docente, discente e objeto de estudo a ser estudado, potencializa e aumenta o leque para uma maior compreensão em sala de aula.

1.3. MÚSICA E CULTURA PERIFÉRICA

A cultura periférica é um tema indispensável no ensino de história por se mostrar como uma alternativa para a construção de novas práticas em sala de aula. Muitas vezes marcado pela visão tradicional da história, é um desafio e ao mesmo tempo uma oportunidade para o professor valorizar o conhecimento dos estudantes, a sua cultura, trazendo um conhecimento mais significativo, com relação ao que é vivenciado.

Nascimento (2011) possui uma definição interessante do que seria cultura periférica, considerando como

um conjunto simbólico próprio dos membros das camadas populares, que habitam em bairros periféricos; quanto a produtos e movimento artístico – cultural por eles protagonizado. Junção do modo de vida, comportamentos coletivos, valores, práticas, linguagens e vestimentas (Nascimento, 2011, pág. 24).

Nesse sentido, a cultura periférica se caracteriza como um elemento de

identidade para a juventude que se encontra nas comunidades da região metropolitana do Recife, marcada sobretudo pelas mazelas sociais que a compunham (violência, desigualdade, falta de saneamento básico, difícil acesso à Justiça, distribuição desigual de renda, etc). É dentro desse contexto que as produções culturais surgem com seus símbolos, significados, sentidos, fazendo com que muitos desses jovens se identifiquem, se reconhecendo também naquele espaço que está sendo produzido.

Ao falar de movimento brega, podemos identificar na linguagem da periferia elementos que a tornam única, sendo presente no seu cotidiano, nas músicas, nas propagandas, mostrando a relação de identificação dos jovens com o que está sendo produzido. Abaixo temos uma lista, produzidas pelo autor desse texto, com alguns verbetes e seus significados, sendo elas extraídas das músicas e das redes sociais por pessoas que conhecem o movimento brega.

1. Apois viu – Resposta irônica, deboche.
2. Castelando – Ficar pensativo/sofrendo por causa de alguém ou alguma situação.
3. Gerar com J (Jerar)– Advérbio de Intensidade, Estado de euforia, alegria intensa.
4. Tira tua braba – Momento de destaque de alguém em determinada situação.
5. Tô liso – Sem dinheiro.
6. Escamoso – Pessoa vistosa, que chama atenção devido ao seu estilo, geralmente usa roupas da Seaway ou Cyclone.
7. Baratino – Festividade, bebedeiras.
8. Muvução – Encontro de jovens na Bomba do Hemetério com muito passinho e paredão.
9. Tá suave – Estado de tranquilidade ou referência a determinado fato com pouca relevância.
10. Mancoso – Pessoa que vacila em situações na qual deveria ser responsável
11. Lusa – mentira, aumenta a história para ter alguma vantagem
12. B.O. – Boletim de Ocorrência; fato que merece a atenção.
13. Comparsa – Pessoa querida, amicíssimo
14. Malote – Pessoa com muito dinheiro
15. Paredão – Som automotivo com luzes no último volume.

Na mesma ótica do movimento brega, o funk do Rio de Janeiro, é um gênero

musical que surgiu nos Estados Unidos³² e hoje é um dos símbolos da cultura carioca, que se faz presente nos bailes das comunidades, nas mídias, no cenário nacional e internacional. Apesar da visibilidade que o gênero musical possui atualmente ainda existem críticas que vão desde as letras, que falam sobre violência policial, objetificação feminina, e exploração sexual.

As questões que envolvem o funk também são refletidas no movimento brega (e serão tratadas posteriormente, quando for abordado a história do movimento brega e o papel das juventudes), contudo, cabe destacar que as históricas comunidades do Rio de Janeiro possuem um viés racial que as acompanham e boa parte dessas críticas têm como pano de fundo o racismo estrutural que envolve a sociedade brasileira. Os principais nomes do gênero são pessoas negras, como Mc Carol de Niterói, Mc Catra, Mc Mazinho, Mc Cidinho, Mc Doca, Mc Tati Quebra Barraco, entre outros e outras.

Mc Carol de Niterói hoje é uma das artistas nacionais com excelentes números em plataformas musicais como o Spotify e Youtube, possuindo milhões de visualizações em sua discografia, participando de inúmeros festivais, inclusive Internacionais (Red Bull Music Academy Festival New York³³). Então, é bem possível que o jovem “conectado” do Rio de Janeiro ou de Pernambuco já tenha ouvido falar dela. Ao fazer um recorte maior, quando falamos do jovem que vive em alguma comunidade dos estados citados, aumentamos a nossa área de incidência e aqui é possível observar o local em que a escola está inserida, qual o perfil do estudante que vai para lá, qual a interação da escola com a comunidade etc.. Essas são variáveis importantes para que possamos encaminhar um trabalho com melhor acertabilidade na cultura musical dos discentes.

Um exemplo prático de coleta dessas variáveis para melhor orientar o uso das músicas como recursos didático em sala de aula é pegar um recorte de algum bairro do Recife, (aqui, será utilizado o bairro da Torre, situado na Zona Norte da cidade), para mostrar como é possível conseguir as informações dos gostos da turma e das relações que os estudantes têm com a cultura local. Para isso, o professor de História atuante na Escola de Referência em Ensino Médio Martins

³² Informação disponível em:

<<https://www.redbull.com/br-pt/a-noite-em-que-o-funk-invadiu-ny-por-mc-carol>>. - Acesso em 02/02/2024.

³³ Informações disponíveis em:

<<https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/historia-indigena.html>>. - Acesso em 22/01/2024

Junior, para conhecer melhor sua classe, pode entender a relação da escola com a comunidade (Cardoso e Vila Santa Luzia); se seus estudantes vivem próximo à escola; que tipo de relação cultural e/ou produção cultural existe na comunidade; se existem símbolos que impulsionam essa cultura (algum Mc, quadrilha junina, orquestra de frevo); suas condições socioeconômicas, cor/raça, acesso à internet. Com essas respostas, que podem ser obtidas no primeiro contato, é possível traçar um perfil, ainda que inicial dos jovens e as estratégias do planejamento ao longo do ano escolar.

Um ponto a ser considerado são as formas de como a relação música-ensino de História vão acontecer na sala de aula, porque podem sofrer inúmeras modificações no decorrer da metodologia. Por isso, o docente deve ter o objetivo bem claro, porém, não pode ser um processo estático onde o docente “rege” a situação. São essas as possibilidades que tornam a interação e a relação entre a disciplina História e a música, um fazer e refazer constante, turmas que serão mais animadas que outras. Contudo, se o professor observa que o objetivo está sendo concluído, mesmo com caminhos diferentes do inicialmente proposto, cabe entender qual seria o melhor momento para incentivar a construção de possibilidades para demais momentos com o uso dessa ferramenta.

A canção “Não foi Cabral”, do álbum “Bandida”, de Mc Carol de Niterói, foi lançada em 2016 e apresenta um grande teor crítico na forma de como a História na escola acaba sendo ensinada. Adotando uma perspectiva decolonial, conceito esse que “considera que é preciso recuperar e entender que o passado não é exatamente o narrado, que outros sujeitos e trajetórias existiram/existem e que foram/são negados pela historiografia tradicional” (Amorim, 2023, pág. 97). A cantora traz uma crítica à forma como a História do Brasil é apresentada nas escolas, que é contado do ponto de vista do colonizador.

Professora, me desculpe
 Mas eu vou falar
 Esse ano na escola
 As coisas vão mudar
 Nada contra ti
 Não me leve a mal
 Quem descobriu o Brasil
 Não foi Cabral
 Nada contra ti
 Não me leve a mal
 Quem descobriu o Brasil
 Não foi Cabral

Pedro Álvares Cabral chegou vinte e dois de abril
 Depois colonizou, chamando de Pau-Brasil
 Ninguém trouxe família, muito menos filho
 Porque já sabia que ia matar vários índios
 Treze caravelas trouxe muita morte
 Um milhão de índio morreu de tuberculose
 Falando de sofrimento dos tupis e guaranis
 Lembrei do guerreiro Quilombo Zumbi
 Zumbi dos Palmares
 Vítima de uma emboscada
 Se não fosse a Dandara
 Eu levava chicotada
 (Mc Carol..., 2016)

A canção, ao afirmar que “quem descobriu o Brasil não foi Cabral”, vai contra a História tradicional e eurocentrista que coloca os portugueses como ponto de partida da História do Brasil, invisibilizando os povos originários que aqui viviam antes de 22 de abril de 1500. Esse trecho é precedido por outro, que afirma que “Esse ano na escola as coisas vão mudar”, passando uma ideia de repetição, algo que é contínuo nas aulas de História, que em todos os níveis de ensino repetem a mesma perspectiva colonizadora.

A visão genocida do descobrimento é um ponto de destaque na letra da cantora, que afirma que é “um milhão de índio morreu de tuberculose”, fazendo referência à mortalidade dos indígenas através de doenças que foram trazidas pelos povos europeus. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) afirma que, na época, a população de nativos era na casa dos 2 milhões de pessoas³⁴, resultando hoje em cerca de 300 mil espalhados pelo Brasil, resistindo, desde a “invasão portuguesa”, por seus direitos à terra e às condições de sobrevivência.

Mc Carol ainda traz Zumbi dos Palmares e Dandara, personalidades que são referências do histórico Quilombo dos Palmares e símbolos da luta do povo negro no país, sendo a data de 20 de novembro, o dia da emboscada que culminou na morte de Zumbi, em 1695, considerado o dia da Consciência Negra no Brasil. o verso “se não fosse Dandara, eu levava chicotada” é uma clara relação aos castigos físicos nos quais os escravizados eram levados, em caso de desobediência, trabalho mal feito ou por prazer dos senhores e capitães do mato etc..

Aqui estamos falando de uma letra que tem como ritmo o funk carioca (o funk

³⁴ Disponível em:

<<https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/historia-indigena.html#:~:text=A%20hist%C3%B3ria%20do%20povoamento%20ind%C3%ADgena.Despovoamento%2C%20portanto>>.

Acesso em: 12 jan. 2024.

de São Paulo, conhecido também como ostentação, segue uma vertente e batida diferente do Rio de Janeiro), cantado por uma mulher negra e periférica, cheio de referências e conceitos históricos que podem ser trabalhados na sala de aula. Nesse caso, o docente pode fazer uma sondagem inicial antes da canção e a música ser reproduzida em um momento posterior, aprofundando o debate. Mas cabe ao professor colocar em prática a melhor metodologia para o melhor aproveitamento do conteúdo, considerando as particularidades de cada turma, série, cultura musical dos estudantes.

Usar o funk na sala de aula mostra que a cultura produzida na periferia pode ser “estudada”, pode ser “ouvida”, quebrando o estereótipo de que funk é só pornofonia, que é feita somente para o consumo, que não tem criticidade. Em relação a isso, Pacheco (2020) afirma que encontrar novas formas para o ensino de história possibilita ao estudante “perceber um momento histórico específico, posicionamentos sobre contextos culturais e sociais, elabore pontes, perceba-se ali, faça da sensibilidade uma ponte erguida em continuidades e discontinuidades” (Pacheco, 2020, p. 415).

Existem outras possibilidades para o uso da música no ensino de História que cria uma sala de aula atrativa, fazendo com que o estudante se sinta “desafiado a compreender aspectos importantes do conteúdo histórico, utilizando dos métodos de investigação do historiador” (Chaves, pág. 304). Abaixo, são apresentados alguns caminhos que o professor pode utilizar para dinamizar os assuntos, oportunizando o conteúdo com uma nova roupagem.

- Trilhas Sonoras Históricas: Selecionar músicas que foram populares durante períodos históricos específicos e usá-las como trilha sonora para as aulas. Isso pode criar uma atmosfera imersiva e ajudar os alunos a se conectarem emocionalmente com os eventos e as culturas da época. A canção “*La Marseillaise*”, de Claude Joseph Rouget de Lisle, em 1792, conhecida como “A Marselhesa” é hoje o hino nacional da França, porém foi composta no período da Revolução Francesa.
- Letras de Músicas como Fontes Primárias: Analisar letras de músicas como fontes primárias para entender as preocupações, aspirações e sentimentos das pessoas de determinada época. Isso pode ajudar os alunos a enxergarem os aspectos sociais e emocionais dos eventos históricos. Um exemplo de música como fonte primária é a “*Bella Ciao*”, canção da cultura

popular italiana e que acabou se tornando símbolo da resistência na Europa, durante o período do nazifascismo, sendo revisitada atualmente devido ao sucesso da série *“La Casa de Papel”*, do serviço de *streaming* Netflix.

- **Hinos Nacionais e Identidade Cultural:** Explorar a história por trás dos hinos nacionais e canções folclóricas de diferentes países, discutindo como essas músicas refletem a identidade cultural, os valores e os momentos históricos de uma nação. Aqui, cabe a discussão sobre o hino de Pernambuco e os símbolos que são trazidos na canção.
- **Música como Reflexo de Mudanças Sociais:** Analisar como os movimentos sociais e políticos influenciaram a música e vice-versa, examinando canções de protesto, músicas revolucionárias e outros gêneros musicais que refletem as mudanças sociais e culturais. A canção “Pare de tomar a Pílula”, de Odair José, versa sobre as representações dos femininos; “Tribunal de Rua”, do O Rappa, fala sobre a violência policial nas comunidades; “Todo Mundo Fuma”, de Mc Reino, aborda o antiproibicionismo; a música “Vou Embora”, da banda Amor Perfeito denuncia a violência doméstica e a dinâmica de relacionamento abusivos.
- **Biografias Musicais:** Estudar sobre a vida e o trabalho de compositores, músicos e artistas que tiveram um impacto significativo em seu tempo, oferecendo *insights* sobre as relações entre música, arte e sociedade. A biografia de Chico Science e a discussão do álbum “Da Lama ao Caos” é uma excelente oportunidade para a discussão dos problemas sociais que existem no Recife, mas que também são comuns em outras cidades do país, como a fome, desemprego e a, desigualdade social. O álbum “Sobrevivendo no Inferno” e a biografia do grupo Racionais Mc’s retrata a violência policial, o racismo, o cotidiano nas comunidades e a resiliência das populações periféricas.
- **Eventos Históricos em Canções:** Explorar músicas que narram eventos históricos específicos, como baladas populares, canções de guerra ou músicas que se originaram em momentos importantes da história.
- **Incorporação de Música nas Atividades Criativas:** Propor uma oficina em que os estudantes possam compor músicas, letras ou melodias que representem uma determinada era histórica, evento ou personalidade,

podendo servir de playback como pano de fundo, através de um aplicativo do celular.

- **Comparação de Estilos Musicais e Épocas:** Comparar estilos musicais de diferentes culturas e períodos históricos, para explorar como a música evoluiu e foi influenciada por fatores sociais, tecnológicos e políticos, levando em consideração a especificidade de cada região e tempo histórico. Cabe aqui uma relação de semelhança e diferença entre o brega pernambucano e o paraense. Outro ponto de comparação, percebendo suas nuances, são as fases do brega em Pernambuco, comparando as gerações com seus ritmos, predominância das letras, intérpretes etc.
- **Concertos e Apresentações:** Organizar concertos ou apresentações musicais temáticas que destaquem diferentes momentos históricos. Isso pode incluir música ao vivo, vídeos ou gravações, podendo promover a interdisciplinaridade com outras disciplinas escolares, desenvolvendo habilidades que vão além do ensino de História, fomentando, dessa maneira, a disseminação cultural e o maior envolvimento dos estudantes com os temas estabelecidos, como sugestão: o Movimento Hippie e o Festival de *Woodstock*.

A música no ensino de História possui uma dinâmica que pode ser potencializada de acordo com o que é encontrado em cada sala de aula, com uma gama de possibilidades que mesclam conteúdos, metodologias e objetivos. A música frente às novas tecnologias educacionais (fruto em especial do período da pandemia, tendo o ensino remoto e os milhões de aplicativos e sistemas que o professor pode usar). O principal caminho para o uso da música em sala de aula é que ela seja atrativa para o estudante e, nessa seara, é necessário que o professor esteja atento às produções cotidianas, ao que os estudantes escutam, o que é comum na escola e no seu entorno, dado que são variáveis basilares para aguçar a curiosidade e o ensino crítico. Vale destacar ainda que a música é a porta de entrada mais fácil que está ao alcance dos estudantes, portanto, desperdiçar essa oportunidade com a mera reprodução ou, muitas vezes, nem isso, mostra que precisamos repensar nossas práticas pedagógicas.

1.4. A PATRIMONIALIZAÇÃO DO BREGA

Discutir sobre o reconhecimento do Estado frente a um patrimônio cultural envolve uma série de questões que esse texto busca analisar detalhadamente como aconteceu esse processo com o brega pernambucano. As disputas que envolvem o seu reconhecimento e os impactos causados no cenário cultural, econômico e político, por exemplo, mostram os diversos significados que tiveram as leis e políticas culturais para essa expressão cultural.

Poulot (2009), afirma que o patrimônio não se trata somente do passado, ele é uma construção política, cultural e histórica em determinado tempo. Partindo desse pressuposto, ao pensarmos a história da sociedade brasileira, vemos a marginalização de grupos com suas práticas culturais diversas por não se encaixarem dentro de um padrão branco e eurocêntrico. No entanto, o patrimônio não é imutável, ele entra no campo das disputas, assim como a memória, numa arena que percebe o passado em permanente construção, ressignificando seus valores de acordo com a sociedade em seu tempo histórico.

Na concepção de Hartog (2006), “o patrimônio é uma maneira de viver as rupturas, de reconhecê-las e reduzi-las, referindo-se a elas, elegendo-as, produzindo semióforos” (Hartog, 2006, p. 272). Cada sociedade tem sua forma de enxergar o passado e de elaborar seus significados, forjar sua identidade, elementos que constituam as culturas que a compõem. Uma das reflexões possíveis é pensar a identidade cultural brasileira, onde inúmeros grupos, em especial os indígenas e negros, ficaram alijados do processo de reconhecimento das suas práticas culturais.

Em a Alegoria do Patrimônio, Françoise Choay (2001) discute o conceito de patrimônio ao longo da história, mostrando como era a sua relação com a antiguidade e na era contemporânea, relacionando os monumentos nacionais, castelos, habitações, manifestações culturais, entre outros aspectos, destacando a sua visão não apenas como herança material, mas como uma construção social e política, fundamental para a cidadania e memória.

O patrimônio, segundo Choay (2001), está fortemente ligado a um pertencimento e identidade das comunidades, sendo importante preservar não só os bens materiais – as práticas culturais, o modo de fazer uma comida, as festividades, por exemplo, favorecendo a preservação enraizadas nessas comunidades, com a participação de associações e a própria comunidade no processo de

patrimonialização.

Sobre a patrimonialização, a discussão que Choay aborda em sua obra tem uma relação direta com a Constituição Brasileira e a sua política de preservação dos bens culturais, bem sabendo do abismo que existe entre a prescrição e a prática no reconhecimento e no processo de patrimonialização de um bem cultural, de maneira que:

[...] a matriz do valor cultural passa do Estado para a sociedade, substituindo o Decreto-lei nº25/1937, segundo o qual o tombamento é que instituía o patrimônio nacional; agora, instituinte é a sociedade, ou melhor, seus 'grupos formadores', cuja identidade, ação e memória são alimentados e alimentam determinados bens materiais ou imateriais, indistintamente. Deve-se reconhecer a interação de bens e sujeitos como característica do patrimônio. O poder público pode ter função declaratória e protetora – e mesmo assim 'com a colaboração da comunidade' (Meneses, 2017, p.39).

É necessário destacar que existe uma prerrogativa legal na Constituição Federal, em seu artigo 216 que versa sobre o dever do Estado bem como aquilo que é considerado patrimônio cultural do Brasil. O conceito de identidade, memória, os modos de criar, fazer, formas de expressão, entre outros, são trazidos no artigo, na qual encontramos uma breve definição do que é constituído o patrimônio cultural brasileiro, sendo entendido como bens e sua natureza. O artigo assim explicita que:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico

§ 1º O Poder Público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação. (Brasil. 1988)

A relação entre Estado e patrimônio é importante para compreender como a sociedade interage com a sua cultura. Com o brega, a patrimonialização abriu portas para o gênero musical, reconhecendo essa prática cultural e trazendo representatividade de algo que era comum não só nas periferias da cidade do

Recife, Olinda e Região Metropolitana. O Brega por ser um ritmo musical nacional, mas associado às classes subalternas, de menor poder aquisitivo, foi ficando distante das festividades ao longo do tempo, retornando agora, por alguns fatores que serão trazidos aqui.

“Muito feliz de representar todo mundo”³⁵. Foi essa a frase dita por Priscila Senna, a Musa do brega, ao ser entrevistada após o show de abertura do carnaval do Recife em 2020. Esse momento é considerado um marco histórico para o gênero musical em questão, por ser o primeiro show em que o brega esteve no palco principal da festividade, ou seja, um evento de grande porte do estado de Pernambuco, possibilitando, com isso, uma grande “vitrine”.

Entender as razões que levaram a chamada “*música brega*” e posteriormente o *Movimento Brega* a serem reconhecidos pelo Estado de Pernambuco é um dos objetivos desta seção, discutindo as motivações e as possibilidades construídas com o seu advento, nos âmbitos estadual e municipal, respectivamente.

A música brega é caracterizada por Paulo César (2002), como “uma vertente da música popular brasileira consumida pelo público de baixa renda, pouca escolaridade”, possuindo como local de produção as periferias do Recife, não deixando de existir no centro da cidade em locais considerados boêmios, como o 100% Brasil, na Rua 7 de Setembro, o Cais de Santa Rita, o Largo de Santa Cruz, entre outros pontos históricos da cidade, em especial nas suas noites.

Na Enciclopédia da Música Brasileira (1998, pág 6), a música brega é tida como “música mais banal, óbvia, direta, sentimental e rotineira possível, que não foge ao uso sem criatividade de clichês musicais”. Esse tipo de classificação leva o reforço de um estereótipo de música voltada para o consumo, associada às classes subalternas, com *hits* temporários e com o adicional de possuir versões de músicas estrangeiras.

As versões de músicas estrangeiras é uma característica marcante da música brega que ainda permanece na atualidade, principalmente com as canções mais tocadas nas rádios, trazendo uma “tradução não literal” da letra e permanecendo o ritmo original. Uma das canções de maior sucesso de Reginaldo Rossi, “Ilha de Itamaracá”, é um exemplo disso.

³⁵

Disponível

em:

<<https://g1.globo.com/pe/peernambuco/carnaval/2020/noticia/2020/02/22/muito-feliz-de-estar-representando-todo-mundo-diz-priscila-senna-primeira-artista-de-brega-a-comandar-palco-do-marco-zero.ghtml>>. Acesso em: 07 ago. 2024.

No ano de 1979, a banda alemã *Goombay Dance Band* lançou a música “*Sun Of Jamaica*”, onde é narrada a história de um jovem que havia assistido a um filme e, por isso, tinha o desejo de conhecer a Jamaica, como podemos observar na canção em inglês (com a tradução logo em seguida)

Sun of Jamaica^[5]

*Long time ago, when I was a young boy
I saw that movie "Mutiny on the Bounty"
Starring my idol, Marlon Brando
And I felt
a yearning for that great adventure
So many nights I woke up out of a dream
A dream of blue seas, white sands,
Paradise birds, butterflies
and beautiful warm-hearted girls*

Sol da Jamaica

Há muito tempo atrás, quando eu era um menino novo
Eu vi esse filme "*mutiny on the Bounty*"
Estrelando o meu ídolo, Marlon Brando
E eu me senti
Um anseio por que grande aventura
Tantas noites eu acordei de um sonho
Um sonho de mar azul, areias brancas,
Pássaros, borboletas do paraíso
E belas garotas quentes de coração

A música “Ilha de Itamaracá”, de Reginaldo Rossi, não é uma “cópia” literal de “*Sun Of Jamaica*”. Apesar de possuir o mesmo ritmo, é notório perceber as mudanças, como local (saindo do Caribe para falar de uma ilha de Pernambuco), a referência à língua nativa (tupi-guarani), que dá nome ao lugar, entre outras características, que podemos observar a seguir:

Itamaracá, em Tupi Guarani quer dizer
Pedra que canta
E também é uma ilha do Atlântico
Que fica lá em Recife
A minha Terra
Itamaracá é uma ilha encantada
Lugar mais bonito que eu vi (o Lugar mais bonito que eu vi)
Itamaracá é um reino encantado
E todos são reis por aqui

Souza (2009) entende que a música brega é relativa, pois cada artista concebe uma definição diferente, cabendo a característica de cópia de outros ritmos, música romântica, desilusão amorosa, estilo de baixa criticidade, música voltada para o consumo etc. chegando a conceituar como inexistente, numa perspectiva

estética frente a outros gêneros musicais, devido a mistura de elementos que a envolve, ficando, desse modo, difícil uma definição precisa.

Ainda sobre a definição do brega, é em um documentário produzido por Gilberto Gil que ouvimos de Wanderley Andrade, ícone do tecnobrega paraense, que “somos indiscutivelmente uma cópia dos americanos e dos franceses”. No mesmo documentário, temos Chimbinha, principal nome do brega paraense, afirmando que “brega é a cabeça das pessoas³⁶”.

A partir desses exemplos, podemos perceber o quanto é complexa a definição de “música brega”, mas isso não impede uma reflexão para sua conceituação, para, em seguida, partirmos em busca da sua rota de patrimonialização.

Devido a sua plasticidade e indefinições históricas quanto ao seu surgimento, além do preconceito existente, a música brega pode ser entendida como um gênero musical popular que possui influência de outros ritmos, possuindo como pano de fundo as crônicas do cotidiano, o amor não correspondido, o entretenimento das classes populares etc. Bastante associado a uma música de baixo padrão, devido, sobretudo, por quem o produz e consome. Aprofundaremos esse tema quando tratar sobre a história do brega em Pernambuco.

Nesse momento, tratar sobre o patrimônio é essencial para a compreensão de como a ascensão do brega nas classes populares e nas redes sociais foram fundamentais para que ele fosse não só reconhecido pelo estado de Pernambuco, como também em outros lugares, pensando uma nacionalização do brega (Thiago, Bento, 2020).

A partir disso, é sob a perspectiva do patrimônio enquanto construção política e dotada de significado que trataremos sobre o carnaval de Pernambuco em 2016.

1.4.1. O papel do Estado na marginalização e aceitação do Movimento Brega

A convocatória para habilitação e a seleção de propostas de atividades artísticas e culturais para compor a programação do Ciclo Carnavalesco 2016 do Governo do Estado de Pernambuco, é executada pela Secretaria de Cultura (Secult-PE); Secretaria de Turismo, Esportes e Lazer (Seturel-PE), Fundação do

³⁶ Informação disponível em:

<<https://www.facebook.com/SentimentosPorJoelma/videos/na-onda-do-brega-mtv/621084757938333/>>. Acesso em 03/03/2024.

Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (Fundarpe) e Empresa de Turismo de Pernambuco (Empetur).

A finalidade é promover apresentações de artistas, grupos, orquestras e agremiações tradicionais do ciclo carnavalesco pernambucano nas 12 (doze) regiões de desenvolvimento do estado de Pernambuco. O parágrafo primeiro da seção 3.1.4. da Convocatória³⁷ traz em seu conteúdo a normativa que evidencia a exclusão do brega na participação do processo de uma das festas mais tradicionais do país, como podemos observar a seguir:

3.1.4. MÚSICA POPULAR BRASILEIRA (Palco): Artistas e grupos de MPB, Axé, Pop Rock Nacional, Pop e de Forró desde que ligados à tradição carnavalesca ou que tenha a tradição carnavalesca como fonte de pesquisa no trabalho a ser apresentado.

Parágrafo Primeiro. Para efeito desta Convocatória, **por não se identificarem com o ciclo carnavalesco**, não se incluem nas categorias descritas acima os seguintes gêneros musicais: Forró Eletrônico, Forró Estilizado, **Brega**, Swingueira, Arrocha, Funk, Sertanejo e Pagode Estilizado^[8].

A medida estatal acabou causando revolta nos artistas que fazem a música brega, uma vez que não poderiam participar do edital, causando um enorme prejuízo a inúmeras bandas, mc's e os segmentos que compõem a cadeia de produção do brega, passando do cantor ao figurinista, porque a empregabilidade do setor é bastante significativa e veremos posteriormente como a Lei do Movimento Brega reconhece isso e evidencia essa menção.

Ainda sobre a convocatória, é discutível o fato de que participaram desse e de outros carnavais atrações que não tinham qualquer ligação com o Carnaval, um exemplo disso é a banda Jota Quest, e aqui não cabe falar de gosto musical, mas sim problematizar por que não é possível bandas ou mc's de brega que são da localidade se apresentarem dessa festividade, mas pode trazer uma banda de Belo Horizonte, que não possui uma relação direta Carnaval ou outra festividade do estado? Essa é apenas uma das incoerências que permaneceram em outros carnavais, mas que, recentemente, após a efetivação da lei, as descentralizações dos polos de carnaval não só no centro da cidade, como também nos morros do Recife, contribuem para um maior equilíbrio de atrações nacionais e locais.

Outros ritmos musicais como a swingueira, arrocha, funk, pagode e estilizado.

³⁷Disponível

em:

<https://www.cultura.pe.gov.br/wp-content/uploads/2016/12/Convocatoria-Ciclo-Carnavalesco-2017.pdf>
>. Acesso em: 07 ago. 2024.

Forró eletrônico e estilizado são estilos que podem não ter uma relação direta com a festividade, porém possuem uma relação direta com a juventude que se organizava em grupos de dança, nas comunidades de Pernambuco.

A “Swinguerra”³⁸ é um documentário produzido por Barbara Wagner e Benjamin de Burca, que narra a história de três grupos de dança de brega funk, swingueira e batidão dos malocas, e foi exibido na 58ª Bienal de Veneza, para representar o Brasil no festival. A escolha do documentário para representar o país ajuda a forjar uma identidade nacional, que nos remete a uma discussão sobre o patrimônio e o tempo histórico no Brasil, já que o processo de construção de uma identidade nacional é marcada por uma concepção branca e eurocêntrica, em que as práticas culturais negras foram invisibilizadas. Desse modo, ao se discutir sobre os direitos culturais dessas pessoas, estamos falando não somente do patrimônio ou da cultura de um local, mas também falamos de identidade, cidadania e direitos culturais, este último que possui sua validação nos artigos 22 e 27 da Declaração Universal dos Direitos Humanos³⁹, onde afirma que “toda pessoa tem o direito de participar livremente da vida cultural da comunidade, de fruir as artes e de participar do processo científico e de seus benefícios” (ONU, 1948), documento no qual o Brasil é país signatário.

No artigo 215 da Constituição brasileira de 1988⁴⁰ vemos a incumbência de que “O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional” (Brasil, 1988). Porém, apesar dos inúmeros desafios que pensou o constituinte originário, o racismo e o preconceito ainda é bastante presente na sociedade brasileira.

No caso da música brega, o ritmo é consumido pelas classes populares que é composta, majoritariamente, por pessoas negras, principalmente nas periferias. Nesse cenário, os locais de produção do brega acabam sendo nas comunidades, onde os jovens buscam uma forma de mudar a sua trajetória de vida a partir do envolvimento e produção nesse estilo musical, conseguindo ascensão social,

³⁸ Disponível em:

<<https://oglobo.globo.com/cultura/artes-visuais/swingueira-pernambucana-vai-representar-brasil-na-58-bienal-de-veneza-23505717>>. Acesso em 07 ago. 2024.

³⁹ Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>>. Acesso em: 07 ago. 2024.

⁴⁰ Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 07 ago. 2024.

trabalhar com a música etc. que são as possibilidades que podem ser trilhadas. Desta forma, a medida do estado em barrar o gênero musical popular de importantes festividades culturais também reproduz o racismo institucional contra o povo negro. Coube ao então deputado Edilson Silva, filiado ao Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) a propositura do Projeto de Lei nº 16.044/2017, na Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco (ALEPE), após conversa com o segmento brega e por considerar o gênero como uma expressão genuinamente pernambucana. Nas palavras de Edilson, o projeto de lei surge em meio à “postura discriminatória do Governo”⁴¹.

Figura 1 - Ao centro o Deputado Estadual Edilson Silva (PSOL) e artistas da música brega.⁴²



Fonte: Diário de Pernambuco/Reprodução.

A aprovação do projeto de lei alterou a Lei nº 14.679/2014⁴³ que versa sobre as expressões culturais pernambucanas, ficando dessa forma:

⁴¹ Disponível em:

<<https://www.alepe.pe.gov.br/2017/08/18/brega-e-reconhecido-como-expressao-cultural-pernambucana/>>. Acesso em: 07 ago. 2024.

⁴² Disponível em:

<<https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2017/04/brega-sera-reconhecido-por-lei-como-expressao-cultural-de-pernambuco.html>>. Acesso em 07 ago. 2024.

⁴³ Disponível em:

<<https://legis.alepe.pe.gov.br/arquivoTexto.aspx?tiponorma=1&numero=16044&complemento=0&ano=2017&tipo=>>>. Acesso em: 07 ago. 2024.

Art. 1º O art. 3º da Lei nº 14.679, de 24 de maio de 2012, passa a vigorar com a seguinte redação:

Art. 3º Para efeito desta Lei são consideradas expressões artísticas pernambucanas: afoxé, baião, **brega**, bumba meu boi, caboclinho, capoeira, cavalo marinho, ciranda, coco, forró, frevo, mangue beat, maracatu, mazurca, pastoril, reisado, repente, toré, urso e outros ritmos devidamente reconhecidos pela Fundação de Cultura do Estado de Pernambuco - FUNDARPE.”(NR) (Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco, 2017).

A inclusão do brega como expressão cultural de Pernambuco acaba mostrando a importância que o estado possui para o financiamento e divulgação da cultura local nos eventos de grande porte e, conseqüentemente, o desenvolvimento da sua economia. Com a alteração da lei, o brega, que até então se limitava a clubes privados, casas de shows etc. pode agora representar o estado em um evento oficial, como foi o show de Priscila Senna na abertura do carnaval de 2020, além da presença de artistas do brega nos polos descentralizados durante as festas de carnaval, São João e natal, que são os principais eventos do Estado. Ainda sobre a lei, há um dispositivo que reserva 60% das vagas nas festividades estaduais ou municipais para artistas ou grupos que se encaixem na lei, além das alterações nos editais da Fundarpe e demais instituições para o fomento do ritmo.

Art. 1º Fica determinado que os convênios firmados entre o Poder Executivo do Estado e dos Municípios, ao remeterem recursos para a realização de atividades culturais, que têm por objetivo oferecer à população de Pernambuco apresentações artísticas nas áreas de música, teatro, dança, literatura e outras áreas afins, deverão prever a **reserva de 60% (sessenta por cento) das vagas para artistas e grupos que expressem a cultura pernambucana** (Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco, 2017).

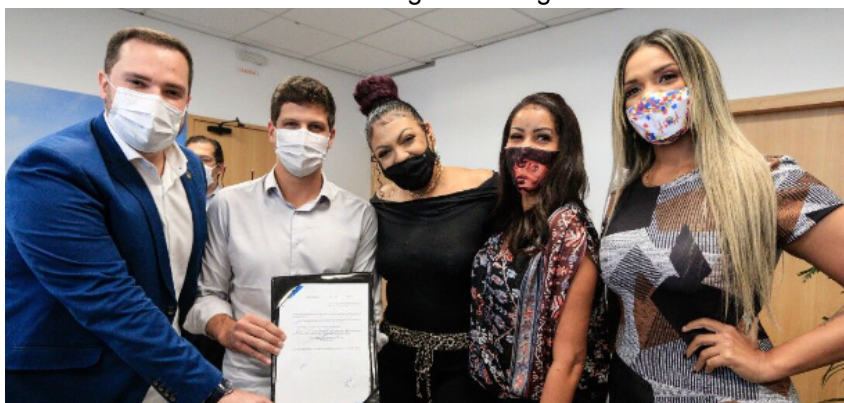
1.4.2. O impacto da covid-19 na cadeia produtiva do Brega

O ano de 2021 foi marcado principalmente pela pandemia da covid-19 e as suas consequências de ordem global, como os milhões de mortos e as medidas de restrições, como o *lockdown*, com o objetivo de conter a proliferação do vírus, visto que ainda não possuía vacina para controlar a situação.

No cenário do brega, a pandemia ocasionou o fechamento das casas de shows, prejudicando as pessoas que trabalhavam à noite, e em restaurantes. Como forma de dirimir os efeitos da crise na economia local, além de reconhecer a cadeia produtiva do brega, o então vereador Marco Aurélio Filho propôs o Projeto de Lei

01/2021 na Câmara Municipal⁴⁴, para tornar o movimento brega Patrimônio Cultural Imaterial do Recife. Destaca-se que, após duas votações, o vereador conseguiu a aprovação do referido projeto de lei.

Figura 2 - O vereador Marco Aurélio Filho ao lado do Prefeito da Cidade do Recife João Campos e a banda Amigas do Brega.



Fonte: Folha de Pernambuco⁴⁵.

O projeto de lei aprovado virou a lei ordinária 18.807/2021 que traz no seu artigo 1º que é declarado Patrimônio Cultural Imaterial do Recife o “Movimento Brega”. Diferentemente da lei anterior, que considerava apenas o brega como expressão cultural, quis o legislador adicionar a palavra “movimento”, causando no leitor uma interrogação, já que nas pesquisas recentes não há essa nomenclatura. Então, o que seria?

Uma resposta possível é encontrada no justificativa do Projeto de lei, no trecho em que é abordada a cadeia produtiva do movimento como podemos destacar que

Ao denominar Patrimônio Cultural Imaterial do Município do Recife e o Movimento Brega, estamos incentivando e valorizando Artistas, Bailarinos, Empresários e todos aqueles que direta ou indiretamente contribuem com o cenário econômico e cultural da Cidade do Recife. Compreender e dar o devido valor ao Movimento Brega é ir além desse ritmo musical, encarando-o como um movimento popular que traduz principalmente a expressividade da periferia de nossa cidade (Câmara Municipal do Recife, 2021).

Essa foi a primeira vez que um documento normativo fez referência aos

⁴⁴ Disponível em:

<<https://www.cbnrecife.com/aldovilela/artigo/camara-aprova-projeto-que-torna-movimento-brega-patrimonio-cultural-imaterial-do-recife>>. Acesso em: 07 ago. 2024.

⁴⁵ Disponível em:

<<https://www.folhape.com.br/cultura/brega-e-oficializado-como-patrimonio-imaterial-do-recife/189057/>>. Acesso em: 07 ago. 2024.

bastidores da música brega, periferia e preconceito. É uma justificativa de lei bem avançada comparada à do estado, porém existe a menção ao preconceito com o brega, aquilo que já havia sido exposto no início desta seção. Nesse caso, talvez, o conceito que melhor se encaixa é o de “racismo estrutural”, no qual podemos observar as violências simbólicas, verbais e policiais com quem fizer parte do movimento, por reforçar um estereótipo de música de pouca qualidade, associando às classes trabalhadoras e às periferias. Nesse sentido, temos Silvio Almeida (2020. p. 32) que compreende o racismo estrutural como “uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento.

Posteriormente, abordaremos de forma mais aprofundada o conceito de “Movimento Brega”, não somente no sentido de cadeia produtiva, voltada para a questão econômica, como propõe a justificativa do projeto de lei, mas englobando o entendimento das relações sociais, da comunicação, música, imagem, redes sociais e o papel das juventudes.

A patrimonialização do brega e do Movimento Brega acabam encontrando, ao longo da sua rota, em âmbito estadual e municipal, resistências que se valem do discurso sobre a sexualidade precoce, as músicas de baixo valor cultural e a pornofonia. Contudo, também há inúmeros avanços, como as parcerias com instituições públicas e privadas, que começaram a utilizar o brega para campanha publicitária, entretenimento e eventos que acontecem na cidade com artistas do gênero, não sendo mais necessário ter apenas o carnaval para que os artistas possam se apresentar.

Adiante, será analisada a história do brega nos âmbitos nacional e local, que possibilitará uma compreensão melhor da importância das juventudes e da cultura periférica no processo de patrimonialização do bem cultural, observando os distanciamentos e proximidades, rupturas e continuidades de determinada sociedade no tempo histórico.

2 ESTILOS DA MÚSICA BREGA E A VOZ DE ALGUNS DOS SEUS PRODUTORES

O objeto principal deste capítulo é a construção sobre a história do brega e a sua relação com as juventudes. Serão trazidos breves resumos sobre alguns estilos do brega. Contudo, principalmente, traremos a fala de alguns artistas que produzem tal música, mostrando a importância desse estilo para o movimento. Ademais, destacamos que as entrevistas têm nos dado nortes de como avançar no sentido de se trabalhar com o brega na sala de aula de História.

Figura 3 – Linha do Tempo do Brega no Viva Guararapes.



Fonte: Autoria própria, 2023.

In media res é um brocardo latino que numa tradução livre quer dizer “no meio das coisas”; sendo entendida como uma técnica literária que é vista quando uma determinada narrativa se inicia pelo momento crucial, isto é, o meio da ação, tendo como objetivo captar a atenção do leitor/espectador. Oportunamente, essa foi a

melhor forma para tratar sobre a história do brega em Pernambuco, destacando os eventos cruciais que vão desde à sua patrimonialização, ultrapassando as barreiras territoriais e sociais.

Nesse sentido, utilizo o termo *In media brega*, na tradução livre seria o “no meio do brega”, onde destaco de antemão que o surgimento do brega não possui uma origem precisa ou determinado fato, sendo comumente associado a outros estilos musicais ou outras narrativas históricas. Diante das dificuldades e desafios para encontrar sua origem, foi necessário a utilização de várias fontes e metodologias para que pudéssemos ter um retrato mais fidedigno desta expressão cultural.

Para a construção deste capítulo, foi necessário fazer pesquisa bibliográfica em diversas áreas, destacando em especial os departamentos de Antropologia, História, Museologia, Comunicação e Música, com trabalhos que abordam a história do brega e suas diversas nuances, que vão desde os aspectos musicais à cultura periférica.

Também foi necessário buscar informações com quem faz o brega, entrevistando artistas e cruzando informações que possibilitem um cenário de escuta e cruzamento de informações, ressaltando as peculiaridades de cada momento da expressão cultural aqui tratada.

É salutar que o advento das leis que patrimonializaram o brega, primeiro pelo estado de Pernambuco, que tornou o brega uma expressão cultural (Lei 14.679/2017) e posteriormente pela Prefeitura do Recife, que reconheceu o Movimento Brega como Patrimônio Cultural Imaterial, fomentou um debate e despertou maior interesse sobre o tema.

2.1. ATENÇÃO PELOTÃO DO BREGA, SENTIDO!

A palavra “brega” no Brasil é entendida, grosso modo, como uma música cafona⁴⁶, de desvalor, o inverso do que seria uma música de qualidade (Dourado, 2004, p. 215). Em outros dicionários, encontramos a definição de “característica da pessoa que não possui cortesia; cujos modos são indelicados, cafona⁴⁷”. Desse

⁴⁶ Os artistas cafonas da década de 40, 50 e 60 serão chamados posteriormente de artistas bregas.

⁴⁷ Disponível em <https://www.dicio.com.br/brega/>. Acesso em 02/08/2024.

modo, a utilização do termo “cafona” para definir o que é brega é comumente associado à música e as pessoas que compartilham desta expressão cultural.

A palavra cafona foi objeto de estudo na obra *Eu Não sou cachorro não*, de Paulo César de Araujo, onde observa que

possui uma origem italiana “cafoné” (sujeito humilde, vilão, tolo), sendo divulgada pelo jornalista e compositor Carlos Imperial, definida na Enciclopédia da Música Brasileira como “coisa barata, descuidada, mal feita” e a “música mais banal, óbvia, direta, sentimental e rotineira possível, que não foge ao uso sem criatividade de clichês musicais ou literários” (Araujo, 2002, p. 20).

O termo “cafona”, segundo Araujo (2002), acaba sendo associado aos artistas que começaram a surgir em meados da década de 60 (Frontanella, 2005), ocupando um espaço deixado pela Jovem Guarda, e que possuíam um estilo musical diferente, com forte apelo romântico.

A associação do termo à música é algo que vem acontecendo por volta da década de 1980, “consumida pelo público de baixa renda, pouca escolaridade e habitante dos cortiços urbanos, dos barracos de morro e das casas simples dos subúrbios de capitais e cidades do interior” (Araújo, 2003, p. 20).

A música brega possui um alcance nacional, mas em cada região ele possui especificidades que o tornam único naquele lugar. O brega paraense com a influencia das musicas caribenhas e da cultura indígena é diferente do brega pernambucano, sendo o brega funk o que poderíamos considerar como identidade, devido à especificidade que encontramos aqui na região.

É com a obra de Antônio Carlos Cabrera que encontramos as principais referências da música brega nacional, com suas músicas de sucesso e uma biografia. Nomes como Rita Lee, Pinduca, Roberto Villar, dentre outros, são citados no texto como artistas que são do gênero ou aqueles que interpretaram músicas ou fizeram parcerias com a música brega. (Cabrera, 2007).

Essa geração do brega é conhecida como brega antigo e mantém uma característica comum que é o romantismo, muito presente nos clubes pela cidade do Recife. Clube Ferroviário de Afogados, Clube Bonsucesso do Alto José do Pinho, Clube das Pás, são alguns dos clube tradicionais que ainda resistem e mantém a “velha guarda” do brega recifense, sendo possível encontrar nesses locais muitos jovens, num claro momento de coexistência de estilos bregas.

O evento Viva Guararapes, promovido pela Prefeitura do Recife no dia 26 de outubro de 2023, sob a tutela e pesquisa do professor Frederico Neto, foi apresentado um telão com uma linha do tempo que mostra um panorama do que seria a origem e as ramificações que o brega possuiu nacionalmente e no Estado de Pernambuco, destacando elementos que vão além da música brega.

1. O Brega enquanto gênero musical surge entre as décadas de 40 e 50, fazendo parte boemia, se concentrando principalmente na região do Norte e Nordeste
2. Na década de 60 temos a chegada de Reginaldo Rossi do grupo de Rock The Silver Jets e o brega acaba sendo uma alternativa à Jovem Guarda, sendo bastante ouvidos pelas classes populares. O brega é visto como uma música “inferior” “mau gosto”, entre outros adjetivos do gênero.
3. As décadas de 80 e 90, o “brega antigo” nas figuras de Reginaldo Rossi, Conde Só Brega, Augusto César, Gino Liver entre outros, faziam shows predominantemente em clubes tradicionais como Clube das Pás, Bonsucesso, Bela Vista.
4. Nos anos 2000, o tecnobrega paraense dá uma nova face ao brega, com a predominância das vozes femininas nas bandas, como exemplo as Bandas Lolyta, Metade, Ritmo Quente, Ovelha Negra e Vício Louco. As rádios comunitárias, as carrocinhas de CDs e os programas de auditório são fundamentais para a divulgação das músicas nas ruas do Recife.
5. No final do ano 2000, ocorre uma migração dos Mc’s de Baile Funk de Recife o que ocasiona o surgimento do Brega Funk. Temos aqui a inovação do DJ, as letras começam a ter influência do funk ostentação de São Paulo e Rio de Janeiro, porém sem perder a originalidade. Destaque para Mc Leozinho, Metal e Cego, Sheldon, Trio Ternura, Shevchenko e Elloco.
6. Entre 2010 e 2017 temos uma grande visibilidade ao brega devido às músicas com milhões de visualizações, as plataformas digitais com as produção de videocliques e dancinhas que faz sucesso com a juventude, em especial as redes sociais, menção honrosa para o Brega Bregoso. Mc Loma e as Gêmeas Lacração e Mc Bruninho são dois exemplos de artistas que conseguiram sucesso nacional e de certa forma contribuiu para que o brega conseguisse reconhecimento.
7. Em 2017, a lei 16.044/2017 o brega é reconhecido pelo Estado de Pernambuco como Expressão Cultural do Estado, autoria do deputado Edilson Silva.

8. Priscila Senna, a Musa participa da Abertura do Carnaval do Recife. Isso é um marco no música brega, pois apesar de ser uma cultura local, os espaços para o gênero ficavam reduzidos a polos descentralizados, afastados dos Centro da Cidade.
9. Em 2021, a lei 18.807/21 torna o “Movimento Brega” Patrimonio Cultural Imaterial da Cidade do Recife, autoria do Vereador Marco Aurélio Filho.
10. Em 2022, a Lei 18.996/22 que institui no Calendário Oficial de Eventos do Município do Recife, o "Novembro Brega", mês dedicado à valorização do Movimento Brega, autoria do Vereador Marco Aurélio Filho.
11. 2024 – O Galo da Madrugada irá homenagear Reginaldo Rossi, o Rei do Brega.

2.2. BREGA FUNK

O surgimento do brega *funk* aconteceu em um momento de proibição e reinvenção dos Mc's que participavam dos bailes de galera (Andrade, 2023) por volta da metade dos anos 2000. É nesse contexto que Mc Leozinho, em parceria com Dj Serginho, lançam as músicas “Dois Corações” e “DNA”, que são marcadas pela mixagem, batidas eletrônicas e a aceleração do ritmo, algo muito semelhante ao que faziam no funk.

E por qual motivo aconteceu essa transição do *funk* para o Brega *funk*? João Andrade (2023) afirma que foi uma maneira dos Mc's tentarem sobreviver às proibições que estavam acontecendo nos bailes funk, devido à violência dos grupos e ao racismo impregnado da sociedade. Então nesse cenário, os grupos que faziam os bailes acontecerem, acabam se redescobrimo no brega, com um jeito inovador, sem banda e com o dj.

Um dos marcos fundadores do brega *funk* é a canção “Dois Corações”, de Mc Leozinho, lançada por volta de 2005 e que acaba por simbolizar um novo momento no brega, marcado pela forte presença de djs, mc's e batidas eletrônicas. É esta música que é considerado o marco fundador do brega *funk*, visto era um momento de transição e a perseguição midiática fez com que muitos ainda carregassem o estigma de violentos por sua trajetória no funk.

A revista Vice fez uma reportagem sobre o surgimento do brega funk entrevistando alguns artistas e falando um pouco sobre a sua origem, onde considera que

É consenso entre os músicos do movimento bregafunk que Leozinho foi o primeiro MC a quebrar a barreira e penetrar o mercado brega, entre 2008 ou 2009 — nem o próprio cantor sabe dizer o ano ao certo. “Eu tinha que gravar um brega pra poder fazer os shows. Aí gravei ‘Dois Corações’, com o DJ Serginho. Até então era o brega mesmo, lento e romântico. A música estourou porque era a novidade de ter um MC cantando brega”, explica ele⁴⁸.

Esse trabalho da revista Vice se torna importante para quem vai se debruçar sobre o brega funk por ter entrevistado artistas que fazem parte do brega funk e participaram dos bailes de galera (como eram conhecidos os bailes funks do Recife nos fins dos anos 90 e início dos anos 2000), mostrando um retrato da época com suas especificidades. É uma importante fonte sobre o período diante da escassez de trabalhos acadêmicos, em especial, nos departamentos de História, mostrando ainda certos desafios a serem rompidos.

O brega funk é uma mistura do funk carioca com o brega pernambucano, sendo as músicas marcadas por diversos sentimentos, frequentemente marcadas por temas românticos, ostentação, sexo, festa. Ele nasce na periferia com a juventude e acaba se expandindo gradativamente pelo Estado até possuir notoriedade nacional, pelas plataformas de áudio e vídeo.

Abaixo alguns nomes que fizeram/fazem parte do bregafunk em Pernambuco com alguns sucessos que representam o estilo:

- Mc Leozinho – Dois Corações
- Mc Tocha e Dadá Boladão – Duelo de Gaia
- Mc Ninja – Sem Medo
- Rayssa Dias e os Tralhas – Os tralhas vão te pegar
- Mc Sheldon e Boco – Mete o fio dental
- Trio Ternura – Homem não chora
- Mc Shevchenko e Elloco – Tome Empurradão
- Mc Biel Excamoso – Aquele que faz gostoso
- Mc Gato – Dj do Baile 2
- Mc Vertinho – Desce com Carinho

⁴⁸ <https://www.vice.com/pt/article/historia-bregafunk-parte-1/> Acesso em 23/03/2023.

- Mc Troia – Taca Catuaba
- Mc Loma e as Gemeas Lacração - Envolvimento
- Mc Neiff – Engravidou

Mc Metal e Cego – Melô do amigo safado

2.3. BREGA E MOVIMENTO BREGA

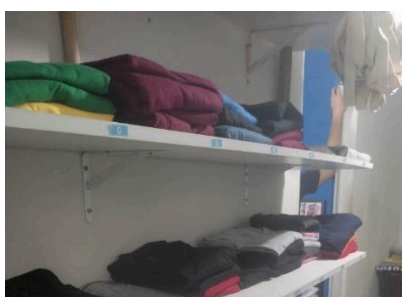
No Alto do Pascoal, comunidade na zona Norte do Recife, um jovem sonhador e apaixonado por brega tem um desejo de empreender na sua comunidade e difundir o brega como algo produtivo. Esse jovem se chama Tarcísio Gomes, e é o criador da Estilo Bregoso, uma pequena empresa de camisas, ecobags, imãs de geladeiras, entre outros produtos, que vem ganhando a cada dia mais visibilidade nas redes sociais.

Figura 4: Produtos da loja Estilo Bregoso.



Fonte: Autoria própria, 2023

Figura 5: Estoque de camisas da loja Estilo Bregoso.



Fonte: Autoria própria, 2023

Segundo o site da empresa, a Estilo Bregoso surgiu em 2015,

com a missão de levar ao mundo uma amostra das raízes pernambucanas, fincando a bandeira da luta contra a **descriminalização do movimento brega** e dando voz a cultura nordestina arretada. Gerenciada por Tarcísio Gomes, amante do brega e um eterno apaixonado pela sua terrinha, a Estilo Bregoso nasce com **objetivo principal de dar voz e levar o movimento brega, originário das comunidades, para todas as áreas do estado - e do mundo**. As estampas são feitas em serigrafia, um processo de impressão manual, e a criação acompanha as mudanças sociais. Músicas, gírias, memes, datas comemorativas e bordões das personalidades do brega estampam as principais camisas da Estilo Bregoso, que conta ainda com frases marcantes do movimento. Além disso, a marca visa **desenvolver um projeto social para capacitar os jovens da comunidade, oferecendo cursos e oportunidades de trabalho**. Buscamos entregar **representatividade em forma de produtos aos clientes**, com cada detalhe pensado e realizado para oferecer o máximo de qualidade com preço acessível. Somos do Nordeste, do morro, do brega⁴⁹.

A ideia de Tarcísio de criar a empresa na própria casa, com o objetivo de difundir o movimento brega e desenvolver o projeto social para os jovens na comunidade, coaduna com o projeto de lei do Movimento Brega (Lei nº 18807/21) que fala da rede econômica que envolve a produção artística brega. Mas, existe diferença entre o brega e o Movimento Brega?

Para a discussão sobre o que é o Movimento Brega, Chiara (2024) afirma que

[...] é bastante complexa e envolve diversas camadas, mas há um eixo produtor dessa categoria que envolve dois aspectos iniciais e que se ramificam para outras questões. A primeira se refere ao movimento do brega como um modo de produção econômica que gera renda para as pessoas que fazem parte dele. Essa produção econômica movimenta o mercado formal e informal do qual fazem parte cantoras/es, DJs, produtoras/es, dançarinas/os, costureiras/os, estilistas, vendedoras/es ambulantes, empresárias/os, entre outros; outra se refere ao aspecto cultural (Chiara, 2024).

⁴⁹ Disponível em: <<https://www.estilobregoso.com.br/sobre/>>. Acesso em 12/05/2024.

A seguir apresentaremos as entrevistas realizadas com artistas do Movimento brega e personagens que contribuíram para que essa expressão cultural fosse reconhecida nas esferas municipal e estadual. Farei uma pequena análise de cada entrevista e, como se trata de um texto sobre ensino de História, tentarei mostrar como cada entrevista sobre o brega dada por tais colaboradores pode contribuir para o ensino de História em sala de aula.

2.3.1. Entrevistas com artistas e personalidades da política e da cultura que são envolvidas com o Movimento brega

A necessidade de usar a história oral neste trabalho tem relação com a escassez de fontes que o brega possui na academia. Apesar de seu surgimento ser da década de 1950 e ter uma grande adesão popular, essa expressão cultural sempre foi vista e posta à margem da sociedade e da academia. Então, uma forma de entender um pouco mais sobre o tema, compreender a perspectiva de quem o faz/produz, torna-se parte fundamental desse trabalho.

Montenegro (2007, p. 29) entende a entrevista como “mais uma fonte com que o historiador tem a possibilidade de trabalhar”. O estudo, análise e produção do conhecimento histórico deve entender as especificidades de cada tema/fonte e a sua relação com o tempo histórico estudado. Compreender essa capacidade e analisar de forma interdisciplinar, com outras fontes históricas, possibilita um melhor entendimento do objeto estudado.

A importância da produção historiográfica através da oralidade, segundo Montenegro é

enquanto estudo, análise, produção do conhecimento acerca do passado, recupera marcas e significados por intermédio das mais diversas fontes; estejam estas depositadas em objetos, utensílios, obras de arte, monumentos, documentos escritos ou orais. Há, entretanto, um conjunto de especificidades relativas ao trabalho com cada uma dessas fontes, indissociáveis de uma série de problemas técnicos e mesmo teóricos que remetem o historiador a um constante diálogo interdisciplinar (Montenegro, 2007, p. 29).

A entrevista se torna um elemento fundamental da história oral, pois não é somente coleta das informações, é também a busca pela compreensão de entender como os sujeitos constroem e narram as suas experiências no tempo histórico vivido

ou repassado de geração a geração, como acontece em algumas sociedades tradicionais, contribuindo para a preservação e análise daquilo que foi produzido e por muitas vezes negligenciado como história.

Dessa forma, as entrevistas foram realizadas com pessoas que contribuíram tanto para o brega como para o Movimento brega, de forma a entender como se deu a participação de cada um(a), respondendo as mesmas perguntas gerais, respeitando a importância de cada um. Não há uma exigência de quantidade de relatos, mas sim de representatividade e profundidade dos relatos (Almeida, 2012). Alguns cuidados precisam ser tomados no antes, durante e após a realização da entrevista, o formato em que ela vai ocorrer, a ambientação, tudo isso acaba contando.

Sendo assim, antes da entrevista, é necessário que exista um roteiro geral (sendo um guia flexível) e um conhecimento prévio da trajetória de cada pessoa com quem será feito o procedimento, adaptando o roteiro para cada um, se necessário, e fazendo um agendamento para a sua realização e a destinação daquilo que será produzido.

Almeida (2012) e Cassab (2004) trazem informações sobre a metodologia da construção das entrevistas, em que o quadro comparativo abaixo traz informações sobre quais são as metodologias de entrevista na história oral, com seu foco principal, número de entrevistados e características principais. Essas informações indicam o caminho que o historiador pode seguir para a construção da sua narrativa.

Tipo de entrevista	Foco principal	Numero ideal de entrevistados	Características principais
Historia Oral de Vida	Trajectoria existencial do individuo	Vários encontros por pessoa	Narrativa livre, aprofundamento pessoal
História Oral Temática	Tema específico relacionado ao grupo/época	Maior numero de pessoas	Confronto de versões, foco tematico
História Oral Testemunhal	Memórias traumáticas ou situações limite	Variável	Escuta sensível, respeito aos limites

Nessa pesquisa, o tipo de entrevista selecionado foi o da História Oral Temática, no nosso recorte é a História do Brega e os impactos da patrimonialização pelo estado. Quanto a decisão do pesquisador escolher o número de pessoas e os “porquês” delas terem sido escolhidas, foi considerado o tempo curto para a produção da dissertação e a produção da intervenção pedagógica, tornando inviável um numero maior que 8, ficando dessa forma distribuída e justificada:

Entrevistado(a)	Justificativa
Esdras Azevedo	Artista com grande contribuição à música brega.
Marco Aurélio	Vereador da cidade do Recife, autor de diversos projetos, entre eles o que considerou o brega como Movimento Brega e o Novembro Brega.
Edilson Silva	Deputado do estado de Pernambuco quando propôs o projeto que considerava o brega expressão cultural pelo estado.
Michele Mello	Artista com grande contribuição no Movimento Brega.
Nega do Babado	Artista com grande contribuição ao Movimento Brega.
Junior Paz	Artista do brega com grande contribuição ao Movimento Brega.
Waguinho	Artista do brega com grande contribuição ao Movimento Brega.
Dany Myler	Artista do brega com grande contribuição ao tecnobrega e Movimento Brega.

As entrevistas foram realizadas de forma presencial (Dany Myler, Marco Aurélio) e por ligação. Todas elas foram gravadas e transcritas, ficando à disposição do leitor a seguir.

2.3.1.1 Entrevista com Esdras Azevedo

FREDERICO.: Boa tarde gente, hoje a gente vai entrevistar Esdras compositor, cantor do movimento brega, tudo bom Esdras?

ESDRAS AZEVEDO.: Tudo bem, meu querido, como você vai?

F.: Vou bem, melhor agora com esse bate papo

E.A.: Com certeza!

F.: Esdras qual o teu nome?

E.A.: O meu artístico Esdras Azevedo.

F.: Tu nasceste e moras onde Esdras?

E.A.: Eu moro em Dois Unidos

F.: É nascido aí também, criado aí?

E.A.: Sim

F.: Qual tua profissão, Esdras?

E.A.: A minha profissão... Eu sou cantor, compositor, profissão de exercer mesmo, que não exerço, mas eu terminei um técnico de enfermagem... fiz várias coisas.

F.: Entendi. A tua idade?

E.A.: A minha idade, eu estou com 43 agora, atualmente.

F.: Esdras, como é que tu se identificas, se ver como pardo, negro?

E.A.: Eu sou pardo, negro não, pardo, moreno, que chama pardo.

F.: Tudo bem. Esdras na tua opinião o que é o brega e o movimento brega, é tudo a mesma coisa, tem diferença, qual a tua percepção sobre isso?

E.A.: O movimento brega. O movimento brega, para mim, é um movimento que já está há tempo no mercado, eu acho que faz anos, mais de 40 anos que está no mercado ou muito mais, porque o movimento brega, a concepção do brega, mas sobre o brega mesmo, de antigamente era aquele brega mais raiz, no tempo de Paulo Marques, descendo mais aquela galera mais antiga, aí depois veio Paulo Marques, Labaredas, uma banda foi surgindo, aí veio Carícias, de uns anos para cá, esse movimento novo, eu acho que foi uma evolução maravilhosa.

F.: Certo, então para você, no caso, não tem uma diferença clara?

E.A.: Para mim, não, porque o mesmo ritmo é uma coisa que não veio, uma coisa que é de agora, ele veio se modernizando, mas veio no mesmo sentido ou na mesma pegada, é por aí, então só evoluiu, como outras, como é que se chama... outros ritmos, ele vem evoluindo melhor.

F.: E na tua percepção onde se inicia a história do brega, como o brega surge, de que forma?

E.A.: Para mim, eu vi o brega algumas coisas no americano, para mim é isso aí, muitas coisas do americano, a pegada, vamos supor, aquela música de um cantor, o Havaí, toca umas coisas, Calypso, de tudo de fora, sempre veio como o Brasil pega as coisas, as cidades, os estados que coloca uma coisa mais raiz, copia de fora e coloca outro ritmo aqui e nomeia o ritmo, eu acho assim que com muita coisa de fora que bate muito no brega aqui, como aquela música... tudo bate, vai batendo o mesmo ritmo, colocaram para cá, na minha concepção e montaram o ritmo brega, com certeza veio de fora.

F.: Tem algum local específico para dizer o brega veio daqui, da cidade...

E.A.: Olhe o Recife ele é antigo, o brega aqui em Recife ele é muito antigo apesar que todos os cantores eu acho que em nível nacional, Roberto Carlos, Reginaldo Rossi, aquela galera todinha isso tudo era brega, antigamente o Brasil era brega, na minha concepção o que o povo canta, as velharias que tem que está até agora voltando para o novo é tudo brega, o Brasil literalmente cantava brega, as músicas de antigamente, muito fugia com MPB, mas o meu ver é brega. Aquilo ali que a galera

cantava, a maioria, e hoje em dia, o Recife abraçou essa ideia com muitos cantores de brega aqui e até nacionais mesmo fortaleceu, ficou como patrimônio aqui em Pernambuco.

F.: Como o brega surgiu na tua vida, como é que foi essa tua trajetória?

E.A.: O brega surgiu na minha vida, deixa eu ver... 1999, eu fui convidado para cantar numa banda era Brega. Na verdade, a gente estava ensaiando essa banda, ensaiando nessa banda Brega. Com, a gente ensaiando normal e tal e veio uma proposta para a gente virar banda Carícias, porque as duas músicas “Eu vou calar a sua boca” e “Eu digo Não”, de Jorge Silva, do Recife, já estava estourada e veio uma proposta que ele estava procurando uma galera para montar a banda, e não tinha cantora. Arranjaram Karina no último momento, porque quem gravou essas duas “Vou calar a sua boca” e “Eu digo não” foi Claudia Moraes, que gravou essas duas músicas e veio essa proposta para a gente e como estávamos ensaiando no estúdio, vamos montar a banda Carícias. A gente formou a galera todinha que estava ensaiando, que era eu, Quirone, Júnior Paz, Richard... Chegou depois e Carina Lins para cantar essas duas músicas, a gente formou a banda e o primeiro show nosso foi lá no Santa Cruz, um monte de gente de banda de brega, foi aí que surgiu a minha entrada no brega, inesperada.

F.: E sobre a tua trajetória assim, tu iniciaste na banda Carícias e ficasse quanto tempo, fosse para outras bandas?

E.A.: Eu saí da Carícias, deixa eu ver... Eu e Carina na verdade, e montou banda Carina, acho que já no segundo CD, segundo CD da banda, a gente gravou o CD e já no terceiro a gente não existia mais na Carícias, a gente estava já fazendo a banda Carina, entendeu?! Veio o sucesso “Amigo é para essas coisas”, “Mulher eu sou”, “Homem da noite”, e outros sucessos que veio na banda Carina, De lá para cá, não enganchei com bandas não, não me envolvi com outras bandas, sempre fiz uma carreira solo, e depois aceitei uma proposta de fazer com os Reis do Brega, abracei a ideia e estou por aqui até hoje, já faz quatro anos.

F.: Nessa tua fala tu falastes em Claudia Moraes, Claudia Moraes é a vocalista da banda Mancha de Batom?

E.A.: Era. Agora ela está com carreira solo, era ela da Mancha de Batom, isso sim.

F.: Tu falaste sobre Show no Santa Cruz... É o que? O clube de futebol?

E.A.: Foi! O primeiro show da banda Carícias foi lá...

F.: Dentro do campo, foi?

E.A.: Não. Foi na área esportiva, como se fosse um clubezinho lá, foi lá nesse clube. Até também na época que estava estourada e veio fazer show nesse dia também, foi um show espetacular, foi muita gente, muitas bandas, foi muito bom mesmo.

F.: Nunca tinha ouvido falar de show assim em clube.

E.A.: No Santa Cruz, antigamente, sempre tinha, fazia show no Santa Cruz, acabou, mas antigamente tinha, depois tu se informas direitinho, tinha muito show ali no Santa Cruz, muito mesmo, era de funk, MC, eu não lembro de forró, mas brega e funk tinha, pagode eu não sei, eu não lembro de pagode, eu não interajo muito com pagode, mas aí eu não lembro, não, mas sempre virou, mexeu no Santa Cruz tinha show direto, toda vez tinha muito show no Santa Cruz.

F.: Vou pesquisar isso.

E.A.: Pesquisa que é bom.

F.: Vê, Esdras, durante essa tua trajetória, tu percebeste algum tipo de resistência, de preconceito com gênero? Se aconteceu, foi de que forma?

E.A.: Eu acho não, eu acho que tem até hoje, porque como se fosse... O gênero é marginalizado, como se fosse uma coisa de periferia, que a galera não quer aceitar, mas depois de todo mundo bêbado, de rico a pobre, curte o brega, todo mundo envolvido. Agora acabou mais com isso. O brega deu um murro no olho de todo mundo e lutou, foi para cima mesmo, e está aí com raça e forte. Joelma chegava, Calypso, tinha muita gente que tinha que dizer que a banda era de forró, porque se dissesse que era brega, todo mundo não queria, não aceitava o brega. Não quer dizer que é brega, porque é brega, maltrapilho, está mal vestido, brega quer dizer que é só um ritmo, só falar o ritmo só, não quer dizer que a pessoa está mal vestida ou todo colorido. Se tiver ou não, não interessa. É um ritmo. O que importa é a musicalidade e o conteúdo que o ritmo tem e realmente faz o povo dançar, é isso aí. Mas tem. Eu acho que sempre teve. As bandas de forró sempre teve preconceito com as bandas de brega, mas sempre chega assim e chegam e não querem dar ênfase ao brega, mas chega e quer pegar as nossas músicas e colocar em outros ritmos, porque sempre gostam das nossas músicas, não é?! Os compositores daqui, muitas músicas belíssimas falando de amor, as letras não

tenham apelação, principalmente as de antigamente. A turma se aproveita muito, mas no mercado agora acho que está legal, está ruim não, está expandindo o Brasil agora, povo está nem aí se é brega ou se não é, está curtindo. Na verdade, quem faz isso, os contratantes, uma coisa parecida que vai perguntar se é banda de brega e as vezes o povo nem pergunta, vamos tocar, faz o show, não interessa se é forró. Hoje os ritmos são todos iguais, ninguém sabe quem é quem mais, está tudo parecido, sertanejo toca pagode, sertanejo toca forró, sertanejo toca funk, hoje em dia acabou-se isso, porque antigamente se você escutasse um brega, você sabia que era um brega, até hoje mesmo o brega, a pegada, se você colocar um brega, passa por despercebido, se aquilo é brega, se é forró, se é pagode... É tudo igual agora, as pegadas estão muitos iguais assim. É o arrocha, o brega, é o ritmo, até pagode se mistura com sertanejo, é assim mesmo.

F.: Na tua opinião, isso é bom ou ruim?

E.A.: Eu acho ruim, porque está sem identificação, porque quando você for curtir uma coisa, você quer curtir aquela coisa ali, que você sabe o que é, mas hoje está tão parecido os ritmos.. Não é legal, vai curtir o que hoje?! Vai curtir um forró, vou curtir um brega, vai curtir o quê? Um pagode?! Está tudo igual, ninguém sabe quem é quem, eu vejo muita coisa parecida.

F.: Na tua opinião, quanto a patrimonialização do brega, nós temos a lei estadual que reconhece o brega como uma expressão cultural do estado, a gente tem uma lei, a lei municipal que considera o movimento brega patrimônio imaterial, dentro dessas duas leis, qual a sua opinião assim, quais mudanças aconteceram o que foi que permaneceu, o que pode melhorar?

E.A.: Sobre que o brega virou patrimônio pernambucano, aqui deram mais ênfase ao brega, a prefeitura abraçou mais, os polos de carnaval abraçou mais o brega, porque o povo está curtindo brega. Aqui não saía de Recife, era muito difícil a gente ir para o interior, a gente ia para um interiorzinho, a música iria ser divulgada. Como a internet ajudou muito, se expandiu, música agora não tem mais gravadora, não tem mais nada, a música tocou foi sucesso, não interessa. O que é a prova foi MC Loma, aquele movimento dela ali, aquela batida diferente, virou a música do carnaval. Então isso não quer dizer nada, agora é internet. O povo abraçou, é a voz de deus. E sobre o patrimônio, assim, eu acho que melhorou aqui no Recife, porque a gente não tinha acesso às prefeituras, aos polos. Agora a gente tem. As bandas de brega vai, tem autonomia, tem poder, a gente tem que estar, não era só como a galera do frevo, a galera do frevo ia fazia, tomava conta de tudo e os outros gêneros que é do Recife também, é daqui. O brega não tinha acesso, como assim? Agora a gente tem esse gênero e é obrigação entrar nos polos. Já foi uma melhora, pelo menos no estado, na capital, onde o brega, ele é patrimônio, então, se ele é respeitado, então, já está valendo e isso é muito importante já.

F.: Você participou de algum polo?

E.A.: Não, porque esse carnaval, a gente não tinha ainda Os reis do Brega, mas a gente já participou, não assim como se fosse já pelo carnaval, mas antes, sim, entendeu?! A gente teve uma festividade já que a gente fez ali, foi muito interessante a participação que a gente fez, a produtora da gente que é de Tubarão, a gente tem que estar com os Reis do Brega. Daqui para frente, só melhoria, só alegria.

F.: Qual a importância do brega para a sociedade e para a cultura pernambucana? Imagine que você vai tentar defender o brega de alguma forma, o brega é importante por tal coisa, pelo que seria?

E.A.: O brega é importante, porque, querendo ou não, ele gera renda. Todo ritmo que o povo abraça e que gosta, ele vai gerar renda. O pessoal vai para os shows, sempre vai ter um movimento que aquilo ali é o que o povo abraça, o que o povo gosta. Eu acho que vai gerar renda, sempre vai ser bom. É isso aí que eu acho, e fora que é importante mesmo que o povo abraça é a diversão do pobre.

F.: Tu consegues ver alguma relação entre educação e Movimento brega, quero levar o brega para escola como é que eu poderia fazer isso?

E.A.: Educação e o brega e outro ritmo também como se fosse um frevo, vai lá e vai ter uma dança o pessoal vai participar, valeu a nota, vamos fazer essa dança aqui só de atividade física, essa aula aqui vai levar nota, vai ser uma palestra aqui para vocês, se for uma apresentação de um colégio para ganhar nota, da cultura mesmo, para aprender como surgiu, como faz a dança para mim é super válido, eu sou de acordo também.

F.: Certo. Sobre as evoluções do brega, como tu podia definir isso?

E.A.: Evoluções?

F.: Isso

E.A.: Evoluções... Eu vou falar por mim, que eu vivi, falar por mim... Da década de 2000 para cá. A evolução... A gente cantava muito brega romântico naquela época, apesar que algumas das composições do Movimento brega daquele ano 2000 para cá, a gente... Muitos amigos meus que são compositores a galera fazia música romântica mesmo, coisa boa, letra falando de amor, não era aquele apelo. Hoje tem muita música boa e também não tem música apelativa, acho que isso modificou muito, até o ritmo nacional, as músicas lentas estão bem legais. Eu acho assim que, antigamente para cá, acho que está a mesma coisa, e as letras, o movimento estava muito forte aqui antigamente na década de 2000 até 2005, tinha muito compositor, valendo mesmo, agora que deu mais uma maneirada. A galera estava gravando muita música, a galera estava gravando muita música, só querer música inédita, quando estourava a música, por mais que seria versão ou não, mas eram composições que não precisavam regravações, eu acho que nesse sentido de antigamente para agora, mas não vou dizer que tem muita música hoje também que é inédita, lógico que tem, mas antigamente tinha mais.

F.: E sobre assim, sobre o futuro do movimento brega, como é que você enxerga? Passamos agora o galo da madrugada homenageando Reginaldo Rossi, a gente teve vários polos voltados para o brega, o que você, Esdras Azevedo, ver do futuro do brega, essa primeira pergunta e a segunda quais são os planos de Esdras Azevedo para o futuro?

E.A.: O que eu vejo daqui para frente com o brega que dá o mesmo sentido a mesma pergunta, eu queria que o brega fosse fazer Brasil todo, que acontecesse com o forró, com o sertanejo, com pagode, onde você chegar está ali tocando. Não interessa a banda, mas está ali a representação do Recife, Pernambuco no gênero brega. Eu queria isso para Brasil e que a galera se unisse mais, as bandas, os cantores, se tivesse uma concentração de apoio com outro, como outros estados fazem, com certeza o movimento melhoraria, é assim mesmo. A segunda resposta eu quero estar no brega até ficar velhinho e ir embora, eu quero me manter e ser reconhecido, e viver a vida e tome brega para cima.

F.: Eu tinha dito que era a última pergunta, mas nessa tua resposta tem também uma coisa que já apareceu em outros, eu vejo vocês pedindo mais união do brega assim, o que seria essa desunião?

E.A.: O que seria essa desunião?! É aquela coisa: respeitar o próximo que está ali tocando, abraçar a ideia do outro, tem um show para fazer, um evento grande, procurar as bandas, não importa qual produtora seja. Se as produtoras daqui, veja só, elas tem cacife para isso, elas são grandes, não adianta. Se juntar N produtoras aqui e fazer uma divulgação em cada estado, levar cada produto daquele das produtoras deles, o que vai acontecer em outros estados?! Dá uma carga, como os outros estados por aí fazem, eu creio que esse movimento iria andar mais ainda, principalmente uma carga lá em São Paulo é de São Paulo para o Brasil; do sul para cá. É sempre assim. Se unisse a galera aí e fizesse um movimento rochedo mesmo, para se ajudar, todo mundo iria ganhar com isso, todo mundo iria ganhar com isso. Brasil está estourado, um fica estourado fica prendendo o outro, as outras bandas, tem que chamar mesmo, quanto mais gente para o movimento é melhor, porque o Brasil é nosso. Isso serve para qualquer um, acontece com sertanejo, com forró, com brega, com o pagode, sempre acontece em todos os ritmos

F.: Esdras você autoriza o uso dessa entrevista para fins pedagógicos?

E.A.: Com certeza, autorizo sim.

A entrevista com Esdras Azevedo, cantor e compositor do Movimento brega, oferece uma rica base para uso pedagógico no ensino de História, especialmente no contexto cultural e social do Brasil. Analisando o conteúdo, podemos destacar aspectos que refletem não apenas a evolução da música brega, mas também temas relacionados à formação de identidades, à marginalização cultural e à patrimonialização de manifestações artísticas. Esdras menciona como o brega é um movimento antigo, profundamente enraizado na cultura pernambucana e, mais amplamente, no Nordeste brasileiro. A música brega pode ser explorada em sala de

aula como uma expressão cultural de resistência e identidade local, que, apesar de marginalizada, tornou-se um importante elemento do patrimônio cultural de Pernambuco.

A marginalização do brega, percebida por Esdras como um estilo musical "de periferia" e enfrentando preconceito, pode ser abordada em sala de aula dentro do contexto de discussões sobre a exclusão social e a valorização de expressões culturais consideradas "menores". Ele descreve como o brega foi, durante muito tempo, visto de forma pejorativa e associado à pobreza, antes de ganhar maior aceitação social.

Esdras também menciona a influência de ritmos estrangeiros, como o calypso e a música havaiana, na formação do brega, destacando a globalização e a hibridização cultural. Além disso, ele comenta como o brega evoluiu ao longo dos anos, absorvendo elementos de outros gêneros musicais, o que pode ser utilizado para explorar as dinâmicas culturais de transformação e adaptação.

A entrevista também aborda a patrimonialização do brega, incluindo leis estaduais e municipais que reconhecem o gênero como expressão cultural de Pernambuco. Esse tópico pode ser um ponto de partida para discutir a importância das políticas públicas na preservação da cultura e a valorização de expressões artísticas regionais.

Esdras destaca a importância do brega como parte do entretenimento popular e como gerador de renda, ressaltando a função social da música. Esse ponto pode ser utilizado para discutir o papel dos movimentos musicais na vida social e econômica, especialmente em regiões mais periféricas.

Assim, a entrevista de Esdras Azevedo fornece um material rico para explorar diferentes temas do ensino de História e Sociologia, como identidade cultural, marginalização, globalização, patrimonialização e a função social da música. Através da análise e discussão dessa entrevista, os alunos podem desenvolver uma compreensão mais profunda da interseção entre cultura popular e história, ampliando suas perspectivas sobre a importância da música na sociedade.

2.3.1.2 Entrevista com Marco Aurélio

FRED.: Bom dia, com quem eu falo?

MARCO AURELIO.: Marco Aurelio Filho, vereador da cidade do Recife.

F.: Certo. Marco Aurelio você tem quantos anos?

M.A.: 33 anos.

F.: E morador da onde?

M.A.: Moro no bairro do Pina.

F.: Nasceu lá também?

M.A.: Nasci no bairro do Pina na comunidade do Bode.

F.: Conheço, terra boa. Qual a tua formação Marco Aurelio?

M.A.: Eu terminei relações internacionais e hoje estou terminando curso de direito...

F.: Foi onde?

M.A.: Relações internacionais eu fiz na antiga FIR e agora direito estou na Faculdade de Ciências Humanas, estou no 4º período.

F.: Por que você entrou na vida pública, quais foram as suas motivações?

M.A.: Rapaz eu sempre, até pela minha formação no curso de relações internacionais, eu sempre gostei de política, eu acho que é algo que dentro da gente geralmente, obviamente que essa coisa da família dentro de casa ajuda, meu pai tem uma história política e tudo mais, mas eu desde novo para você ter uma ideia foi eu, meu irmão e uma irmã, mas na mesma casa, porque minha irmã é do segundo casamento do meu pai, na minha casa é eu e meu irmão, e Pedro não queria saber de política, foi sempre aquele jovem mais calado, na dele, eu sempre fui mais politizado, sempre gostei de estar envolvido e eu acho que a política está na essência da gente e é importante a gente despertar essa coisa da política nas nossas crianças, nos nossos jovens porque tem a ver com essa construção de sociedade e aí eu quis fazer relações internacionais para ser diplomata porque eu queria justamente falar de política dessas coisas de política internacional e a gente está vendo inclusive esses episódios recentes aí de Israel e aos poucos eu fui me envolvendo no movimento estudantil do próprio colégio, para você ter ideia eu tenho um projeto na câmara de vereadores do Recife chamado Parlamento Jovem na época foi de autoria do vereador Silvio Costa Filho que hoje foi vereador, deputado estadual, deputado federal, hoje é ministro de estado de portos e aeroportos e eu fui o parlamentar jovem mais jovem que eu tinha 12 anos na época, que nada mais é, a gente se inscrevia para a gente entender um pouco do legislativo municipal e na ocasião a gente fazia discurso, a gente entendia como se dava a dinâmica do legislativo e eu fui o mais jovem daquela época representando as unidades de ensino particular, porque tinham várias categorias, particular, ensino público, associações, eu fui nesse viés, eu me inscrevi pelo meu colégio, depois me formei no ensino médio, faculdade, movimento estudantil na época na Católica (Universidade Católica de Pernambuco) que eu comecei fazendo direito depois tranquei, aí fiz relações internacionais e agora voltei para Direito e assim eu acho... está muito... é da pessoa, na nossa essência e naturalmente quando meu pai entrou para vida pública, sempre foi sindicalista e quando meu pai se elegeu vereador pela primeira vez em 2012 eu comecei a acompanhar ele mais focado nos meus estudos da diplomacia, você sabe que para o cara se formar no Instituto Rio Branco é bem complexo, eu estava estudando a minha quarta língua só que eu comecei a me envolver na política, no dia a dia do meu pai, além das minhas questões e na política do dia a dia da comunidade, as demandas que apareciam, depois assumi a missão do partido na época, eu fiquei como presidente municipal do partido, fui me envolvendo, envolvendo e naturalmente quando meu pai foi candidato a deputado estadual o grupo entendeu que eu deveria ser candidato a vereador da cidade do Recife e hoje eu estou como vereador, finalzinho do meu primeiro mandato, estamos indo para a reeleição ano que vem, sempre perguntam assim: "Ah se elegeu por conta do pai!" Obviamente não tem como ser diferente disso, mas eu cheguei na câmara com a missão de honrar a história do meu pai, mas também de construir a minha história com a minha percepção de política, com a minha percepção com que eu defendo e hoje eu acredito que a gente está conseguindo aí fazer um bom trabalho, um trabalho tem sido graças a deus bem de destaque na câmara de fato e eu acredito muito nessa coisa da participação, tanto que antes de eu ser, de estar na vida pública, a gente tinha um movimento que tem até hoje A cidade que queremos que eu muito me orgulho que nada mais é a gente despertar nas pessoas, essa coisa da participação política, de compreender nosso papel na sociedade, compreender nosso papel na cidade, da participação de fato, a gente fala muito, a gente está chegando no processo eleitoral e muitas vezes quando eu vou conhecer alguém novato, alguma comunidade, algum lugar, algum grupo específico, a primeira pergunta que eu faço é: "Olha vocês lembrem em que vocês votaram na eleição passada?" E muita gente, a grande maioria: "Não!" Eu respondo de volta: "Como é que tu quer que a política melhore se tu sequer acompanha o teu voto"

Então a gente precisa dessa participação política para a gente ter a construção da cidade que a gente tanto quer.

F.: Pronto. Ótimo. Entrando na nossa temática. Como é que o brega entrou na sua vida?

M.A.: Então como eu disse a você, eu acho que eu sempre pensei fora da caixa, enquanto os meus amigos gostavam de Link Park, do rock e tudo mais eu sempre curti muito, tem muito da formação e é importante essa coisa da família de dentro da casa a gente valorizar os nossos artistas, valorizar o que a gente tem de melhor, eu sou muito bairrista, todo aqui tatuado, eu sou muito de defender o que a gente tem de melhor e eu sei que eu cresci escutando Reginaldo Rossi, meu pai contando as histórias de Reginaldo, meu pai chegou a conviver com ele, na minha formação na juventude a gente tinha uma grande relação com Pedro Paulo que é hoje da TV Nova, mas que tinha aquele programa Pedro Paulo na Tribuna e Paulo Marques também, muito mais Pedro Paulo do que Paulo Marques, que era o mais novo, Pedro Paulo participou ativamente quando ele fazia aquelas caravanas da TV Tribuna nas comunidades e aí que era justamente para a gente divulgar os artistas locais, artistas já famosos, mas artistas locais também e naturalmente o brega era muito presente nisso pouco tímido eu diria porque era algo escutado ou curtido muito localmente, não tem a dimensão que tem hoje, aí eu fui curtindo o brega, fui gostando de brega, acompanhando Michele, acompanhando o Conde, Augusto Cesar foi muito presente na nossa vida como amigo e como cantor também, o jingle da campanha da gente foi Augusto Cesar que fez, a gente perdeu ele para Covid, na loucura dessa Covid, então o brega ele sempre foi muito presente e aí agora falando de construção de política pública acho que é o mote aqui da nossa discussão, na minha eleição, na minha candidatura, eu vi muito político... vou lhe confessar algo íntimo meu, mas eu via muito político utilizando a música brega nos jingles de campanha, porque o brega estava em alta, estava na moda, a coisa do passinho e tal, mas eu tive assim “poxa, eu duvido que alguém, um cabra desse aí ou mulher conheça de fato o que significa a essência do movimento, é muito fácil a gente usar os nossos artistas e aí eu acho que Pernambuco foi muito ingrato com os artistas locais sabe, Reginaldo só estourou porque chegou a ir para Faustão e foi aí quando ele ressurgiu das cinzas mas ele estava mal das pernas, Lenine precisou ir para São Paulo e Rio de Janeiro para fazer sucesso, Elba Ramalho apesar de ser paraibana, bebia muito da fonte daqui de Pernambuco, teve que ir para São Paulo para fazer sucesso, Alceu Valença teve que ir para São Paulo e Rio de Janeiro para fazer sucesso, então sempre esse eixo Rio-São Paulo ficou valorizando o que é nosso para depois a gente começar a valorizar os nossos artistas, aí eu sempre digo: “Poxa! Beleza! Está usando música, está usando passinho e tal, mas será que não tem nenhum pouco da essência do que significa o movimento?” Então isso já ficou na minha cabeça, eu se deus quiser vou me eleger, vou fazer um trabalho em cima do movimento brega e também para desmistificar algumas questões, isso foi um ponto; o outro ponto que me provocou bastante naquele boom do passinho, houve uma parte da sociedade mais conservadora, a gente sabe que o país ainda está muito dividido nisso, mais conservadora que queria que houvesse a criminalização do passinho, exatamente essa palavra, isso foi o que mais me chamou a atenção ainda, eu disse: “bicho a gente está querendo criminalizar algo que está culturalmente ligado a nossa população e que na verdade a gente precisa compreender esse movimento” Guardei isso na minha caixinha. Nos elegemos, primeiro projeto de lei da câmara, da nossa legislatura foi o do movimento brega, a patrimonialização, foi o projeto 01 de 2021 e agora sancionado, está até tatuado aqui, que eu tenho história com isso, virou o 18807 de 2021 e aí eu dizia: “Olha vamos tratar do brega!” Quando eu dei entrada, foi todo um furdunço outros que já estavam lá “Ah porque eu também defendo o brega... Ah porque não sei o que... não sei o que” “Vocês tudo defendem o brega, mas não vi ninguém fazer a defesa do brega!” Não é simplesmente a gente utilizar nossos artistas, nossos ritmos ou nosso gênero, massa. Quando foi no processo da discussão do projeto de lei, naturalmente a gente tem os debates, a bancada mais conservadora dissera que não iria votar no nosso projeto, eu disse: “tudo bem! Eu quero que vocês me expliquem porque não vão votar a favor do nosso projeto?” “Não, porque a igreja não está a favor...” “Tá! Não estamos falando em questão de igreja, estamos falando de algo que é da nossa cidade e que a gente precisa construir política pública” “Ah mas é uma festa!” “Não! Não é sobre festa, não é sobre gênero, não é sobre ritmo, é sobre um movimento, nós estamos falando de uma cadeia, como tem na justificativa do projeto, a cadeia produtiva, artística, econômica, que é uma característica da nossa cidade, e o poder público chegando junto, a gente consegue avançar e dialogar com esses atores” Naturalmente Fred, a gente temos que fazer uma visão mais ampla de tudo isso, o porque do movimento e não do gênero, até o prefeito me perguntou isso: “Marquinho é tu estás

patrimonializando o brega funk? Eu disse: “Não Prefeito é muito mais amplo, é o movimento em si, por que isso? Porque a gente não está falando apenas de um ritmo ou falando apenas de uma vertente do brega, nós estamos falando de várias vertentes, mas eu chamei atenção para a questão do movimento do brega por que? A gente não só tem um artista que está no palco, a gente cria, dá uma visão ampla nisso e amadurecida de todos os personagens que estão envolvidos em relação ao movimento, desde o artista que está no palco, ao produtor, ao DJ, ao cabelereiro, ao rapaz que trabalha na festa catando latinha, enfim de fato é uma cadeia que movimenta, e a gente conseguiu avançar, deu uma grande repercussão, mídia, Globo e tudo mais e sou muito grato por isso até hoje, mas eu diria que dessa repercussão positiva até hoje toda também porque o próprio movimento compreendeu toda mensagem que nós enquanto parlamentar queríamos apresentar, a gente não estava querendo falar português claro aqui no oportunismo da benesse que o brega poderia trazer, porque hoje a gente sabe quando se fala em brega estoura de fato, então a gente fez essa construção, patrimonializamos, qual o próximo passo, eu poderia ficar na minha, patrimonializei, fiz o oba oba e a gente continuou toda essa discussão da patrimonialização do brega de fato, teve por exemplo discussão nos conceitos de cultura, eu faço parte do conselho cultural da cidade do Recife e vez por outra eu levanto essa questão do movimento brega e aí quem faz cultura popular, temos que começar a compreender essas vertentes hoje, quem faz cultura popular, muitas vezes não entende por incrível que pareça que o brega não é cultura, não entende, não tem essa percepção, e a gente tem que fazer esse trabalho primeiro descriminalização do brega que infelizmente ainda é muito criminalizado, a pessoa sofre muito preconceito, eu sempre digo que o movimento brega ele está passando por uma transformação como o hip-hop aconteceu em Nova York e o hoje é a marca registrada do Estados Unidos, o funk no Rio de Janeiro ainda sofre muito preconceito, mas está em outro patamar e o brega eu acredito que ele está passando por essa transformação do hip-hop que o funk passou e qual a característica de todos esses, que é uma cultura que todos dizem, que é uma cultura periférica, é uma expressão que vem da periferia, aí é quando incomoda talvez muita gente, quando a gente diz: “Ah o brega desceu do morro e foi para o asfalto” “Ah a cultura periférica agora está começando a ter voz, está começando a pular, está começando a ser respeitada” Porque dar-se muito desse processo do amadurecimento e quando a gente chega do ponto de vista do poder público, da construção do poder público, recentemente você deve ter visto, um grande marco para o movimento foi ocupar o palco do Marco Zero no carnaval da cidade do Recife que só estavam lá eram grandes artistas ligados a cultura popular, artistas nacionais e a gente fez uma discussão muito profunda junto com o prefeito inclusive, eu preciso dizer que o prefeito João Campos ele literalmente abraçou o movimento brega também, ele teve essa percepção sabe, de dar oportunidade, de construção da política pública, porque isso são várias, para ficar registrado, isso são vários atores, então eu enquanto legislativo, estou ali pesquisando, estou apresentando proposição de leis, digo de fato o que fazer acontecer, a sociedade também tem um papel fundamental nisso para compreender esse processo e quando a gente se junta da certo e aí mais uma vez no carnaval a gente barrou a questão do preconceito, algumas pessoas diriam: “Ah mas vai ter muita briga” “Ah mas vai ter muita...” Enfim o público, vai ser um público mais briguento e tal” Para você ter uma ideia teve uma reunião da cúpula mesmo que fazia o carnaval do Recife e o prefeito disse: “Oh gente, eu quero o brega no carnaval, eu quero que vocês organizem isso!” A gente se juntou com produtores, a gente se juntou com o pessoal que faz o brega acontecer, nos juntamos com os técnicos da fundação de cultura, da secretaria de cultura, e deixamos muito claro: “Não vai ter uma briga! Não vai ter uma confusão! Isso a gente garante!” Porque é um momento muito significativo a gente ocupar aquele palco, o movimento ocupar o palco sabe, MCs principalmente, porque a gente fala do brega a gente tem várias vertentes, mas o MC sofre muito preconceito também pela irreverência das músicas, é algo que falo muito com eles, eu já disse: “Muito desses preconceitos se dá também com as músicas que muitas vezes ultrapassa o limite do bom senso” “É sério, é verdade” Não é uma questão de querer tolher, deus o livre, a gente passar os tempos sombrios da ditadura, mas a gente tem que começar a moldar isso para que a gente possa ter o entendimento do outro lado que aponta o dedo para a gente, dizendo que é um movimento, esdruxulo, que é um movimento raso, movimento que não representa cultura, e aí esses MCs começaram com essa compreensão tanto que a gente fez um show no Marco Zero sem fazer uma incitação a violência, uma incitação a sexo, a nada, e foi uma emoção e não teve nenhuma briga, teve zero briga, eu acho que foi o dia mais bonito do Marco Zero e era uma grande preocupação da polícia, porque eles faziam “Poxa! É o dia do galo da madrugada” Pessoal já vai vim do galo tudo animado, com os nervos a flor da pele, vai para o Marco Zero curtir o

brega como é que vai ser isso e não tivemos uma ocorrência, foi tranquilo e a gente conseguiu mostrar que o brega chegou onde ele deveria estar, vamos descansar? Não! A gente tem que continuar a fazer esse processo, além da lei da patrimonialização, tem uma lei também aprovada que lei do novembro brega a lei número 18996 de 2022, ano passado, que o que é o novembro brega, e aí eu vou falar o que eu penso em relação a cultura e artistas e o que a gente vai fazer. Lá no Conselho de Política Cultural da cidade, eu sempre digo o seguinte: “Artista é artista o ano inteiro, não é artista só para ciclos festivos” A gente fala muito disso: “Ah quem toca no carnaval só toca no carnaval, quem toca no são João só toca no são João, não, artista é artista, você pode tocar no carnaval, pode no tocar no são João, pode tocar no ciclo natalino” Então eu falo muito dessa questão, a gente ter uma cidade que puje cultura o ano inteiro e não só em ciclos festivos. Recife ganhou o título da Unesco de cidade da música, a gente concorreu com várias outras cidades no mundo e ganhamos esse título de cidade da música pela Unesco, cidade criativa da música para ser mais específico e eu cheguei para o Secretário: “A gente cidade criativa da música, temos que ser o ano todo. Então todo mês o senhor tem a obrigação de bolar uma história” quando a gente ganhou esse título, eu sugeri a criação do festival Recife cidade da Música que é em setembro. Por que o Novembro Brega? A gente fez uma leitura da seguinte forma, no início do ano a gente já tem o ciclo carnavalesco, que movimenta muito o cenário, logo em seguida vem o ciclo junino, julho já é um mês de férias, também já é muito movimentado, em setembro já tem essa coisa que a gente fez Recife cidade da Música e você tinha um vácuo até o final do ano e o início do carnaval, a gente escolheu esse mês de novembro para que a gente possa fazer um mês não só de festividades, um mês de conscientização ao movimento, a gente debater a cultura brega, a gente dialogar com a academia que isso que você está fazendo comigo aqui, a gente trazer a academia junto para cá, para que a gente possa ter um olhar mais amplo do que significa o movimento e construir a política pública necessária, obviamente que se você perguntar parcela da população eles querem saber “sim quando é a festa e quando é o show?” lógico que isso é importante, mas a gente tem que ter um mês dedicado a conscientização desse movimento e eu tenho muito cuidado de quando a gente vai discutir na câmara não aprovar por aprovar, fazer de fato que aconteceu, foi quando eu procurei parceiros, procurei amigos “Novembro é o mês do brega o que a gente pode fazer nesse mês?” Ano passado a gente conseguiu o replay que você participou e eu acredito que a gente nunca imaginou que podíamos estar dentro do replay um espaço daquele discutindo o movimento brega, conseguimos com Viva Guararapes que é um evento da prefeitura que acontece todo mês fazer com que fosse voltado para o brega, a gente conseguiu fazer algumas rodas de diálogo também e aí com Thiago acho que você conhece que é da federal também, Thiago Soares, enfim a gente conseguiu mexer o mês, e agora nesse mês de novembro próximo a gente vai ter algo muito maior, porque a gente vai ter uma festividade muito grande, a gente vai ter um movimento que a gente vai estar fazendo circulando por todos os compaz da cidade porque é onde está essa galera que faz o movimento, a gente está entrando numa discussão de profissionalização dessas pessoas fazem o movimento porque querendo ou não e é muita característica do brega, brega ele é muito irreverente porque ele conta muito do dia a dia da gente tal e chega a ser na brincadeira, Reginaldo fazia muito isso, mas a gente precisa profissionalizar isso, essas pessoas, eu não aceito um cara do Rio de Janeiro vim para cá beber da nossa fonte e estourar o nosso ritmo lá no Rio de Janeiro na voz dele e a gente tendo artista aqui, tendo bons DJs, tendo bons produtores, então eu acho que a gente tem que profissionalizar um pouco isso, e essa profissionalização ela passa pela construção de uma política pública de que o poder público tem que entender que o brega é sim cultura, então o processo que a gente está quebrando barreiras literalmente, desmistificando algumas questões para que as pessoas compreendam o que significa o movimento, a cultura por si só se você entrar no dicionário vai ter lá: que é todo movimento que vem do povo e o povo entende como sendo algo cultural deles. O brega é isso, mas eu digo que o brega vai muito mais além do que simplesmente uma expressão cultural, é esse amadurecimento do que significa o movimento que a gente tem procurando fazer desde a aprovação da patrimonialização, compreender quem faz o movimento, entender de que forma o poder público pode chegar junto e compreender acima de tudo que não é só o artista que está no palco, mas o que existe por trás dele. A cultura eu sempre digo isso: “A cultura e os esportes são dois eixos que a gente utiliza na formação do cidadão, porque a gente consegue chegar mais junto, principalmente daquelas pessoas da zona da periferia e o brega é feito literalmente pela cultura periférica, não tem como ser diferente, então eu sempre dizia: “Oh a gente consegue chegar com uma cultura e a gente consegue chegar com o brega muitas vezes onde o poder público não enxerga,

porque aquela pessoa... porque ela está ali no brega, porque ela está fazendo parte daquela música que você está criticando, tem alguma coisa ali por trás, muitas vezes uma mensagem, eu conheço a gente tem casos, inclusive notórios de MCs que deixaram de entrar na criminalidade, sair da droga que hoje encontraram o movimento e está tendo a oportunidade que a sociedade não deu, porque existe muito disso, então é a gente fazer essa quebra de barreira literalmente, esse exame de consciência de responsabilidade conjunta e que a gente precisa dá sim vez para a cultura periférica e o brega faz parte disso.

F.: Excelente...

M.A.: Falei demais...

F.: Quanto mais fala, melhor. É duas questões, existe além dos projetos que você citou, alguma normativa, algo que associa o brega a criminalidade? Porque uma coisa que me chamou atenção na sua fala é que isso querendo ou não é uma cultura nossa, achar que quando tem brega, quando o morro desce, a gente acha que vai ter confusão, vai ter briga, então teve alguma normativa quanto a isso porque as vezes é sutil no sentido de não pode ter brega, vou dar um exemplo a Fundarpe no ano de 2017 se não me engano tem uma normativa dizendo que não pode gêneros como o brega, então assim a Fundarpe que cuida da cultura do estado e tal, claro que isso foi antes da lei do estado, mas a nível municipal existiu normativas desse tipo?

M.A.: Não, talvez eu acho que também, muito se dá pelo fato da gente ter feito esse debate bem amplo sabe, mas não tem nenhuma normativa no sentido que não pode ter o brega, pelo contrário, a gente ver que a nível municipal pelo menos a uma abertura muito grande para a valorização desse movimento, o que talvez acontece como eu falei no início da minha fala é que algumas pessoas que fazem cultura não tem uma percepção de que brega também é cultura, então eu acho que muito do que a gente está discutindo aqui e do que a gente vem apresentando na câmara, vem fortalecendo o debate, é mostrando que o brega também é cultura, cultura não pode ser só frevo, não pode ser só maracatu, não pode ser samba, não! A gente tem que compreender que o brega também é cultura e a partir do momento que a gente consegue a patrimonialização a gente consegue ampliar essa discussão, a gente começa a incutir naqueles fazedores de cultura talvez não tenha essa compreensão da importância do brega, por exemplo, não tenho nenhuma dúvida que algumas pessoas não aceitaram que o movimento brega estivesse naquele palco do Marco Zero, acho que você sabe, tem uma compreensão do que eu estou falando, mas isso é uma questão cultural, é como eu te disse, do mesmo jeito que aconteceu esse movimento do hip hop lá em Nova York também em São Paulo, com funk no Rio de Janeiro, por exemplo quem diria que estaria, estaria concorrendo, ganhou inclusive um prêmio internacional que é o Grammy, então isso mostra que é um processo de construção é isso que a gente quer fazer com o brega sabe, a gente tem aqui a cereja do bolo, eu poderia dizer assim, quando eu falo que tem outros artistas que vem para cá beber da nossa fonte e estouram lá fora, se você olhar direitinho, esses grandes artistas hoje que são os que mais vendem, são os que mais tem acesso as grandes mídias, os grandes investimentos, os grandes patrocinadores, eles utilizam hoje, um pouco do que é o nosso ritmo do brega funk, um pouco do que é o brega romântico, pouco da nossa melodia, pouco da nossa irreverência para compor música e estourar lá fora, então por que nós não fazemos esse processo aqui de dentro, eu sempre nas minhas conversas digo o seguinte, existe uma Joelma do Calypso antes e depois de morar em Pernambuco, eles vieram para cá para estourar para o mundo, tanto que ela voltou para Pernambuco, então por que a gente não pode fazer isso com nossos artistas e parte muito disso do governo do estado, da prefeitura do Recife, de quem pode executar cultura, quem já faz cultura popular tem dificuldades nesses processos, imagina quem faz cultura periférica como o brega, como batalha do passinho por exemplo, como todas as outras expressões que vem, a gente tem um movimento hip-hop muito forte nos nossos morros, um movimento funk muito forte nos nossos morros e é por isso que nesse rec'n play agora que a gente foi convidado para discutir, fazer uma reunião pública sobre a cultura periférica, o brega está inserido mas também outras questões e passa por um processo de amadurecimento e a gente compreender como vem essa questão do movimento, eu estava estudando um pouco sobre isso e para você ter ideia, antigamente existia uma lei do Rio de Janeiro que bania a capoeira, que bania o samba, por que isso? Porque quem eram os escravos, os escravos eram proibidos, então isso é algo que está... é de fato racismo estrutural que a gente costuma dizer, mas é o que a gente precisa começar a quebrar sabe, começar a quebrar mesmo e mostrar que o caminho é esse que a gente está oferecendo, é tudo muito recente, é tudo muito novo e por que a preocupação da lei, talvez as pessoas até não entendam "Ah não tem o que fazer!" Eu

tenho plena consciência do mandato bem amplo nas diversas áreas. Mas por que fazer uma lei para o brega, não era simplesmente fazer um show, tem gente que pensa dessa forma, ninguém sabe o dia de amanhã e se a gente não consegue fazer essa construção, como a gente está fazendo, legitimando o movimento, legitimando o que é a cultura periférica, a gente não sabe daqui a 10, 20 anos o que pode acontecer e a gente não pode nunca retroceder, a gente tem que avançar e é isso que eu quero para o movimento.

F.: Ótimo. Falando sobre essa criação da lei, quais foram assim os principais atores que ajudou você nessa construção, nesse diálogo?

M.A.: Bom da patrimonialização, tem algumas pessoas que foram bem importantes para mim. Palas Pinho da ovelha negra que hoje é da liga do brega, me ajudou muito nessa formação; Thiago, apesar de não ter muito acesso a ele, mas o livro de Thiago Soares foi muito importante para a gente mostrar a academia, a Universidade Federal está discutindo brega, foi muito importante para mim nessa construção, a própria Alana Marques, eu falo muito de Alana porque ela vem de uma galera da zona sul que tinha tudo para não desenvolver o brega e hoje você tem o brega night que é uma grande marca, mas literalmente fez com que a playbozada, vamos dizer assim a galera da zona sul conseguisse compreender o brega, curtir o brega e passar a respeitar porque quando a gente começa a inserir o ritmo, o gênero brega, nessas festas, eu acho que o Marcelo Canuto presidente da Fundação ele diz: “Eu estava numa festa de 15 anos e quando eu vi estava tocando um passinho lá” então a gente conseguiu ter essa quebra de barreira sabe do movimento, ainda muito que avançar? Sim, mas nessa formação da patrimonialização muito importante, a própria Michele Melo foi muito importante, mas eu diria sem dúvidas que duas pessoas foram muito importantes para que eu pudesse despertar, que foi beber na fonte de Reginaldo Rossi, beber da fonte de Augusto Cesar, muito da formação de dentro de casa como eu falei e aí vem muito importante esse processo familiar de valorizar o que é nosso talvez se eu não tivesse tido dentro da minha família um pai, uma mãe, um avô, uma avó que incentivasse a gente a ouvir o que é nosso, eu não estaria hoje onde a gente chegou aqui debatendo o movimento brega passasse despercebido, então eu acho que é muito beber dessa fonte da formação de fato sabe, entender os nossos movimentos, entender quem foi Chico Science, movimento MangueBeat hoje se fala muito de Chico, mas será que compreende o que foi o movimento, Chico até hoje se não fosse ele a gente não teria quebrado tanta barreira como a gente quebrou, ele conseguiu dá essa dimensão do que significa cultura que hoje cultura periférica, então o Movimento MangueBeat foi importante para pensar até o brega funk tem muito do manguebeat ele bebe muito dessa fonte, então é importante que a gente possa valorizar essas pessoas que não estão mais aqui entre a gente, mas se a gente não manter esse debate arrefecido a gente corre o risco de perder, eu digo muito isso lá no Conselho de Política Cultural se a gente não valorizar o que é nosso, se a gente não der oportunidade aos nossos artistas da terra, se a gente não fizer a formação de novas plateias, eu digo muito isso, aprendi com Nana Queiroga essa palavra “Se a gente não conseguir fazer a formação de novas plateias a gente corre o risco do frevo perder” essa é nossa preocupação com o nosso frevo, com nosso samba do morro que a gente é muito forte, com o nosso maracatu, com o nosso brega, a gente não deixar com que isso morra, que seja passageiro, que seja um oba oba, não é essa questão, é construir política pública de fato.

F.: Após a promulgação dessa lei, como você ver assim a transformação do brega antes e depois, existe alguma cota da prefeitura para artistas do brega como é que funciona?

M.A.: Bom, a gente está começando a avançar, nós temos dois projetos nesse sentido inclusive, apesar da gente já ver o olhar da gestão, de ter o gênero musical de artista de brega nos círculos culturais da nossa cidade, nós apresentamos dois projetos para deixar isso legitimado e não correr o risco disso ficar no tempo, aí quero trazer um exemplo de alguém que foi muito importante nessa minha formação que é Nega do babado, Nega ela é representatividade por si só, uma mulher negra, uma mulher que faz cultura brega e que resistiu literalmente ao tempo, você ver quanto tempo fez sucesso Milk Shake dela e ela hoje está aí, está indo para São Paulo inclusive daqui a 15 dias se apresentar lá, é isso que eu quero para ela e para essas novas formações, esses novos artistas que estão vindo aí, mas hoje não tem nenhuma lei específica que diga assim: “Olhe tem que ter tanto para o gênero musical brega” Tem esses dois projetos nossos que é em relação a carnaval e são João que a gente está discutindo, tem um outro projeto nosso maior, outro projeto nosso... outro projeto nosso maior que significa o projeto não lembro só o nome agora, Diogo pode me ajudar, mas é o lei Artistas da Terra, que o que é esse projeto de lei, é justamente a gente priorizar que pelo menos 80% da grade dos nossos ciclos festivos sejam com artistas locais, e quando a gente fala artistas locais, são

artistas renomados como Nena Queiroga, como André Rios, como a Michele Melo, como Nega do babado, mas também artistas que a gente precisa dá oportunidade. Eu tenho feito alguns movimentos de comunidade em si de dar oportunidade para essa galera nova, essameninada como a gente costuma dizer, o que teve de MC no meu pé, “eu quero cantar no palco, deixa eu apresentar minha música” A gente ver a necessidade dessa galera de ter um palco, de ter uma oportunidade sabe, eu não sou o poder executivo que detém essa missão de fato de fazer essa coisa acontecer, mas dentro da minha limitação eu tenho procurado, dentro da comunidade fazer alguns movimentos para dar oportunidade a essameninada, de apresentar, de abrir portas, por exemplo tivemos o Viva Guararapes, eu levei um artista lá Karla Karolla que a mulher para você ter ideia é uma artista do brega, mas é uma artista da ópera, ela faz parte do movimento operístico da cidade e aí você ver... ela até brincou: “Está vendo que artista do brega também sabe ler partitura, entende das nuances da musicalidade como um todo e não arrumadinho como pensa que é o brega. Diga mestre Fred...”

F.: Acho que a última pergunta seria assim o que você pretende numa próxima reeleição tem algo ainda do brega que você precisa avançar, como você ver o brega e a educação, você pensa em algum projeto quanto a isso?

M.A.: Então, eu tenho procurado, eu tenho um desafio para os MCs especificamente. Ainda existe essa coisa do preconceito sabe, a gente só vai conseguir barrar isso quando a gente mostrar que é possível a gente fazer um brega bom sem ser com aquelas letras não tão ortodoxas como as pessoas costumam dizer, então eu acho que nesse processo meu que é lento mas eu estou conseguindo é a gente produzir material especificamente do passinho com letras que não façam incitação a sexo, a violência ou qualquer outra coisa nesse sentido, para mim é o ponto de toda essa discussão, enquanto as pessoas, sociedade como um todo, compreender que brega também é cultura eu estou satisfeito, até lá o que a gente pode fazer é arrefecer o debate é a gente está insistindo nesse diálogo apresentando não somente a questão da festividade em si que no final é o que as pessoas querem se divertir, mas a gente amadurecer do ponto de vista como esse aqui agora, que a gente está compreendendo um movimento, a partir de momentos que a gente ocupa espaços como o Marco Zero por exemplo, a partir do momento que a gente tem uma Globo dando a mídia enorme em cima do brega, a partir do momento que a gente começa a compreender os problemas das nossas raízes, a gente ver os especiais em relação a Reginaldo Rossi, a gente está vendo o galo da madrugada homenageando Reginaldo Rossi foi uma conquista, o Galo da Madrugada é o maior bloco do mundo, é o nosso cartão postal, é o principal vetor de comunicação vamos dizer assim, quando a gente fala de carnaval da cidade do Recife é o palco do Marco Zero e o galo da madrugada, quando a gente ver o galo reconhecendo a importância do brega, homenageando no seu desfile, não é uma coisa temática, mas é o desfile vai ser homenagem a Reginaldo Rossi a gente ver que estamos no caminho certo, se a gente não tivesse feito essas discussões, se a gente não tivesse inspirado outras pessoas a mexer com o movimento brega a gente não teria avançado, então eu acredito que a gente estar no caminho certo. Meu projeto de reeleição, primeiro passo é me reeleger, eleição para vereador não é uma eleição fácil, é uma eleição bem disputada, mas o que eu quero é que o movimento brega ele continue sendo protagonista, o que eu quero “Esse ano no carnaval foi um episódio, foi um pocket show do brega, eu quero que a gente tenha um dia do brega no Marco Zero e a gente tem condições para isso” Não justifica a gente ter o dia do frevo, o dia do samba, por que não o dia do brega e com os artistas daqui, da terra, nossos artistas, a gente sabe que muito se gasta para trazer um artista desse de fora e eu tenho uma discussão mais ampla em relação a isso que é do tipo quem tem que ser o anfitrião são os nossos artistas, nada contra os artistas de fora, eles tem que vim, quando a gente faz essa mistura dá certo, a gente vende Carnaval, mas quando a gente fala de samba por exemplo que seja Gerlane Lopes convidando Alcione, seja Gerlane Lopes convidando Diogo Nogueira, quando a gente fala do frevo, do dia do frevo por exemplo que seja uma Nena Queiroga, um Almir Rouche convidando outras pessoas, que faça o axé por exemplo, já imaginou a gente ter um dia apoteótico na cidade do frevo convidando o axé de Ivete Sangalo vai ser massa mas que os protagonistas sejam os nossos artistas eu acho que é essa a nossa missão, quando a gente conseguir amadurecer isso na cabeça das pessoas e de cada recifense a gente tem uma cultura rica, uma cultura aí que as pessoas quando chegam aqui ficam de fato embriagadas, mas embriagadas no bom sentido de tanta coisa boa, se a gente consegue valorizar o que é nosso, a gente consegue avançar, eu sempre digo que a Bahia é o que é porque eles entenderam a importância do axé e quando você desce no aeroporto de Salvador está tocando axé, quando você vai, tem um museu lá da música, queria muito que tivesse um aqui, a coisa mais linda do mundo, conta a história do axé,

quando você vai no restaurante que está tocando axé, e tem algumas questões por exemplo vou até lhe confessar aqui que a gente está brigando muito no Recife Antigo, a gente está na área central aqui da cidade, não justifica a gente ir comer aqui na esquina e estar tocando todas as músicas internacionais e não estar tocando o que é nosso, então se a gente não consegue fazer esse trabalho educativo, que de fato é isso, a gente não avança, eu estou numa tratativa com a ABRASEL que a gente faça conscientização nos restaurantes, a gente não pode obrigar, mas está aqui um CD, um pen drive com as músicas dos nossos artistas, coloca isso para tocar, porque se a gente não valoriza, não sai do canto, então não justifica a gente descer no Marco Zero, no Recife Antigo que é nosso principal cartão postal, você parar para comer e você não escutar um frevo, não escutar um brega, não escutar um artista da terra, não escutar um Chico, não justifica você ir para um Paço do Frevo que é extraordinariamente um local bacana e você não consegue ver um cara com uma orquestra pequena tocando, eu acredito que essa construção tem que fazer do ponto de vista do legislativo, junto com o executivo, mas acima de tudo da responsabilidade conjunta da sociedade, se as pessoas não conseguirem compreender que isso parte de dentro de casa, eu dou um exemplo, você me perguntou no início por que você chegou no brega, porque eu tive em algum momento na minha vida, um pai, uma mãe, um avô que me apresentou Reginaldo Rossi, que mostrou a gostar do que é nosso, então eu acho que a gente está precisando disso, a gente estar precisando conscientizar a população a gostar do que é nosso, a ouvir o que é nosso, porque a partir do momento que a gente faz isso, a gente consegue produzir mais, a gente consegue ter novas canções, novos artistas e aí eu volto com o frevo, porque a gente tem tanto orgulho de dizer: “Poxa! O frevo é nosso patrimônio da humanidade da UNESCO” Mas de fato o que a gente tem feito pelo frevo? Eu falei isso na câmara para finalizar a minha fala, entrei no brega, voltei no frevo, porque para mim é tudo uma coisa só, mas para finalizar a minha fala aqui, eu fiz um discurso na câmara apresentei um dado que o pessoal ficou de boca aberta, todo mundo comemora o dia do frevo, não porque o frevo... o frevo... o frevo... eu fiz uma mea-culpa: “Olha só a gente de fato tem o que comemorar em relação ao frevo?” No carnaval estão aqui as 30 músicas mais tocadas no carnaval tem tudo menos frevo, o único frevo que tem é o frevo de vassourinhas em terceiro lugar, o resto a gente perde para sertanejo, para tudo que é de fora, aí vem essa coisa da educação cultural, será que não é a gente que não estar fazendo o dever de casa? Então eu acho que é esse poder que a gente tem que despertar de pertencimento das pessoas, que nós somos a cidade que tanto queremos, que nós temos essencialmente grandes coisas aqui, se a gente não compreende que a gente tem de melhor não vai avançar nunca, eu acho que esse é o caminho.

F.: Vereador muito obrigado, essa sua entrevista ela vai ser usada para fins... inicialmente para minha dissertação, mas eu vou deixar ela upada caso algum pesquisador queira, o senhor autoriza?

M.A.: Autorizadíssimo, me avise quando for a defesa que se eu puder estarei lá!

Essa entrevista com Marco Aurélio, em que ele discute sua trajetória com o Movimento brega e o papel da música na cultura periférica, pode ser uma ferramenta valiosa no ensino de História, especialmente no contexto de estudos sobre cultura popular e políticas públicas. Aqui estão algumas formas de utilizá-la:

A entrevista oferece uma visão detalhada de como o brega, uma expressão musical tipicamente associada à periferia e à classe trabalhadora, reflete aspectos importantes da identidade cultural local. Pode-se usar essa perspectiva para explorar como movimentos culturais emergem e se desenvolvem dentro de comunidades específicas. O processo descrito na entrevista sobre a patrimonialização do brega e a luta para que ele fosse reconhecido como parte da cultura oficial pode ser utilizado para discutir como políticas públicas influenciam e são influenciadas pela cultura.

A comparação do brega com outros movimentos culturais que passaram por um processo de transformação (como o *hip-hop* e o *funk*) pode servir para discutir como a percepção de certos gêneros ou movimentos muda ao longo do tempo e quais fatores contribuem para essas mudanças. A entrevista pode ser usada em combinação com disciplinas como Sociologia, Ciência Política e Economia, para uma compreensão mais abrangente das dinâmicas culturais e sociais.

Através desses métodos, a entrevista pode ajudar os alunos a entender melhor como a cultura popular se desenvolve, como as políticas públicas podem influenciar e ser influenciadas por essa cultura, e como o preconceito e a estigmatização afetam diferentes formas de expressão cultural.

2.3.1.3 Entrevista com Dany Miller

FRED.: Boa noite com quem eu falo?

DANY MILLER.: Dany Miller, cantora, pernambucana, mãe, inicialmente com uma história linda no brega, então vamos falar sobre isso hoje.

F.: Pronto, ok. Dany qual é o seu nome original?

D.M.: Daiane Daniele. Do Daniele que surgiu o Dany Miller, porque na época que eu iniciei na música, aqui na região metropolitana do Recife já existia uma cantora com o nome Daiane, então a gente pensou uma outra possibilidade para que não conflitasse com alguém que já estava no mercado foi quando a gente decidiu usar o Dany, então a gente pensou em um nome mais comercial e usamos o Dany Miller.

F.: Certo, você tem quantos anos?

D.M.: Hoje eu tenho 34 anos.

F.: Você mora onde?

D.M.: Eu moro em Águas Compridas, Olinda.

F.: Sua formação?

D.M.: Não sou formada, tranquei a faculdade de publicidade e propaganda no terceiro período para seguir a minha carreira na música.

F.: Certo, deixa eu ver aqui, está gravando. Então Dany como é que você entrou no brega?

D.M.: É, inicialmente eu me descobri artista muito jovem, sempre gostei muito de música, tenho uma veia familiar, na minha família por parte de pai, minha avó era musicista ela tocava clarinete, sax soprano e ela introduziu os filhos na música, então meu pai é da área percursiva, da área artística, artista plástico, meus tios também e eles fundaram bateria muita famosa que é a bateria do eu acho é pouco de Olinda, bloco eu acho é pouco e eles são os fundadores até hoje eles tocam, desde o início da formação, então eu sempre tive esse envolvimento com a música, foi quando eu de fato decidir que eu amava aquilo e é ser cantora, ser artista, e o que estava ao meu alcance na época como uma pessoa que morava em comunidade e na época eu estava com uns três anos de idade para catorze, a gente morava em Maranguape 1, Paulista, mas eu sempre tive assim uma boa educação, minha família sempre teve, dentro das nossas possibilidades, uma família que tinha recurso, então fiz alguns testes para algumas bandas de brega, porque eu negra, fora dos padrões considerados normais, hoje a gente já debate muito sobre isso para sair de dentro desse casulo, já na época era algo que imperava muito, então o brega era o que estava ao meu

alcance, não era outros estilos e de cara eu sempre me apaixonei pelo brega, pelo Calypso pelo estilo Calypso na época predominava aqui com a Companhia do Calypso com a Joelma da Calypso, banda da loirinha Cacicol, então os meus pais, eu passei por algumas bandas para fazer teste como eu era menor de idade eu não entrei em nenhuma delas consequentemente porque minha mãe precisava me acompanhar e as bandas não queriam ter esse custo de ter a cantora mais uma acompanhante, então meus pais decidiram montar uma banda para mim, minha mãe Professora, meu pai artista plástico, embora meu pai fosse músico, mas ele não era envolvido da parte de criação, de empresarial artista, mas eles decidiram em parceria com o empresário na época que iria entrar com o conhecimento e eles iriam entrar com o lado do investimento, lado artístico, foi quando eles montaram para mim a banda Lolita, eu tinha 14 anos de idade e estava uma revolução no tecnobrega aqui em Recife e não tínhamos representantes de Recife eram poucos, a gente tinha o Suingue do Pará que veio do Pará com a Sheila que era cantora da banda da loirinha na época, foi um sucesso a Suingue do Pará mas não era uma banda natural daqui e tínhamos a Ritmo Quente que era um misto dos dois, eles traziam o tecnobrega e nós trazíamos o lado romântico também. Já a Lolita a gente montou com toda energia do tecnobrega mesmo para que a gente se tornasse esse representante e assim aconteceu, foi um sucesso na época, uma febre, e assim foi que o brega entrou de forma profissional na minha vida, não foi só de forma a lazer como diz a história cantar por robô, não, foi algo que realmente se tornou o meu trabalho mesmo ainda muito nova, meus pais sempre me acompanhando e minha mãe sempre me acompanhou, a gente tinha ordem judicial para que eu pudesse estar no palco, porque na época não poderia, até hoje não pode, você de menor estar no palco, estar a trabalho, então na época a gente era bem organizado quanto a isso e foi quando o brega aconteceu na minha vida, foi um acontecimento realmente.

F.: Que massa. Você trouxe uma informação interessante, você de fato assim se entende como pioneira do tecnobrega aqui em Pernambuco?

D.M.: Entendo, como uma das pioneiras, porque eram muitas bandas que tinham na época, se eu disser que fui a pioneira eu estaria sendo injusta com os outros trabalhos, mas sim fomos umas das principais bandas de tecnobrega aqui da época, que deu visibilidade a outras tantas também.

F.: Certo. Como é que tu enxerga essa relação, quando nós vamos falar da história do brega, agente tem esse contato com o Pará e como é que você ver a diferença de estilos tipo do brega antigo, do tecnobrega para o brega funk e como você poderia caracterizar cada um?

D.M.: O brega inicialmente, o brega raiz pernambucano até hoje é um brega muito mais melódico, um brega muito mais romântico com a cadência muito mais lenta, mais puxado para o sentimental, para o emocional até em suas composições em si. O brega paraense até nas músicas lentas ele apresenta uma batida diferente, até pelas nuances que eles recebem da Guiana Francesa, dos outros países que rodeiam ali a nossa região norte, então eles já tem uma batida diferente de bateria, aproveitam mais as guitarradas, então é, quando o brega paraense veio para cá, foi um boom porque trouxe um diferencial do que vinha-se antes da época com o próprio Reginaldo Rossi com as músicas mais voltadas para gafieira, então quando teve esse sucesso aqui as bandas aqui mais jovens de artistas mais jovens como eu que comecei muito cedo a gente queria algo mais enérgico, a gente queria algo que tivesse batida mais envolventes, tivesse um ritmo mais acelerado, então por isso que veio essa febre do tecnobrega aqui na época, com várias influências na verdade, porque até hoje o brega funk acompanha o que o jovem acompanha, o jovem da era da internet que acompanha muito pop, que acompanha muito funk no Rio de Janeiro que também é um estilo periférico mas que, até por conta disso o consumo dos jovens veio também a trazer essa nuance para o brega atual hoje aqui então o brega ele foi assim como outros estilos bebendo de outras fontes e sofrendo essas mutações que eu acho que é necessário para

que os ritmos não caíam no esquecimento, no limbo, eu acho que até para ir acessando outras pessoas como a gente também se renova enquanto sociedade, a música também acompanha essas tendências.

F.: Interessante. A gente vai falar de origem do brega, tipo de onde se origina, onde é que é difundido e existe algum motivo.

D.M.: Para falar da origem do brega a gente não tem como falar do Reginaldo Rossi mas eu acho que é cair também no clichê de só remeter ao rei, que a gente tem vários outros artistas que vem daquela época com ele que posteriormente deram continuidade que é o trabalho que ele vinha fazendo de forma excepcional, se não, não estaria, não teríamos hoje o tamanho do brega pernambucano tem, não estaríamos hoje podendo reverenciar diante do seu legado, mas o brega ele vem da periferia da dor da periferia, ele fala o que a periferia fala com uma linguagem... se você observar as músicas do Reginaldo Rossi elas tem uma linguagem muito popular, muito acessível, sabe dos trejeitos, das gírias, eram músicas que falavam diretamente com o povo, eu não vou falar da origem musical do Reginaldo Rossi porque ele transitou por outros estilos, eu vou falar inicialmente voltado para o brega que é o que a gente está falando aqui, então não teve como a massa não abraçar e tudo que a massa abraça ganha força e não é por isso que a gente brinca hoje dizem que não gostam, mas no final de todas as festas está todo mundo dançando um brega independente da classe social que essa pessoa faça parte, não tem uma classe que quando um brega toque as pessoas não conheçam nem que seja o nosso rei se tornou referência, mas é incontestável afirmar que o brega ele vem da periferia, ele se alimenta da periferia, hoje a cadeia produtiva vem da periferia é o que representa também a linguagem do povo, aqui em Recife principalmente na área de Casa Amarela, na zona norte, que a gente diz que é o berço do brega pernambucano que é nos altos, é em Casa Amarela, vem dos morros, os grandes artistas, os grandes nomes que a gente tem do brega são as pessoas que vem da zona norte e a gente segue aqui falando e repercutindo sobre a importância que o nosso movimento tem como cultura e movimento.

F.: Por que a Zona Norte?

D.M.: Boa pergunta! Por que a zona norte? Eu acredito que é de onde vem e nós temos a maioria das concentrações dos altos, a gente tem a questão das gafieiras também, nós temos bastante gafieira onde se tem periferia é natural que se haja, que se tenha as gafieiras, mas é diante da cultura de morro.

F.: Estou entendendo, interessante. Você enquanto artista você já sofreu algum tipo de preconceito por seu estilo musical...

D.M.: Até hoje! Hoje de forma mais branda, hoje de forma mais sucinta, não tanto quanto antigamente. Quanto antigamente nós éramos julgadas apenas por sermos mulheres já ocupa uma posição bem complexa independente do estilo que a gente decida, do segmento que a gente decida trabalhar, mas com o brega principalmente porque o brega já era tido como um estilo marginalizado, já era visto às margens da sociedade, as pessoas já olhavam naturalmente como algo pobre, pouco, algo pequeno e uma mulher que canta brega remetiam a tudo que não prestava, eles determinavam, nós éramos, então a gente, viveu durante muito tempo com muita paciência, existem os artistas hoje que se alimentam do mercado, os artistas que realmente vivem a militância do brega, não são todos os que se prontificam a falar do movimento, mas eu sou grata aos que se prontificam e que a gente segue nessa militância até hoje para ir desconstruindo essa visão de como em todo estilo musical existe o lado que as pessoas vão considerar bom e o lado que as pessoas não vão considerar bom, nem vou entrar nessa seara de dizer o que é e o que não é bom, porque eu acho que vai realmente de uma forma individual, de uma forma mais global sobre o movimento existia muito preconceito, existia o preconceito de quem ouvia, porque eram as empregadas ouviam, eram os operários que ouviam, eram os serventes que ouviam, mas de tanto que ouviam nos seus trabalhos na zona sul ou quer que estivessem a gente foi

furando, furando essas barreiras, até que a gente teve o abraço da imprensa, imprensa local abraçou muito o movimento brega até porque a maioria dos programas que existiam eram programas que dependiam da audiência e a gente encontra número na periferia então eram programas voltados para a população de forma mais popular mesmo, então abraçaram muito o movimento brega, mas fez com que o movimento pudesse expandir e ir crescer, alcançar outros horizontes, hoje a gente tem artistas do brega conhecido a nível internacional isso para a gente é muito importante, as várias homenagens que a gente, eu participei de várias por exemplo a gente levar o brega para o teatro Santa Isabel que pela primeira vez houve um evento dedicado a ao brega pernambucano, a premiação dos artistas, homenagem ao rei Reginaldo Rossi, então estarmos ocupando esses espaços é coisa importante para as pessoas continuarem com, como eu posso dizer, desconstruindo essa imagem negativa que acabaram por uma questão cultural, estrutural mesmo da nossa sociedade determinando que o brega seja.

F.: Um dos principais argumentos que na pesquisa eu observo é que as pessoas usam entre aspas um termo chamado pornofonia, é como se o brega ele só voltasse para essa questão do sexo, essa questão da violência, queria saber se você observa de fato dessa forma e se é justo o brega carregar isso ou se existe em outros gêneros, como você entende.

D.M.: Existe. Eu sou fã da Byonce e algumas músicas se você for traduzir é pornofonia, eu acho assim que em todo estilo assim sofreu o samba na sua era, assim sofre o brega, assim sofre o funk, eu acho que independente dessa questão as pessoas são muito seletivas, elas escolhem para quem elas vão determinar, o que é certo e o que é errado, até essa aqui eu posso ouvir sabe, essa aqui eu não posso, então na grande maioria das vezes é o passar pano, eles passam o pano para o que vem da zona sul, para o que vem da elite, para o que vem que é mais lindo, mais polido, que eles considerem assim, então é mais tranquilo eles passar pano então é isso, do que é passar pano para o que vem da periferia, para o que vem da massa. Hoje eu acredito que em todo gênero a gente vai encontrar pornofonia, não sou adepta dentro do brega de alguns, algumas canções, de alguns termos, eu mesmo vivendo dentro do movimento de certa forma, em duas eras diferentes bem dizer, sigo com esse mesmo pensamento, mas eu acredito que é muito mais uma questão de políticas públicas, a gente, os artistas eles cantam a realidade deles então é uma pena que alguns artistas se apresentem dessa forma que usem desse palavriado, desse gênero, mas infelizmente a gente está sujeito a isso não só o brega, por isso eu acho que o brega não poderia ser penalizado por isso sabe, acho que é muito triste penalizarem os estilos musicais que vem da periferia por isso sabe.

F.: Você acha que tem algo por trás?

D.M.: Tem. Eu acho que não envolve só música, eu acho que é uma questão sociocultural mesmo que abraça outras coisas que vão além disso, além da música, mas que a gente usa desses artifícios para destilar o nosso preconceito, que as pessoas já se dizem preconceito, antes de você conhecer algo, você já criar a sua visão e determinar o seu conceito sobre aquilo. Eu sou da visão que a gente não respeita o que a gente não conhece, por isso que eu busco ter o máximo de conhecimento possível sobre tudo para que só depois eu consiga determinar se aquilo é ou não é para mim algo que vai ser benéfico, é o fato de hoje, o que a gente mostra que o brega ele é composto de vários nuances, várias vertentes, o brega não se resume só a pornofonia, nós temos vários outros compositores, vários outros artistas, vários outros gêneros dentro do próprio gênero musical que é o brega, tem o brega romântico, a gente tem o tecnobrega, a gente tem brega funk, entendeu, então eu acho que as pessoas não deveriam diminuir o nosso movimento por apenas um conceito preestabelecido.

F.: De que forma você ver essa questão do estado considerar o brega primeiro como uma expressão cultural e depois como um patrimônio imaterial da cidade. Na sua visão o que levou o estado a reconhecer?

D.M.: Rapaz são tantas coisas. A gente fez parte diretamente dessas conquistas, foram muitos debates, a gente bateu em muitas portas, mas eu acho que até para sintetizar, são tantas coisas, até para sintetizar é complexo, mas eu acredito que, não tem aquele ditado que diz água que tanto bate até que um dia fura, eu acho que a gente de fato conseguiu mostrar a nossa força politicamente falando, eu estava tentando encontrar as formas corretas de colocar as palavras. Os artistas dos movimentos tem uma influência muito grande sobre as massas, o estilo é um estilo que comanda bem dizer 80 por cento dos shows business aqui na região metropolitana, então é muita coisa, então o brega está em todos os lugares, o brega não é só um musical é o comportamental também, a gente sabe que o brega vem desde a forma como a gente fala, da forma como a gente veste, o gênero que a gente escuta, as formas como as pessoas estão se comunicando entre si, então foi incontestável que eles precisaram de forma quase que obrigatória terem entendido a força do movimento e primeiro terem determinado que a gente fosse reconhecido enquanto cultura do nosso estado e posteriormente como patrimônio da cidade do Recife que a gente ainda está em luta para que a gente consiga expandir isso de forma bem maior do que é, a gente viu que João Pessoa também já está abraçando bastante o brega, lá já estão acontecendo algumas questões a nível político mesmo da câmara, as pessoas conversarem e dialogarem, se eu não estou enganada, eles também reconheceram o brega funk lá em João Pessoa, então eu acho que isso é fruto de muita batalha, muito diálogo, a gente inicialmente a gente começou em debate na câmara dos vereadores de Recife em busca de direitos e de espaço para o brega nas festividades da nossa capital, porque a gente tem o ciclo festivo de carnaval, são João, ciclo de final de ano, festival de inverno e todos os estilos estavam predominando inclusive estilos que não fazem parte do nosso estado e o brega que é natural daqui que movimenta uma cadeia produtiva enorme, domina as rádios, domina as redes sociais, que a gente viu artistas de fora dando mais valor que o próprio mercado daqui, então por isso eu acho que foi muito diálogo até que eles viram também durante a política o quanto é algo muito homogêneo é o brega, é muito homogêneo e faz de fato da vida das pessoas.

F.: É como você observa esses impactos, realmente foi uma lei que está fluindo, fluiu, pode avançar mais ou você acha que assim foi colocado na lei e tal, foi patrimonializado mas assim não teve nenhuma atividade efetiva...

D.M.: O que eu observo é que nós estamos em um caminho, pior seria se nós não tivesse esse reconhecimento, mudou a vida de algumas pessoas? Mudou. Para aquelas pessoas que tem conhecimento porque o que eu acho que falta muito no brega é a parte de profissionalizar as pessoas que hoje vivem do brega, geralmente na grande maioria são pessoas que não tem instrução, que não tem estudo, trabalham de forma independente, são artistas que aprenderam 'naturalmente' como a gente fala na tora, na prática, não tiveram nenhuma educação financeira ou alguma educação a nível de produção mesmo de como gerir o seu negócio de empreendedorismo, então os artistas que eram melhores organizados se beneficiaram sim da lei porque a gente ocupou de fato o espaço e isso não é uma coisa ruim porque eu acho que isso é o abrir portas, servir de exemplo para esses outros artistas que também precisam se profissionalizar como em qualquer outro trabalho, qualquer outro setor, nós fizemos parte do carnaval do Recife e foi um marco tivemos um momento na noite do carnaval do Recife, eu tive o prazer de fazer parte da primeira noite dedicada ao brega no festival de inverno de Garanhuns com o projeto que eu fiz parte, nós estivermos lá no primeiro ano que o brega de fato entrou oficialmente no festival de inverno, então isso já foi uma vitória, palcos, polos dedicados no carnaval, muito mais artistas fazendo parte desses ciclos, no são João também agora, tanto em outras cidades como também aqui na nossa capital a gente teve vários polos que os artistas puderam estar se apresentando eram coisas que não aconteciam, onde já se imaginou um dia ter o brega funk principalmente pisando no palco principal do Marco Zero do carnaval do Recife que tem

transmissão para o Brasil inteiro, então não tem como dizer que isso não foi uma vitória da patrimonialização, só que, é o que eu digo, eu acho que precisa sim existir mais diálogo, mais debate, a gente ver de que forma a gente estar contribuindo na profissionalização dos indivíduos, das pessoas que queiram viver do brega, viver do movimento brega, viver da cultura brega pernambucana, não só na parte de música, mas da parte de produção artística, produção audiovisual, produção musical, parte de criação de balé, são muitas coisas que envolvem, mas eu acho que precisa algo dedicado a isso, de um projeto talvez, de capacitação de jovens e adultos que queiram participar, que queiram mais conhecimento, estarem expandido seu negócio.

F.: A gente falou muita coisa...

D.M.: É que eu falo muito, desculpa (risadas)

F.: Não, é ótimo, quanto mais fala melhor. Veja para você o que é movimento brega?

D.M.: Rapaz, movimento brega é o que me trouxe até aqui, movimento brega é oportunidade se eu pudesse sintetizar em uma palavra seria isso oportunidade. Muitas pessoas não tem oportunidade e o brega dá oportunidade, foi através do brega que eu pude realizar o meu sonho de ser, vou chorar visse eu sou muito emotiva, desculpa... Mas falar do brega também faz fazer uma visita em toda a minha trajetória artística porque tudo precisa ter um início, hoje o meu trabalho ele é mais plural, ele não é cem por cento direcionado ao brega, mas o brega é a minha missão, eu digo uma das minhas missões, exatamente por eu não esquecer das minhas origens, foi através do brega que eu pude realizar o sonho de ser artista, que eu pude ter a minha primeira banda, que eu pude me tornar sucesso na minha cidade e outras cidades, foi através do brega que eu tive visibilidade para que outros estilos musicais pudessem me fazer propostas, pudesse ingressar em outros trabalhos, foram trabalhos com bandas de forró a nível nacional, depois eu voltei para Recife iniciamos um projeto de brega que foi um divisor de águas, não só um divisor de águas não só nas nossas vidas, mas o movimento brega pernambucano porque a gente reintroduziu o brega das antigas no que se era o brega atual naquele momento já vinha sucateado com o cansaço que o brega funk vinha vivendo, hostilização, então a gente trouxe um resgate que era o movimento, a gente resgatou artistas que nem se viam mais trabalhando no mercado brega, foi um sucesso, nos reposicionou novamente no mercado, então veja, de todas as coisas que eu falei para você, em todas as oportunidades foram geradas através do movimento brega pernambucano, quando as pessoas dizem que o movimento brega salva vidas, ele salva vidas, ele muda a vida das pessoas sabe, as pessoas que realmente querem mudar de vida, a gente sabe como tudo na vida tem as pessoas que querem e as que não querem, mas para as que querem e as que buscam, elas sempre vão encontrar um lugar no brega, diferente de outros estilos, as pessoas sempre vão encontrar um lugar no brega, o brega sempre vai ter esse ponto de acolhimento, esse ponto de oportunidade, seja no gênero que você quer se encaixar, seja na cadeia produtiva que você queira se encaixar, no brega sempre vai haver lugar você, independente da sua cor, independente da sua classe social, independente da sua orientação sexual, não existe isso do brega de ter essas barreiras.

F.: Hoje a Dany Miller ela emprega mais ou menos quantas pessoas?

D.M.: Hoje ao todo na nossa equipe direta e indiretamente em torno de 25 pessoas, é uma equipe bem grande, porque nós temos a nossa equipe principal que no caso é minha banda com meus músicos, a minha produção, mas a gente tem os colaboradores que são as pessoas que trabalham em outros setores para fazer o trabalho seguir acontecer, tem a parte de marketing digital, a parte de rede social, a parte do escritório, tem os dançarinos que fazem parte do meu trabalho também, então quando a gente contabiliza tudo, dá em torno de 25 pessoas.

F.: Certo. Um outro ponto que você falou que houve esse resgate do brega antigo, são duas perguntas: se a gente pudesse fazer uma linha do tempo quais seriam os estilos de brega, é melhor primeiro você responder primeiro essa...

D.M.: Se a gente fosse fazer uma cronologia do brega, o brega primeiro veio com o brega de Reginaldo Rossi que posteriormente veio Chama do Brega, O Conde Só Brega, que eram bregas predominado por vozes masculinas que cantavam as dores dos homens, a realidade dos homens com uma batida um pouco puxada para o que era o pop-rock nacional daquela época, que era a jovem guarda, então tinha-se muito essa influência da jovem guarda ainda sobre o brega naquela época. Posteriormente vieram as vozes femininas tomando o mercado, eu vou dizer assim acompanhou o boom do que foi a banda Magníficos que era no forró, as vozes femininas Mastruz com Leite então veio as vozes femininas para o brega também, foi quando as mulheres passaram a ter protagonismo no movimento brega, mas ainda assim era o brega romântico...

F.: Isso era o que década de 90?

D.M.: Isso década de 90. Então no início dos anos 2000 foi quando as bandas paraenses vieram e tiveram uma fatia do mercado aqui na região metropolitana, introduzindo as suas músicas, parte do que era a sua cultura e estilo, então foi quando vieram as bandas de tecnobrega e Calypso, nós tínhamos banda de Calypso aqui em Recife e de tecnobrega, depois disso foi quando começou a vim o brega funk aí justamente a gente tem o brega romântico, o boom do brega romântico aqui, vem o tecnobrega, posteriormente vem os MCs que começaram a introduzir o brega funk e o brega funk nem era batida brega funk, eles introduziram o que era o funk de MC mais romântica era um brega romântico ainda que eles cantavam que vieram com muitas músicas de duplo sentido, com muitas músicas de sentido direto, foi nessa época que começou a ter essa migração, depois veio o brega funk, então se tivesse que fazer uma cronologia, hoje existe essa pluralidade, eu acho depois do projeto que a gente montou aqui que foram as amigas do brega que na época se inteirava o brega funk e a gente montou um projeto de brega das antigas, existiu o brega romântico, o brega funk, um projeto de brega das antigas para resgatar aquelas canções a princípio ninguém achava que fosse dá certo, inclusive o próprio meio que a gente vivia não achava que ia dar certo, mas aí a gente resgatou a memória afetiva das pessoas de uma era que eles tinham vivido a muitos anos atrás que era justamente final dos anos 90 para início dos anos 2000 que é a nossa faixa etária, as pessoas dos 30, a gente diz que a gente conseguiu atingir os mais jovens que escutavam os pais ouvindo aquele brega, mas a faixa etária que consumiu bem o nosso trabalho era entre os 28 e 45 anos, são pessoas mais velhas, tinham mais novas, mas foi bem essa fatia do mercado que é a fatia que consome, que gasta porque são pessoas que na grande maioria estão trabalhando, provém a sua família com dificuldade ou não todo final de semana estão tendo o seu lazer, estão indo para um lugar assistir um show, estão ouvindo em casa, então eu acho que por isso tomou uma projeção grande, projeto na época, porque a gente pegou um grupo que tinha um poder aquisitivo relativamente estável para poder estar consumindo o estilo que a gente estava trabalhando. Depois disso a gente conseguiu resgatar outros cantores de brega das antigas e hoje está aí essa mistura toda, todo mundo fazendo tudo.

F.: São 15 para as 8, só mais 5 minutinhos e a gente encerra. Você falou sobre tecnobrega e melody, qual a diferença?

D.M.: Praticamente nenhuma, você acredita? Eu acho que foi uma nomenclatura que colocaram lá no Pará do tecnomelody, não é atoa que aqui em Recife a gente não utiliza o melody, usa brega, brega mesmo, porque como se fosse uma variação do que é o brega, a gente não trouxe, a gente usa porque tem, existe essa nomenclatura de tecnomelody, eu acho que quiseram descaracterizar do brega, do brega em si para de repente ele ocupar outro espaço, mas aqui a gente sempre usou tecnobrega mesmo.

F.: Quais são seus maiores sucessos?

D.M.: Meus maiores sucessos com a Lolita, foi tinara, eu quero dançar e romeu e julieta, nós temos três grandes sucessos, mas tinara é o que até hoje se eu não tocar é briga, eu saio

apanhada do show, porque todas as pessoas aqui na região metropolitana pelo menos elas pedem muito sabe, sempre que a gente toca, tocar tinara. É isso.

F.: Está ótimo. Esse é seu último trabalho, eu acabei de ver o DVD todo. Qual foi assim seu objetivo neste projeto?

D.M.: O meu objetivo foi não me rotular enquanto artista, as pessoas gostam de colocar os artistas em caixinhas e durante esses vinte um ano de música eu vivi os dois lados do mercado, eu vivi o lado profissionalmente falando, mercado do brega, mercado do forró e assim como eu me apaixonei pelo brega e sigo militando relacionado ao movimento brega pernambucano que faz parte da minha vida, é uma história que não dá para apagar assim é o forró também, então eu escrevi uma história no forró, participei da banda Cavaleiros do Forró durante cinco anos, fora outras bandas, Capital do Sol, Garotões do Forró, então foram muitos trabalhos, muitos anos de dedicação voltado para esse estilo que eu amo, é uma das minhas paixões. Então eu não quis que o público me visse como uma artista de gênero, o gênero musical de Dany é esse, o gênero é aquele, eu queria que me vissem como uma artista que está sendo produzindo música e algo que seja acessível para todo mundo então foi quando veio o... foi quando a gente gravou meio a meio, o meio reverenciando o brega das antigas e metade com canções autorais do forró e agora pouco eu gravei um trabalho cem por cento forró, assim como eu já tive trabalhos cem por cento no brega, então a gente quis abraçar os dois mercados, inclusive o pessoal dizendo assim: “Dany você está abandonando o brega?” Eu disse: “Eu não tenho como abandonar o brega gente, se eu estou aqui hoje, eu estou graças ao brega pernambucano, não estou abandonando nada, eu estou simplesmente me mantendo produtiva” Eu acho que isso é importante e quem sabe através do estilo do forró abrindo outras oportunidades para estar também levando o brega. É isso.

F.: Só fala que está autorizando...

D.M.: Estou autorizando gente, Daiane Daniele artisticamente conhecida como Dany Miller, estou deixando aqui a autorização para que o Fred utilize essa entrevista para o seu trabalho acadêmico.

A entrevista com Dany Myler oferece uma rica fonte de informações sobre a cultura do brega em Pernambuco, suas origens, evolução e o reconhecimento como patrimônio cultural. A seguir, apresento uma análise da entrevista e sugestões de como utilizá-la no ensino de História.

Dany Myler discute a evolução do brega, desde suas raízes com artistas, como Reginaldo Rossi até a ascensão de vozes femininas e a influência do tecnobrega. Essa trajetória reflete mudanças sociais e culturais na música brasileira, especialmente em Pernambuco. A entrevista menciona a luta do brega por reconhecimento como uma expressão cultural e patrimônio imaterial, destacando a importância do diálogo político e social para a valorização de uma cultura local.

Dany fala sobre a profissionalização dos artistas do brega e a necessidade de educação financeira e gestão, o que pode ser um ponto de discussão sobre a relação entre cultura e economia. A equipe de Dany, composta por cerca de 25

peessoas, ilustra a cadeia produtiva que o brega gera, mostrando como a música pode impactar a economia local.

A artista se vê como uma das pioneiras do tecnobrega, o que levanta questões sobre identidade cultural e a representatividade das mulheres na música. A evolução do brega também reflete a luta por espaço e reconhecimento em um cenário dominado por vozes masculinas. A entrevista pode ser utilizada para discutir a importância da cultura popular na formação da identidade regional. Os alunos podem explorar como o brega se relaciona com outras manifestações culturais e como ele reflete a sociedade pernambucana.

Os alunos podem investigar a luta dos artistas do brega por reconhecimento e direitos, analisando como movimentos culturais podem influenciar políticas públicas. Isso pode ser relacionado a outros movimentos sociais na história do Brasil. A entrevista pode ser integrada a aulas de Música, Sociologia e Economia. Os alunos podem estudar a evolução do brega, suas influências e como ele se insere no contexto econômico e social de Pernambuco.

Promover debates em sala de aula sobre a importância do reconhecimento cultural e como isso afeta a identidade de um povo. Os alunos podem discutir a relevância do brega na atualidade e seu impacto nas novas gerações. Também é possível desenvolver projetos que explorem a cultura do brega, como a criação de um documentário, uma apresentação musical ou uma pesquisa sobre a história do gênero. Isso pode incentivar a pesquisa e a criatividade.

A entrevista com Dany Myler é uma ferramenta valiosa para o ensino de História, pois permite que os alunos compreendam a intersecção entre cultura, identidade e política. Ao explorar a trajetória do brega e suas implicações sociais, os alunos podem desenvolver uma apreciação mais profunda da diversidade cultural do Brasil e a importância de reconhecer e valorizar as expressões artísticas locais.

2.3.1.4 Entrevista com Waguinho

FRED.: Bom dia gente, nós estamos aqui com Wago, tudo bom Wago...

WAGUINHO.: Querido! Bom dia! Tudo ótimo, graças a deus.

F.: Wago eu vou começar aqui o questionário, eu vou fazer algumas perguntas. Qual o seu nome?

W.: Meu nome é Wagner Souza Farias, mais conhecido como Waguinho.

F.: Certo, você nasceu e mora onde?

W.: Eu nasci no Recife, fui criado, sair com três anos de idade para o bairro da Guabiraba, sair da Guabiraba com três anos de idade e vim para Beberibe e moro em Beberibe a mais de 30 anos, agora é claro entrada e saídas, nas cinzas(?) eu sair para morar fora do estado por conta de bandas, quando eu sair do brega, aí depois eu voltei, mas a trinta anos eu moro em Beberibe.

F.: Qual a sua profissão Wagner?

W.: Minha profissão hoje, músico, eu sou músico, mas tenho formação em administração.

F.: Foi qual faculdade ou universidade?

W.: Desculpa eu não entendi...

F.: Qual a instituição?

W.: A minha instituição na época, foi a instituição da UNINASSAU.

F.: Certo. Qual a sua idade?

W.: Minha idade, estou com 40 anos.

F.: Como você se identifica, preto, pardo...

W.: Pardo.

F.: Wagner para você o que é o brega e o movimento brega, é tudo a mesma coisa, tem diferença?

W.: Não, o brega em si fala do romantismo, brega de verdade tem que falar do amor, porque se não falar do amor não é brega, eu acho que nada contra, tenho nada contra, mas eu acho que esses bregas de hoje que a turma fala brega, que é pejorativo, falando mal das mulheres, falando mal de qualquer que seja outra coisa, isso para mim não é brega, eu não identifico isso como brega, brega para mim tem que falar do amor, tem que falar da gaia que levou, dos problemas amorosos que teve, eu acho que isso é falar do brega.

F.: Na sua opinião brega teve o como algum local específico...

W.: Não entendi

F.: Na sua opinião o brega aqui em Pernambuco, ele surgiu onde e como assim, tem algum local específico para dizer: "olha o brega ele veio daqui, o brega veio dali"

W.: Entendi. O brega literalmente, literalmente o brega é da periferia, mas antigamente era favela, era uma favela, hoje é periferia, é comunidade. O brega literalmente é da comunidade, porém hoje o brega invade, ele invadiu qualquer território, porque eu faço muita festa privada para gente de dinheiro, gente rica e sempre acaba em brega, pode até começar com Alok, uma coisinha pisada, mas daqui a pouco, quando começar a tomar uma e lembrar das gaias, dos problemas amorosos, tem que entrar um breguinha, o breguinha é primordial.

F.: Certo. Tudo bem que é na periferia, mas tem uma periferia específica, algum local, esse local aqui é um local especial para o brega...

W.: Não! Já dizia nosso mestra, nosso rei, nosso eterno rei Reginaldo Rossi, o brega, a mãe onde nasceu o brega, Recife, Recife literalmente é a capital do brega, então eu acho que as periferias do Recife, do Grande Recife, região metropolitana é onde sai as entranhas mesmo do brega, eu tenho gente que chega para conversar comigo, para você ter ideia, vou chamar de Fred...

F.: Fique a vontade...

W.: ... para você ter ideia Fred, tem lugar que eu chego para tocar, quando eu desço da van, o pessoal: "Waguinho, olhe cante seu piseiro, cante seu forró, porém não esqueça do breguinha" Eu já faço brega mais de 20 anos, eu quando iniciei, eu iniciei a minha carreira artística tocando bateria, depois que eu fui tocar, entrei no brega, o brega foi quem me deu a visibilidade que eu tenho hoje, a visibilidade que eu tenho nas TVs, nas rádios, foi o brega quem me deu.

F.: A próxima pergunta é mais de biografia. Como surgiu Wagner no brega, como foi a trajetória dele?

W.: Rapaz, parece mentira. A minha trajetória no brega, eu fui para um ensaio, eu tinha uma namorada, é até engraçado, eu tinha uma namorada que ela cantava na igreja e um certo dia ela chegou para mim e fez: “recebi um convite para ir para um ensaio de uma banda” Eu disse: “como é a história?” “Talisca me chamou!” Eu disse: “Esse cara está dando em cima de tu!” Eu brinquei assim esse cara está dando em cima de tu! “Menino tu vai comigo” Eu peguei e fui com ela para o ensaio, quando eu cheguei lá eu só fiquei olhando o ensaio acontecer e ela pegou e falou: “Meu namorado canta!” O dono da banda: “Ele canta?” “Sim” “Ahh vai ter que dar uma palhinha com a gente” Eu cantei e esse ensaio dessa banda foi uma banda muito conhecida aqui no Recife chamada Só Pensamento, então daí eu fiquei quando eu comecei a minha carreira no brega, a banda Só Pensamento até hoje toca músicas, aquelas músicas de antigamente, na época a banda estourou um CD completo e a música carro chefe é aquela música, quer é uma versão: “Acreditei tanto em você e te dei todo o meu amor” Então essa música estourou até hoje quando toca, todo mundo gosta de tomar uma é considerado o brega das antigas e de qualidade.

F.: Eu conheço essa música, o nome é Sozinho Estou?

W.: É Sozinho Estou da banda Só Pensamento. Quando eu sair da banda Só Pensamento, eu fui para a banda Visual, a banda Visual tinha o ‘melô do abacaxi’ “Me chupa que eu sou teu abacaxi!” rodamos muito, rodamos muito, depois da banda Visual, eu fui para a banda Metade, na banda Metade eu... quando eu sair da banda Metade em 2004 quando teve aquele trágico acidente, estava dentro do ônibus quando a gente perdeu a nossa eterna mãe que foi para banda Metade e em 2005 quando gravamos nosso primeiro DVD, nosso primeiro CD, desculpa, pós ardente(?) entrou uma música chamada orgasmo do amor, foi a música que me deu a cadeira cativa no brega, que virou patrimônio imaterial de Pernambuco e graças a deus eu tenho uma cadeira cativa, um compositor Léo Gomes que me deu esse presente até hoje quando toca, todo mundo lembra, gosta e canta que é a música “vem me amar, fique mais urgente vem me beijar, descendo até embaixo assim devagar, descendo, estou morrendo de saudades de você”

F.: Quer falar mais ou posso passar para próxima, fique a vontade...

W.: Não entendi...

F.: Quer que eu faça outra pergunta ou tem mais coisa para falar?

W.: Não, fique à vontade.

F.: Wagner a tua carreira assim realmente, não sabia que você tinha passado pela banda Só Pensamento, eu acho que tu tinha começado pela Metade, você é um cara realmente tem uma história bacana no brega...

W.: Fora as outras bandas que eu cheguei a não passar anos, mas cheguei a fazer vários shows que teve banda Traição, a própria Nega do babado que é minha irmã que a música me deu, eu conheço Nega do babado antes de ser Nega do babado, para quem não sabe o nome da Nega é Adriana Araújo e eu conheço a Nega do babado antes dela ser a Nega do babado e fiz shows com a Nega, quando a Nega montou o projeto dela Nega do babado, cheguei a fazer uns shows com ela, no brega eu andei muito...

F.: parabéns pela sua carreira...

W.: E, vou dar um spoiler, estou voltando porque o brega está com muita força graças a deus, o brega agora é patrimônio imaterial de Pernambuco, então o brega está com muita força, estou voltando aí, vou dar um spoiler a você, estou com um projeto chamado Expresso ao Passado, depois quem quiser dá uma olhada no youtube, tem umas coisas lá, Expresso ao Passado é um dos meus projetos, fora outro projeto chamado Os Reis do Brega que sou eu e mais três cantores.

F.: Está ótimo Wagner. Wagner essa tua trajetória tu percebeste assim algum tipo de resistência, preconceito, vocês que fazem o brega, algum show, algum local, de que forma foi, como aconteceu, se existiu claro?

W.: É Fred, antigamente existia, até um tempo desse, até antes da pandemia, existia sim um preconceito muito grande “brega! Você faz brega!” “Porque brega é isso, brega é aquilo” O pessoal tinha muito pejorativo com o brega, depois que a gente conseguiu mostrar que brega é o amor, brega é você gostar de se vestir coloridamente, tem pessoas que gosta de se vestir coloridamente “Ai isso é brega!” Brega não é nada pejorativo. Eu sou brega, eu gosto de cantar o amor, eu sou brega. Então antigamente você para ver uma banda de brega tocar em um evento grandioso era a maior dificuldade, mesmo a gente fazendo os nossos eventos grandiosos, porque antigamente tinha um Abril para o brega porque eram dois dias de festa, o Abril para o brega era feito no Centro de Convenções era sexta e sábado ou sábado e domingo era coisa para 20 mil pessoas, no segundo DVD da banda Metade mesmo foi gravado no Clube Português para mais de 18 mil pessoas, onde a gente gravou um DVD de brega e Calypso. Então cara antigamente tinha muita reclusão, festa grande não tinha brega, hoje graças a deus você ver um Olinda Beer, no próprio Marco Zero hoje tem a noite do brega lá, graças a deus o brega vem abrindo principalmente para aqueles que vem iniciando sem falar no extra, o pessoal que não tem trabalho e retira do brega, da noite retira o seu sustento.

F.: Entendi. De uma forma assim um pouco mais, como é que eu posso, assim de uma forma mais direta, essa questão da patrimonialização, o que de fato tu percebe de mudança, o que foi que permaneceu, o que é que pode melhorar nessa tua visão?

W.: A união, eu acho que a união, antigamente a gente era mais unido, quando eu digo a gente quem é do meio, antigamente, eu achava o brega mais unido, hoje que ele está criando tanto força eu não vejo tanta união como antigamente.

F.: Mas tu falas assim que está dividido no sentido de... por exemplo buscar outros cantores, de fortalecer o movimento, é isso que tu falas?

W.: Sim fortalecer mesmo, é um pegar na mão do outro feito corda de caranguejo, se unir mostrar força, não é só olhar para o próprio umbigo.

F.: Certo, entendi. Hoje você como artista, como cidadão recifense, ter aparecido essa pergunta para você: qual a importância do brega para sociedade pernambucana, o que você diria?

W.: Qual a importância do brega para a sociedade pernambucana. Cara eu vou falar uma coisa para você. O brega, como te falei, eu sou do brega das antigas, sou de brega de antigamente, já chegou gente para dizer para mim no primeiro DVD da banda Metade, eu gravei uma música, a última música do DVD a gente colocou como uma forma de agradecimento, como uma forma de agradecimento o nome da música é Obrigado que o cantor e compositor é Leonardo Sullivan que a música diz: “trago dentro do meu peito uma imagem de luz, seu nome é Jesus” A gente gravou essa música em forma de agradecimento, mas gravou ela no brega uma roupagem bonita que a gente fez no brega, você acredita que o brega, respondendo a sua pergunta, eu já cheguei para fazer show em certos locais, o pessoal chegou: “cara, minha mãe, ela não pode escutar essa música que as vezes quando ela está triste, ela escuta, coloca ela para cima” Próprias senhoras chegavam para mim, para falar: “rapaz essa música é linda!” Pronto eu fiz um show recentemente no meu projeto Expresso ao passado que uma das cláusulas do contrato foi eu ter que cantar essa música porque o contratante, a mãe dele iria estar lá e queria escutar essa música, então eu vejo isso como coisa boa, não esse brega pejorativo, tem uns bregas pejorativos como eu falei no início da nossa entrevista, que para mim aquilo não é brega, mas se o pessoal gosta, a voz do povo é a voz de deus, mas eu vejo como um brega na sociedade pernambucana como uma coisa boa, principalmente para quem está chegando agora ter um espelho do brega como foi antigamente e podendo trazer para os dias de hoje, que como eu falei para você, mas uma vez falando do meu projeto, o meu projeto é resgatando aqueles bregas de antigamente.

F.: Tu consegues enxergar uma relação entre educação e movimento brega ou brega, se sim, na sua visão como seria?

W.: Certo, vamos lá. A gente tem que bater um ponto o brega atual ou o brega de antigamente?

F.: Fica a seu critério a forma que você quiser, se for o brega de antigamente você consegue ver uma relação?

W.: O brega de antigamente, se você prestar atenção são bregas, porque o brega nunca morre, são bregas bonitos, bregas que falam da realidade, tem brega que toca antigamente você “Poxa! Eu já passei por isso, eu conheço fulano e ele está passando por isso” Então a educação que eu vejo é você ter no brega de antigamente um brega com letra que falava literalmente do cotidiano, do nosso cotidiano, é diferente de hoje como falei, não tem nada, a batida, eu até acho que o pessoal vai mais pela batida, que eles se consideram o brega funk e começa a falar mal, a falar que fulana coloca gaia nisso enfim, eu não vejo esse brega como um modelo como era antigamente.

F.: Wagner quais seriam as gerações do brega, na tua opinião...

W.: Desculpa cortou um pedaço...

F.: Na tua opinião quais seriam as gerações do brega, porque a gente tem essa questão de tecnobrega, tem o brega antigo, na tua opinião quais seriam?

W.: Você quer no caso referências?

F.: Sim pode ser...

W.: Referências que a gente pode dá mesmo é Labaredas, é o Conde Só brega, o Conde que aos 70 anos voltou para a cabeça, Calypso com a Joelma, ali é mãe do Calypso, a própria Companhia do Calypso banda da loirinha e temos as nossas bandas daqui a Michele Melo, Nega do babado. Nega do babado é engraçado há mais de 18 anos que ela canta a mesma música e a mesma música é sucesso até hoje, gente de fora vem para cá e contrata a Nega só para ela cantar nesse evento a música dela, para você ver a força do Milk Shake, cara isso é primordial para a gente sem falar nas bandas que estão no movimento porém mais restrito que são Chama do Brega, Paixão Brasileira do Brega, Banda Camelô, entendeu, Carícias, Brega.Com, Mancha de Batom são bandas que são referências de antigamente, Banda Metade, são bandas referências de antigamente e sem falar nas de hoje também né, as bandas de hoje que a gente tem que ter o respeito, as bandas de hoje são vitrines, hoje você chegar de fora, por exemplo você chegar, uma pessoa chega de qualquer outro estado, temos referências aqui que são grandiosas a nossa Rafaela Santos e a Priscila Sena.

F.: Está ótimo. Wagner estamos indo para nossa última pergunta, seria sobre o futuro, qual o futuro de Wagner, futuro do movimento brega, o que esperar daqui para frente?

W.: Como eu falei eu estou com um projeto novo chamado Expresso ao Passado e tem o projeto também os Reis do Brega. Eu estou vendo aí para gravar um áudio visual desse meu projeto novo e cara enquanto o movimento for forte feito que é, eu não quero parar de cantar brega nunca, porque a minha história no brega é maravilhosa, faz mais de vinte minutos que estamos conversando, é muita coisa, eu acho que era conversa para gente passar mais de horas, porque é muita coisa, muitas passagens, são muitas lembranças boas, com o brega eu viajei para fora do estado, para conhecer outros estados, com o brega eu conheci quase todo um país viajando e com o brega eu conquistei casa, carro, então quando uma pessoa vem falar mal do brega, eu nunca vou falar mal do brega, porque foi o brega que me deu possibilidades de estar onde eu estou hoje e ter o nome que tenho hoje.

F.: Pronto, deixa eu só encerrar a gravação, muito obrigado Wagner.

W.: Obrigado você querido! Precisando já sabe meu contato.

F.: Só um momento, Wagner você autoriza o uso para fins educativos essa entrevista?

W.: Sim.

A entrevista com Waguinho oferece uma rica fonte de material para o ensino de História, especialmente no que diz respeito à compreensão das manifestações culturais e sociais no Brasil. Waguinho discute a origem e a evolução do brega, destacando como o gênero musical nasceu nas periferias e se expandiu para diferentes classes sociais. Isso pode ser usado para explorar a relação entre música e identidade social. A entrevista menciona que Recife é considerada a capital do brega. Isso pode abrir uma discussão sobre como a cultura regional pode se expandir e influenciar outras áreas, refletindo as dinâmicas sociais e econômicas. Waguinho fala sobre o preconceito enfrentado pelo brega e como a percepção do gênero mudou ao longo do tempo. Isso é um ponto de partida para discutir como a música e outras formas de expressão cultural podem ser vistas de diferentes maneiras pela sociedade.

A entrevista ilustra a transição do brega de um gênero marginalizado para um gênero aceito e valorizado, o que pode ser explorado em relação às mudanças sociais e culturais. A conexão entre o brega e a educação é mencionada por Waguinho, que vê o brega antigo como uma forma de refletir o cotidiano e as experiências das pessoas. Isso pode ser usado para discutir como a cultura popular pode ser uma ferramenta educacional e um reflexo das condições sociais.

A entrevista detalha a evolução do brega, desde o brega “das antigas” até o tecnobrega e outras variações modernas. Isso pode ser utilizado para ensinar sobre a evolução dos movimentos culturais e como eles se adaptam às mudanças sociais e tecnológicas. A distinção entre diferentes gerações e estilos dentro do brega pode ser usada para discutir como os movimentos culturais se diversificam ao longo do tempo.

2.3.1.5 Entrevista com Edilson Silva

FRED.: Edilson você autoriza o uso dessa entrevista para fins educativos?

EDILSON SILVA.: Claro

F.: Ok. Pode dizer seu nome completo

E.S.: Edilson Francisco da Silva.

F.: Qual sua profissão?

E.S.: Rapaz eu hoje trabalho, sou servidor público desde um tempo, fui deputado, servidor público, fui secretário de estado, servidor público, hoje trabalho no ministério da ciência e tecnologia na condição de assessor, de cargo comissionado, mas é uma função no serviço público.

F.: Certo, entendi. Edilson qual a sua formação voltada para o ensino, o senhor tem superior.

E.S.: Não, eu sou da área industrial, eu trabalhei boa parte da minha vida na área industrial, sou técnico industrial, estudei economia na federal, estudei direito até quase no final, mas não cheguei a me diplomar.

F.: Certo. Edilson o motivo principal dessa entrevista é sobre a criação da lei de 2017 que o Estado reconhece o brega como uma expressão cultural, eu queria entender o contexto da época, tu lembras mais ou menos quais foram as razões de ter essa lei?

E.S.: Sim, bastante. Não lembro de detalhes, mas o contexto panorâmico, os aspectos vamos dizer assim estruturais do debate eu lembro bastante. Veja, eu sou um militante do movimento negro, antes de mais nada, antes de ser servidor, socialista, deputado, eu sou uma pessoa negra e me recorto na sociedade a partir daí e o debate com relação a questão do brega me chamou a atenção porque eu como deputado e presidente da comissão de direitos humanos da assembleia legislativa, os quatros anos que eu passei lá, eu percebia a atitude do estado com relação ao brega como uma atitude preconceituosa, preconceituosa com relação ao nosso brega especificamente e mais especificamente ainda a um brega vamos dizer assim mais contemporâneo e mais vinculado as dinâmicas mais atuais das periferias da cidade, por exemplo um brega de Reginaldo Rossi ele conquistou um determinado espaço, certo, um determinado circuito da sociedade, um determinado... em vários níveis, em vários espaços sociais, mas tem alguns bregas românticos também, Labaredas e tal, então esse brega meio que ele frequenta os ambientes aceitos, tolerados, vamos dizer assim, mas o brega feito pelas periferias, o brega funk ele não, ele não é entendido e não é aceito dessa forma, não era, ainda não é totalmente e na época era muito menos, então eu quando via essa situação eu compreendi essa atitude do Estado e da sociedade com relação ao brega da mesma forma que eu enxergo, enxergava, enxergo ainda historicamente a atitude do estado em relação a capoeira, em relação ao samba, em relação ao maxixe, em relação ao funk no Rio de Janeiro, em relação a outras expressões, artísticas musicais que sofreram muito com o preconceito e a perseguição e naquela época o que a gente estava vendo aqui, estava vendo cantores bregas sendo proibidos de subir em palcos por exemplo, teve um exemplo de um artista que tinha uma música aqui que ficou muita famosa não lembro agora, porque não é uma coisa que eu curta, entendeu, eu não sou um bregueiro, não é minha música preferida, mas eu sei que esse MC de Pernambuco tinha uma cantora muito famosa cantando em um desses circuitos que tem ali em Caruaru e a cantora quis chamar esse MC no palco e foi proibido, você soube disso?

F.: Não...

E.S.: Pois é. Então assim, vários shows de brega, de brega funk, nas periferias sendo invadidos pela polícia, a polícia entrou em um show em São Lourenço da Mata e fechou. Os meninos fazendo brega funk nos bairros e tal quando chega a polícia eles já saiam correndo, esse era o estado da arte quando eu resolvi tomar uma atitude com relação ao brega como um todo, existia um processo não só mais de preconceito e de discriminação com o brega, mas um processo de criminalização da expressão cultural musical brega funk, não era só porque você não chama ele para um palco que você discrimina, não, você criminaliza, é como se fosse uma atitude criminoso, como se estivesse inserido nos artigos do código penal.

F.: Certo...

E.S.: Então isso foi algo, não foi obviamente o único, mas foi o grande impulsionador, eu sempre trabalhei contra a criminalização dos espaços dos territórios e dos corpos periféricos sabe, criminalização de periferia, da cultura da periferia, da religião da periferia, então a gente olhou essa situação, então nós, então tinha umas coisas que eram assim, o brega funk no Recife, aí a gente vai qualificando o argumento, o brega funk no Recife ele é como o tecnobrega no Pará, entendeu, é uma cultura especificamente local e como uma expressão musical cultural local que tem grande repercussão popular se tornou uma cadeia produtiva

lucrativa própria na região metropolitana do Recife. Os artistas dessa cena cultural, eles não precisavam da chancela dos técnicos culturais, artísticos-culturais do Recife, não precisavam, porque eles tem as gravadoras deles, eles tem os locais para fazer os shows deles, eles tem as produtoras deles, eles tem o universo cultural deles, eles tinham muita independência, então veja, esse era um outro fator, uma coisa é você, vamos dizer assim, vamos lá estão criminalizando a capoeira, a capoeira não é, não tem uma cadeia produtiva da capoeira, está entendendo...

F.: Sim estou entendendo...

E.S.: não tem uma cadeia, agora você criminalizar uma atividade profissional que gera emprego, renda, dinamiza a economia do estado, é além de ser absurda é uma burrice, também tinha esse aspecto, ou seja, essa cena forte, pujante que gera emprego, que gera formação sabe profissional, gera músicos, gera uma série de elementos positivos do ponto de vista da geração de emprego e renda, estava sendo criminalizada, então esse elemento entrou em tela também, aí é um absurdo porque por exemplo a Gabi Amarantos ela vinha tocar aqui no carnaval, no marco zero que é o palco vamos dizer assim principal e as nossas musas do nosso brega e nosso brega funk não iam, você tem uma outra escalinha ali, você tem, vamos lá o Reginaldo, você tem o Labaredas, você tem o Adilson Ramos mesmo que é uma vertente, você tem essas bregas românticos cantados principalmente por mulheres e você tem o brega mais escrachado, um brega mais, como é que eu vou dizer assim, mais atrevido, um brega que estaria para o brega como Bezerra da Silva está para o samba, o pagode, ou seja falando de maneira muito mais crua daquilo que acontece na periferia, um linguajar assim mais próximo do que é o cotidiano das periferias então por isso mesmo acusado de pornofonia, de ser música que não deve ser incentivada para jovens, para crianças, para escola, etc. Em função disso nós procuramos ver o seguinte como é que a gente vai proteger essa expressão musical desse tipo de investida do estado e garantir que a partir daí esse segmento possa se organizar e começar a exigir respeito, exigir participação e exigir que isso seja tratado como patrimônio nosso que precisa ser não só preservado como incentivado e talvez até lapidado porque quando você deixa uma expressão no ambiente da marginalização, no ambiente da criminalização a tendência é que ele se aprofunde nisso, está entendendo, e ele vá sendo apropriado cada vez mais por, bem entre aspas, pelo subterrâneo cultural sabe e na medida que você vai trazendo ele para dentro daquilo que é aceitado por todos a tendência é que você vá construindo uma média, eu não dialogo só com a periferia, eu dialogo com o conjunto da sociedade, eu dialogo com um conjunto de públicos, então eu vou procurar trabalhando aqui e tal e vai, vai, vai, para que isso vá se preservando e vá se costurando e vá se lapidando, então o seguinte nessa época, tinha uma lei que era do deputado Oscar Barreto do Partido dos Trabalhadores que estabelecia uma cota para participação de artistas pernambucanos musicais nos palcos bancados por dinheiro público, eu não me lembro agora qual o número da lei, mas é fácil você achar porque, porque a minha lei, a lei que eu fiz, ela faz no enunciado dela é uma alteração dessa lei do Oscar, então o Oscar estabeleceu um percentual todo palco público de Pernambuco seja de prefeitura, seja governo federal, seja o governo do estado, se estiver dinheiro público envolvido ele tem que ter, tem que contemplar, essas expressões, artísticas, genuinamente locais e aí para poder garantir, definir isso, você tem que estabelecer, um rol taxativo de quais são essas expressões, então está lá, forró, frevo, baião, cavalo marinho, afoxé, maracatu, maracatu rural, samba, enfim tem um rol, e nesse rol não estava o brega, então o que foi que eu fiz, eu preparei a lei com a técnica legislativa correta, ouvi muita gente, fiz várias reuniões, conversei principalmente com as mulheres se envolveram mais sabe Nega do babado, Michele Melo, quem mais meu deus...

F.: Carlinha Alves, banda Kitara...

E.S.: Isso da banda Kitara, Palace Binho de outra banda, então procurei envolver e tal, fiz um chamado amplo, falei “estou produzindo uma lei aqui que tem o objetivo de proteger o

brega”, nesse processo eu percebi as multifissuras no universo brega, é muita fissura, fissuras que são por problemas de mercado, de disputa, mas também o próprio preconceito que existe dentro desse bloco que não é homogêneo, bastante heterogêneo, mas nesse bloco tem muito preconceito, está entendendo um com o outro e o brega funk ele sofria muito preconceito de vários bregueiros então muita gente não quis, “não quero mexer com Sheldon” os meninos da época que eram os mais famosos, e eu colocava para eles, o preconceito existe de lado a lado, tem gente que tem preconceito contra o Conde do Brega, tem gente que tem preconceito contra Reginaldo Rossi e a gente precisa proteger, fui conversando, conversando e chegamos numa formulação de não entrar em detalhes, colocar o brega e deixar essa discussão para depois, porque tinha gente que coloque o brega romântico, coloque o brega antigo, mas você vai ter que definir o que é brega antigo, vai ter que definir o que é brega romântico e como nós queríamos chamar a atenção para isso, inclusive eu fiz um pronunciamento de fato para ter uma situação dessa de meninos que eram proibidos de fazer as suas performances, eu fazia intervenção, fiz expediente junto a polícia militar para poder evitar, tem um outro problema envolvido que é muito policial militar que faz parte de igreja evangélica e aí eles acabam misturando as coisas, acabam não entendendo que o estado é laico, o mesmo problema que tem quando o policial mal investido da compreensão é chamado por um vizinho evangélico que está tendo um toque de candomblé e vai lá e tenta acabar como se fosse uma festa, isso também é acabou existindo e a gente queria usar a lei, “o brega chegou aqui na assembleia e nós instituímos então uma lei que o brega é uma expressão musical artística genuinamente pernambucana”. Eu fiquei muito surpreso na época, fiquei surpreso com a repercussão dentro do movimento, preconceito interno entre eles mesmo, nada grave, mas o que mais me deixou chocado foi a repercussão nas pessoas de esquerda que eu reporto como pessoas mais progressistas, mais abertas a receber esses tipos de manifestação e compreender essas manifestações dentro de uma compreensão sociológica, antropológica, mais ampla, são pessoas que tem o maior contato com esse tipo de construção de conhecimento e de pensamento, mas eu tive muito trabalho, minhas redes sociais na época o facebook, twitter, sofri muita crítica de gente da esquerda sabe por vários vieses, um dos principais era em relação a pornofonia, eu fui rebatendo um por um. “Um deputado progressista vai defender” citava uma letra de uma banda dessas, aí eu soltava uma da Selma do coco, não sei se você conhece, faleceu já, Selma do Coco de Olinda, então assim ela tinha letras com duplo sentido, eu disse: “o problema da pornofonia é outro e assim tem que saber trabalhar, isso está em todo lugar” eu me lembro uma menina “eu escuto Raul Seixas, eu não escuto essas porcarias” Eu disse: “Você já escutou rock das aranhas?” Ela: “é diferente” “Para você é diferente” mas assim você vai encontrar isso em várias, vários níveis, vários artistas, então muita gente criticando porque eu iria dar acesso, público para o brega e dizendo que o brega já tinha um mercado muito forte e quem precisava de incentivo era maracatu, era o cavalo marinho, era o afoxé, as associações de escola de samba que não tinham um mercado e etc. e eu dizia: “minha gente, olha eu acho que vocês tem que se organizar ainda mais para que se tenha político cultural, para que se tenha fundo de incentivo a cultura de verdade para que vocês disputem, porque assim o dinheiro público não está indo assim, se o brega encostar aqui, isso é um dinheiro pequeno, maior dinheiro do mundo está indo para gente de fora, entendeu, carnaval aqui, o são João, as coisas, vá brigar com Wesley Safadão, vá brigar com essas pessoas de fora, da Bahia”, Claudia Leite, leva sozinha, eu lembro que nessa época eu citei esse exemplo, Arcoverde era um dos polos do são João parece que foi em 2018 e o que aconteceu, não foi em 2017, o estado repassou para os polos, o governo do estado repassa recursos para ajudar, então tem Caruaru, Triunfo, Arcoverde, a gente tinha uns 10 a 12 polos aqui, Limoeiro...

F.: Isso é pela Fundarpe?

E.S.: É dinheiro público, geralmente é pela Fundarpe. Então eles deram parece que foi para Arcoverde, eles deram... eu não me lembro agora, mas era tipo assim, meio milhão, quinhentos mil para Arcoverde incrementar o São João deles. Arcoverde na época, salvo engano na época, só para dar o exemplo, contratou Claudia Leite por 270 mil...

F.: mais da metade do dinheiro...

E.S.: mais da metade de todo dinheiro do estado, então eu citava esses exemplos para mostrar que o problema da falta de recurso público para as agremiações, para as expressões culturais genuinamente pernambucanas não estavam no brega entrar ou não, estavam no processo cultural, porque veja Claudia Leite não tem mercado? Ela tem sim, ela está dentro de uma cadeia produtiva que recebe muito recurso, ela é a banda milionária, ela precisa receber dinheiro público, daí tem outra coisa, o público a merece? Merece, mas aí tem que tentar equilibrar, o que não pode é você apontar as baterias para o brega e deixar o brega, ah já que o brega tem mercado então deixa o brega lá sem incentivo nenhum, sem ser protegido, sim mais a maior parte, a grande parte do dinheiro de cachê do estado não vai para as agremiações e grupos locais, vai para os grandes artistas mesmo. Aprovou a lei eu como sou péssimo em comunicação, não fiz o devido trabalho, você vence uma pauta já vai para outra e passei quatro anos trabalhando, foi isso.

F.: Edilson muito obrigado, algumas coisas eu já esperava que você respondesse, mas que bom que foi além. Hoje você ver algum impacto assim dessa lei, acha que realmente foi importante?

E.S.: Olha, eu acho que foi porque eu mesmo ainda como deputado, eu pude fazer várias intervenções baseadas na lei, então assim a lei ela desmarginaliza a expressão artística, entendeu, agora é como eu te digo, quando o povo quer, a sociedade se adapta, óbvio que o brega, assim como a capoeira, assim como o frevo, assim como várias outras expressões que foram marginalizadas, como ela tinha muita força popular, ela vai para cima, ela vem para a superfície que brota e cresce e frutifica, agora isso pelo fato da gente ter essa certeza histórica, não nos dar o direito principalmente eu como legislador na época de deixar que o brega ficasse órfão de uma legislação que lhe protegesse, mas sinceramente de lá para cá o que foi que a gente viu, viu foi o movimento crescer e a sociedade, o que acontece, a sociedade ela vai se adaptando na época eu criticava muito assim, criticava não, eu usava como exemplo, eu digo: “vocês...” eu lembro que teve um carnaval eu fui ali para o central, centro da cidade, antes de começar a turma estava lá no brega, um brega mais bregado assim sabe, aquele de periferia mesmo, esse é o local que muita gente quer que o brega esteja, está entendendo, o lugar de, tinha uma festa aqui, não sei se tem ainda, não sei se tu lembrás, I love cafuçu...

F.: Era ali no [Clube] Internacional...

E.S.: Eu sei que eu nunca fui...

F.: Eu conheço...

E.S.: Mas assim veja, era uma coisa que politicamente inaceitável dentro do contexto da criminalização do brega, tipo assim, a classe média pode estilizar o brega, se fantasiar de brega, colocar uma roupa brega, meio Agostinho Carrara e ali tirar onda e o próprio do brega não podia que era criminalizado, então assim do mesmo jeito que hoje é incorreto você sair de nega maluca, você ficar usando a naturalidade dos trajes indígenas como fantasia, para tirar onda, tirar greia, a gente via a sociedade classe média, vou citar alguns segmentos usado essa expressão como tiração de onda e ao mesmo tempo ia assimilando aquilo, eu lembro na época tinha DJ que eram chamados para essas festas internas de gente rica, vigésimo tal andar de Boa Viagem, Poço da Panela, então depois todo mundo ficava mamado, aí coloca o brega, coloca MC Sheldon aí para a gente dançar, então como é que pode, então isso era um processo que eu sabia que iria chegar, ia avançar e avançou, foi importante, mas é como eu disse o movimento brega ele tem uma potência própria, ele tem um público próprio, ele não precisa de rádio, de incentivo de rádio pública e ele se

estabeleceu na sociedade recifense, pernambucana, como uma expressão realmente nossa e se impôs, ainda tem preconceito, mas tem preconceito até hoje contra afoxé, contra outras expressões.

F.: Entendi. Só a última pergunta, é mais uma confirmação. Eu tinha citado a Fundarpe porque eu vendo os editais, eu vi que em uma das normas, eu acho que essa lei que você citou do Oscar Barreto, ele cria, se não me engano era 20 por cento das atrações devem ser locais...

E.S.: Se não me engano é isso, é por aí...

F.: Edilson eu vou encerrar a gravação. Muito obrigado!

A entrevista com Edilson Silva oferece uma rica perspectiva sobre a criação e o impacto da Lei de 2017, que reconheceu o brega como uma expressão cultural legítima. Essa entrevista pode ser utilizada no ensino de História de várias maneiras, especialmente ao abordar temas relacionados à cultura, políticas públicas e movimentos sociais.

A entrevista é um exemplo de como a cultura popular pode ser marginalizada e como o preconceito pode afetar diferentes formas de expressão cultural. Os alunos podem analisar como o brega foi discriminado e criminalizado, assim como outras formas de expressão cultural, como capoeira e samba, e discutir como essas atitudes refletem preconceitos sociais mais amplos. Isso pode ajudar os alunos a entender como a cultura é valorizada ou desvalorizada dependendo de contextos sociais e políticos.

O relato de Edilson Silva sobre a criação da lei que reconheceu o brega oferece uma oportunidade para discutir como políticas públicas podem influenciar a cultura. Os alunos podem estudar como a legislação pode ser usada para promover ou proteger expressões culturais locais e como a atuação política pode impactar diferentes comunidades. Isso também pode incluir a análise de como a lei foi formulada e implementada, incluindo os desafios enfrentados e as reações da sociedade.

A entrevista destaca o papel de Edilson Silva como ativista do movimento negro e defensor da cultura periférica. Os alunos podem investigar como indivíduos e grupos usam o ativismo para lutar contra a discriminação e promover mudanças sociais. A análise pode incluir uma discussão sobre os diferentes tipos de ativismo e suas estratégias, bem como o impacto dessas ações na sociedade.

A entrevista fornece um estudo de caso detalhado sobre a Lei de 2017 e suas implicações para o brega. Os alunos podem usar esse estudo de caso para examinar o processo legislativo, os interesses em jogo e as consequências para a

cultura local. Isso pode incluir uma análise das reivindicações feitas por Edilson Silva, como a descriminalização do brega e a necessidade de proteção legal para expressões culturais locais.

A reflexão sobre como a lei ajudou a desmarginalizar o brega e como a sociedade se adaptou a essa mudança pode ser um ponto de partida para discutir o impacto da legislação sobre a cultura popular. Os alunos podem explorar como o reconhecimento oficial pode mudar a percepção e o status de uma forma de arte, e como isso se reflete na aceitação e popularidade de um gênero musical.

A entrevista também menciona a apropriação cultural e a marginalização do brega por diferentes segmentos sociais. Nesse ponto, os alunos podem debater como essas dinâmicas influenciam a percepção e a representação da cultura popular em diferentes contextos sociais, e como essas questões estão presentes em outros aspectos da sociedade.

2.3.1.6 Entrevista com Nega do Babado

FRED.: Boa noite gente estamos aqui com Nega do Babado, um dos ícones do brega aqui em Pernambuco. Tudo bom Nega, boa noite.

NEGA DO BABADO.: Tudo bom meu amor, boa noite, como é que você estar?

F.: Eu estou bem e você?

N.B.: Estou ótima, só um pouquinho gripada, mas estou bem.

F.: Vai melhorar. Nega qual o seu nome?

N.B.: Meu nome é Adriana Araújo.

F.: Certo. Você mora onde?

N.B.: Eu sou de Recife, mas tem outros lugares que gosto de ficar também, gosto de ficar em Pau Amarelo, mas eu sou de Recife, natural de Recife.

F.: É de alguma comunidade aqui de Recife?

N.B.: Já morei no Alto José do Pinho, morei em alguns lugares, mas hoje eu não moro mais em comunidade.

F.: Certo. Qual a sua profissão?

N.B.: Eu sou musicista.

F.: Certo. A sua idade?

N.B.: 50 anos.

F.: Como você se identifica, branca, negra, parda?

N.B.: Negra.

F.: Qual a sua formação escolar?

N.B.: Segundo grau.

F.: Certo. Nega na sua opinião o que é o brega e o que é o movimento brega? É a mesma coisa, tem diferença?

N.B.: O brega já é um movimento, brega é um movimento, não existe essa diferença. A periferia entra para o brega porque cria um movimento em que a gente pode sonhar, em que a gente pode acreditar e virou tudo isso que está acontecendo hoje, tantos anos de luta, eu

acho que, acho não, eu tenho certeza que o crescimento do brega é muito grande, então não existe o brega é um movimento, é o movimento brega, é uma junção, uma afinidade de um conjunto, então vira um movimento muito forte, a periferia é muito forte.

F.: Como e onde o brega surge? Quando a gente vai falar do brega aqui em Pernambuco, ele apareceu onde, como foi que ele apareceu.

N.B.: Ele surge das periferias do lado mais fraco, o mais fraco assim, é das pessoas enxergarem, porque é um movimento muito forte, mas surge da periferia, não tem de onde não, surge da periferia, surge da vida do periférico, da negritude, misturou todo mundo e todo mundo se uniu, mas surge da periferia, não tem para onde, é da periferia.

F.: Tem alguma periferia específica?

N.B.: Casa Amarela é o centro de tudo, Casa Amarela em geral é o centro de tudo, sou muito grata a Casa Amarela que em oito dias conseguiu estourar o milk shake, eu tenho 20 anos, o sucesso com milk shake e eu agradeço a Casa Amarela.

F.: Certo. Nega falando um pouco da tua biografia, como é que o brega entrou, como surgiu a Nega do Babado?

N.B.: A Nega do Babado surgiu, eu era gerente de uma grande loja por muito tempo, eu sempre gostei de cantar, e o brega surgiu na minha vida porque eu vivia na periferia, a minha vó era do Alto do Céu, não sei se você conhece, se você é da periferia...

F.: Alto do Céu da Iputinga?

N.B.: Alto do Céu de Casa Amarela. Então ali eram os ritmos mais chegados, eu chegava na noite e trabalhava. Foi quando eu pedi demissão e vou cantar. Então surgiu da convivência, surge da convivência de onde você vive, isso é o brega. Surgiu dentro da periferia, eu insisto na periferia porque tudo de onde veio o negro.

F.: Existiu algum tipo de resistência, preconceito durante a sua carreira assim?

N.B.: Com certeza. Até hoje. Eu sou resistente, sou empoderada, pé no chão, sou... eu aprendi a ser vários adjetivos com o sofrimento. O sofrimento 'nego' é sofrer de ter apanhado de preconceito, sempre foi muito forte, minha voz calou muita coisa. A voz, o jeito de ser, calou a boca de muita gente, mas o preconceito existiu e muito e não foi pouco e que para mim já ficaram todos para trás, mas eu continuo na minha sequência, empoderada sim, eu sou mulher e eu tenho meu empoderamento para que outras mulheres se levantem, não é frase copiada, é meu jeito, a gente passa por tantas coisas na vida que a gente vai enxergando as coisas melhores, entendeu, mas de preconceito demais, se eu for contar nessa entrevista aqui... tem muito 'nego', só porque eu sou negra. Hoje há mais um respeito, mas não havia tanto respeito, é por aí.

F.: Esse nome Nega... por que o nome Nega?

N.B.: Nega porque eu quis que fosse algo meu. Nega do babado porque babado é alguma coisa boa ou é alguma coisa que a gente vai olhar ou um movimento "visse um babado ali" Eu tenho muitos amigos que são homossexuais "Oh Nega tu és um babado" Então eu juntei tudo isso no meu nome Nega do babado, porque o babado é feito de muita alegria, porque eu sou feliz independente de qualquer coisa, eu sou isso mesmo.

F.: Certo, um momento eu estou anotando aqui. Qual a tua opinião em relação a essa patrimonialização do brega? Assim, o que mudou, o que permaneceu, surgiram essas leis, a primeira lei estadual, depois a lei municipal de autoria de Marco Aurélio, a estadual de Edilson Silva e você que está nesse circuito o que você percebeu que mudou com essas leis, o que permaneceu, o que pode melhorar...

N.B.: Mudou tudo, até para quem está de fora viu que mudou tudo. Alguém encabeçou alguma coisa, alguém acreditou, porque até então era um brega normal, hoje existe o dia do brega, hoje o brega está tocando em muitos polos, divisões exatas, como frevo, como caboclinho, foram divisões exatas, então a gente só tem a agradecer, o Marco Aurélio Filho, não deu a cara, ele deu a mão, o pé, o braço, porque é pancada viu 'nego', é pancada, sou muita amiga dele, todo mundo acha que sabe disso, é pancada, até então não sou uma

pessoa coligada a política, mas graças a deus... isso também não é propaganda, não sou mulher de muita coisa dessa situação, mas colocou a cara, conversou comigo, Nega isso... isso... isso fez e faz, então eu só tenho a acreditar, fez para o brega todo, carnaval foi um show, deu para todo mundo, coisa que não acontecia, você está me entendendo, não acontecia...

F.: Então assim, de um jeito mais objetivo, o brega ele se expandiu assim de um jeito que nunca se imaginava...

N.B.: Nunca aconteceu... Eu fui para São Paulo duas vezes... Não se imaginava, sempre tocava, mas uma coisa muito sofrida, não com tanto respeito ao movimento, de fato é isso, eu não sou muito de bla bla bla, é isso que está acontecendo, hoje tem mais respeito, antigamente não tinha muita coisa desse lado, hoje a coisa está ficando mais livre, é uma luta muito árdua meu amor, principalmente para a gente que tem uma situação mais humilde, agora eu só tenho a agradecer ao brega o que acontece na minha vida, é por aí.

F.: Você disse que foi para São Paulo...

N.B.: Fui em junho...

F.: Teve o que lá?

N.B.: Fui cantar, foi maravilhoso, fui participar do Prêmio Potência que são as mulheres negras, os negros mais maravilhosos do mundo. Quer dizer há uma desenvoltura melhor do brega, a turma está enxergando mais, fui cantar e foi maravilhoso

F.: Sabia não desse prêmio...

N.B.: Fui e dei nome.

F.: Tu consegues enxergar alguma relação se é possível, uma relação entre educação e movimento brega, se sim como seria na tua opinião?

N.B.: Sim. O movimento tem vários andamentos, tem vários estilos de musicalidade, tem a pessoa em si que canta, porque o brega ele tem fronteiras, Nega do babado hoje canta “eu gosto assim...” é uma música as vezes que gera duplo sentido, mas as vezes eu sou convidada a ir para escola, as crianças chegam para mim e vamos conversar, palestra, vamos lá falar sobre educação, quer dizer é uma junção que faz com que eu fique conhecida, não acopla o duplo sentido que é o cotidiano normal, mas acopla a pessoa que está fazendo, feito é uma pessoa de educação, então isso é o brega, porque não é necessário que você canta, mesmo não sendo brega e você não ser aquela pessoa educada por muitos acharem que o brega leva a essa desconjuntura de falta de educação, educação já nasce independente de ritmo e de pessoa, ela se constrói.

F.: Boa, muito bom...

N.B.: Deu para entender mais ou menos, falando muito...

F.: Deu para entender...

N.B.: As pessoas tem um respeito por mim, independente “vai me morder em cima” isso independe, é a pessoa

F.: Inclusive eu gostei dessa informação que eu vou levar você para alguns lugares, gostei...

N.B.: De que meu amor?

F.: Escola...

N.B.: Vamos lá, você vai ver que é babado!

F.: Pronto, já estou esquematizando aqui.

N.B.: Esquematize sim, que eu vou sim!

F.: Qual a importância do brega para a sociedade e para cultura pernambucana se tu pudesse definir, qual o grau de importância assim que tu ver no brega?

N.B.: O grau de importância é que todo mundo consegue trabalhar, os que não tem tanto para investir e colocar uma caixinha de cerveja para vender no brega, vender seu pastel, onde todo mundo trabalha, o brega dá trabalho a muito gente, trabalho no bom sentido, dá recursos, isso é fato, certo, eu vou fazer 21 anos de brega esse ano, então você chega em qualquer casa de show está todo mundo trabalhando, do segurança, até aquele que está

vendendo seu cigarro e seu bombom, todo mundo apostando, é sobre isso, o brega ele ajuda um ao outro, porque as vezes as palavras não precisam ser difíceis para ninguém entender, o brega ajuda um ao outro, ele é muito importante, ele é necessário na sociedade, o movimento brega é necessário no nosso estado de Pernambuco, é necessário no Recife, todo mundo trabalha, todo mundo se ajuda, o movimento brega é necessário, é um movimento popular, as pessoas hoje são mais populares, ela quer trabalho, ela quer participar, ela quer viver, poxa estou desempregado, a maioria das pessoas que estão atrás de conceituar alguma grana a mais, está desempregado, vai sempre para o bregão vender um refrigerante, uma pipoquinha, pouco investimento ou um investimento maior, mas está lá, o brega é necessário.

F.: Certo, entendi. Nega em relação as gerações do brega, quais seriam elas na tua visão?

N.B.: Gerações do brega, você diz o que, o que está sendo...

F.: O estilo, brega antigo, brega agitado, brega funk...

N.B.: O brega é brega “bicho” tem gosto para tudo. Eu sou aquela pessoa... eu acho assim tem o brega antigo, aí vem Reginaldo Rossi, tem Nega do babado, tem Pablo, tem Michele Melo, tem Dany Miller, tem os meninos que eu amo Troinha, é estilo, é tanto que tem gosto para todo mundo e todo mundo lota a casa, é uma geração que chegou, está chegando, fazendo o deles, a gente faz o da gente, tem casas, está Troia, está Nega em outra, está Michele em outra, está Dany em outra, e está todo mundo lotado, todo mundo trabalhando, eu vou para aquele brega porque eu gosto de dançar daquele jeito, é por aí, não existe aquela, na minha cabeça, a fulaninho aquilo ali não presta, não diz que não presta porque lota, se lota presta, tem público e existe público para todo mundo, é por aí, eu penso assim, eu, se não dar para aquele não vai, mas também não fala mal.

F.: Está ótimo Nega. Nega estamos encerrando uma última pergunta, sobre o futuro do movimento brega...

N.B.: Vai ser brilhante, já está sendo brilhante, vem muitas coisas por aí, eu digo até de mim, foram 20 anos que eu tive de resolver uma sequência para resolver outras sequências para poder agora estar liberada para fazer outra coisa que vai acontecer muito massa, porque o brega é isso, é união, uma pessoa faz, outra abre o caminho e vai todo mundo junto. O que é que eu espero do futuro do brega? O brega para o mundo, sonho alto, eu sonho muito alto e se eu não estiver sonhando esse alto eu não estava nem aqui falando com você hoje, se eu não acreditasse no meu bregão, eu não estaria hoje aqui, tudo na vida é difícil, é árduo, mas você tem que saber até que ponto você vai correr atrás dos seus sonhos, isso é fato, então o que é que eu espero do brega no futuro? Só bençãos, só coisas maravilhosas, só coisas estrondosas que leve nosso Recife a muito mais, todos os estilos de brega, eu sou por isso, eu sou pela união e pelo trabalho bem feito.

F.: Está ótimo Nega, deixa eu encerrar aqui. Obrigado!

A entrevista com Nega do Babado oferece um rico material para o ensino de História, especialmente para explorar a cultura popular e o impacto dos movimentos sociais na sociedade. A entrevista fornece uma visão sobre as origens e o desenvolvimento do Movimento brega em Pernambuco. Pode-se usar essa informação para discutir a relação entre movimentos culturais e contextos socioeconômicos. O brega surgiu nas periferias do Recife, e isso reflete a história das comunidades marginalizadas e sua luta por reconhecimento e expressão cultural.

O brega não é apenas um gênero musical, mas um movimento social que promoveu a inclusão e gerou oportunidades econômicas e sociais para muitas pessoas. Por isso, Nega do Babado menciona a importância econômica do brega e como ele ajuda na sobrevivência de pessoas em comunidades periféricas. A identidade de Nega do Babado como mulher negra e sua experiência com o preconceito podem ser usadas para explorar temas de identidade racial e resistência. Ela representa um exemplo de como indivíduos e comunidades marginalizadas utilizam a cultura para afirmar sua identidade e lutar contra a discriminação.

A discussão sobre a patrimonialização do brega e sua evolução ao longo dos anos pode ser utilizada para entender como movimentos culturais podem ser formalmente reconhecidos e valorizados, e como isso pode alterar a percepção pública e o status social de um movimento. Nega do Babado fala sobre sua experiência com preconceito e resistência e como ela superou esses desafios. Este ponto pode ser explorado para discutir o papel da música e da cultura na resistência e no empoderamento social.

A expansão do brega, a introdução de leis para sua valorização e o reconhecimento em eventos como o Prêmio Potência refletem mudanças na percepção e valorização da cultura popular. Esse aspecto pode ser usado para analisar como e por que movimentos culturais evoluem e são institucionalizados. Nega do Babado menciona seu envolvimento com escolas e como a música brega pode ser uma ferramenta educacional. Isso pode ser usado para discutir como a cultura popular pode ser integrada ao sistema educacional e como ela pode influenciar e refletir questões sociais e culturais. Explorar a ideia de que a música brega pode gerar discussões sobre temas importantes e proporcionar lições fora do currículo tradicional, mostrando como diferentes formas de expressão artística contribuem para a educação e o desenvolvimento pessoal.

A discussão sobre as diferentes gerações e estilos do brega (como brega antigo, brega funk, etc.) pode ser usada para analisar a evolução dos gêneros musicais e como eles refletem mudanças culturais e sociais ao longo do tempo. A análise de como diferentes estilos de brega atraem diferentes públicos e como a popularidade do gênero varia pode fornecer uma visão sobre as dinâmicas culturais e a importância da música na formação da identidade cultural.

2.3.1.7 Entrevista com Júnior Paz

FRED.: Olá boa noite, sou Frederico Neto estamos entrevistando Júnior Paz, tudo bom Júnior Paz...

JÚNIOR PAZ.: Tudo bem meu querido, satisfação, estou aqui para contribuir né isso!

F.: Isso, obrigado pelo carinho e pelo tempo aqui de dedicação a pesquisa. Qual teu nome Júnior?

J.P.: Meu nome é Washington Vital de Paiva Júnior.

F.: Onde você nasceu e mora?

J.P.: Eu nasci no bairro de Areias, mas hoje eu moro em Fernando de Noronha.

F.: Certo. Qual a sua profissão?

J.P.: Sou músico e empresário.

F.: Você tem alguma formação acadêmica, escolaridade?

J.P.: Não, eu só fiz até o 3º ano (ensino médio) mas não me graduei.

F.: Idade?

J.P.: 43 anos.

F.: Como você se identifica, assim você se considera preto, pardo, amarelo?

J.P.: Pardo.

F.: Júnior o que é o brega e o que é o movimento brega, tem diferença, é tudo a mesma coisa, qual a sua opinião?

J.P.: Então para mim o brega hoje é um... na verdade ele significa tudo, o brega. A gente vem lutando, eu tenho hoje 24 anos de carreira, comecei nos anos 2000 no brega passando por várias bandas como Carícias, Veneza Brasileira e outras Banda Carinhos, Novas Carícias e nos anos 2000 a gente não tinha esse poder que hoje nós temos, e hoje a gente ser reconhecido em todo o Brasil, o brega hoje ele é forte, aí o pessoal pergunta: "por que você acha que o brega é forte?" Porque na verdade a gente ver um monte de cantores a nível nacional, de outros estados gravando músicas de pernambucanos, que hoje damos uma ênfase no nosso rei Reginaldo Rossi por ele ter aberto as portas para o nosso brega e o brega ter conseguido o respeito que tem hoje, aí vem as outras bandas que foram seguindo, que estão chegando a nível nacional e o brega para mim é tudo hoje, o brega significa respeito, a gente tenta até hoje, tentar fazer as condições e a musicalidade chegar nos lares com respeito nas letras, a gente tenta as vezes em televisão o máximo possível o brega romântico ou não, ele tem que chegar nos lares de todo o Brasil com ênfase aqui em Pernambuco chegar com qualidade para uma criança escutar, então tem muita música boa que conseguimos segurar para hoje ser um brega lindo, ter duzentas mil pessoas assistindo uma banda de brega, o que era o brega... a gente quase... nos anos 2000 a gente não conseguia colocar, vamos lá que colocasse cinco mil pessoas num local era, um público que era um absurdo, "meu deus colocou cinco mil pessoas no [Clube] Português" Hoje a gente coloca duzentas mil, duzentas e cinquenta mil pessoas para assistir uma banda brega em locais abertos.

F.: Entendi. Dentro dessa tua vivência Júnior, o brega aqui em Pernambuco surge onde, tem algum local assim específico?

J.P.: É... o brega ele é muito periferia, ele é muito os bairros daqui de Pernambuco, na verdade de Recife, a gente dar muita ênfase em Casa Amarela, tem muito músico de Casa Amarela, Olinda, tem muito músico que começa na periferia e hoje eles conseguem até ter uma vida melhor por conta da música, mas o ponto mesmo é periferia, o brega começa na periferia.

F.: Teve alguma casa de show algum local assim importante do movimento?

J.P.: Alguma casa importante?

F.: Sim, para história do movimento?

J.P.: Sim, na verdade são poucas hoje. Hoje depois da pandemia se criou muito pub, mas aí a gente tem o Cem Por Cento Brasil apoia o brega até hoje, são tão poucos que a gente até esquece, de casa de shows que apoia o brega, mas uma casa que eu foco nela que apoia o brega as 'Pás', Clube das Pás é uma casa do brega, tem o Ferroviário de Jaboatão, tem Afogados, Cavaleiro o pessoal sempre está apoiando o brega, essas casas assim, são poucas, a gente está esquecendo, hoje é tudo pub, perdemos muita casa de show.

F.: Entendi. Assim Júnior como é que o brega entrou na sua vida, como é que Washington virou Júnior Paz, como foi que isso aconteceu?

J.P.: Eu comecei na verdade com 15 anos, foi em 1995 isso, eu cantava numas bandas de pagode, é até engraçado eu digo ao pessoal que quando eu cantava nas bandas de pagode, eu ganhava três coisas quando minha menina nasceu: um mucilon, um leite ninho e uma fralda descartável. Com 15 anos isso na minha vida, isso aí foi passando o tempo, fui ficando conhecido, fui pegando bandas maiores, fazendo testes com as bandas maiores, fui me destacando ao qual estava numa banda de pagode, um amigo meu estava fazendo a Brega.Com no início chegou e disse: "Júnior você não quer fazer dessa banda Brega.Com, é uma banda de brega?" Eu respondi: "Rapaz eu vou!" A banda já era mais estruturada, fui para essa banda Brega.Com ao qual a gente começou a ensaiar na Brega.Com e tinha uma banda chamada Carícios, estava estourada, e o empresário dessa banda Carícios se juntou com o pessoal da Brega.Com e fez banda Carícios, nós fomos todos para lá e a Brega.Com fizeram com outros cantores, foi o início da minha carreira e auge do meu nome começar a surgir como "Júnior!", "Júnior!", "Júnior!" e esse Paz porque eu não era um cara de cobrar, eu era um cara de esperar o empresário pagar, esse é o Júnior Paz, ele é da paz, quem não cobra tudo é paz, aí ficou Júnior Paz. Em 2004 para 2005 eu saí da banda Carícios e fizemos com um dos donos da banda a Nova Carícios, passei mais um na Nova Carícios, depois fui para Banda Carinhos, Veneza Brasileira é uma banda que toca muito até hoje em Recife umas músicas que foram estouradas que virou mito na música, virou hino. Em 2007, até 2007 eu fiquei pulando de banda, 2007 eu coloquei o Júnior Paz, foi quando fiz uma música chamada Separação e Refém que era: "Não! Não! Não te quero não, arruma outro home eu quero a separação!" A Refém: "Acabou, siga o seu rumo, me esqueça, que me faz tão bem, eu só te usei, você me usou e só quis brincar" Duas músicas que foram tocadas minhas, que quando começou a tocar o Dener Oliveira que era um programa de auditório aqui de Recife me chamou e a música deu um estouro, eu segurei isso aí mais três anos de pipoco, de três a quatro anos consegui me sustentar como cantor Júnior Paz e até hoje estou nessa luta.

F.: Massa velho! É linda a trajetória. Eu confesso que acompanhei, vivi esse auge dos anos 2000, os programas de auditório, eles assim alavancaram o brega de um jeito, eu acho que também tinha esses festivais de rádio, acho que era Rádio Recife...

J.P.: Era Rádio Recife, TV Jornal, Rádio Jornal do Commercio...

F.: Tinham muitos shows que popularizou...

J.P.: A banda de Pedro Paulo que também tinha...

F.: Isso, também tinha era mesmo

J.P.: Era muito programa de TV também, era Beto Café, era Flávio Barra, Marcos Silva que é até hoje. Marcos Silva que segura a bandeira de Pernambuco, de Recife, ele é o cara que segura a bandeira pernambucana do brega, porque os outros programas não ligam mais para o brega, depois que a gente perdeu Dener Oliveira da mídia acabou os programas todos que focavam no brega, ficou só o Marcos Silva que até hoje sustenta esse legado.

F.: Entendi. Júnior nesse tempo existiu algum tipo de resistência, preconceito, alguma situação assim adversa por causa do gênero brega?

J.P.: A gente passou um tempão com isso, sofrendo com isso aí, quando a gente falava é... chegava no local mesmo a galera "Olha esse cara é conhecido!" "Esse cara é famoso!" "Ele canta o que?" "Ele canta brega!" "Ixi! Brega!" A gente sofreu aí, até 2015, acho mais ou

menos, se eu não me engane, até 2015 houve esse sofrimento da galera ignorar o nome brega, um pouco difícil, mas aos pouquinhos, estamos tentando ainda, não conseguiu ainda cem por cento, mas do jeito que vai aí essa luta, a gente vai chegar vai entrar numa música popular brasileira se deus quiser.

F.: Ótimo. Na tua opinião, essa questão da patrimonialização do brega, qual a mudança assim tu realmente observou, que permaneceu, o que pode melhorar, que a gente tem a lei estadual que considera o brega é uma expressão cultural e tem a lei de Recife que torna ele patrimônio, então essas leis de fato o que mudou no cenário?

J.P.: Então meu amigo, eu acho que eu só vi uma mudança desse ano agora, ano passado não teve, é vamos colocar ano passado, estou lembrando algumas coisas aqui, foi melhor em termos da galera dá uma ênfase naquele palco do Marco Zero colocar banda para tocar no palco principal, para poder o brega tomar mais força, que esse palco principal ele é transmitido para todo Brasil, então isso aí é muito válido para o brega, ser visualizado em todo o Brasil, então o que acontece, do ano passado para agora, deu uma melhorada grande, mas poderia melhorar muito mais, poderia ter mais respeito, eu acho sabe, eu acho que não houve total respeito com os artistas do brega, eu acho que hoje existe um monopólio só com aqueles bregas ali que algumas produtoras tem, acho que poderia ter mais respeito de poder abrir mais espaço, o máximo que pudesse, mostrar seu trabalho, a gente vive lutando muito assim, não falo só de mim, mas de outras pessoas que estão tentando chegar, fazer um nome, eu acho que poderia ter mais respeito, a galera abrir mais espaço, são tantos polos, mas existe em Pernambuco um monopólio, existe aquilo de... hoje existe mais números, se você tem números, você consegue gravar com o artista que tem mais números, está em um patamar maior, se você não tiver, você não é válido de nada, existe isso em Pernambuco, eu fico as vezes, até posto nos meus storys a respeito disso, porque o baiano um ajuda o outro, porque o baiano ajuda o outro, porque você ver uma banda que nunca existiu daqui a pouco está estourada, porque alguém apadrinha aquela banda e são muitas bandas que estouram, são muitas, você ver de vez em quando na TV sabe nem quem é, não sei o que da Bahia, chamam ela aqui, então eu acho que só falta respeito, falta na verdade um fato que é parceria, que poderia melhorar muito, mesmo ele sendo bem material, mesmo a... como é que se diz... ter vinculado esse nome para Pernambuco, mas eu acho que falta muita coisa ainda para poder esse brega ser cem por cento aí sabe.

F.: Entendi. Na tua opinião, qual a importância do brega para a sociedade e para cultura de Pernambuco?

J.P.: Eu vou ser bem sincero que eu não sei está com arrodeio. Se for o brega, brega, brega, brega mesmo, brega verdadeiro, brega rasgado, brega que conta as alegrias, as dificuldades do povo, eu acho que é bem válido, porque daí vem situações na música que bate nas situações, entendeu, eu estou falando do brega, a pergunta foi o brega, então para mim é cem por cento, muito importante o brega, o brega ele trás alegria, o brega ele também trás tristeza, o brega ele trás dúvidas as vezes numa música que pode entrar numa situação de alguém ficar duvidoso, ele pode resolver situações, o brega é lindo, o brega é tudo, ele é um ritmo gostoso, falando em ritmo, então o brega para mim é isso.

F.: Quando tu falas assim do brega rasgado e tal, é uma crítica que você faz assim ao brega atual, brega funk, tem alguma geração assim que para vocês não é brega, é outra coisa, o que seria?

J.P.: Porque quando eu falo brega, quando você me perguntou brega, qual a importância do brega é poder levar aos lares músicas de qualidade, música boa, música com letra que dar para uma criança escutar a um senhor de idade. O brega atual ele continua sendo rasgado, entendeu, para mim ele continua sendo rasgado porque ele leva para tua casa, para minha casa, para uma esquina, para um bar, para um shopping, para dentro de um ônibus, leva música de qualidade, letras boas, entendeu e falando do brega funk, isso aí é bem dito que

mexe com muita coisa, com palavras de baixo calão, palavras que não... obscenas, não é legal, eu acho que esse brega funk era para tirar o nome brega e deixar somente alguma coisa parecida com funk, porque eu queria entender o que é que tem de brega em um brega funk que diz que falando não sei de que, não sei o que da menina, que vai colocar não sei onde, eu não... sabe, não é nada contra as pessoas, é contra o estilo que eles colocaram para uma coisa que está sendo tão... hoje o brega muita gente procura para fazer entrevista, você procura para... hoje em nível nacional fala do brega, então como é que pode você colocar o nome brega para uma coisa que só faz denegrir imagem de mulheres, de crianças, é muita... é isso que eu falei que o brega é o brega, o brega é importantíssimo para o Brasil, não só para Pernambuco.

F.: Entendi, obrigado. Só tem mais duas perguntas Júnior. Tu consegues ver alguma relação entre brega e educação, brega e escola, assim na sua carreira já teve algum momento desse tipo?

J.P.: Não. Foi uma coisa que você me perguntou agora que nunca pensei em ter essa pergunta. Nunca, eu nunca vi.

F.: Nunca foi chamado para palestra para falar um pouco...

J.P.: Não, nunca fui chamado. Já fiz muitas entrevistas assim que estou tendo com você, mas me chamarem para eu ir no colégio ou universidade e eu falar sobre o brega, nunca tive a oportunidade, até que um dia eu quero ter, vai ser muito gostoso isso, vai ser muito bom.

F.: E assim sobre o futuro de Júnior Paz, do movimento brega, o que podemos esperar? Quais são os projetos?

J.P.: Então, eu continuo gravando, a gente vem na luta aí para conseguir um espaço melhor, que a luta é muito grande, a desvalorização é muito grande aqui em Pernambuco dos músicos e dos cantores, tento também fazer minha parte em termos de unir um ao outro para poder gravar, já teve rejeições, já tentei gravar com pessoas que estão em um nível maior que o meu e já me rejeitaram, entendeu, não tenho vergonha de dizer isso, eu não sei o dia de amanhã, é bom que isso fique gravado, a gente não sabe o dia de amanhã, como é que o mundo vai girar, hoje eu estou por baixo ele gira amanhã eu estou por cima, a gente vem gravando coisas boas para continuar esse trabalho para poder daqui a um tempo igual eu pensava a vinte anos atrás de gravar música com qualidade para poder a galera ir seguindo, menino novo que estão tudo por aí, para a gente ter o nome do brega respeitado, poder entrar São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Minas Gerais, Brasília, qualquer canto com música de qualidade, ninguém poder dizer assim "mas que porcaria é essa que estão tocando aqui no meu estado!" "É de onde?" "Recife". Por isso que a gente as vezes tem que pensar realmente o que a gente vai colocar na rua, eu como foi a sua pergunta qual o futuro de Júnior Paz, vamos seguindo, trabalhando com música de qualidade, um trabalho bom de palco para a galera, você chegar no local e a galera querer chegar mais, querer lhe abraçar e esperar Brasil, que a gente trabalha, trabalha no hoje e no sempre e no correto, quebrando a cabeça das minhas composições, pegando composição de parceiros, fazendo parcerias, para poder levar qualidade daqui a mais 10, 20 anos, se eu estiver vivo se deus quiser, passar essa qualidade do brega para todo Brasil e a galera poder escutar e não denegrir a imagem do brega pernambucano.

F.: Está ótimo Júnior. Júnior você autoriza o uso da entrevista para fins pedagógicos?

J.P.: Sim, autorizo sim.

F.: Deixa eu só encerrar aqui.

A entrevista com Júnior Paz oferece um material rico e multifacetado que pode ser integrado de diversas maneiras no ensino de história, especialmente para abordar temas relacionados à cultura e à identidade regional. A seguir, apresento

alguns pontos que podem ser explorados em sala de aula a partir da conversa que realizei com Júnior paz:

- a) Exploração da Cultura Popular e Identidade Regional, compreendendo a importância do brega como expressão cultural de Pernambuco e sua influência na identidade regional;
- b) Estudo do Impacto da Música na Sociedade, analisando como a música pode influenciar e refletir questões sociais e culturais;
- c) Análise Crítica de Gêneros Musicais, objetivando desenvolver habilidades de análise crítica em relação aos gêneros musicais e suas representações.
- d) Solicitando que os estudantes realizem entrevistas e Narrativas Orais, utilizando-se de entrevistas como ferramenta para entender diferentes perspectivas históricas e culturais;
- e) Atividades de Criação Artística, encorajando a expressão criativa dos alunos através da música e da arte.

A entrevista com Júnior Paz serve como uma rica fonte de material para explorar temas diversos dentro do ensino de História. Através da análise da trajetória de Júnior Paz e do brega, os alunos podem adquirir uma compreensão mais profunda da cultura regional, das dinâmicas sociais e da importância das expressões culturais na formação da identidade nacional.

As entrevistas acima nos fornecem informações, percepções e visões acerca do brega e do Movimento brega, particularmente em Pernambuco, mas também nos dão mostras de como podemos utilizá-las como fontes e objetos para propor análises e propostas didáticas em sala de aula. São fontes ricas que nos mostram como podemos utilizar o brega para compreensão do nosso presente e passado, bem como fazer análises críticas de contextos e situações que envolvem a história local ou mesmo nacional.

2.3.1.8 Entrevista com Michelle Melo

FREDERICO.: Pronto a gente vai iniciar, já está gravando, com quem eu falo?

MICHELE MELO.: Michele de Melo Borba, mais conhecida como Michele Melo.

F.: Certo. Michele você nasceu onde?

M.M.: Em Recife.

F.: Certo, mora também em Recife, não é?

M.M.: Moro em Recife também.

F.: Qual a comunidade ou bairro?

M.M.: Eu agora moro no Espinheiro, mas eu vim da comunidade Chão de estrelas.

F.: Certo. Isso é Zona Norte?

M.M.: Isso, Zona Norte.

F.: Certo, qual a sua profissão?

M.M.: Cantora.

F.: Tem algum curso universitário ou coisa do tipo?

M.M.: Não, tenho não.

F.: Certo, idade?

M.M.: 43.

F.: Certo. Como você se enxerga racialmente, você se ver como branca, parda...

M.M.: Eu sou branca.

F.: Certo. Michele uma das perguntas que eu tenho é a seguinte: O que é o brega e o que é o movimento brega, são coisas iguais, são diferentes, como você enxerga isso.

M.M.: Eu fui uma das primeiras pessoas a bater justamente nessa tecla. Se a gente começar a colocar o brega apenas como um ritmo, primeiro que a gente vai ter que catalogar isso, sair dividindo tudo direitinho, porque no brega tem vários ritmos que entram dentro, começou com cumbia, tem funk que entra também no brega funk, então assim, é uma mistura muito grande, mas quando eu bato na tecla dizendo que o brega é um movimento, porque na verdade o brega foi um grito da periferia que tinha vontade de crescer, sem mudar quem era, se você parar e prestar atenção, o brega começa acontecendo na própria periferia, mas os moradores eles nem abandonam os seus bairros, nem as pessoas que fizeram eles crescerem, nem abandonam quem eles são. O mais normal que a gente ver quando a gente fala de artista no Brasil, é que quando um artista alcança um certo patamar, ele sofre uma mudança, mudança essa de comportamento, de vestuário, até de posicionamento e o brega não, o brega ele consegue guardar a sua simplicidade e também como é que eu posso me expressar... mais a sua... como é que eu posso me expressar meu deus, está fugindo a palavra... originalidade, a gente começou dentro das nossas comunidades, a gente não tem vergonha disso, então quando a gente se projeta para fora, a gente não precisa se mostrar um artista diferente, a gente continua com a mesma forma de vestir, de se portar, porque foi isso que impulsionou a gente e eu acho que é a maior característica do brega, são pessoas que são autodidatas, que vieram de periferia e cantam o seu dia a dia da forma mais simples possível e uma forma que a própria periferia possa entender, tendo em vista que a maioria das pessoas que moram na periferia não tem acesso a uma faculdade, a uma escola melhor, a línguas exteriores, então assim a gente canta o nosso dia a dia na forma mais simples, na forma que a gente foi criada, quando a gente aprendeu, então o brega é um movimento de grito da periferia, dizendo que a gente tem importância, tem valor, que a gente brilha dentro da nossa simplicidade e sem precisar se moldar para ninguém, acho que isso é a maior característica por isso que eu disse que é um movimento e também o que é que deixa de ser um movimento o brega, se você parar para pensar, o movimento brega, ele mudou a história da periferia do Recife, hoje você tem um índice altíssimo de jovens saindo da situação de pobreza absoluta para justamente ajudar os seus pais, sua família, sua comunidade e não é só cantando, não é só tocando brega, mas sim dançando, mas sim produzindo conteúdo para as redes sociais, seja de humor, seja um blog, se a gente coloca o brega apenas como um ritmo, a gente acaba deixando de fora pessoas que são muito importantes para o movimento, que essas pessoas que não se identificavam cantando ou tocando algum instrumento, se identificavam dançando, elas se identificavam atuando, mostrando o que acontece no dia a dia, quando eu falo do humor do brega, eu falo humor, criado em cima do que acontece no dia a dia do brega, um grande exemplo disso é o Ítalo que ele tem uma personagem, onde ele faz a personagem do homem e da mulher que é o ratão e a outra personagem dele ele faz o dia a dia do brega dos moradores da periferia, quando eu falo de blogs, eu falo de blogs de fofoca, blog de informação, como Recife Ordinário, o Brega Bregoso, que também são blogs

de bilhões, Amarelinho, Brega Pop, entre outros, são muitos que sobrevivem da informação retirado do brega que nada mais é do que o dia a dia dos moradores de periferia, entendeu...

F.: Entendi...

M.M.: Eu não sei se eu conseguir fazer você entender direitinho...

F.: Não eu entendi...

M.M.: É porque é assim para mim é complexo quando as pessoas falarem e eu sou cantora do ritmo brega, não faz isso, não acaba com a minha vida porque eu estou falando o brega ele ficou tão maior, ele ficou tão enorme que acabou sendo o grito da periferia, eu acho que essa é a maior explicação que eu posso dar o que é o movimento brega? É um grito da periferia, que eles existem e brilham que pode acontecer do jeito deles.

F.: Certo, está ótimo. Movimento brega é um grito da periferia, não é isso?

M.M.: Isso

F.: Obrigado rainha! A outra pergunta é na sua visão como e onde o brega surge?

M.M.: Dentro da periferia, dentro das comunidades...

F.: Tem alguma específica que você queira mencionar...

M.M.: Não, todas as comunidades do Recife de hoje abrigam vários artistas sejam eles do segmento da música, do humor, da informação, então assim na verdade o que caracteriza aquela pessoa seja do movimento brega na minha concepção, no meu entendimento é que primeiro seja morador de comunidade, que viva aquilo que posta, aquilo que mostra, aquilo que canta, porque se não fosse feito por nós não seria tão grandioso e tão verdadeiro, eu acho que é isso que é mais bonito, enquanto alguns cantores, bandas cantam histórias de alguém ou estão contando a história que aconteceu, a gente está contando a nossa história, então eu acho que as características para se caracterizar como personagem do movimento brega, uma pessoa do movimento brega é basicamente isso é ser morador de periferia, é ser autodidata, porque o grito que eu te falo que o brega deu, foi justamente por a gente não ter oportunidade, porque a gente não tinha quem indicasse, não tinha quem bancasse, não tinha quem ajudasse e você sabe que assim a educação infelizmente no nosso país não é uma educação de primeiro mundo, são poucas pessoas que criam força para lutar e vencer na vida, não estou dizendo que não é possível porque a gente tem aí um rapaz que foi primeiro lugar na UFPE que ele trabalhava catando lixo se eu não me engano, lógico que influencia muito a força de vontade, meu sobrinho foi segundo lugar na UFPE...

F.: Estou ouvindo

M.M.: Mas o que é que acontece, quando eu falo para você, eu falo do seguinte... fecha os teus olhinhos dois segundos e imagina uma história, um lugar muito pobre, uma família onde na maioria das vezes a mãe, o pai, já tem vários filhos, a mãe não trabalha, o pai não trabalha ou vive de bicos, uma situação meio caótica, onde para você ter alguma coisa é bem difícil e você já está acostumado porque você vai crescendo com pessoas ao seu redor falando assim: “Vai dar para nada não!” “Vai ser costureira como a tua mãe!” “Manobrista como o teu pai!” Não que isso seja problema, mas a gente estava acostumado a o que minha mãe foi eu vou ser ou o que meu pai foi eu vou ser, porque eu não tenho dinheiro, eu nunca vou conseguir alcançar grandes números, nem alcançar um público que tenha vontade de me seguir porque quem vai querer seguir um pobretão como eu, eu escutei muitas vezes as pessoas dizerem isso: “vai estudar menina! Vai estudar tu estás vendo que tu não vais levar tudo para nada!” Estás entendendo, as pessoas achavam que por você não ter dinheiro e não ter nascido em berço de ouro, você não tinha direito a ter oportunidade e o que o brega fez, por que o grito, quando eu falo grito, eu falo no sentido de agressão mesmo, o brega chegou gritando: “Ei para com isso aí, você tem o direito de você ser o que você quiser, basta você acreditar e ralar e depois que você acontecer não mude” Porque você aconteceu a sua estrela está justamente no seu simples, em quem você é na sua simplicidade e no seu jeito de viver, não é a toa que não é só o brega, o ritmo que está pegando todo o Brasil, se você olhar hoje a invasão do tik-tok ela é muito maior justamente pela forma dos meninos que dançam o brega funk, as pessoas vão imitar os passinhos e isso viraliza, você tem como base aí a história que aconteceu com o próprio prefeito da cidade quando ele colocou o neveu isso causou uma comoção nacional porque nunca tinha

se pensado em um político aderir a uma ação totalmente dos jovens da periferia, porque isso era uma característica dos jovens da periferia isso de muito antes, eu acho que quando eu era bem pequenininha tinha uma época que não tinha nevou, mas a gente tinha o papel crepom e a gente mudava o cabelo para brincar o carnaval, ou seja estamos pegando a nossa simplicidade e empurrando literalmente, porque se hoje as pessoas estão dando o valor que estão dando, se as pessoas estão dando mais visibilidade para o brega, não é porque de repente é legal, é não, porque eles viram que o brega é muito mais forte, a gente conseguiu chegar em lugares que nenhum outro ritmo do próprio estado conseguiu chegar.

F.: Entendi, obrigado. A próxima pergunta é assim sobre sua trajetória, como o brega entrou na sua vida, com que idade, em que momento...

M.M.: Então, eu desde pequenininha gostava muito de cantar como eu era muito pobre, eu ficava minha mãe e nos LPs que minha irmã tinha de Marisa Monte, alguma coisa assim, mas eu era obrigada a cantar o que tinha ali, eu não tinha muita opção, mas eu sempre gostei de cantar e eu sempre falava na frente de um espelho, quando meus irmãos brincavam “olha a doida!” “Que nada um dia você vai ver!” Sempre coloquei isso na minha cabeça e batalhei muito, passei por bandas de forró, passei por barzinho, passei por orquestras, eu cantava, eu gostava, eu não tinha me identificado, só faltava alguma coisa e quando foi no ano de 2000 eu comecei a cantar brega e qual era a diferença do brega, o brega ele atuava principalmente dentro das próprias comunidades, pessoas que eu conhecia, gente da gente, pessoas que podiam chegar falar com a gente e aquilo me encantou de uma forma pela proximidade eu comecei a me encontrar, está entendendo como é, tipo assim, eu queria ser cantora, artista, mas eu não queria ser artista melhor que ninguém, sabe daquela história de chegar num patamar, onde as pessoas não tiverem acesso a você, eu nunca fiz isso, eu gosto de povo, o que mais eu gosto de fazer show de rua, encontrar com as pessoas, então o brega, ele me deu essa possibilidade de uma forma muito maior principalmente que a gente trabalhava justamente nas casas de show perto uma da outra, eu cantava no Bate Papo era perto do Arruda, cantava em Olinda, ou seja tudo próximo, muitas vezes o público eram nossos vizinhos, nossos amigos deixava a gente mais... o que o brega fez por mim, o brega fez tudo por mim, o brega me deu tudo que eu tenho financeiramente que é muito importante, lógico, o brega me deu tudo que eu tenho psicologicamente assim, eu me tornei Michele Melo, eu quis me tornar Michele Melo, porque as pessoas ainda tem, sempre tiveram muito preconceito ainda com a figura feminina tomando uma posição diferente, você está acostumada com o homem chegando dizendo o que quer, que vai, que isso, que aquilo e aquilo outro, na sensualidade, colocando uma camisa no ombro, mas não estar acostumado com uma mulher que gosta do seu corpo, mostra seu corpo sim, não tem problema nenhum nisso, não sente nenhum pouquinho diminuída, entendo essa sensualidade, até porque eu sou brasileira, características de todas as brasileiras é a própria sensualidade, eu me sinto até muito incomodada quando as pessoas falam que brega sexualiza crianças, vulgariza mulheres, porque assim desde muito pequenininha eu me lembro que teve uma época que estourou É o Tchan aqui e uma mulher descia na boquinha da garrafa com short minúsculo, então é pura hipocrisia isso, é como se quando é pequeno não presta, quando toma uma grande proporção presta, eu vejo todas as pessoas que criticam o brega, criticam as mulheres que mostram seu corpo no brega aplaudindo Madona, aplaudindo Beyoncé, são mulheres que mostram o corpo absurdamente maravilhosas, elas tem noção da sensualidade que carregam e protagonizam essa força feminina de uma forma incrível, então porque uma bregueira não pode fazer a mesma coisa, então por conta desses julgamentos foi quando o brega começou a mexer com meu psicológico me tornar uma mulher mais forte, mais decidida, foi quando eu comecei a me entender melhor, sair da banda Metade, tive que aprender a ser minha própria empresária não ser roubada, então o brega me ensinou a ser cantora, a ser produtora, a ser empresária, tudo isso sendo autodidata, sem ter ninguém que me ajudasse, escola nenhuma que me ensinasse nada, sem falar que todos os dias eu tinha que aprender a lidar com o preconceito, com homens que achavam porque tinha uma mulher a frente podiam falar ou fazer o que quisesse e eu os colocava no lugar, ou seja o brega me ensinou muito, muito mesmo.

F.: Você já começou respondendo a pergunta que eu faria, se de fato existiu algum tipo de resistência, preconceito assim durante a sua carreira, por que...

M.M.: Existe até hoje, vamos ser sincero. É porque na verdade eu acho que as pessoas elas tem uma tendência, uma suposição: se de repente na internet todo mundo fala que alguém está errado, todo mundo vai lá e mete o pau sem saber o que aconteceu, é mais ou menos o que acontece no dia a dia da vida da gente, antes eu enfrentava preconceito porque eu era uma menina muito nova e cantava músicas com duplos sentidos que estavam abusando do meu corpo que não tinha necessidade...

F.: Você tinha quantos anos, desculpa perguntar?

M.M.: Eu comecei com 19 e estourei com 21 anos. Quando hoje em dia, o preconceito é tipo “Mas como pode essa mulher nesse tempo todo cantando músicas gemendo” Não tanto sabe porque assim, essas pessoas começaram a olhar também a mãe, a empresária, como tem internet hoje, elas conseguem acompanhar no dia a dia e conseguem distanciar totalmente a personagem Michele Melo da Michele de Melo Borba, então assim, mas ainda existe um certo preconceito, das pessoas acharem que tipo “Passou do tempo!” Até brinquei com Nena Queiroga um dia desses que é uma cantora de frevo e que ela me falou a mesma coisa: “Michele um dia desses eu me bati de frente com mulheres, infelizmente na maioria das vezes são mulheres que criticam, dizendo assim Ah Nena não devia usar mais esses vestidos com a perna de fora” Eu olhei para ela “Por que não Nena, sua perna é linda, queria eu ter uma perna grossa dessas, branquinha, lisinha!” “Não é amiga, só por causa da minha idade” E não tem isso, não existe isso, as pessoas tem que parar de dizer o que é certo ou errado na vida dos outros, sabe o brega me ensinou isso, o brega me ensinou a ter a força suficiente para chegar para qualquer pessoa que queira dar qualquer pitaco na minha vida que eu não pedi eu dizer: “Ei psiu, para aí!” Sou de maior, pago minhas contas, vivo a minha vida e não te perguntei absolutamente nada, a gente bate no preconceito sim, muito menor, mas eu lido com esse preconceito de uma forma muito mais fácil.

F.: Entendi. E qual a sua opinião contra essa patrimonialização, tanto no âmbito estadual, municipal, está se buscando o dia nacional do brega inclusive teve a audiência lá no congresso, quais seriam as mudanças, o que foi que mudou, o que foi que permaneceu...

M.M.: Mudança a gente teve com relação a depois da lei, com essa gestão, a gente teve uma inclusão muito maior e também um respeito podemos dizer assim, de vista que, lugares que a gente nunca pensou que pessoas do brega pisariam como o baile municipal, o maior bloco do mundo, que é nosso maior orgulho do estado que é o galo da madrugada, o galo da madrugada desde o ano passado e esse ano também me deu um trio totalmente brega, onde eu vou faço brega, faço frevo, mas assim é o primeiro trio da história onde pode se tocar outro ritmo e que é reconhecido, inclusive fica lá o trio brega de Michele Melo e para convidados, esse ano a gente trouxe a Fabiana Karla maravilhosa, então assim são conquistas que a gente está tendo lógico e evidente, mas eu acredito também como eu te falei, o grito, porque mais uma vez eu vou tocar nessa história do grito, se eu te dissesse que alguém estava chamando na porta devagarzinho é difícil a pessoa escutar, quando você chega gritando, puxando, abrindo e entrando não tem como segurar, foi mais ou menos isso que o brega fez, o brega ficou muito maior que qualquer preconceito, inclusive pessoas que tem preconceito ainda com o brega, mas precisam do movimento, acaba abrindo espaço, o próprio Galo da Madrugada maravilhoso gente, que é assim incrível colocou no calendário agora o Novembro Brega, todos os anos agora teremos três dias que serão dedicados ao Novembro Brega, serão bandas de brega tocando ali em frente a sede do Galo e que foi incrível esse ano, acredito que no ano que vem será lindo também, então assim, eu acredito mais nisso que estou te falando assim, foram três etapas, criada uma primeira lei não deu muita visibilidade, depois foi criada a segunda lei pelo Marco Aurelio Filho que é um vereador onde ele tornou o brega patrimônio cultural e imaterial de Pernambuco, desta forma a gente tinha direito a ter inclusão nas grades, mas eu acho que com a força que o movimento tem tomado, mais do que inclusão, eu estou usando muito essa palavra ultimamente, a gente tem conseguido respeito, porque as pessoas estão começando a idealizar festas, eventos grande dentro do nosso estado sem imaginar que não tenha um representante do brega, como o réveillon, como carnaval, como são João, todo os eventos

mais importantes da cidade, já tem uma data ali onde sabe que vão ter que colocar brega, porque se não colocar o próprio público vai bater boca e vai querer, você está entendendo, então assim lógico que é tudo muito bom, mas acho que o próprio brega também tem aí vamos dizer 70% de ônus do que aconteceu, dessa visibilidade e como te falei entrou gritando, entrou de porta a dentro sabe, um movimento muito forte e que mostrou que não vai dá ré e que nossa intenção é crescer cada vez mais.

F.: Na sua opinião você acha assim que está faltando alguma coisa ainda dá para avançar mais e tipo avançar mais o que, o que seria isso?

M.M.: Vou te falar agora. O que é que acontece, eu acabei de te dizer que o movimento brega ele é formado em sua maioria 90% por pessoas autodidatas como eu te falei, são pessoas que descobriram o talento que tinham, colocaram a cabeça e foram em frente até conseguir chegar onde estão. Quando teve no ano passado, no ano retrasado desculpe a lei Aldir Blanc, eu vi uma possibilidade de começar a engajar algo que o brega precisa demais, que é uma capacitação, que é dar dignidade aos profissionais dessa área, deixa eu te explicar, você fala assim, eu sou cantor do brega, mas não tem nada que comprove isso, eu sou técnico de som, como a maioria das pessoas que trabalham diretamente com o brega são as pessoas da comunidade, são pessoas que não tem formação, então eu vi na Aldir Blanc uma possibilidade de ajudar algumas pessoas principalmente porque essas pessoas ganhariam 5 mil reais de uma bolsa e poderiam investir. Meu marido ele é autodidata também e ele é um dos maiores produtores de brega aqui do Recife, Formiga Raphael, o que eu cheguei para ele e falei, a gente tem uma empresa audiovisual, falei para ele: “Vamos entrar, só que no lugar de eu quero um DVD de Michele Melo” Uma coisa que só vai beneficiar a gente, vamos tentar fazer alguma coisa que beneficie o movimento, que a gente possa mostrar e possa trazer mais dignidade para o movimento, porque como eu te falei, essas crianças começam sozinhas, a cara, coragem e a fé em deus, elas as vezes precisam de um direcionamento, precisam as vezes de alguém que ajude no posicionamento profissionalmente, então o que a gente fez, fizemos uma oficina para as pessoas que teriam dificuldade, gravar música é muito caro, então meu marido deu uma oficina, onde as pessoas pegariam os primeiros passos de como gravariam suas próprias músicas e fariam na sua própria casa, deu ideia também dos equipamentos que poderiam ser comprados com aqueles 5 mil reais, as pessoas pudessem sair desse curso tendo uma profissão e tendo um certificado, então assim, isso é muito importante, porque é aquela história, você é jornalista, você nasceu com o dom, mas se você não tiver um diploma as pessoas não vão lhe respeitar, então eu acho que está faltando eu acabei até mandando para o escritório do prefeito esse projeto que eu fiz e deu super certo, foram 20 pessoas contempladas, e dessas pessoas que começaram a gravar, tipo assim, tinha um menino que era hold, hold brega e a mulher dele cantava, naquele momento ele comprou um computadorzinho velho e começou a gravar a mulher dele dentro de casa para poder tocar na rua, sabe, está entendendo como é, então assim é uma oportunidade que você cria com um certificado, dando dignidade aquele trabalhador, eu mandei até para o pessoal da prefeitura do Recife para ver se eles aceitavam que a gente fizesse esse curso de profissionalização, tipo assim entrasse dentro da rede, da grade escolar, por que não? É uma profissão, por que a gente não pode chegar e levar para os colégios públicos já que a maior realidade que existe dentro da periferia é o brega, por que não explicar um pouquinho melhor e dá a possibilidade de algumas dessas crianças darem um passo maior, uma ajuda, você está me entendendo, até na questão que se fala assim das pornografias que são colocadas dentro do brega funk como eu falei para você no começo, o brega é um movimento altamente verdadeiro, ele não é maquiado, eu quero saber quem é que passar numa comunidade e não ver adulto, criança, velho falando palavrão, é normal da comunidade, então é meio hipócrita quando as pessoas mais uma vez colocam isso na contabilidade do brega, mas vamos lá se faz parte da comunidade, por que não dá oportunidade de levar esse projeto, o nome do projeto é capacita brega, onde a gente pudesse capacitar desde cantores, dançarinos, músicos e dá uma direção para esses meninos, até sei lá, por que não dá oportunidades, que temos compositores incríveis aqui, onde a gente tivesse dentro do próprio estado um incentivo para que fosse feito um hino para o carnaval, aquela história do tipo, da música educadora do

carnaval, do são João, por que ela não pode ser feito pelo menino do brega desde que eles passem por um concurso, seja dado um incentivo, assim eles vão ver que talvez tirando algumas palavras eles consigam alcançar alguns lugares que eles não alcançaram, mas dá oportunidade, é muito fácil você criticar quem você não conhece, quem você não ajuda e que você não vive, eu acho que está faltando é dar oportunidade. No ano passado eu fui surpreendida, no ano de 2022 para 2023, fui surpreendida com um pedido do... na época atual secretário de cultura, Ricardo, falando que precisava de pessoas que pudessem falar sobre o brega com o pessoal da ONU (Organização das Nações Unidas) e explicar e tal que estávamos concorrendo aquela história de cidade da música e ele precisava de alguém que pudesse explicar o brega da forma que o brega é dentro da sua simplicidade, que as pessoas pudessem entender o valor emocional, financeiro e até profissional que o brega tem para a cidade e eu passei quase duas horas conversando com o pessoal, explicando e eu fiquei muito feliz quando ele falou assim para mim: "Michele um dos grandes motivos pelo qual a gente foi escolhido foi o depoimento sobre o brega, as pessoas ficaram encantadas" Quando a gente chegou em Brasília para falar sobre o dia do brega foi incrível tinham várias sessões para quem nunca foi a Brasília são várias sessões, de repente a nossa sessão lotou com pessoas de todos os estados do Brasil, aquelas pessoas choraram com a nossa história, riram, aquelas pessoas se encantaram e até uma representante da ministra Margareth chegou a conversar com a gente particular que disse que foi encantada com aquela história verdadeira sem filtro que é mais ou menos isso que eu estou tentando passar para você, não sei se eu estou conseguindo, mas o brega alcançou tudo que ele alcançou mesmo várias coisas empurrando para trás e sem precisar fingir, aquela história vamos fingir para chegar em tal lugar e lá, não! O brega chegou porque a gente tem talento dentro da nossa simplicidade, da nossa doidice, da nossa risadagem, sabe o nosso jeito de dançar, o nosso jeito de vestir, então assim a autenticidade do brega foi o que encantou as pessoas, você está me entendendo, então assim, eu acho muito legal quando a gente tem um espaço como você está dando agora porque é muito fácil você criticar o que você não conhece, é muito fácil você criticar, você deixar pejorativo algo que você nunca viveu, mas se você parar e olhar para o brega da forma seguinte: um movimento que primeiro restaurou a esperança de muita criança, adolescente, porque a gente nascia sem esperança, foi o que eu tentei falar no começo, a gente não tinha esperança de nada, restaurou a esperança, deu força para os jovens para eles lutarem pelo que eles acreditam mesmo que fosse sozinhos, quando esses jovens aconteceram todos eles não só ajudaram suas famílias, hoje a gente tem vários jovens aí do brega funk que você ver transformando a vida das famílias financeiramente falando, quando antigamente você esperasse seu pai lhe ajudasse alguma coisa para você, hoje você está vendo um filho dando um carro, uma casa para os pais, chegando dentro da sua comunidade, quando é dia das crianças e fazendo um derrame de brinquedos, aquelas crianças passam o ano todo sem ter um brinquedo para brincar, chegam nas suas comunidades ajudando com sextas básicas, quando tem desastres como foram as das chuvas primeiro pessoal a ajudar foi o do brega, então assim eu gosto muito quando eu tenho um espaço feito esse como você está dando para que as pessoas possam ver quanto que o brega é rico, o brega não é culto, não é, nunca vai ser, essa não é nossa intenção, o brega não é chique, mas o brega é humano, o brega é guerreiro, o brega é autêntico, então assim eu acho que diante de tudo isso, a gente merece muito respeito sem falar que quando a gente fala de entretenimento musical dentro da cidade do Recife principalmente a gente pode falar sem medo de errar, 70% dos empregos gerados direta e indiretamente é o brega que faz, que desde as casas de show, os vendedores de ingresso, os que vendem comida, a gente gera muito emprego, isso acaba automaticamente ajudando a cidade porque o dinheiro da cidade fica dentro da própria cidade e isso ajuda a cidade a crescer, ou seja por mais que a gente não tenha diploma vamos dizer assim, mas a gente tem muito o que ensinar para Recife quando foi falado sobre a história do dia nacional do brega, eu fiquei muito triste, porque eu vi muitos recifenses postando nas páginas de jornais grandes, pessoas que se acham maiores, melhores "Ai meu deus esses políticos estão sem ter o que fazer" "Para que ter dia do brega nacional" Dá vontade de dizer assim: "Caramba! Vocês estudam tanto não entendem a importância disso!" Não é por conta do ego, é que a

gente ter um dia nacional do brega, a gente consegue dentro disso, dentro de editais nacionais dessa forma trazer mais benefício para o próprio movimento, fazer com que ele cresça e melhore para que a gente possa dar mais oportunidade, que a gente faça o movimento crescer e tomar uma proporção muito maior que der mais orgulho do que já dá, então assim é muito difícil a gente ver que na maioria das vezes pessoas daqui se acham no direito de diminuir o brega, quando o brega ele é muito importante, a gente gera muito emprego, muito de verdade, para você ter ideia eu não tive a oportunidade de fazer faculdade, a minha filha ano passado começou fazendo faculdade de relações internacionais, não gostou, está fazendo psicologia, ou seja minha filha tem oportunidade de hoje ter, está numa faculdade, ter o aprendizado que eu não tive e se eu não tivesse brega na minha vida eu não teria isso, então eu te pergunto: como é que uma pessoa pode dizer que isso é ruim? Um movimento que tira uma pessoa da extrema pobreza e dá a oportunidade dela mudar a vida dela e a vida de todos que estão ao seu redor sem falar em movimentar financeiramente a própria cidade, eu acho que é isso que as pessoas precisam ver o brega parar de ficar com preconceito besta de roupa ou de linguajar, mas sim ver a raiz do brega, de verdade, o que o brega está fazendo de bom para a cidade porque tem muita coisa.

F.: Ótimo. Eu teria mais duas perguntas, se você concordar, se seria possível a relação entre educação e movimento brega, se você quiser falar algo sobre isso, você fique a vontade, mas eu acho que esse projeto que você falou, é bem...

M.M.: É como você falou, educação e movimento brega, esses jovens que hoje estão atuando no movimento brega seja digitalmente, seja na música, seja na dança, você acha que eles teriam a oportunidade de ter diploma, de se formar com honraria e ir para fora do país e representar o estado, movimentar financeiramente todos eles, teriam a mesma oportunidade que eles teriam no brega, eu acho que não, mas eu acho que a gente pode ter um olhar mais sensível para isso e ver como a gente pode ajudar o movimento a melhorar, se essas pessoas hoje fazem, “Ah Michele eles fazem música falando de duplo sentido, mostrando o corpo e não sei o que” Você faz uma música bonitinha, de florzinha e não sei o que, vamos ser sinceros, sem papas na língua, a música não viraliza e infelizmente o próprio público viraliza as músicas desses meninos que precisam sobreviver, então se eu fizer uma música de duplo sentido a música vai viralizar com mais facilidade, eu vou fazer de duplo sentido, porque independente das pessoas que estão me julgando, estas pessoas nunca estiveram na minha casa para colocar um pedaço de pão na minha mesa, então o que a gente pode fazer, vamos investir nos novos talentos, dando oportunidade para que eles tenham mais conhecimento se profissionalizando dentro da música, se profissionalizando dentro da própria internet que é que faz o sucesso hoje e por que não a gente pode também procurar fazer centrais de internet onde a gente possa conseguir impulsionar músicas vamos dizer assim que sejam menos pesadas, que dá mais oportunidade as pessoas... está entendendo o que eu estou querendo dizer, antes de você criticar você tem que oferecer algo, na minha cabeça eu penso isso, você não pode criticar se você não tem nada a oferecer, então o que eu digo para a cidade, quando eu fiz o capacita brega eu fiz pensando nisso, quando eu tive uma oportunidade na minha frente de ter um edital que poderia me beneficiar, mas eu já tinha uma carreira consolidada, já tenho um nome, mas eu posso automaticamente beneficiar outras pessoas que vão contribuir para o movimento que eu vivo e dessa forma vão eternizar o movimento para que eu consiga mais anos vivendo do próprio movimento por que, se depender só de mim vai morrer, a gente precisa ter pessoas novas renovando o movimento brega, isso é muito importante, então automaticamente eu pensei: o que a gente falta? Falta oportunidade de capacitar, de profissionalizar, de escutar, de ver o que pode se fazer, está entendendo, então eu acho que o primeiro passo é esse, seria profissionalizar, educar, e também abrir espaços, dando oportunidades de alguma forma, criando alguma central dentro da própria internet, impulsionando músicas que passe por algum... esses editais... todo ano o Galo faz o CD do frevo, tem uma votação, está entendendo o que estou querendo dizer, mas ter oportunidade para aquelas pessoas, aí assim talvez as pessoas passem a fazer uns bregas mais calmos, mais... entendeu, mas eu acho que a prioridade que antes de criticar, oportunizar, dá oportunidade.

F.: Está ótimo. Rainha a gente está se encaminhando para o final. Das gerações do brega...

M.M.: Rapaz tu acaba com essa história de rainha pelo amor de deus, para não dá confusão... “Minha rainha, minha rainha!” “Pare com isso, eu não sou rainha de nada não, eu quero que o movimento continue sobrevivendo para que eu possa sobreviver também porque eu vivo exclusivamente do brega.

F.: Está ótimo. Das gerações que nós temos do brega a gente pode falar que seria brega antigo, tecnobrega, brega funk e brega romântico, seriam essas quatro marcas ou existe uma outra?

M.M.: Tem aquela... batidão brega... como é...

F.: É batidão...

M.M.: Do Elvis, MC Elvis é batidão? Fugiu agora o nome, mas tem um nomezinho que Elvis faz, não é batidão, batidão não, dá uma pesquisada na internet você vai ver...

F.: Certo...

M.M.: Mas na verdade tu sabe que assim o brega, na verdade, na verdade é uma misturada, é uma misturada total, porque tipo assim, no começo a gente teve influência até de músicas cubanas, até de música tipo, tem muito brega aqui que são famosos, que são na verdade só reproduções da banda Aventura que é uma banda de bachata, aí tem o tecnobrega que é mais característico do Pará, o brega funk que é um brega com a batida funk carioca, é isso que eu te digo, não dá para a gente dizer, quantas vertentes tem, porque com certeza amanhã vai aparecer uma nova, eu acho que a maior característica da música brega é o morador de periferia cantando o seu dia a dia da forma mais fácil, deixa ver se consigo te falar, eu acho que era Enrique Iglesias que cantava... Ele fala assim que a distância ele não consegue entender essa razão, a gente não falaria isso, a gente fala... vamos para dentro do brega mais para distante daqui, Augusto César: *“Vou escalar todo o seu corpo, como se escala uma montanha, e vou depois gritar bem alto, todo o prazer dessa façanha.”* Aí eu te pergunto vai para dentro de uma comunidade quem imagina um casal onde, vem cá que agora eu vou escalar todo teu corpo, essa façanha, não! É pega, chega aqui, chega b, então assim é por isso que você tem um linguajar tão nosso, tão do brega, as vezes as pessoas falam assim: “Está com o português errado.” Não! Português não está errado, é o português da comunidade é o que a gente entende, não tem o português de Portugal e não tem o português de Luanda, Angola, sei lá... é mais ou menos isso que acontece com o brega, a gente tem o nosso dialeto próprio, chega para coqueira, vou castelar e vou sofrer, então essa é a diferença, no lugar da gente, fazer as músicas tentando explicar para quem é de fora, a gente está fazendo música para a gente que é de dentro, quem é de fora que se vire para entender. Então assim eu acho que essa é a característica da música brega, é mais ou menos o que acontece com os passinhos, lá se você nunca viu nada igual as dançarinas de passinhos de brega funk são passos delas, e joga a cabeça para trás e para frente e coloca a perna aqui, elas não seguiram passos de balé nenhum, se inspiraram em nada, elas foram e fizeram o que bem entender, é o que te falo, maior característica do brega, da música brega é autenticidade dentro da comunidade, viver o seu dia a dia da forma mais real possível sem ter vergonha e sem mudar.

F.: Pronto rainha está ótimo não tenho a princípio mais nenhuma pergunta para fazer, eu só quero saber está autorizado o uso para a pesquisa...

M.M.: Está muito autorizado e muito obrigado por você se importar, muito obrigado por você dar esse espaço, que através de você mais pessoas possam aprender a respeitar esse movimento que para mim é tão importante, que eu posso dizer que é a minha vida e que mudou tudo, tudo para mim, se não fosse o brega, eu não teria oportunidade e talvez eu não teria percorrido metade do caminho que eu percorri, nem o que eu sei da vida hoje, talvez eu saberia se não fosse o brega, então eu sou muito grata a você e a todo mundo que puder espalhar essa mensagem, o brega é vida!

F.: Ótimo, só um momento, deixa eu só encerrar aqui a gravação.

A entrevista de Michelle Melo oferece um material rico para a história do brega, mostrando não só conhecimento sobre o que vem acontecendo antes, durante e após o reconhecimento do estado de Pernambuco e da Prefeitura da Cidade do Recife frente ao brega. A sua carreira é importante para a história do brega por ser alguém que surgiu em um momento de ascensão das rádios comunitárias e programas de auditório, importante para a difusão não só da música como também do Movimento brega.

O entendimento sobre a importância do estado para promover o brega nos eventos públicos, evidencia a extemporaneidade e conhecimento ímpar da artista, inclusive no momento da pandemia, em que a cena musical enfrentou dificuldades devido às restrições para realização de shows, e encontrou na lei Aldir Blanc uma forma de alinhar a teoria do que seria o Movimento Brega à prática, mostrando o poder da juventude na Região Metropolitana do Recife, gerando emprego, renda e criando mecanismos para a produção da música brega.

O professor pode utilizar a entrevista de Michelle Melo de forma a mostrar a potência que existe na periferia, mostrando a importância da promoção da cultura nas periferias, não só no sentido de identidade, representatividade, mas também como uma forma de gerar emprego e renda no local, possibilitando que quem faça parte da cadeia produtiva possa conhecer os melhores caminhos a seguir, valorizando a cultura.

3 A APLICAÇÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA E OS RESULTADOS OBTIDOS: BREGA E ENSINO DE HISTÓRIA NA SALA DE AULA

3.1 CONSTRUÇÃO

Na construção desse capítulo foi necessário compreender a relação entre docentes, Movimento Brega e comunidade escolar, com a finalidade de perceber as tensões ou caminhos que levam ao uso (ou não) do brega como recurso didático no ensino de História. Para isso, é preciso ouvir os docentes, de modo que seja possível entender o universo da sala de aula e como são feitas as escolhas pelo docente. Nessa perspectiva, foi necessário a utilização de google forms para obter as informações necessárias para discutir os resultados e as teorias utilizadas para o produto.

Os resultados obtidos através da aplicação da sequência didática nas escolas (Escola Municipal José Clarindo/PE e Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Barão do Abiaí/PB) também serão objeto de discussão nesse capítulo, trazendo evidências produzidas pelos estudantes de níveis de ensino diferentes, fomentando o uso do Movimento Brega como recurso didático para o ensino de história.

3.2 A ESCUTA DOS DOCENTES SOBRE O USO DO MOVIMENTO BREGA COMO UM RECURSO DIDÁTICO

Os caminhos para a construção do produto desta dissertação levaram em consideração inquietações sobre o uso do brega no ensino de História, dado que o jovem recifense conhece essa cultura de alguma forma, seja através de memes nas redes sociais, de músicas, ou até mesmo com a recente patrimonialização pelo estado de Pernambuco, que contribuem para que o brega siga ocupando espaços na cidade. Porém, no ambiente da sala de aula, seu uso ainda é um desafio, devido ao fato de o movimento ainda ser visto a partir de uma ótica preconceituosa e muitas vezes enviesada.

Para compreender melhor a relação entre escola, ensino de História e discentes, foi necessário a construção de um formulário (através do *google forms*) para ser respondido pelos/as professores/professoras da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco, lotados nas Gerências Regionais de Educação: Recife Norte, Recife Sul, Metropolitana Norte (Gre-MetroNorte) e na Gerência Metropolitana Sul (Gre-MetroSul). Abaixo, apresenta-se o mapa administrativo da distribuição das gerências e suas respectivas cidades.

Figura 6: GREs e Regiões de desenvolvimento.



Fonte: Secretaria de Educação e Esportes⁵⁰.

A escolha pelo *google forms* como uma ferramenta de coleta de dados aconteceu devido à sua praticidade, bastando o docente ter acesso à internet e o *link* de acesso para responder em qualquer hora ou lugar. Outra vantagem salutar de sua utilização corresponde aos resultados da pesquisa, que puderam ser organizados em formas de gráficos e planilhas, possibilitando uma melhor leitura e organização dos dados obtidos através da sua aplicação.

Visando coletar os dados, o formulário foi composto de sete perguntas objetivas e 6 subjetivas (Anexo II), algumas delas combinadas, de acordo com a resposta que era dada, possibilitando ao entrevistado, caso desejasse, o melhor

⁵⁰ Disponível em <<https://portal.educacao.pe.gov.br/gres-e-escolas/>>. Acesso em: 13 mar. 2024.

desenvolvimento de sua resposta. A partir disso, ele foi enviado para o grupo de professores da Rede Estadual de Ensino, através do *Whatsapp*, e ficou disponível para o preenchimento do dia 1º de dezembro de 2023 até o dia 1º de março de 2024.

Para fins de verificação e para dar segurança à pesquisa, foi colocada como pergunta obrigatória a matrícula do docente e a escola em que ele é lotado, já que são credenciais que balizam as respostas que foram obtidas, sem que seja necessária a divulgação de quem o fez. Dito isso, para fins de verificação junto ao órgão competente, basta informar o número da matrícula e o período em que foi obtida a resposta para que seja possível verificar se o docente estava atuando em sala de aula no momento em que respondeu ao formulário.

O e-mail também foi solicitado, como forma de segurança, caso fosse necessário entrar em contato com o correspondente, seja para fins de verificar se realmente pertence à Rede Estadual ou para aprofundar questões que fossem levantadas na pesquisa, conforme será exposto adiante. Isso deve-se ao fato de entender que este é um tema de extrema importância no ensino de História, e que as práticas que aconteceram com o movimento brega poderiam ser posteriormente aprofundadas e divulgadas para a comunidade acadêmica.

Nas perguntas objetivas, foi feita a escolha de uma escala que foi pensada para a melhor comodidade de quem respondesse, e por abranger melhor as respostas do que a dicotomia do “Sim” ou “Não”, ficando a tabela de 1 a 5 com seus respectivos conceitos qualitativos:

1. Nenhum
2. Pouco
3. Regular
4. Bom
5. Muito

3.2.1 Autodeclaração

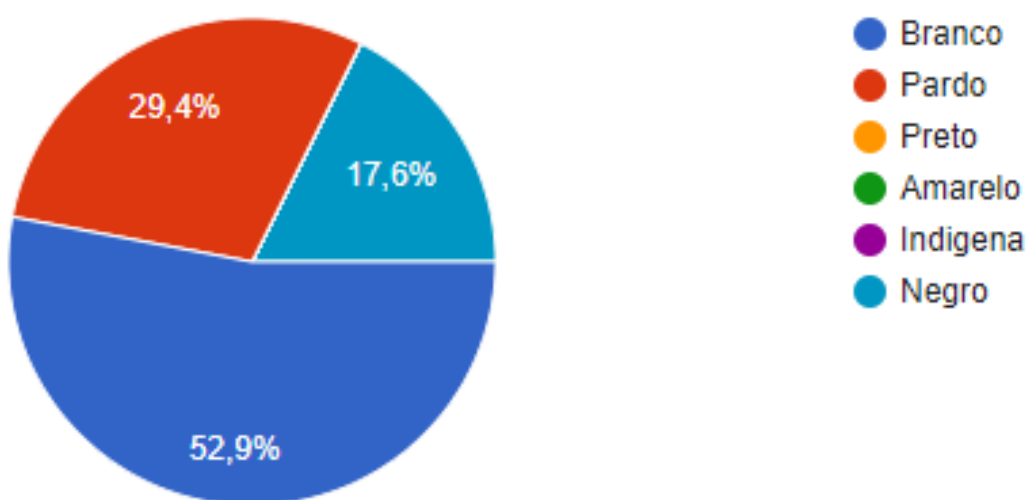
A primeira pergunta que abre a seção é sobre como os docentes se autodeclaram, em relação à cor e podemos observar que 52,9% se consideram-se

brancos; 17,6%, negros e 29,6%, pardos. Ressalta-se que não foram contemplados os indígenas e amarelos como respondentes do formulário.

De acordo com o Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Pernambuco possui 65,3% de sua população preta⁵¹, mostrando a disparidade que há no gráfico, ao ter a maioria da população branca e isso refletir bastante sobre o racismo estrutural que existe na sociedade brasileira.

Ademais, é importante ressaltar que o IBGE contabiliza como pessoas negras aquelas que se autodeclaram pardas e pretas, ficando a porcentagem de 55,3% e 10%, respectivamente. No gráfico abaixo (figura 3), observamos que as pessoas se autodeclaram negras ou pardas, mas não pretas, o que leva a questionar se de fato conhecem ou não a nomenclatura utilizada para a contabilização do Instituto.

Figura 7: Gráfico de autodeclaração de raça/cor.



Fonte: Elaboração própria, 2024.

3.2.2 Sobre o conhecimento do movimento brega pernambucano

A segunda pergunta possuía a escala de 1 a 5 e ficou assim correspondentemente:

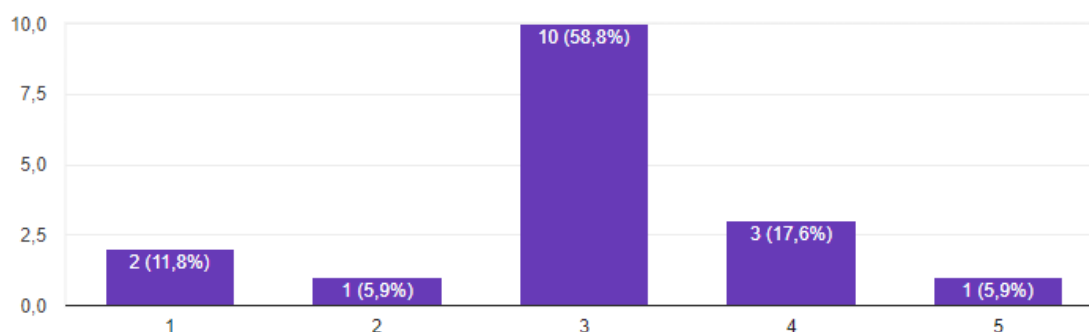
⁵¹ Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2023/12/22/censo-2022-cor-ou-raca-municipios-de-pernambuco.ghtml>. Acesso em: 13 jul. 2024.

1. 11,8%
2. 5,9%
3. 58,8%
4. 17,6%
5. 5,9%

Observa-se que pelo menos 88,2% dos participantes (2 a 5), de alguma forma, conhecem o Movimento Brega, o que torna os números bem animadores, por se tratar de uma cultura que foi invisibilizada dos espaços públicos por muito tempo. A partir desse dado, começa a ser percebido o alcance do Movimento em outras classes sociais, que já podia ser notado nas redes sociais (Facebook, Instagram, Twitter), festas privadas, propagandas, porém não foram observadas pesquisas que abordassem a temática no seu uso para o ensino de História.

Outro ponto importante da pergunta é a própria nomenclatura “Movimento Brega”, que foi utilizada no Projeto de Lei 01/2021, que traz o Movimento como uma “cadeia produtiva” que leva em consideração a economia que o brega atua⁵², o que nos permite dizer que a promoção da lei e, conseqüentemente, sua divulgação, impactou boa parte dos professores.

Figura 8: Gráfico sobre o conhecimento do Movimento Brega.



Fonte: Elaboração própria, 2024.

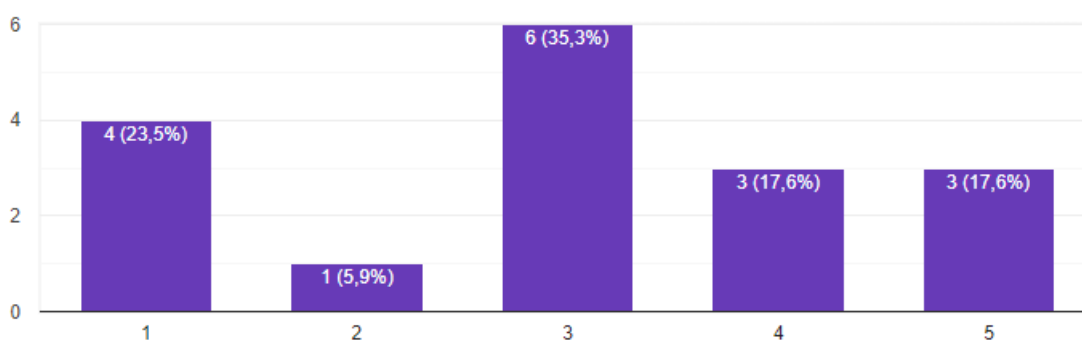
⁵² Disponível em:

<<https://www2.recife.pe.gov.br/noticias/01/07/2021/movimento-brega-se-torna-patrimonio-imaterial-do-recife>>. Acesso em: 13 jul. 2024.

3.2.3 O quanto considera o Movimento Brega um recurso didático para o ensino de História?

A relação entre ensino de História e Movimento Brega é reconhecida por 76,5% (2 a 5) dos que responderam ao questionário, o que acaba por ser um número menor do que o daqueles que conhecem de alguma forma o Movimento Brega, conforme aparece na pergunta anterior. Desse modo, os 23,5% restantes são pessoas que não compreendem o seu uso em sala de aula, por motivos que foram expostos na seção seguinte do formulário.

Figura 9: Gráfico sobre a relação Movimento Brega e ensino de História.



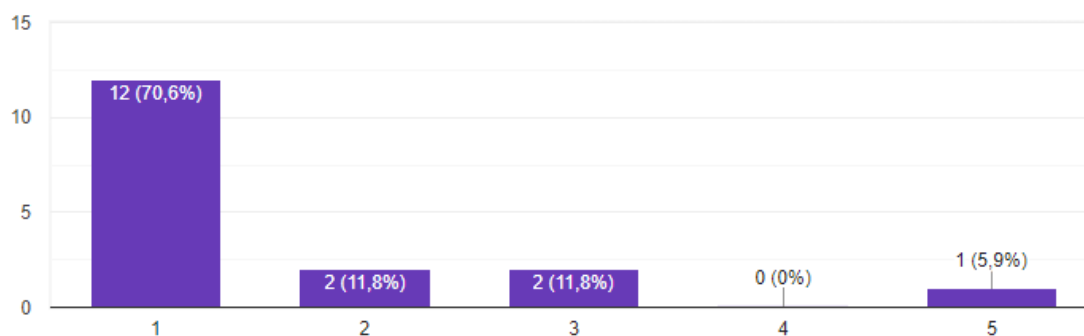
Fonte: Elaboração própria, 2024.

3.2.4 Existiu/existe algum apoio para que o Movimento Brega fosse/seja utilizado em sala de aula?

Essa pergunta é de extrema importância, por entender que a escola é o local de produção de conhecimento e também reflete o papel do Estado frente às representações culturais, educacionais, etc., o que implica dizer que mesmo com a patrimonialização, pela Lei 14.679/2017, que reconhece o brega como expressão cultural do estado de Pernambuco, existiram ou não incentivos para seu uso em sala.

O número de 70,6%, que aparece no gráfico abaixo, mostra que apesar da patrimonialização do Movimento e dos incentivos para a utilização do brega nos eventos do estado, seu uso como recurso de ensino ainda é um espaço que precisa ser conquistado. Nesse quesito, apenas 5,9% dos docentes se sentiram apoiados em fazer alguma intervenção em sala de aula, (não discutindo aqui qual seria a melhor forma, porque pode acontecer de o movimento ser tratado de uma forma reflexiva ou reforçando alguns estereótipos sociais).

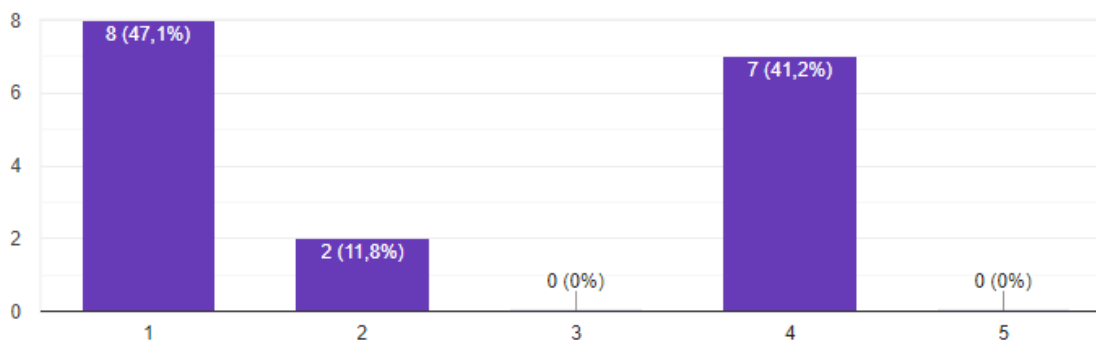
Figura 10: Gráfico sobre apoio para o uso do movimento brega em sala de aula.



Fonte: Elaboração própria, 2024.

3.2.5 Existe/existiu alguma resistência (estudantes, professores, direção, responsáveis, comunidade escolar, etc.) sobre o uso do Movimento Brega em sala de aula?

Figura 11: Gráfico sobre a resistência sobre o uso do Movimento Brega em sala de aula.



Fonte: Elaboração própria, 2024.

Sabe-se que a escola não é feita apenas de muros e grades. Ela é composta por pessoas que convivem direta ou indiretamente, de alguma forma. Portanto, analisar a relação entre esses atores é condição importante para a relação entre o Movimento Brega e o ensino de História.

O número de 53% (soma das colunas 2 e 4) dos que reconheceram algum tipo de resistência, afirmaram que elas vieram de algum segmento proposto na pergunta (direção, estudantes, professores, responsáveis, etc), enquanto que o restante, 47%, não viu nenhuma resistência, o que podemos concluir que há uma divisão sobre a adesão desta cultura no espaço escolar.

No questionário, foi aberta uma pergunta discursiva para que os docentes pudessem discorrer melhor sobre qual/quem ofereceu essa resistência e foram obtidas 11 respostas, sendo descartada uma delas, porque quem respondeu não compreendeu que era apenas para quem tinha percebido uma barreira para a utilização do tema em sala de aula.

Duas respostas fizeram referência aos estudantes que são da religião evangélica, como podemos observar na seguinte resposta: “Acredito que alunos da religião evangélica pentecostal. A resistência vem por parte de estudantes que professam fé evangélica”.

As resistências que levam o brega a não ser aceito pela comunidade evangélica se dá pelas letras das músicas, pelas roupas que caracterizam quem adere ao Movimento ou ao jeito de dançar, de falar etc., que são as características que o fazem ser quem de fato são. Um dos pontos mais altos dessa resistência vinda dos grupos evangélicos ocorreu em 2019, com a proposição da Lei do Passinho (PL 494/2019), criada pela deputada Clarissa Tércio, do Partido Social Cristão (PSC), uma das representantes da Bancada Evangélica na Assembleia Legislativa de Pernambuco.

Outras respostas acabaram indo para o lado mais “comum” do brega, que é marcado pelo preconceito, seja por sua origem ou por quem o produz, o que acaba fazendo com que o brega seja visto a partir de uma ótica de “desvalor”, algo que não deve ser incentivado/valorizado, como na fala de um dos participantes, que afirma que: “Em relação ao entendimento que este movimento é vinculado à

marginalidade. Que não é um movimento culto. E que os estudantes devem valorizar outros tipos de expressão artística”.

Essa resposta precisa de uma reflexão e torna-se um dos pontos-chaves deste trabalho, que é: mostrar que o brega é cultura e que pode ser utilizado no ensino de História (e outras disciplinas), mas para isso é preciso desconstruir alguns preconceitos enraizados na população de um modo geral. Primeiro, temos uma associação do brega à marginalidade, que é repetidamente reiterada nas redes sociais e em programas policiais, que só reforçam a imagem e o estereótipo de que quem produz/faz parte do brega é um ser potencialmente criminoso. Porém, isso levanta alguns questionamentos: As roupas que alguém usa, torna-o criminoso? O jeito de falar evidencia que a pessoa vai assaltar alguém? (Isso é uma das faces do racismo estrutural, questão que será aprofundada melhor no produto a ser desenvolvido). O que torna um movimento culto? É apenas usar palavras rebuscadas, uma linguagem acadêmica?

Observamos que boa parte das músicas do brega tem uma linguagem popular, mas não por isso de menor valor ou reflexão, muito pelo contrário, é uma forma de expressão que deve ser valorizada, por ser autêntica e, sobretudo, por mostrar aspectos da vida cotidiana e sociabilidades, que são registros que um historiador não pode deixar passar batido.

Para os profissionais do campo da História, é importante conhecer outras culturas, principalmente as de um país que tem dimensões continentais como o Brasil. No entanto, desprezar o que está no cotidiano dos jovens e daqueles que fazem o corpo escolar, não é a melhor escolha.

Ainda com bastante preconceito. Em sala de aula nunca tive, porque ainda não o utilizei. Mas já vi em festas e eventos da escola. Como estilo de música que não poderia ser tocado por ser de "baixo nível". Muitas escolas ainda trabalham de forma elitista e preconceituosa com o brega.

As palavras utilizadas nas letras

Nessa afirmação, vemos mais uma vez a palavra “preconceito”, agora, associada ao “baixo nível” das músicas. Aqui, vale pontuar que quando se trata do brega, existe uma régua moral nos espaços escolares, criando o que pode ser denominado de *atus nefandus*: aquilo que não pode ser dito. Essa fala traz outra questão: É sábia a escolha de não colocar para tocar brega numa festividade

escolar, quando que, diariamente, existem propagandas ao redor da escola fazendo uso do ritmo? Proibir por qual motivo? São questionamentos que os estudantes podem ter e não terem a sua cultura/identidade/território acolhidos por quem deveria potencializar as suas qualidades.

Por fim, as três últimas respostas relacionam o docente, o estudante e o recurso didático:

Relacionar a música brega... Não há uma clientela entre os estudantes. Na maioria dos casos não se enxerga o brega como um objeto de cultura, ou possível ferramenta didática. Na escola, não, mas no mestrado, com os colegas, sim.

Essa afirmação é interessante, por não relacionar a música brega com o ensino de História e afirmo que há poucas publicações nas principais revistas e repositórios de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), Dissertação e Teses no Programa de História da UFPE. Esse fato torna o presente trabalho pioneiro no ProfHistória da Universidade Federal de Pernambuco, e vem com o desejo de que seja o primeiro de muitos, fomentando a reflexão sobre o tema entre escola, juventude, docência e comunidade acadêmica.

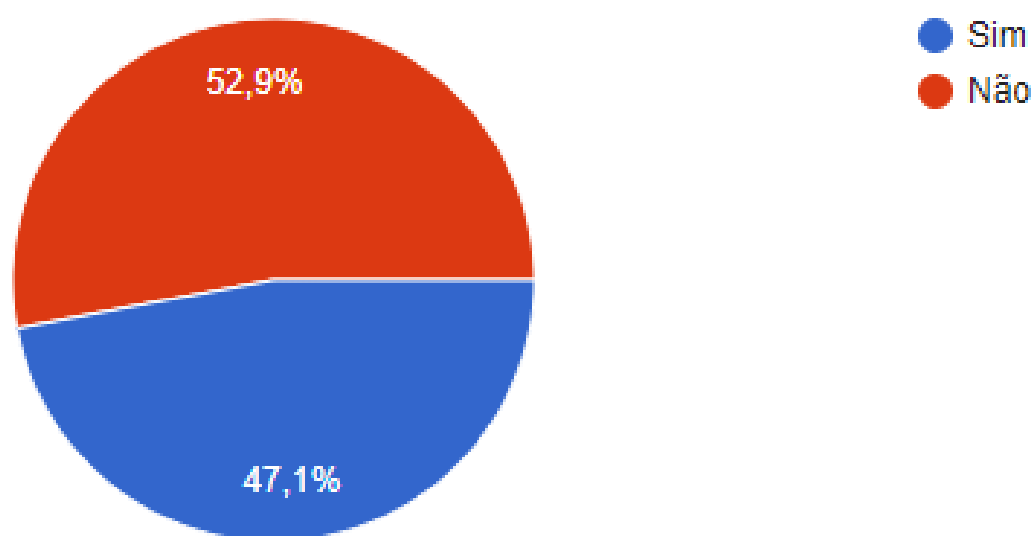
Em outros departamentos, é possível encontrar TCCs sobre o tema, como o de música, de autoria de Wandson Silva; o de Museologia, com Victor Azevedo, e no de Antropologia, com a tese de Chiara Santos, sobre Movimento Brega, que são trabalhos excelentes e recentes, porém sem a metodologia e a discussão que o ensino de História carece.

Por outro lado, é importante que quem está no chão da escola possa divulgar as suas experiências no ensino da referida disciplina, possibilitando um canal de diálogo com outros que tenham interesse ou que já tenham feito alguma intervenção sobre o tema.

Vale destacar que o Movimento Brega não é um bicho de sete cabeças, não é um *atus nefandus*, é uma cultura que merece valorização nesses espaços e é importante construir com os nossos estudantes formas de abordagem, reflexões, mostrar que existem relações de poder, continuidade e permanência da construção da narrativa histórica, entre tantos outros caminhos possíveis a serem explorados pelos professores.

3.2.6 Você já usou o Movimento brega como recurso didático para as suas aulas?

Figura 12: Gráfico sobre o uso do Movimento Brega como recurso didático para a sala de aula.



Fonte: Elaboração própria, 2024.

Na pergunta de número 6, o resultado foi que mais da metade dos docentes não usou o Movimento Brega como recurso didático (52,9%), porém cerca de 47,1% já usou de alguma forma. Por se tratar de uma pergunta objetiva, em caso de resposta afirmativa, haveria uma seção para que o docente pudesse descrever como foi esse momento.

A primeira descrição de atividade foi feita da seguinte forma:

Recentemente, foram em dois momentos: um com estudantes para construção de uma paródia sobre movimentos literários e em um outro momento ao ministrar aulas para o terceiro ano do ensino médio quando relatei a resistência popular destes movimento em meio ao regime militar nos anos 70 e 80.

Essa atividade de usar as músicas do Movimento Brega como paródia é uma das formas mais comuns de seu uso como recurso didático, já que muitas dessas

canções possuem poucos versos e muitos deles são bem combinados, ficando fácil decorar. A sua utilização pelos jovens e pelos professores é uma excelente ferramenta para a memorização de conteúdos, ficando evidente que o seu uso foi sobre os movimentos literários.

O outro segmento da afirmação, ao falar sobre a censura do Regime Civil-Militar que vigorou de 1964 a 1985 no país, mostra que a abordagem do professor foi importante ao falar da resistência popular durante o período, tendo em vista que o cantor Odair José, um dos precursores do brega no Brasil, teve inúmeras músicas censuradas. A partir dessa estratégia do docente de aproximar o estudante pertencente a essa cultura, dialogando com o passado, aguça a curiosidade do aprender mais, além de fazer o aluno se sentir pertencente daquele conhecimento que está sendo construído.

Outras respostas falaram sobre o uso do brega em aulões temáticos, ou para discutir melhor as questões com a música. No entanto, vale salientar que não é necessário compreender somente o Movimento Brega como reflexão, dado que, antes de mais nada, a música serve para entretenimento e diversão dos estudantes. Portanto, o seu uso em sala de aula é um modo leve e diferente de trabalhar assuntos que são mais complexos ou que demandam mais tempo.

Abaixo seguem algumas das respostas que dialogam com a forma de enxergar o Movimento Brega como um instrumento de entretenimento, inovando na abordagem, rompendo com o viés tradicional e valorizando o conhecimento dos estudantes.

Um Bregão de História: Já trabalhei duas vezes um aulão temático com o uso de bregas, os relacionando com questões de História na sala de aula, trabalhando diversidade cultural.

Uma das respostas chamou bastante atenção pela riqueza de detalhes e fontes que contribuíram para uma sequência didática que faz parte da experiência do colega entrevistado. O professor traçou o objetivo de trabalhar os conceitos de “cultura popular”, “identidade” e “patrimônio”, colocando o brega como pano de fundo.

Foi interessante a estratégia do professor em perguntar aos estudantes o que eles entendiam por patrimônio, e o teor das respostas nos remete a uma dimensão de que os estudantes tinham conhecimentos prévios sobre a temática. Observar o

caminho que foi feito para chegar até o brega e como foi colocado, num tom de brincadeira, evidencia mais uma vez as barreiras que existem na postura de inserir não só esse gênero, mas também o maracatu, o coco-de-roda, cavalo-marinho, frevo, entre outras expressões culturais que são reconhecidas pelo estado de Pernambuco, e que o brega também faz parte .

Utilizei para discutir sobre cultura popular, identidade e patrimônio. Inicialmente, pedi para que os estudantes definissem o que entendiam por patrimônio. As respostas giravam em torno de ideias como "valor", "importância", "posse". Em seguida pedi para que listassem patrimônios brasileiros, preferencialmente pernambucanos. O brega foi citado por um estudante, porém em tom de brincadeira, como se não pudesse ser. Iniciou-se, então, um debate com a turma se poderia ou não ser considerado patrimônio. Antes que chegasse a um consenso, exibi o documentário "O brega de recife", realizado pelo Programa Espaço PE, disponível no YouTube. A partir do documentário surgiram perspectivas pouco exploradas pelos estudantes, como a profissionalização, mercado, os diversos estilos que compõe o brega. Por fim, exibi trechos de pronunciamentos de lideranças do Movimento Brega no Recife nos debates em torno da patrimonialização do gênero musical. Percebi que os/as estudantes passaram a enxergar no Brega traços de identidade e resistência popular. (Tudo isso levou 4 aulas)

Faz-se necessário destacar que a utilização dos documentários sobre os bregas (seja o brega romântico ou o brega funk) disponíveis no *Youtube* são fontes indispensáveis para a juventude, além de serem vídeos de fácil acesso dos estudantes e mostrarem uma realidade que reflete o cotidiano de muitos desses jovens. Acrescenta-se ainda que essas produções são caracterizadas não só por música, como também por depoimentos de pessoas que fazem o Movimento Brega acontecer, mostrando não só a sua trajetória de preconceito, mas também a sua recente valorização.

Desse modo, a maneira como o professor conduziu a discussão entre Movimento Brega e patrimônio mostra um caminho que possibilita discutir como as leis são produzidas e como o seu inteiro teor é conduzido, refletindo sobre os anseios que levaram a sua positivação⁵³ na sociedade. Um outro ponto de reflexão é também entender a dinâmica entre o escrito e o real, percebendo os desafios e avanços que a lei possui.

⁵³ Uma lei positivada significa que essa lei se tornou escrita, evidencia o reconhecimento do Estado.

Os resultados obtidos a partir da experiência relatada mostram-se interessantes por ser uma cultura que cerca os estudantes, mas que nem sempre é visível, porque existem os véus do preconceito, do racismo estrutural, da chacota e de tantos outros estereótipos que criam uma barreira, até mesmo para ouvir a mensagem que a música pode trazer. Nesse cenário, o movimento entre o conhecimento prévio e os resultados obtidos pelo diálogo com os estudantes são necessários para uma educação que propõe a reflexão sobre a sociedade em que estamos inseridos.

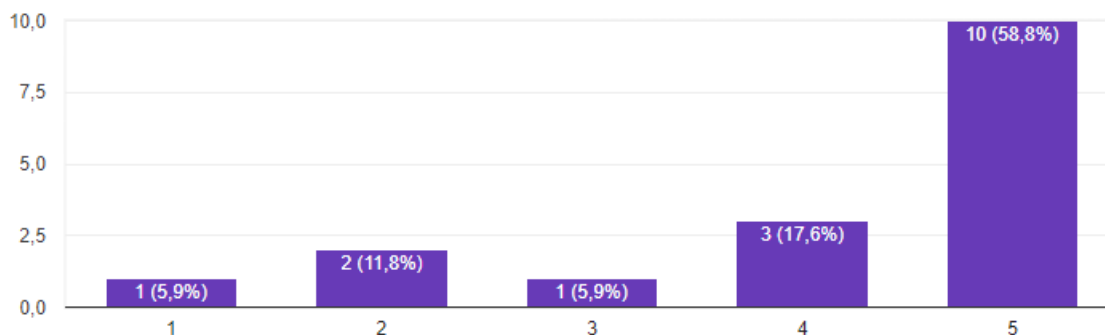
Na seara da educação, a nova configuração do Ensino Médio, causada pela Lei 13415/2017, que reduziu a carga horária obrigatória do componente curricular História, e possibilitou a criação de disciplinas eletivas para que os estudantes as escolhessem, de acordo com o perfil profissional que desejassem, trouxe inúmeros danos para o ensino da disciplina, que sobrevive com a atual redução da carga horária e um número enorme de conteúdos a serem trabalhados em sala de aula.

Diante desse contexto, para manter-se lotado na escola, o docente de História precisa assumir disciplinas que não são suas, sendo as disciplinas eletivas umas das que compõem o quadro de horário. A resposta a seguir, obtida através do formulário, evidenciou um ponto positivo que um professor teve ao utilizar a eletiva para trabalhar o Movimento Brega: “Utilizei como uma eletiva para uma turma de primeiro ano médio”.

Infelizmente, o professor não discorreu sobre o material que foi utilizado; quais foram as fontes apresentadas; como ficou determinado o método avaliativo e qual o tempo de duração da eletiva (que é um ponto ainda incompreendido no Novo Ensino Médio, saber até onde vai a “liberdade” do professor nas eletivas, já que ele pode propor o(s) tema(s) a ser(em) trabalhado(s) durante o ano ou mudar, caso queira), mas destaca-se por ser uma experiência que deve ser compartilhada para que outros profissionais (além da História) possam refletir sobre o uso do Movimento Brega em sala de aula.

3.2.7 O quanto você considera importante formações ou eventos sobre o uso do brega no ensino de história

Figura 13: Gráfico sobre a importância de formações ou eventos sobre o uso do brega no ensino de História.



Fonte: Elaboração própria, 2024.

Essa pergunta final do formulário foi pensada tendo como base os escassos trabalhos acadêmicos sobre o Movimento Brega, em que a universidade constitui uma das pontes para a construção do conhecimento e a sua ligação com os professores da Rede Estadual dá-se através de formações que acontecem mensalmente.

Os resultados obtidos mostram que pelo menos 94,1% (2 a 5) dos que responderam consideram ser importante que existam formações sobre a temática, pois mesmo existindo leis que patrimonializam o ritmo, festivais do brega, estudantes fazendo coreografias, etc., faltam estudos sobre o seu uso em sala de aula, especificamente no ensino de História. Com isso, sabendo que existem trabalhos excelentes em outros departamentos, como já foi citado anteriormente, reforço que é uma condição *sine qua non* que os professores de História possam compreender a importância do Movimento para a história da cidade e para os jovens da periferia, rompendo preconceitos ainda presentes na sociedade, que acabam refletindo na universidade e na classe docente.

3.3 A sequência didática

O produto foi pensado a partir de uma temática que pudesse integrar o brega e o ensino médio, sem distinção de qual ano ele pode ser aplicado, além de que

buscasse a relação entre os três eixos propostos: Relações Étnico-Raciais, Movimento Brega e Patrimônio. Alinhando os segmentos citados, o produto a ser desenvolvido foi uma sequência didática intitulada “A Lei 10.639 e o Movimento Brega em Pernambuco: uma proposta para a educação patrimonial”.

O produto é uma sequência didática que pode ser utilizada pelo professor de História na sua disciplina obrigatória ou numa eletiva da qual ele seja o titular, podendo ser aplicada para os estudantes do Ensino Médio, sem distinção de série. Essa escolha de não estabelecer uma série específica deve-se ao fato de que em muitas escolas as disciplinas eletivas acontecem de forma que estudantes de anos diferentes também possam cursá-las, não sendo um obstáculo para alcançar os objetivos que foram propostos pelo planejamento inicial.

É válido ressaltar que apesar de ser uma sequência didática, é importante que cada professor/professora reconheça as necessidades de sua turma e quais seriam os recursos audiovisuais disponíveis para a sala de aula, garantindo o melhor aproveitamento daquilo que foi proposto.

As razões que levaram à construção deste produto passam principalmente pela defesa por uma escola que dialogue com a comunidade em que está inserida e em especial com os seus estudantes, bem como entender a necessidade de ouvir e acompanhar a juventude, as suas produções, anseios, medos, relações sociais, entre outros pontos, pois não é só o professor que deve pensar uma educação dialógica e crítica, é necessário que a escola possibilite essa interação entre seus principais atores.

Sobre a educação e o seu papel crítico, Paulo Freire (1984), ao discutir a função da prática pedagógica e a sua atualidade, considera que o método de ensino conteudista, sem reflexão do estudante, chamado por ele de “educação bancária”, no livro “A Pedagogia do Oprimido”, acaba por não trazer a participação dos estudantes na construção do conhecimento. Desse modo, ele afirma que

A educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres ‘vazios’ a quem o mundo ‘encha de conteúdos’ não pode basear-se numa consciência especializada, mecanicistamente compartimentada, mas nos homens como ‘corpos conscientes’ e na consciência intencionada ao mundo. Não pode ser depósito de conteúdos, mas a da problematização dos homens e sua relação com o mundo. (Freire, 1984).

A partir disso, o objetivo geral proposto pela sequência didática é o de compreender as rupturas e permanências das relações étnico-raciais no Movimento Brega, dado que é um ponto de reflexão que deve existir no ensino de História, já que a partir do advento da Lei nº 10.639, busca-se o “desmonte de imagens e discursos construídos ao longo da História do Brasil que impuseram aos negros uma condição de inferioridade na formação sócio educacional brasileira” (Campos, 2004, p. 41).

Os objetivos específicos foram pensados no sentido de contemplar a proposta de estreitar a relação do Movimento Brega, Patrimônio e Relações Étnico-raciais. Essa proposta foi criada sem levar em consideração o local em que a escola esteja localizada, porque veremos, nos objetivos a seguir, que é preciso “redescobrir” o lugar em que a comunidade, a escola, as pessoas, histórias, monumentos, etc. estão inseridos.

No que diz respeito aos objetivos específicos, o presente produto visa:

- Discutir o racismo estrutural através da História do Brega e os motivos que levaram à sua patrimonialização;
- Compreender a formação da sociedade brasileira e suas relações étnico-raciais através do Movimento Brega e a importância da Lei nº 10.639.
- Analisar o território da escola, a comunidade e as práticas culturais que lá existem e são invisibilizadas .

A justificativa encontrada para a produção da sequência didática partiu da recente patrimonialização do Movimento Brega, que trouxe à tona o debate da cultura negra que, aos poucos, consegue visibilidade nos espaços, além da sua produção, tendo em vista que mesmo com o reconhecimento estatal, há resistências e visões negativas sobre quem o produz, por exemplo, o denominado “galeroso”, que é aquele que é visto como alguém tem potencial em ser criminoso, vestindo roupas das marcas Seaway ou Cyclone, com óculos da Julliete, é um dos personagens centrais do brega funk e da juventude periférica.

Visando desconstruir essa visão em sala de aula, é necessário ter uma discussão que envolva as teorias raciais do fim do século XIX e início do século XX; a forma com que foi propiciado o silenciamento/invisibilização da cultura negra e da associação do negro à violência, considerando os estudos de frenologia do médico

Cesare Lombroso; perceber as nuances do racismo estrutural e entender que o conceito é fundamental para a construção de uma educação antirracista e multicultural, trazendo para a sala de aula a História e a cultura negra no Brasil.

No âmbito local, torna-se necessário compreender o processo de urbanização da cidade do Recife e o surgimento do Movimento Brega, por ser expressão cultural do estado de Pernambuco e, conseqüentemente, o entendimento do ensino de História do tempo presente, percebendo as rupturas e permanências ao longo da História.

Em relação ao modo com que a disciplina é apresentada na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o documento discorre sobre o componente curricular História no bloco destinado às Ciências Sociais e Aplicadas, elencando um conjunto de competências e as suas respectivas habilidades, para que o docente escolha a que melhor se encaixa no seu planejamento.

As competências e habilidades que foram utilizadas para o planejamento da presente proposta estão descritas abaixo:

Competência 1

Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.

- **(EM13CHS102)** Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade, cooperativismo/desenvolvimento, etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as às narrativas que contemplem outros agentes e discursos.
- **(EM13CHS104)** Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial, de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.

Competência 2

Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial, em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica.

- **(EM13CHS502)** Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.
- **(EM13CHS503)** Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados e usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos.

A carga horária da disciplina de História no Ensino Médio corresponde obrigatoriamente a duas aulas por semanas, contudo, com a adoção das eletivas pelos professores, essa carga horária pode ser um pouco maior, levando em consideração os projetos que podem ser desenvolvidos pelos profissionais, atrelando-a à disciplina assumida: História. Dessa forma, ao invés de ter apenas duas aulas, esse professor pode ter quatro ou cinco, a depender da escola e como acontece essa dinâmica, que é particular de cada instituição. Um exemplo é que o professor pode usar a eletiva para um projeto que visa discutir política e Direitos Humanos e, dentro dele, abordar o que seria voto de cabresto; os motivos que levaram o voto a ser secreto na Constituição vigente; qual o papel da política na sociedade, etc. são alguns dos caminhos que podem ser traçados.

O ideal é que, para a aplicação, o docente possa ter duas aulas para o seu desenvolvimento, podendo ser aplicado a qualquer tempo, não reduzindo à

discussão das relações étnico-raciais ao mês de novembro, marcado pelo Dia da Consciência Negra.

Com isso, a sequência didática teria a duração de cinco encontros, sendo cada momento com a duração de duas aulas, ficando a critério do professor que esteja aplicando este produto, se ele acha que precisa de mais tempo ou de outros recursos, deixando a última aula como a culminância, o momento em que podem apresentar o que foi construído, podendo essa apresentação ser de pequenos grupos que foram divididos para tal tarefa ou de toda a turma, uma vez que tudo é possível.

3.4 APLICAÇÃO

A sequência didática foi aplicada em duas escolas na qual atuo: a Escola de Ensino Fundamental e Médio Barão do Abiaí, pertencente à Rede Estadual da Paraíba, onde as turmas do Ensino Médio e Educação Jovens e Adultos (EJA) foram as que participaram do processo. A outra instituição foi a Escola Municipal José Clarindo, no município do Cabo de Santo Agostinho; nesta, foram duas turmas dos 9º anos (A e B) que possibilitaram o desenvolvimento.

Na elaboração do produto, a escolha feita era de apenas atuar com as turmas do Ensino Médio, tendo em vista as possibilidades, já que é onde se concentra a maior carga horária e consequentemente o maior número de turmas. Porém, a escolha de trabalhar com o Ensino Fundamental surgiu por causa da temática de um projeto desenvolvido pela Secretaria de Educação do Cabo de Santo Agostinho, denominado “Vozes da Equidade”, em que as escolas do município deveriam desenvolver atividades que remetessem às relações étnico-raciais, sendo este trabalho escolhido pela gestão da instituição para a sua representação.

A proposta do município do Cabo de Santo Agostinho tinha como objetivo geral “promover o engajamento das escolas na implementação do projeto “Vozes da Equidade”, visando fomentar ambientes escolares mais inclusivos e antirracistas”. Alguns dos objetivos específicos seguem listados abaixo:

- Desenvolver e ofertar formações sobre a temática antirracista para os líderes nas escolas do “Vozes da Equidade”;

- Disponibilizar plataformas ou ferramentas para que os líderes possam comunicar-se e trocar experiências;
- Organizar e/ou apoiar eventos culturais nas escolas para promover o reconhecimento e a valorização das diversas culturas e etnias;
- Desenvolver mecanismos de acompanhamento e suporte aos/as professores/as líderes do “Vozes da Equidade” em suas atividades.

Algumas das estratégias para alcançar os objetivos propostos pelo projeto foram inúmeras, porém, destaco as que foram implementadas pela escola:

- Eventos culturais
- Espaços de diálogos
- Campanhas de conscientização

A Escola Municipal José Clarindo fica localizada no bairro Ponte dos Carvalhos, e é marcada pela intensa violência que assola o estado de Pernambuco. Dados do Instituto Fogo Cruzado⁵⁴, de 2022, mostram que o referido bairro foi o mais violento da Região Metropolitana do Recife, registrando o número de 35 tiroteios, 27 mortos e 14 feridos, enquanto que o município registrou 199 tiroteios, 162 mortos e 65 feridos. Dessa forma, o bairro corresponde a 35%, 16,6% e 21,5% dos dados, tendo um percentual alto se comparado a outras regiões do país.

É necessário destacar que falar da violência é entender que ela não só se expressa em mortes, tendo em vista que existem violências simbólicas, psicológicas, policiais, e tantas outras que, muitas vezes, não entram num rol de estatísticas. Neste contexto, seria até ingênuo acreditar que a violência do bairro não adentra as escolas. Desse modo, infelizmente, na instituição José Clarindo, foi possível presenciar episódios de injúria racial e racismo, além de violência física entre estudantes, episódios que, de certa forma, são reflexos do que é vivido fora da escola.

⁵⁴ Disponível em:

<<https://www.blogdopaulofarias.com.br/post/ponte-dos-carvalhos-no-cabo-foi-o-bairro-mais-violento-da-rmr-em-2022>>. Acesso em 18/01/2024.

Antes de iniciar a descrição, preciso afirmar que conviver nesse ambiente e com os estudantes, sendo de outro bairro, foi desafiador, no sentido de muitas vezes ter que desafiar a lógica de uma educação que preza pela reprodução de conteúdos, em um modelo de educação bancária, em que os estudantes aprendem a marcar o “x”, a decorar alguma fórmula matemática ou uma data histórica. Contudo, aplicar o produto foi uma das melhores experiências que vivenciei enquanto docente, o que considero um “achado” que ultrapassa as barreiras da universidade.

Com as turmas regulares do Ensino Fundamental, foi possível construir diversos outros produtos, já que a estratégia utilizada não foi se limitar a construir um quadro sobre racismo ou uma música. A divisão entre grupos, para a discussão dos textos, partiu da relação de afinidade entre os estudantes, que preferiram ficar assim com o andamento do trabalho.

Abaixo, seguem imagens dos momentos de aplicação com os 9º anos.

Figura 14, 15 e 16: Estudantes discutindo as imagens e textos em sala de aula.



Fonte: Elaboração própria, (2023).

Consequentemente, as turmas foram se engajando e gostando a cada momento que participavam. No percurso, eu pensei em alterar a culminância do projeto, que estava para o dia 20 de novembro, para o início de dezembro, porque alguns estudantes sugeriram tirar algumas fotos e fazer algumas representações sobre a cultura negra.

No processo de construção com os estudantes, foi fundamental o apoio da gestão e dos professores, em especial, nas turmas da tarde, com o professor de Geografia, Raimundo Arruda, que auxiliou no andamento da sequência didática, ampliando a discussão racial e seus impactos na sociedade brasileira.

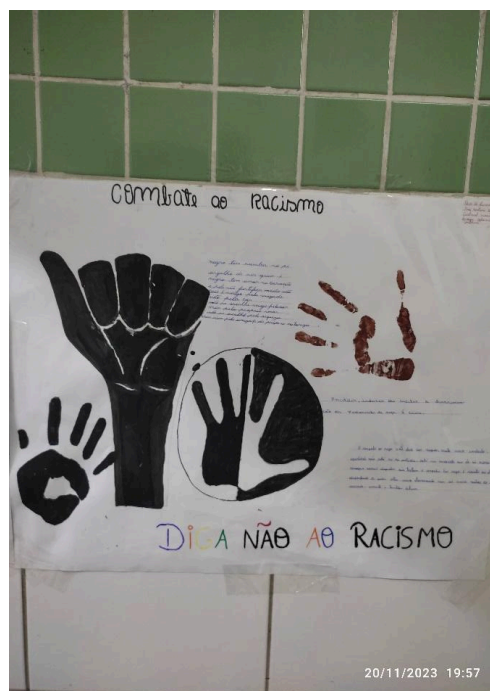
Como primeiro resultado, alguns grupos produziram cartazes sobre o racismo, discutindo a diferença entre ele e a injúria racial; a importância de falar sobre o tema durante todo o ano; a relação entre racismo estrutural e a violência policial, a qual já havia acontecido com alguns estudantes. Esse “despertar” é interessante, por fazer com que os estudantes possam reconhecer o viés racial que está perpetrado na abordagem dos agentes policiais do Estado e os estigmas de quem seria o “galeroso” (muitos se vestem da forma como o “galeroso” se veste). Ademais, partiu da turma o desejo de aprofundar o que foi proposto, o que é excelente, porque demonstra que utilizar a cultura na qual os estudantes se reconhecem permite trabalhar conteúdos importantes de forma leve, sem ser engessada, além de despertar a curiosidade e o engajamento da turma.

Antes da confecção dos cartazes, foi pedido que eles pudessem reconhecer, em seu bairro, aquilo que consideram importantes para eles, aquilo que os fazem ser do Cabo de Santo Agostinho, do bairro de Ponte de Carvalhos, que é um local em que os/as estudantes possuem uma relação de pertencimento com seus símbolos, histórias, sobretudo negras, para saber se elas são passadas de geração em geração. Esses elementos possibilitaram a discussão sobre ser daquele lugar e se sentir pertencente a ele, de modo que eles pudessem “olhar o bairro”, e entender, por exemplo, porque no local não tem área de lazer como em outros bairros.

Figura 17: estudantes produzindo cartazes sobre o racismo.



Figuras 18 e 19: Cartazes produzidos pelos estudantes sobre o tema do racismo.



Fonte: Autoria própria, (2023).

Dessa experiência surgiram alguns mapas afetivos que tinham como ponto central a escola que faziam parte, como pode ser observado nas figuras 5 e 6. A partir da atividade de “olhar o bairro”, encontramos alguns elementos, como igreja, quadra de esportes e sorveteria. Porém, não foi constatado nenhum terreiro (existem

um no bairro, conhecido como Xangô de Miro), e nenhum outro elemento da cultura negra, como capoeira, frevo, brega (mesmo existindo o cantor Rogério Som, grande nome do brega cabense). Sendo assim, esses últimos foram dois elementos que ficaram de fora do mapa afetivo, mas os estudantes conseguiram compreender o objetivo da atividade, que era de fato mapear aquilo que era importante para eles, contando suas histórias através da cartolina e suas representações.

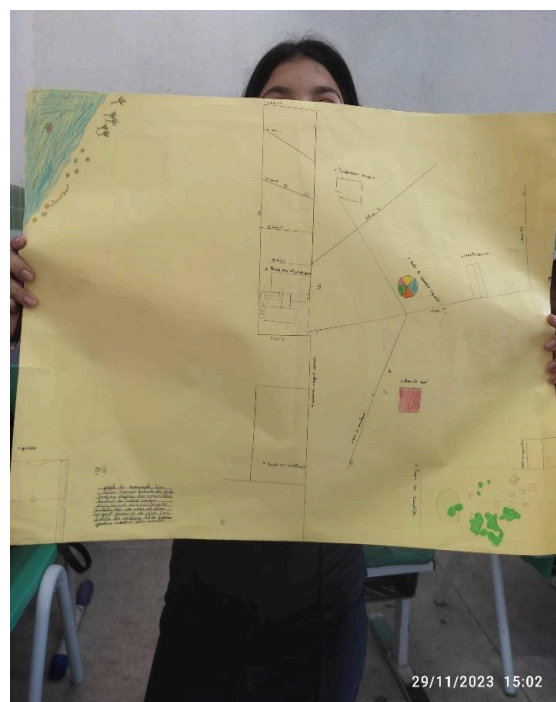
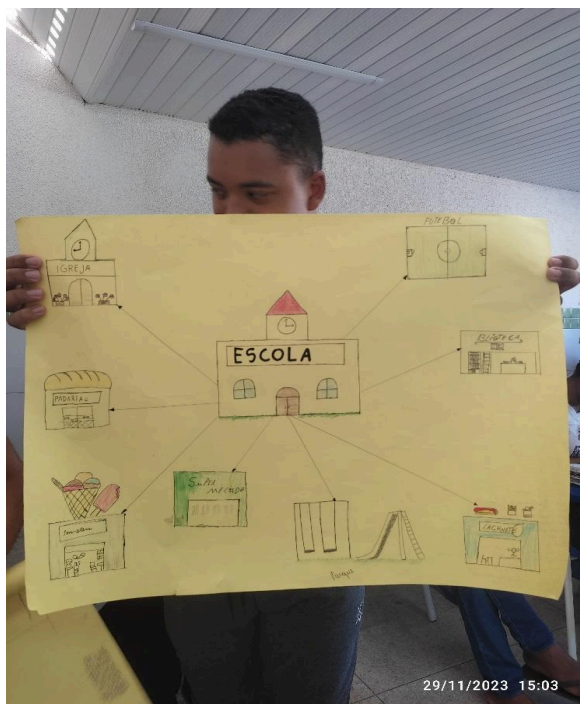
Um ponto importante para a prática docente era de que as turmas eram bem numerosas e havia assumido a três meses para o fim do ano letivo, porém não percebi uma resistência para a produção desse projeto, nem da direção muito menos dos estudantes, pelo contrário, os jovens traziam caixa de som e cantavam várias músicas de brega, o que possibilitou entrar no universo deles e criar uma relação afetiva, fundamental para o bom desenvolvimento do planejamento elaborado e do pertencimento deles sobre aquilo que estava sendo construído.

Figuras 20, 21: Construção do mapa afetivo em sala de aula.



Fonte: Autoria própria, (2023).

Figura 22 e 23: Mapas afetivos confeccionados pelos alunos.



Fonte: Autoria própria, (2023).

O *opus maximus* da aplicação foi a apresentação cultural de outro grupo de estudantes que não participaram das outras produções, mas que desejavam aprofundar as suas relações com a temática das relações étnico-raciais.

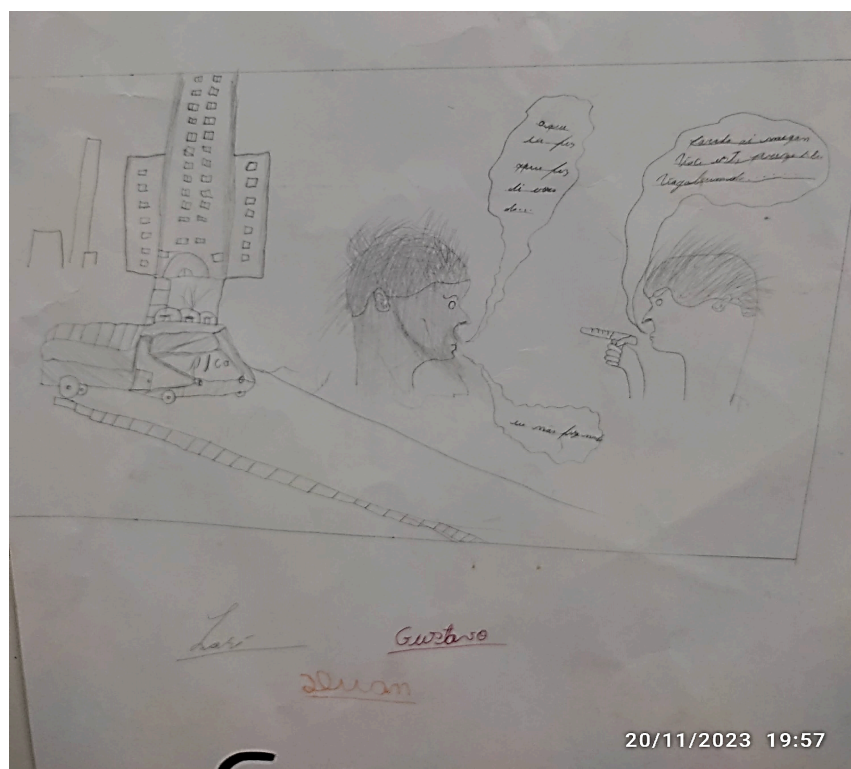
Aqui, vale destacar que antes de discorrer sobre o tema, é bom o professor ter em mente que falar sobre racismo não tem que se ter o pensamento de que “a” vai levar a “b”. Com isso, quero dizer que o tema, apesar de sensível, pode ser utilizado pelos estudantes, como o orgulho da cor que possuem, fato que será discorrido mais adiante.

Figura 24: Estudantes se pintam em referência à cultura negra.



Fonte: Elaboração própria, (2023).

Figura 25: Representação de abordagem policial.



Fonte: Elaboração própria, (2023).

Como parte da atividade, alguns estudantes foram até o rio Jaboatão, que corta a cidade, fazer algumas fotos com a temática negra, buscando valorizar a estética e os corpos negros, visto que umas das propagandas utilizadas nas discussões abordava a questão do corpo negro na publicidade como algo inferior ou, muitas vezes, sexualizado. Participaram desse movimento meninos e meninas, sem distinção de idade, e realizaram as fotos por conta própria, que foram expostas no dia da apresentação cultural, como poder ser observado na figura X, na reprodução do projetor presente no quadro, e ao lado dele, o professor Raimundo, que discutia como o racismo estrutural também está presente no mundo da moda, onde os corpos negros não estão tão presentes .

Figura 26: Professor de geografia discutindo racismo estrutural.



Fonte: Autoria própria (2023).

Outros estudantes preferiram fazer algumas atividades artísticas que eram comuns no bairro, porém, devido a dinâmica do dia a dia, e sem uma política de valorização cultural, algumas práticas foram caindo no limbo aos poucos e, por tal motivo, os estudantes quiseram trazer para a sala de aula. Em um primeiro momento, tivemos a apresentação de capoeira, onde os estudantes exibiram um vídeo antes da luta, contando um pouco da história de resistência dessa prática e posteriormente fizeram a apresentação, convidando outras pessoas para participarem.

A segunda apresentação foi de Maculelê, uma dança folclórica originalmente da Bahia, que tem uma familiaridade com a capoeira, mas possui bastões de madeira nas suas apresentações, que são constantemente batidos uns nos outros, numa singularidade sonora, acompanhado de cânticos que podem remeter aos orixás, à história do povo negro, entre outros segmentos da cultura negra.

Figura 27: Apresentação cultural dos estudantes dos 9° anos.



Fonte: Autoria própria (2023).

Figura 28: Poemas criado pelos estudantes.

sou magro
 meus avós foram guimardos
 pelo sol da África
 minha alma recebeu o batismo dos tambores
 atabaques, gongôs e agogôs

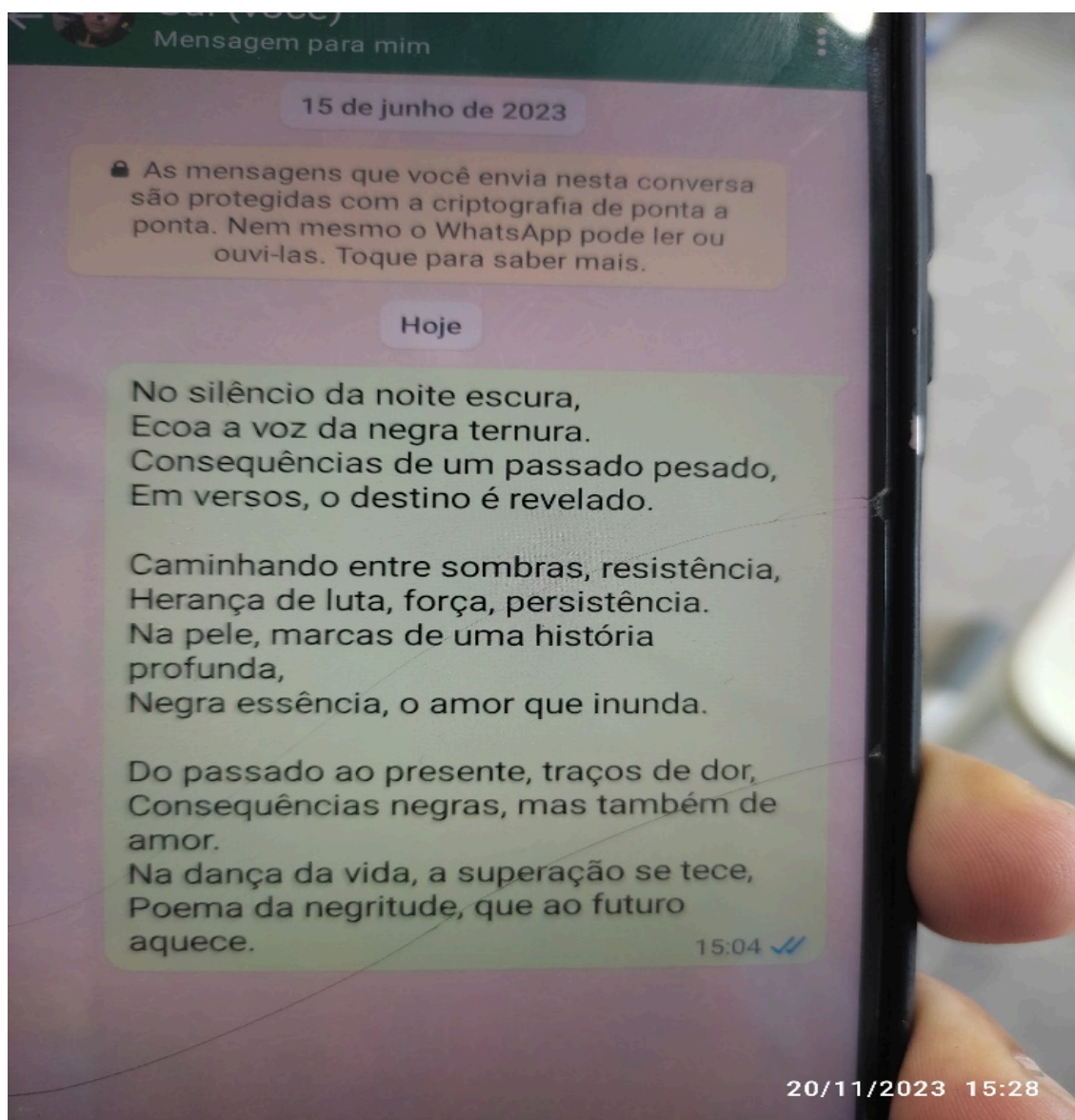
 contaram-me que meus avós
 vieram de Luanda
 como mercadores de borboletas
 plantaram sementes de engenho novo
 e criaram os primeiros maracatus
 aqui meu avô lançou sementes de dança
 nas terras de guiné
 ele saltava como um
 na cabana em sua casa
 escrevia suas letras
 e seu nome
 não era um nome fácil
 humilde e manso

 minha mãe
 não foi de Minas Gerais
 ela veio da Bahia
 ela se destacou
 na minha alma ficou
 a dança
 a dança de Alentejo

20/11/2023 19:56

Fonte: Autoria própria (2023).

Figura 29: Poema criado pelos estudantes.



Fonte: Autoria própria (2023).

A experiência com o ensino fundamental foi interessante por serem turmas bem numerosas e ter a liberdade deixá-los à vontade para a formação de grupos e estabelecer esse diálogo sobre o que pensavam sobre o projeto e sua construção, acabou potencializando não só o resultado, como também a prática docente.

Foi estabelecido que a avaliação seria de acordo com o envolvimento e comprometimento que teriam ao longo dos encontros. Como é possível analisar através das imagens, a relação dialógica e uma educação crítica permite que o estudante relacione o que é estudado com a sua vivência, possibilitando condições “fora do controle” para que possam redescobrir o seu território e identidade.

3.4.1 Aplicação com a turma da Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI)

A sequência didática também foi aplicada em outras turmas da escola José Clarindo, contudo, foram as turmas da Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI) que foram contempladas, especificamente a turma da IV fase, que corresponde ao 8º e 9º anos do ensino regular.

Essa experiência foi desafiadora, porque ocorreu no mês de outubro e, nesse período, há uma grande evasão escolar. Na turma correspondente, havia cinco estudantes que iam regularmente, enquanto que outros vinte e sete (27) não iam com tanta ou nenhuma frequência, o que nos implica dizer que podem ser inúmeras as razões desta evasão. No entanto, o fato de serem trabalhadores é primordial nesse contexto, o que dificulta bastante o trabalho que deveria ser desenvolvido.

Diferentemente da turma do fundamental, onde todos os estudantes sabiam ler e escrever, na IV fase do EJAI, apenas uma das cinco mulheres que iam frequentemente possuíam essa habilidade, os restantes não sabiam nem um e nem outro. Contudo, isso não é impeditivo para realizar o trabalho, mas é necessário repensá-lo, devido às circunstâncias que foram apresentadas. Dessa forma, o planejamento foi apresentado para os outros/as professores/as que, juntamente com a gestão, gostaram da ideia de fazer um dia para se discutir o racismo estrutural, juntando todas as fases do EJAI, possibilitando, com isso, uma grande roda de diálogo, onde os estudantes que tinham essa limitação conseguiram discutir sobre o racismo e a injúria racial, inclusive relatando situações que foram vivenciadas, trazendo consigo histórias de vida.

Figuras 30 e 31: *Coffee-break* para os estudantes na roda de diálogo e Lanche servido para o EJAI.



Fonte: Autoria própria (2023).

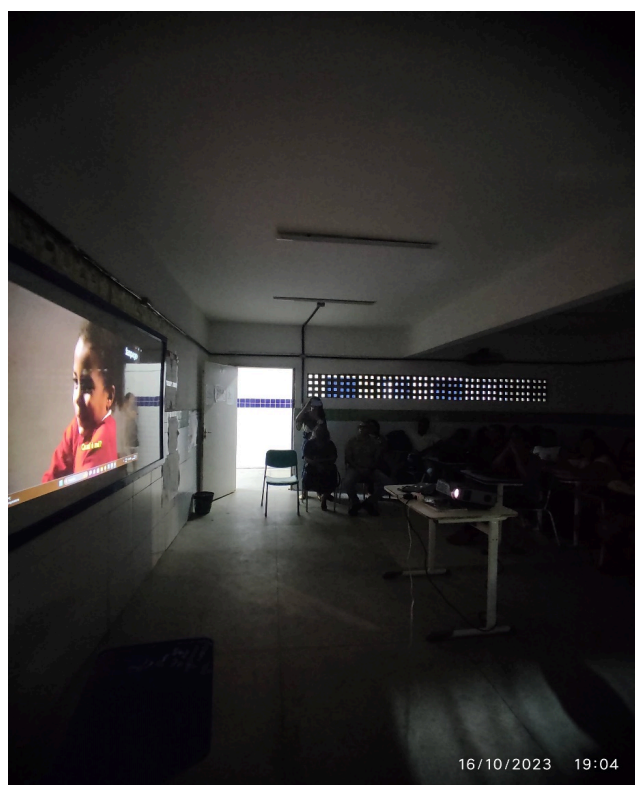
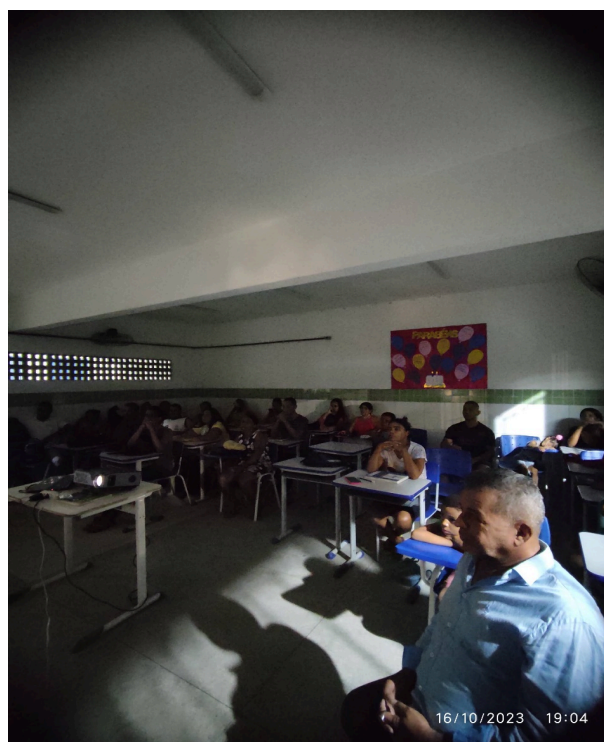
Durante essa dinâmica, escolhemos passar três obras audiovisuais. Os vídeos apresentados foram “O Perigo da História Única”⁵⁵, que é importante para discutir a narrativa de vida deles, mostrando como esse processo acontece e contribui para o silenciamento da cultura negra. O segundo vídeo foi um curta-metragem chamado “Dois Estranhos”⁵⁶, que mostra um pouco da violência policial e a sua relação com o racismo estrutural. Por fim, exibimos o experimento social feito com bonecas brancas e negras, intitulado “Doll Test”⁵⁷.

⁵⁵ Disponível em: <https://youtu.be/D9lhs241zeg?si=lv_2OZf8M6pRXnJN>. Acesso em: 12 de jul. 2024.

⁵⁶ Disponível em: <<https://www.netflix.com/browse?bjv=81447229>>. Acesso em 12 de jul. 2024.

⁵⁷ Disponível em: <<https://youtu.be/CdoqgmNB9JE?si=76QAddSnbNKFM6I7>>. Acesso em: 13 de jul. 2024.

Figuras 32, 33 e 34: Exibição dos vídeos para o EJAII (2).



Fonte: Autoria própria (2023).

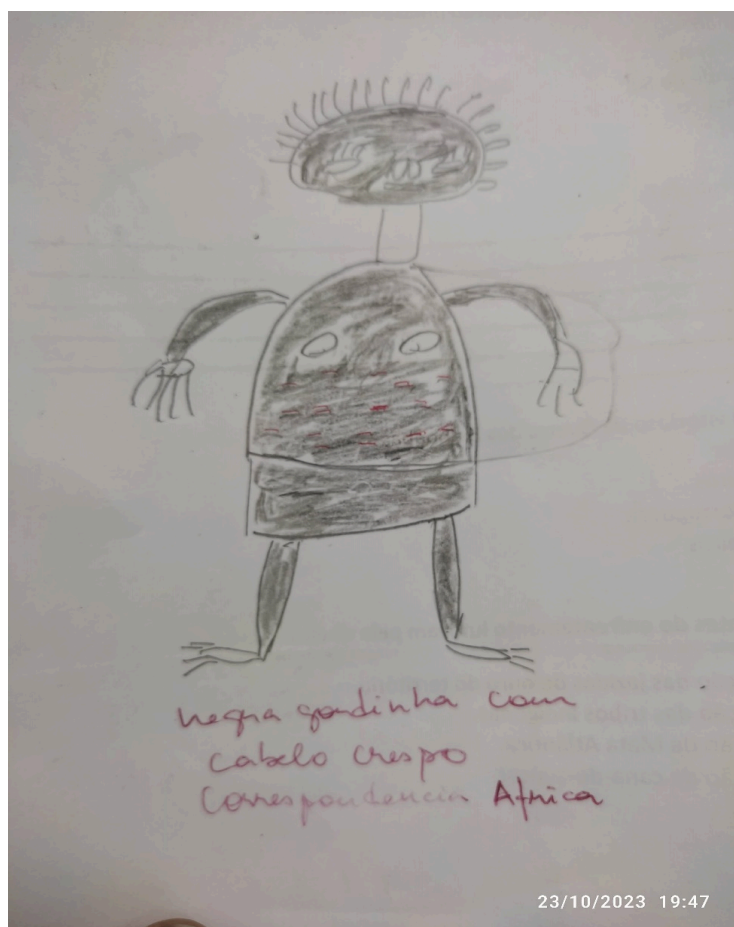
Esse primeiro momento com as turmas foi importante para que fosse possível conhecer e entender um pouco mais sobre os estudantes que fazem parte dela e qual a relação que eles tinham com o tema, para, só então, pensar estratégias que pudessem exponenciar o que seria proposto. Acabei por deixar de fora algumas questões mais complexas, como a discussão sobre o racismo científico, a partir da leitura da historiadora Lilia Schwarcz, para que pudessem compreender o processo de formação do Movimento Brega e sua patrimonialização, alinhando isso à questão da identidade e do território.

Dessa forma, considerei que a avaliação seria o comprometimento e o envolvimento dos discentes com a disciplina, a partir do que eles fossem trazendo de informações sobre o que era agendado, (o que conseguiram cumprir com grande afincio). Numa questão final, pedi para que pudessem desenhar (dentro das limitações de escrita e leitura da turma, essa foi a opção mais viável) o que havia de África em nós brasileiros, buscando, com essa atividade, compreender se de fato as expectativas de aprendizagem se consolidaram ao ponto de perceberem que ter uma herança africana em nós não é um problema, é um sinal de identidade.

Alguns dos desenhos abaixo foram feitos em sala de aula e foi possível deixá-las (mesmo com homens matriculados na turma, a frequência e o envolvimento com o projeto eram de mulheres) bem à vontade na construção dos seus desenhos, ficando somente sobre a minha responsabilidade legendar, caso quisessem, o que estaria representado ali naquele papel. Os três desenhos abaixo foram autorretratos que traziam consigo alguns termos que são considerados pejorativos e/ou racistas, como o “cabelo de tuim”, associado ao cabelo crespo, visto como ruim, feio e desvalorizado.

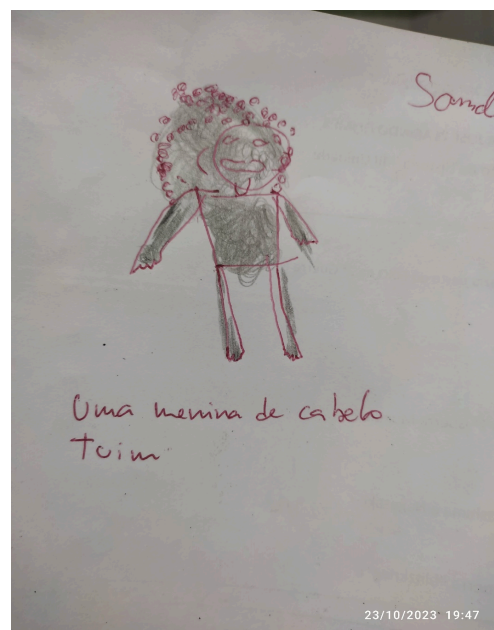
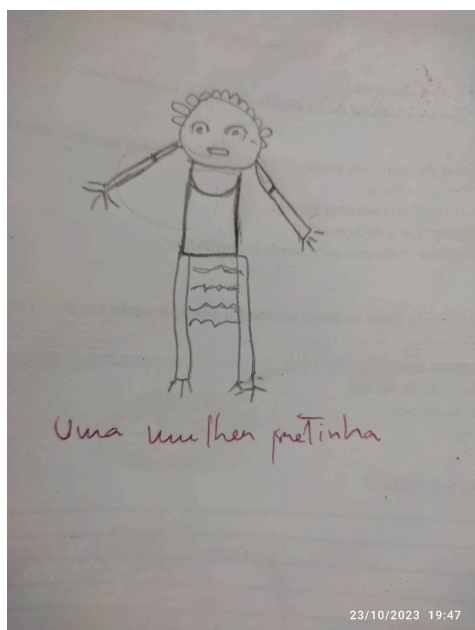
Destaca-se que as legendas ficaram dessa forma não por causa da intervenção do professor, mas sim porque essas mulheres compreendiam o seu significado e não era motivo de vergonha, mas sim de orgulho. Dessa maneira, os estereótipos que são reproduzidos na sociedade em relação à mulher preta sexualizada iam por água abaixo, mostrando a valorização que elas tinham da cor, dos traços físicos e da identidade negra.

Figura 35: auto-retrato (1).



Fonte: Autoria própria (2023).

Figuras 36 e 37: Autorretrato (2) e (3).



3.4.2 Aplicação da sequência didática com estudantes do Ensino Médio do município de Alhandra (PB)

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Barão do Abiaí foi a escola onde foi aplicada a sequência didática proposta. É uma escola que fica no litoral sul da Paraíba, possui boa parte da sua população no campo e a instituição de ensino, mesmo se localizando no centro da cidade, funciona em um regime especial, já que boa parte dos estudantes são do campo, possuindo, portanto, um sistema diferentes de aulas, correspondendo a 6 aulas diárias, sendo as 4 primeiras com duração de 40 minutos, as duas últimas com duração de 20 minutos e o intervalo também de 20 minutos.

Nesse caso, diferentemente do que foi pensando na sequência didática, o professor precisou se adequar à realidade da escola, tendo em vista que não só o horário era um limitador, mas o fato de os estudantes precisarem pegar o ônibus, o único meio de transporte de muitos, fazia com que, às vezes, as aulas tivessem que ser encerradas antes do horário previsto, para evitar que o ônibus fosse embora e os estudantes não tivessem como retornar para as suas casas.

Diante desse cenário, a escolha feita foi a de trabalhar de forma mais reduzida em sala de aula e que eles pudessem, inicialmente, pesquisar sobre os temas que não poderiam ser vistos em turma. Para sanar um pouco às questões sobre os temas, solicitei que a coordenação germinasse minhas aulas uma vez a cada 15 dias, para que todos pudessem ter contato com o que foi produzido, situação que não teve nenhum obstáculo por parte da gestão.

As turmas em que aconteceram a aplicação foi todo o ensino médio da escola, turnos manhãs e tardes que trabalhavam de formas combinadas entre si, sendo cada grupo composto por integrantes que poderiam ser ou não de turmas diferentes. A turma do Ciclo V A, que corresponde ao 1º ano do Ensino Médio regular, foi a que representou a turma da noite.

Processo diferente do que aconteceu com a aplicação no Cabo de Santo Agostinho, nesta aplicação, alguns professores da cidade questionaram junto a alguns alunos o trabalho, onde propus para alguns que pudessem fazer sobre a relação entre a fundação da cidade e da Jurema Sagrada. Para alguns desavisados,

(me incluo nesse meio), sabia que a cidade era conhecida por ser a cidade da Jurema, mas não entendia as implicações que isso poderia causar.

Era possível perceber um grande desconforto por parte de professores que ao fazer a exposição de alguns trabalhos no hall da escola, pediram a gestão para que fossem retirados, com a motivação de que trabalhos de estudantes não deviam ficar expostos naquele local, porque algum informe da escola poderia passar despercebido. Entretanto, outros professores expunham seus trabalhos no mesmo local e nunca existiu qualquer problema, mas logo quando o tema foi sobre a Jurema Sagrada, surgiu esse impedimento. Apesar desses conflitos, as tensões existentes acabaram sendo uma mola propulsora para a aplicação e finalização da sequência didática.

Mas faz-se necessário destacar que muitos estudantes se recusaram a participar do trabalho, pois seus pais ou parentes não “iriam gostar de pesquisar sobre macumba, catimbó ou coisas do diabo”. Com esses estudantes, foi necessário que eu fizesse um trabalho individualizado para avaliação mas, posteriormente, entenderam que se trata de uma prática cultural secular e a visão demoníaca que eles tinham tratava-se de um preconceito sobre o tema.

Após a discussão sobre racismo estrutural e a história do movimento brega (cultura que é presente também na Paraíba), as turmas divididas ficaram responsáveis por desenvolverem trabalhos que pudessem resgatar a história da cidade com o patrimônio cultural que os cercam, aquilo que os fazem ser de Alhandra, que une as pessoas, etc. Alguns estudantes falaram sobre a Jurema, a escola e a praça central, porém a maioria escolheu falar sobre a Jurema.

Algumas dessas pessoas tinham na família algum parente que participavam da Jurema Sagrada ou que ainda mantinham a “arte da reza” para tirar “mau olhado”, mas tinham uma visão distorcida do que seria a Jurema Sagrada por simplesmente criar um bloqueio que impedia conhecer aquilo que é visto como inferior. Observando a figura X, temos um pé de jurema no quintal da casa de uma estudante que tinha esse preconceito e, conversando com familiares, descobriu que na família tinha parentes que mantinham a tradição, porém seus pais e mães, por serem evangélicos, omitiam a história (sobre a árvore do quintal, não sabemos que fim teve depois da descoberta).

Figura 38: Jurema no quintal de uma estudante.



Fonte: Aatoria própria (2023).

É importante entendermos que existe a planta e o culto da Jurema. Sobre a planta, existem dois tipos (Figuras X e Y), sendo a jurema preta considerada sagrada, onde são usadas para fins ritualísticos, fumo, rezas, banhos energéticos e consideradas também por muitos como um caminho de conexão com os ancestrais.

Figuras 39 e 40: Ramos da árvore jurema.



Fonte: Autoria própria (2023).

Sobre o culto da Jurema, segundo o Jornal da Paraíba e o pesquisador Sandro Guimarães Salles⁵⁸, desde o período colonial existem registros de indígenas que praticavam o “adjunto da Jurema”, presente na região nordeste. Existem três formas de culto à Jurema: jurema de chão, gira de jurema e jurema de mesa, além do sincretismo com a igreja católica, africanos e o povo cigano.

Nesse levantamento dos estudantes sobre a região, foi interessante a relação deles com o espaço, onde muitos não tinham uma relação de permanência com o centro, ficando à margem da cidade, que vamos denominar a zona rural, com uma série problemas estruturais que vão desde não terem energia elétrica, casas de taipa, estradas de lama que durante o período de chuva o ônibus não passa, entre outras dificuldades, conhecer melhor a cidade que fazem parte causou estranhamento e curiosidade.

Um desses momentos de curiosidade coincidiu com uma fatalidade que acometeu toda a comunidade escolar: um dos estudantes que participava dos

⁵⁸ Disponível em:

<<https://jornaldaparaiba.com.br/comunidade/jurema-sagrada-entenda-tradicao-que-tornou-alhandra-b-erco-da-religiao?d=1>>. Acesso em 13 fev. 2024.

trabalhos, acabou sofrendo um grave acidente de moto e falecendo no local. Era um jovem, menor de idade que dirigia uma moto e acabou chocando-se com um caminhão. Apesar da imprudência que é dirigir sem habilitação, muitos acreditavam que o acidente ocorreu naquela região por ser “pesada”.

O que significa peso? Na física é a força gravitacional sofrida por um corpo, para os argentinos uma moeda, para os preconceituosos, uma energia negativa que induz a pensamentos, atitudes ou quem sabe, acidentes de trânsito, mau agouro, já que se trata de uma região que é conhecida onde está localizada a capela de São João Batista, localizada no sítio de Acais, esta propriedade que já pertenceu a Maria de Acais, uma das representantes do culto à Jurema na cidade.

No site jornal da Paraíba, encontramos a entrevista de Pai Beto de Xangô, mestre juremeiro que participou ativamente do tombamento das terras do Acais, onde afirma que “foi através da popularidade dela, a construção da igreja, o zelo que tinha pelas terras, pelo poder da força de trabalhar, de incorporar, de curar, que foi popularizando o nome da jurema sagrada aqui na Paraíba⁵⁹”. Fica a impressão que esse é local que pode ser não é falado, mas quem é de Alhandra sabe que existe, é um medo que foi criado principalmente pelo preconceito de quem a demonizou, criando juízos de valor contra sua cultura e seus praticantes.

Figura 41: Estudantes com ramo da jurema e o professor.

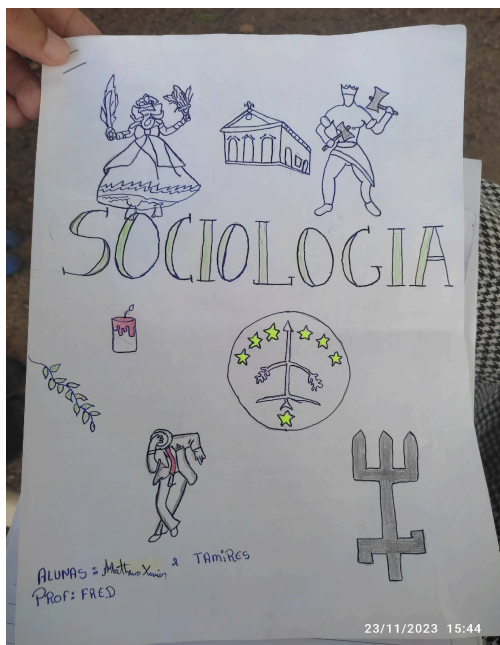


⁵⁹ Disponível em:

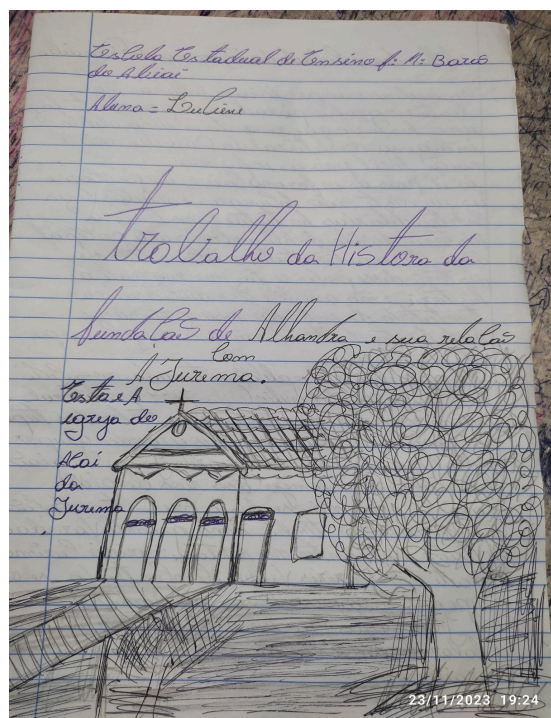
<<https://jornaldaparaiba.com.br/comunidade/jurema-sagrada-entenda-tradicao-que-tornou-alhandra-b-erco-da-religiao?d=1>>. Acesso em: 14 mar. 2024.

Fonte: Autoria própria (2023).

Figuras 42 e 43: Capas de trabalhos sobre a história de Alhandra.



Fonte: Autoria própria (2023).



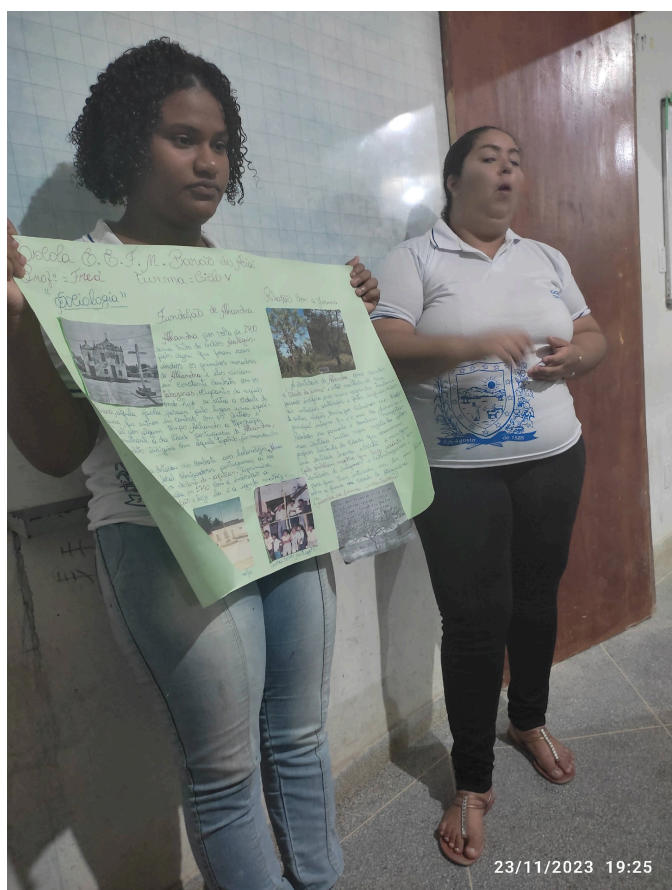
Figuras 44 e 45: Construção do mapa afetivo de Alhandra (1) e (2).



Fonte: Autoria própria (2023).

No mapa afetivo, a referência é a Escola Barão do Abiaí, essa que fica localizada no centro da cidade, talvez até no ponto médio da cidade, marcado também pelas casas dos estudantes, a presença da jurema e no cantinho temos a Igreja de Maria de Acais, como a capela de São João Batista é conhecida popularmente.

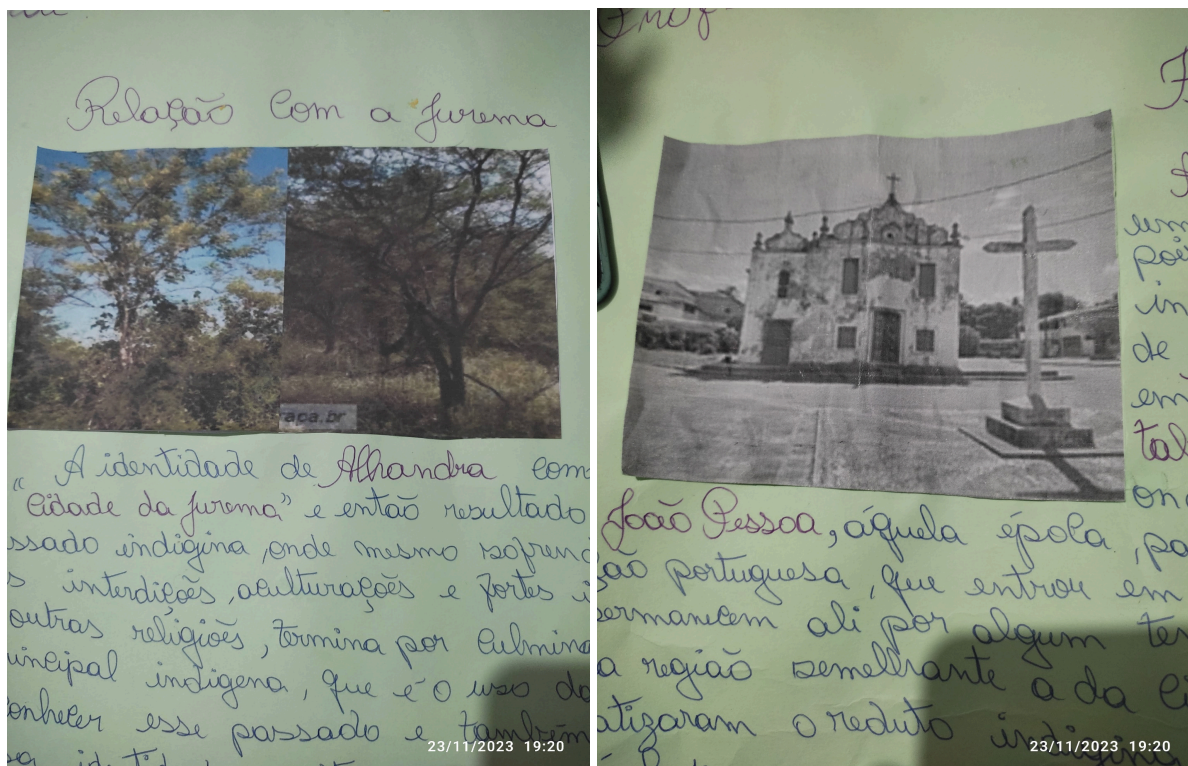
Figura 47: Apresentação do Ciclo V sobre a História de Alhandra.



Fonte: Autoria própria (2023).

As figuras a seguir mostram como os estudantes acabaram representando a Jurema nos trabalhos: dois sobre a história da cidade e sua relação com a jurema, exaltando as heranças afro-indígenas, a árvore e seus rituais, podendo compreender o seu sincretismo com as religiões de matriz africana.

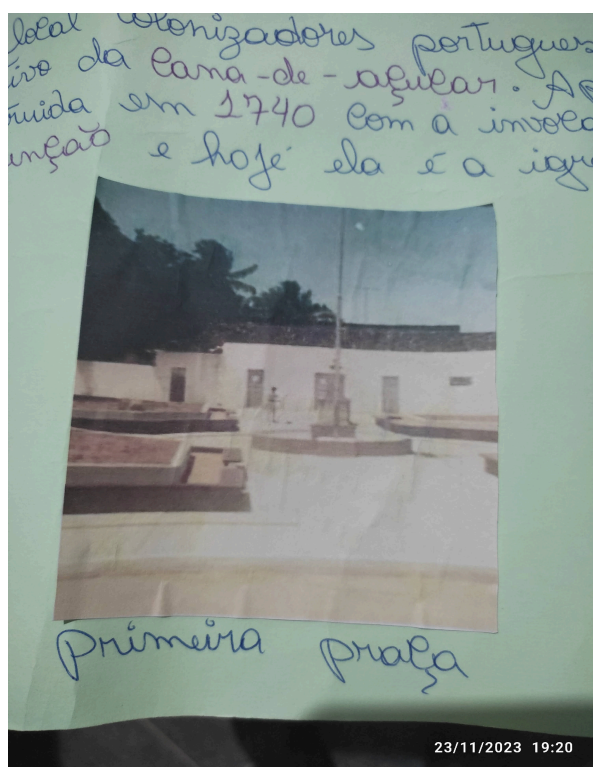
Figuras 48 e 49: Parte 1 e 2 – Trabalho do Ciclo V/A.



Fonte: Autoria própria (2023).

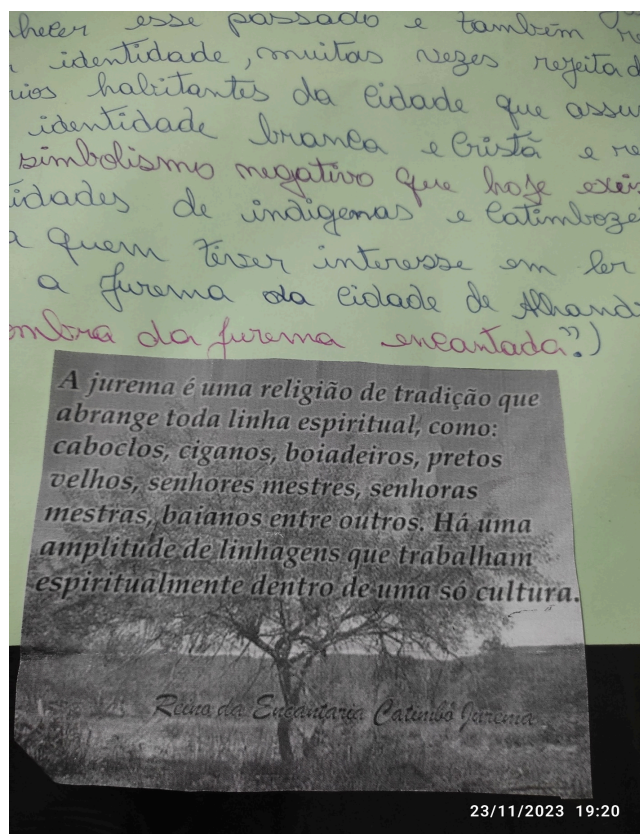
Na figura X temos o trabalho feito pelos/as estudantes do Ciclo V do EJA, um trabalho cheio de pesquisa e imagens que mostram um total conhecimento do local pesquisado. Uma das estudantes trouxe imagens que pertenciam ao seu sogro, Seu Siriaco, um dos grandes mestres juremeiros da região que evidenciou a relação da Jurema com outras regiões, destacam-se elas: Caaporã, Itambé, Pitimbu, Goiana, Caricé, Pedra de Fogo.

Figuras 50 e 51: Parte 3 e 4 – Trabalho do Ciclo V/A.



Fonte: Autoria própria (2023).

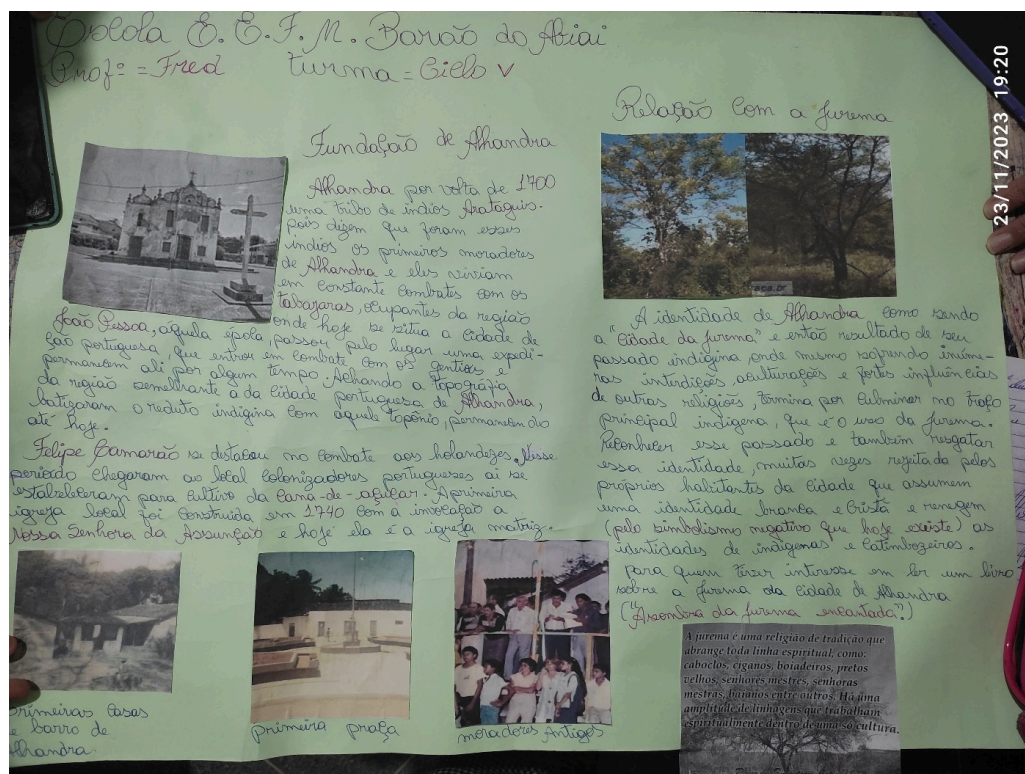
Figura 52: – Trabalho do Ciclo V/A.



Fonte: Autoria própria (2023).

Outra estudante, ex-praticante da Jurema, falou que a relação da cidade com essa prática religiosa é algo que costumeiramente é passado de geração em geração mas que com o advento das igrejas protestantes na cidade e nessas regiões que a Jurema é presente, a conversão de seus adeptos contribui de certa forma para que parte da história não seja contada como ela de fato é, porém mesmo sendo ex-praticante, sabe da importância e apesar de não fazer mais atendimento para o público, faz “rezas” e “garrafadas” para parentes e amigos próximos.

Figura 53: Trabalho completo do Ciclo V/A.



Fonte: Autoria própria (2023).

Considero uma satisfação ter conduzido esse trabalho com as turmas do ensino médio e EJA, bastante feliz com o resultado e de poder contribuir para que compreendessem melhor o seu território e o sentido de certas culturas serem invisíveis nesse espaço. Não que a sequência didática vai funcionar em todo e qualquer local, como disse, é necessário entender e especificidade de cada turma e as tensões que regem a comunidade escolar, não foi uma tarefa fácil, mas é das dificuldades que extraímos força para conduzir essa desconstrução que se chama racismo estrutural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa pressupôs primeiramente que apesar do recente reconhecimento do Estado, ainda não existem, ou são poucas as formações, metodologias e incentivos para o uso do brega no ensino de história. Em segundo lugar, o preconceito com essa expressão cultural e a sua origem popular, algo anterior a sua patrimonialização, é uma forte barreira a ser rompida dentro do ambiente escolar, seja pelas letras das músicas que podem remeter a sexualização, termos pejorativos cotidianos, a linguagem coloquial, as vestimentas que já foram produtos de estigmas sociais sendo associadas ao crime.

Desta forma, o objetivo geral dessa pesquisa foi o de analisar a importância do Brega e seus usos para o ensino de história, fomentando o debate com professores sobre a construção do patrimônio cultural, considerando as rupturas e permanências que as leis 14679/2017 e a 18807/2021 trouxeram para o debate do brega e Movimento Brega, respectivamente.

Os resultados obtidos com esta pesquisa através das respostas de docentes da rede estadual de Pernambuco, os incentivos/formações para o uso do brega em sala de aula são quase inexistentes, o que implica dizer que existem barreiras ainda a serem quebradas pela cultura. É importante dizer que o brega existe nas escolas, seja através de um meme, das danças, do jeito de falar e vestir dos estudantes, valorizar esse aspecto possibilita ao professor uma maior interação com o estudante, sobretudo periférico.

O produto desenvolvido mostra que é possível trabalhar o brega como fonte histórica e também como recurso didático, podendo abordar vários aspectos do movimento brega, a letra da música, as vestimentas dos mc's, a objetificação feminina, etc. cabendo ao professor usar de forma oportuna e coerente aquilo que perceber que seria de maior proveito para o desenvolvimento da sua aula.

A escolha feita no produto de compreender a história do brega aliado à ocupação dos morros do Recife é de discutir através do aspecto cultural, o racismo estrutural presente na sociedade. A associação do povo preto ao crime como indicava Cesare Lombroso no fim do século XIX com a teoria do criminoso nato, tem ligação com a visão do “galeroso” do brega, mostrando a perpetuação de estereótipos ao longo do tempo, propiciando um debate na qual estão inseridos, já

que a aplicação aconteceu com jovens e de certa forma conhecem e ou vivem essa expressão cultural da periferia.

As tensões existentes durante o processo de aplicação coadunam com a hipótese dessa pesquisa, ao perceber preconceitos quando se fala em se trabalhar o brega. Alguns professores, estudantes, pessoas que compunham a gestão e funcionários ficaram incomodados ao ouvir as músicas ou o trabalho que era desenvolvido em sala, afirmando em alguns momentos que “nunca viu professor usar brega pra estudar, será que é aula mesmo ou palhaçada?”, mostrando o quanto é dificultoso não só para o professor como também para os estudantes que estão envolvidos com o que está sendo realizado.

Outro ponto importante foi a retirada de um dos cartazes produzidos pelos estudantes do 2º ano C do Ensino Médio no Barão do Abiaí, que estava sendo exposto na entrada da escola. O cartaz mostrava a figura da Jurema e tinha a planta usada para a exemplificação, além da abordagem histórica da mesma na região de Alhandra, evidenciando o comprometimento dos estudantes com a pesquisa, mesmo assim alguém da escola retirou por que alguns pais não concordaram com a cultura e por tal motivo tomou essa decisão.

Mesmo com esses desafios em Alhandra, os jovens puderam compreender a relação do brega com a identidade dos jovens da periferia e o ensino de história, fazendo pesquisas sobre sua cidade que resultou, para a surpresa de muitos, na “redescoberta” de Alhandra, a cidade da Jurema. Alguns estudantes fizeram entrevistas com familiares e descobriram a Jurema no quintal de casa, tinha uma avó rezadeira e ou já havia sido “rezado”.

A aplicação no Barão do Abiaí foi um resultado além do esperado, pois devido às resistências ao longo do percurso e por se tratar de uma cidade em outro Estado, os estudantes conseguiram compreender o objetivo do que estava sendo proposto e buscaram as informações necessárias para o bom andamento do que estava sendo produzido. Foi um trabalho satisfatório que mostra a potência que os estudantes possuem ao discutir com temas que são próximos de sua cultura, mesmo sendo na Paraíba, o alcance das redes sociais e das plataformas musicais, estreitam a distância territorial entre Pernambuco e Paraíba.

Essa pesquisa contribui para o ensino de História ao mostrar que o uso do brega como recurso didático é possível em sala de aula para discutir temas diversos.

Na dissertação, o uso se deu para trabalhar a identidade, território e o patrimônio cultural dos estudantes através de uma perspectiva que valoriza a relação do estudante com o meio que vive, compreendendo a formação da sociedade e as rupturas e permanências ao longo do tempo.

Existem trabalhos no campo do Ensino de História que abordam música e história, mas não foi encontrado nada que se relacionasse ou que tivesse o brega como exemplo. Mesmo tendo o alcance nacional a pouco tempo, o brega funk possui uma forte relação com a juventude e por esse motivo não deve ser desprezado pela Universidade. É uma forma de aproximar a geração que está cada vez mais conectada com a internet e com as plataformas digitais, tornando a aula mais interessante, produtiva, que busque o engajamento do estudante nesse processo.

As respostas dos professores coadunam com a hipótese da ausência de formações e incentivos para o uso do brega em sala de aula, mesmo com a existência de leis que a reconheçam, ainda há um grande desafio a ser enfrentados. Ainda sobre o formulário, alguns professores usam brega em sua didática, consideram satisfatórios os resultados obtidos. Conclui que é necessário uma maior discussão e produção de materiais como essa dissertação que indique caminhos para o professor que queira conhecer sobre a temática, mas não saiba como colocar em prática.

Por fim, acredito que os estudantes têm potencial de explorar o conhecimento que possuem alinhado a um ensino de história que os façam refletir criticamente sobre a sua realidade, atrelando o que é visto em sala com o seu cotidiano, possibilitando, com isso, a melhor compreensão dos conteúdos a serem abordados, criando resultados satisfatórios. O uso do brega possibilitou uma aproximação maior do estudante com a disciplina História e com o seu território, refletindo sobre a história na qual está inserido, sua identidade, território, símbolos, sendo ela não apenas um partícipe mas sim peça fundamental na construção do conhecimento.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Martha e MATTOS, Hebe. Em torno das “Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana”: uma conversa com historiadores. **Estudos Históricos**, 2008, v. 21, n.41.
- ABUD, K. M. Registro e representação do cotidiano: a música popular na aula de História. **Cadernos do CEDES** (UNICAMP), Campinas/SP, v. 67, p. 309-317, 2005.
- ABUD, K. M. Registro e representação do cotidiano: a música popular na aula de história. Campinas, vol. 25, n. 67, p. 309-317, set./dez. 2005.
- ABUD, Kátia Maria (2016).Propostas para o ensino de história: a construção de um saber escolar. Fronteiras: **Revista de História**, v.18, n.31, p.296-304. 2016.
- ABUD, Kátia Maria. Currículos de história e políticas públicas: os programas de história do brasil na escola secundária. In: BITTENCOURT, Circe. **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Editora Contexto. 2004.
- ALBERTI, V., FERNANDES, TM., and FERREIRA, MM., orgs. **História oral**: desafios para o século XXI [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000. 204p.
- ALBERTI, Verena. **História oral**: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: FGV, 1990.
- ALMEIDA, Magdalena Maria de. . História oral e formalidades metodológicas. In: XI Encontro Nacional de História Oral. Memória, Democracia, Justiça, 2012, Rio de Janeiro. XI Encontro Nacional de História Oral. Memória, Democracia, Justiça. Rio de Janeiro: UFRJ IFCS IH, 2012. v. 1. p. 1.
- AMADO, Janaína. A culpa nossa de cada dia: ética e história oral. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduação em História, São Paulo, n. 15, 1997.
- CASSAB, L. A. . Indivíduo e ambiente: a metodologia de pesquisa da história oral. BIBLOS (RIO GRANDE) , v. 16, p. 07-24, 2004.
- AMORIN, G. F. . (2023). Ensino de história e decolonialidade: Proposta e experiência da escola afro-brasileira maria felipa. Revista Em Favor De Igualdade Racial, 6(2), 89–104.
- AMORIN, G. F. Ensino de História e decolonialidade: proposta e experiência da Escola afro-brasileira Maria Felipa. **Revista Em Favor De Igualdade Racial**, 6(2), 89–104. 2023.
- ARAÚJO, Paulo Cesar de. **Eu não sou cachorro não**. 3° ed. Rio de Janeiro, Record, 2002.

ARAÚJO, Paulo Cesar de. **Eu não sou cachorro, não**: música popular cafona e ditadura militar. Rio de Janeiro: Record, 2003.

ARAÚJO, R. I. S.; Cabral, G. G.; Oliveira, M. M. D.. (Org.). **História**: demandas e desafios do tempo presente. Produção acadêmica, ensino de História e formação docente. 1ed.São Luís: Editora da UFPE; Editora da UFMA, 2018, v. 1, p. 49-63.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE PERNAMBUCO. Brega é reconhecido como expressão cultural pernambucana. Recife: **ALEPE**, 18 ago. 2017. Disponível em: <https://www.alepe.pe.gov.br/2017/08/18/brega-e-reconhecido-como-expressao-cultural-pernambucana/>>. Acesso em: 18 ago 2023.

AZEVEDO, João Victor de Souza. O Movimento Brega na Região Metropolitana do Recife: perspectivas entre patrimonialização, produção periférica e sonoridades. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Museologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2022.

BARROS, J. D. História e música: considerações sobre suas possibilidades de interação. **Revista História & Perspectivas**, [S. l.], v. 31, n. 58, 2019. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/article/view/36121>>. Acesso em: 11 de maio de 2024.

BIANCHI, Vidica. BORGHETTI, Jéssica Puhl Dalberto. BRUXEL, Carla Maria Leidemer. CABELEIRA, Marciele Dias Santos. DOS SANTOS, Ana Paula Rannov. **O ensino de história: reflexões a partir da BNCC. XXII Encontro Nacional de Educação (ENACED) e II Seminário Internacional de Estudos e Pesquisa em Educação nas Ciências (SIEPEC)**. 2022.

BITTENCOURT, C. F. Reflexões sobre o ensino de História. **Estudos avançados**. 2018May;32(93):127–49.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história**: fundamentos e métodos. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2009.

BITENCOURT Nóbrega, F. F., Santos Peixoto, L., & Lamenha, B. (2023). AS INSTITUIÇÕES INFORMAIS IMPORTAM: POR UM OLHAR DECOLONIAL NAS PESQUISAS NEOINSTITUCIONAIS NO CAMPO JURÍDICO. **REI - REVISTA ESTUDOS INSTITUCIONAIS**, 9(1), 66–94. <https://doi.org/10.21783/rei.v9i1.753>.

BRANCO, Emerson Pereira; ZANATTA, Shalimar Calegari. BNCC e a Reforma do Ensino Médio: implicações no ensino de ciências e na formação do professor. **Revista Insignare Scientia**. Vol. 4, n.3. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. Disponível em: <<http://download.basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 25/07/2023.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação (CNE). Resolução CNE/CEB nº 4/2010. Define Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica. **Diário Oficial da União**, Brasília, seção 1, p. 824, 14 jul. 2010b.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: 1988. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2007.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, 2010a.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de nove anos**. Brasília: MEC, CNE, 2010.

BUARQUE, Chico. **Construção**. Letras.mus.br. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/chico-buarque/45121/>. Acesso em: 12 dez 2023.

CABRERA, Antônio Carlos. **Almanaque da música brega**. São Paulo: Matrix, 2007.
Campos, P. F. de S. (2004). O ensino, a história e a lei 10.639. **História & Ensino**, 10, 41–52.

CARDOSO, Silvia Oliveira. Música popular romântica, indústria fonográfica e crítica musical no Brasil dos anos 1970. In: **VI Enecult - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 2010**, Salvador. VI Enecult - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Salvador: Ritos Produções, 2010.

CARRETERO, Mario et al. **Ensino de História e memória coletiva**. Porto Alegre: ArtMed, 2007.

CAVALCANTI, Ivan Luis Lima. **Ame, assuma e consuma**: canções, censura e crônicas sociais no Brasil de Odair José (1972-1979). 2015. 141 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

CHAVES, Edilson Aparecido. **A música como fonte e objeto para o ensino de História in Ensino de História e suas práticas de pesquisa**. Organizadores: Juliana Alves de Andrade e Nilton Mullet Pereira – São Leopoldo: Oikos, 2021.

CHIMBINHA; MARQUES, Kim; ANDRADE, Wanderley. **Na onda do brega**. [S.l.]: Dja Correia, [2013]. 1 vídeo (3 min 35 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5KbTTzE2Ne8>. Acesso em: 12 ago. 2023.

CHOAY, Françoise. A alegoria do patrimônio - Tradução de Luciano Vieira Machado. São Paulo: UNESP, 2001.

CORDEIRO, A. G. de S., Vieira, A. C. de O., & Brito, M. L. de A. (2022). **Entre leis e práticas**: o plano nacional de educação e o ensino de história. *holos*, 6.

COSTA, Antonio Maurício Dias da. **Festa na cidade**: o circuito bregueiro de Belém do Pará. 2004. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. . Acesso em: 26 ago. 2024.

COSTA, Antônio Maurício Dias da. **Festa na Cidade**: O Circuito Bregueiro de Belém do Pará. Belém: EDUEPA, 2009.

CRUZ, Matheus Mendanha; CERRI, Luis Fernando. A BNCC e o interesse dos jovens pela História: um olhar com dados do Projeto Residente. **Revista TransVersos**, [S.l.], n. 23, p. 145-167, dez. 2021. ISSN 2179-7528.

da Silva, M. M. (2023). Editorial - 20 anos da lei 10639/03: insurgências e rupturas no Ensino de História. **Revista História Hoje**, 12(25).

DE SOUZA, Laudênia Matias Alves. História e Modernidade: reflexões sobre o ensino de História e a BNCC. **Revista Vernáculo**, [S.l.], set. 2022. ISSN 2317-4021 Disponível em: <https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/transversos/article/view/57332>. Acesso em: 30 jul. 2023. doi:<https://doi.org/10.12957/transversos.2021.57332>.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard e colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. E Org. de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Brega será reconhecido por lei como expressão cultural de Pernambuco**. Recife, 26 abr. 2017. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2017/04/brega-sera-reconhecido-por-lei-como-expressao-cultural-de-pernambuco.html>. Acesso em: 15 ago 2023.

DOURADO, Henrique Autran. **Dicionário de termos e expressões da música**. São Paulo: Ed. 34, 2004.

FOLHA DE PERNAMBUCO. **Brega é oficializado como patrimônio imaterial do Recife**. Recife, 1º jul. 2021. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/cultura/brega-e-oficializado-como-patrimonio-imaterial-do-recife/189057/>. Acesso em: 15 ago. 2023.

FRAGA, João Maria de Sousa. **O uso da música como recurso didático e documento no ensino de história sobre os governos militares no Brasil**. 2022. 152f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História - Profhistoria) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022.

FREIRE, Paulo. Considerações sobre o ato de estudar. In: FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a Liberdade**. Rio de Janeiro. 7. ed, Paz e Terra, 1984.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GARRIDO, Miriam Cristina de Moura e ABDALA, Rachel Duarte. Relações Étnico-Raciais e a Base Nacional Comum Curricular: Reflexões sobre as possibilidades de se construir currículo. 166. In: **Ensino de História: mídias e BNCC**/ organização Thiago Groh- Araguaína, TO. Universidade Federal do Tocantins – EDUFNT, 2022 p. PDF p. 166 – 178.

GIANNINI, Alessandro. Swingueira pernambucana vai representar o Brasil na 58ª Bienal de Veneza. O Globo Cultura, São Paulo, 07 mar. 2019. Disponível em: < <https://oglobo.globo.com/cultura/artes-visuais/swingueira-pernambucana-vai-represe-ntar-brasil-na-58-bienal-de-veneza-23505717>>. Acesso em: 11 ago. 2023.

GÓES, P. S. A utilização das músicas nas aulas de História com os alunos do 8º ano. **Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade”**, 5. São Cristóvão – SE. 2011.ISSN 19823657.

GOOMBAY DANCE BAND. **Sun of Jamaica**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NvngDNsJrHU>. Acesso em: 10 jun. 2023.

GONÇALVES, Suzane da Rocha Vieira. Interesses mercadológicos e o “novo” ensino médio. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 11, n. 20, p. 131-145, jan./jun. 2017.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Breve arqueologia da história oral. **História Oral**, n. 1, p. 61-65, 1998.

GUEDES, João Alfredo Libânio. **Curso de Didática de História**. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 1975.

HARTOG, François. Patrimônio e Presente In: HARTOG, François. **Regimes de Historicidade**: Presentismo e Experiências do Tempo. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013, p. 193-246.

HARTOG, François. Tempo e Patrimônio. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 22, n. 36, jul-dez, 2006, p. 261-273.

HERMETO, Miriam. **Canção popular brasileira e o ensino de história**: palavras, sons e tantos sentimentos / Miriam Hermeto – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. (Coleção Práticas Docentes, 2)

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, n. 1, p. 9-43, 2001.

JOSÉ, Odair. **Pare de tomar a pílula**. Letras.mus.br. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/odair-jose/1179024/>. Acesso em: 13 dez 2023.

JUNIOR Arnaldo Pinto. SILVA, Felipe Dias de Oliveira. CUNHA, André Victor Cavalcanti Seal da. Antinomias entre experiências e expectativas acerca da BNCC de História in: **A BNCC de História**: entre prescrições e práticas/ organização Junior, Arnaldo Pinto. Silva, Felipe Dias de Oliveira. Cunha, André Victor Cavalcanti Seal da. 1. Ed. Recife/PE. Editora Universidade de Pernambuco, 2022.

LEAL, Telma Ferraz; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; MORAIS, Artur Gomes de. Avaliação e aprendizagem na escola: a prática pedagógica como eixo da reflexão. In: BEAUCHAMP, Jeanete; PAGEL, Sandra Denise; NASCIMENTO, Aricélia Ribeiro do (Org.). **Ensino fundamental de nove anos**: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. 2ª ed. Brasília: MEC/SEB, 2007. p. 97-107.

LEONTIEV, Alexei N. **Actividad, consciência y personalidad**. Buenos Aires. Ediciones Ciencias del hombre, 1978.

Lima, S. R. (2015). História e memória: pesquisa-ação-participativa no ensino da História Local. **História & Ensino**, 21(1), 149–172.

LOPES, Nei; MACEDO, José Rivair. **Dicionário de História da África – Séculos XVI-XIX**. V. 2. BH: Autêntica, 2022. Diversos Verbetes.

MARCONDES, Marcos Antônio (org). **Enciclopédia da Música Brasileira**: erudita, folclórica, popular. SP: Art Editora, 1998.

MELO, M. L. **Metropolização e subdesenvolvimento: o caso do Recife**. Universidade Federal de Pernambuco /Dep. de Ciências Geográficas, Recife, 1978.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Repovoar o patrimônio ambiental urbano. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Brasília, vol. 36, p. 39-52, 2017.

MONTENEGRO, A. T. Memórias e reflexões: história oral em movimento. **História Oral**, [S. l.], v. 27, n. 2, p. 9–20, 2024.

MONTENEGRO, A. T. Memórias e reflexões: história oral em movimento. *História Oral*, [S. l.], v. 27, n. 2, p. 9–20, 2024. DOI: 10.51880/ho.v27i2.1503.

MONTENEGRO, A. T. História e memória: combates pela história. *História Oral*, [S. l.], v. 10, n. 1, 2007. DOI: 10.51880/ho.v10i1.206.

MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa; SILVA, Tomaz Tadeu. (Org.). **Currículo, cultura e sociedade**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

MUITO feliz de representar todo mundo', diz Priscila Senna, primeira artista de brega a comandar palco do Marco Zero. **G1 PE**, Recife, 22 fev. 2020. Disponível em: <['Muito feliz de representar todo mundo', diz Priscila Senna, primeira artista de brega a comandar palco do Marco Zero | Carnaval 2020 em Pernambuco | G1](#)>. Acesso em 20 ago. 2023.

MUNANGA, Kabengele. 2015. Por que ensinar história da África e do negro no Brasil de hoje? **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n 62, pp. 20–31 Acessível em: <<https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/107184>>.

NAPOLITANO, Marcos. **“Seguindo a canção”**: Engajamento político e indústria cultural na MPB (1959-1969). São Paulo: Annablume, 2001.

NAPOLITANO, Marcos. **História e música**: história cultural da música popular. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

NASCIMENTO, Luís Manoel Domingues do. **Inventário dos feitos modernizantes na cidade do Recife (1969-1975): sobre as mediações históricas e literárias entre a história recente do Recife e o romance A rainha dos cárceres da Grécia, de Osman Lins**. Recife: Programa de Pós-Graduação em História da UFPE (tese de doutorado em História), 2004.

NASCIMENTO, Érica Peçanha. É tudo nosso!!! Produção cultural na periferia paulistana. São Paulo, 2011. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós Graduação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

NERY, Alfredina. Modalidades organizativas do trabalho pedagógico: uma possibilidade In: BEAUCHAMP, Jeanete; PAGEL, Sandra Denise; NASCIMENTO, Aricélia Ribeiro do (Org.). **Ensino fundamental de nove anos**: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. 2ª ed. Brasília: MEC/SEB, 2007. p.109-135.

NÓBREGA, Flavianne **Fernanda Bitencourt**. Teoria política e do estado [recurso eletrônico] : livro texto / Flavianne Fernanda Bitencourt Nóbrega. – Recife : Ed. UFPE, 2018.

OLIVEIRA, IF de; FREITAS, Itamar. **Base Nacional Curricular Comum**: caminhos percorridos, desafios a enfrentar. História: demandas e desafios do tempo presente. São Luís: EDUFMA, 2018.

PACHECO, M. A. Sinta o som: história e música em sala de aula. In: André Bueno, Carlos Eduardo Campos, Dilza Porto Gonçalves. (Org.). **Ensino de História**: Teorias e Metodologias. 1ed.Rio de Janeiro: Sobre Ontens, 2020, v. , p. 407-412.

PEREIRA, J. Alves. (2020). A ELOQUÊNCIA DOS SILÊNCIOS: RACISMO E PRODUÇÃO DE ESQUECIMENTO SOBRE A POPULAÇÃO NEGRA EM NARRATIVAS DE MEMÓRIA DAS CIDADES. **Revista Da Associação Brasileira De Pesquisadores/as Negros/As (ABPN)**, 12(34), 439–462. Recuperado de <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1145>.

PEREIRA, Júnia Sales e ROZA, Luciano Magela. O ensino de história entre o dever de memória e o direito à história. **Revista História Hoje**, v.1, n.1, 2012.

PEREIRA, Sara (2008), “**Circuito Museológico**”, in Museu do Fado 1998-2008, Lisboa: EGEAC/Museu do Fado.

PERNAMBUCO. Secretaria de Cultura; FUNDAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE PERNAMBUCO. **Convocatória Ciclo Carnavalesco 2017**. Recife: Secult-PE/Fundarpe, 2016. Disponível em: <https://www.cultura.pe.gov.br/wp-content/uploads/2016/12/Convocatoria-Ciclo-Carnavalesco-2017.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2023.

POULOT, Dominique. História, Memória, Patrimônio In: POULOT, Dominique. **Uma história do patrimônio no Ocidente, séculos XVIII-XXI**. São Paulo: Estação Liberdade, 2009, p. 9-37.

SACRISTAN, J. Gimeno. **Poderes instáveis em educação**. Tradução de Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artmed, 1999

SANTANA, J. K. R. Análise Evolutiva da Ocupação dos Morros da Cidade do Recife. In: Simpósio Nacional de Geografia Urbana, 2019, Vitória (ES). **Anais do XVI Simpósio Nacional de Geografia Urbana - XVI SIMPURB**, 2019. v. 1. p. 3754-3768.

SANTOS, W. H. dos. **Guia de Possibilidades para o uso da música no ensino de história: a relação interdisciplinar entre música e história a partir das dissertações do PROFHISTORIA**. 2022. Dissertação de Mestrado.

SANTOS, Wandson Mário Cavalcante dos. **A música Brega enquanto repertório para aulas de harmonia popular** / Wandson Mário Cavalcante dos Santos. - Recife, 2023. p. 39.

SANTOS, Emerson Vinícius Pereira dos. Bregafunk, história e desdobramentos do estilo que nasceu em Pernambuco: elaboração de cartazes para divulgação do estilo. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Design) - Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, 2019.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, 287p.

SILVA, Monica Ribeiro da . A BNCC da reforma do ensino médio: o resgate de um empoeirado discurso. **Educação em revista** (ONLINE) , v. 34, p. 1-15, 2018.

SOARES, Thiago. **“Ninguém é perfeito e a vida é assim”**: a música brega em Pernambuco/ Thiago Soares; [ensaio fotográfico Chico Ludermir]. – Recife, PE: Carlos Gomes de Oliveira Filho, 2017.

SOUZA, José Clécio Silva de. Ensino de História: uma reflexão sobre materiais e métodos de ensino. **Revista Educação Pública**, v. 20, nº 37, 29 de setembro de 2020.

SOUZA, Monica Lima e. Fundamentos Históricos das Heranças Africanas. In.: **Samba em Revista** - Heranças africanas no Brasil: história, conhecimento e criação. Edição Especial. Dez 2021, Ano 13, n 11. pp 15-25.

SOUZA, V. R. A. A existência inexistente da música brega. **Revista Eletrônica FJAV**, v. 03, p. 290-314, 2009.

VYGOTSKY, Lev S. Quarta aula: a questão do meio na pedagogia. **Psicologia USP**, São Paulo. V. 21, n.4, p. 681-701, 2010.

ANEXO A - GERAÇÕES DO BREGA**1ª GERAÇÃO DO BREGA****2ª GERAÇÃO DO BREGA****3ª GERAÇÃO DO BREGA**

BREGA ROMÂNTICO

ANEXO B - LEIS E DOCUMENTOS SOBRE A PATRIMONIALIZAÇÃO DO BREGA

LEI MUNICIPAL Nº 18.807, DE 29 DE JUNHO DE 2021	Declara Patrimônio Cultural Imaterial do Município do Recife o "Movimento Brega" ⁶⁰ .
LEI Nº 14.679, DE 24 DE MAIO DE 2012	Alterada pela Lei nº 16.044/17 que reconhece o brega e dispõe sobre a garantia de apresentações de artistas e grupos que executam a Expressão Cultural Pernambucana no Estado de Pernambuco ⁶¹ .
PROJETO DE LEI N.º 5.616-A, DE 2023	Institui o Dia Nacional do Brega, a ser comemorado, anualmente, em 14 de fevereiro ⁶²
PROJETO DE LEI N.º 2.521, DE 2021	Declara o Município do Recife, no Estado de Pernambuco, como "Capital Nacional do Brega" ⁶³

⁶⁰ Disponível em:

<https://leismunicipais.com.br/a/pe/r/recife/lei-ordinaria/2021/1881/18807/lei-ordinaria-n-18807-2021-de-clara-patrimonio-cultural-imaterial-do-municipio-do-recife-o-movimento-brega>. Acesso em: 10 set. 2024.

⁶¹ Disponível em:

<<https://legis.alepe.pe.gov.br/arquivoTexto.aspx?tiponorma=1&numero=14679&complemento=0&ano=2012&tipo=>>>. Acesso em: 10 set. 2024.

⁶² Disponível em:

<https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=2426060&filename=Avulsao%20PL%205616/2023>. Acesso em: 10 set. 2024.

⁶³ Disponível em:

<https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=2047422>. Acesso em: 10 set. 2024.

ANEXO C – PERGUNTAS DO QUESTIONÁRIO

Pesquisa destinada aos professores de História da Rede Estadual de Pernambuco

Olá, sou Frederico Neto, mestrando em Ensino de História pelo ProfHistória e o objetivo dessa pesquisa é entender um pouco o universo da sala de aula e sua relação com o Movimento Brega.

solidarioenem@gmail.com [Mudar de conta](#) 

 Não compartilhado

* Indica uma pergunta obrigatória

Matrícula *

Sua resposta

Email *

Escola em que está lotado *

Sua resposta

Você se considera *

- ☐ Branco
- ☐ Pardo
- ☐ Preto
- ☐ Amarelo
- ☐ Indígena

Numa escala de 1 a 5 (nenhum a muito), o quanto você conhece o movimento brega pernambucano?

- | | | | | |
|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ |

Numa escala de 1 a 5 (nenhum a muito), o quanto você considera o movimento brega como um recurso didático para o ensino de história? *

- | | | | | |
|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ |

Numa escala de 1 a 5 (nenhum a muito), existe/existiu algum apoio para que o Movimento Brega fosse usado em sala de aula? *

- | | | | | |
|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ |

Numa escala de 1 a 5 (nenhum a muito), existe/existiu alguma resistência ^{*}
(estudantes, professores, direção, responsáveis, comunidade escolar, etc.) sobre
o uso do Movimento Brega em sala de aula?

1	2	3	4	5
☐	☐	☐	☐	☐

Se sim, qual foi o tipo de resistência?

Sua resposta

Você já usou o movimento brega como um recurso didático para as suas aulas? ^{*}

- ☐ Sim
- ☐ Não

Se sim, um breve relato de como foi sua prática?

Sua resposta

Se não, por qual motivo o brega não foi utilizado?

Sua resposta

Numa escala de 1 a 5 (nenhum a muito) , o quanto você considera importante ^{*}
formações ou eventos sobre o uso do brega no ensino de história?

1	2	3	4	5
☐	☐	☐	☐	☐

Enviar

Limpar formulário

ANEXO D – AUTORIZAÇÃO DA FOTO DO GALEROSO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA/UFPE
TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM**

Eu, José Leonardo da Silva, nacionalidade Brasileiro, estado civil solteiro, portador da Cédula de identidade RG nº. 8818684, inscrito no CPF/MF sob nº 70316943464, residente à Av./Rua Rua Itapinanga, nº. 600, município de Recife/Pernambuco. AUTORIZO o uso de minha imagem em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e documentos, para ser utilizada na dissertação de mestrado, intitulada **"Peso não, Tonelada: Relações entre o movimento brega e o ensino de História"** A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional, das seguintes formas: (I) home page; (II) mídia eletrônica (video-tapes, televisão, cinema, entre outros).

Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

Recife, dia 13 de Abril de 2025.

José Leonardo da Silva
(Assinatura)

Nome:

Telefone p/ contato:

O PRODUTO

INTRODUÇÃO

Este produto educacional foi desenvolvido com base na dissertação de Mestrado intitulada “Peso não, Tonelada!: Diálogos entre o brega e o ensino de História, defendida no Mestrado Profissional de Ensino de História, da Universidade Federal de Pernambuco.

Para a construção deste produto educacional, foi pensado um ensino de História que valorizasse a experiência dos e das estudantes, a criticidade e o movimento brega, recentemente reconhecido pelo Estado em seu âmbito local e nacional. Apesar de Pernambuco ser um dos expoentes da produção do brega, não há uma produção acadêmica convincente sobre o tema nos programas de pós-graduações de História, muito menos relacionado à educação.

Diante dos desafios da educação, a construção desta sequência didática levou em consideração a participação dos e das estudantes e o seu reconhecimento do território, sendo o brega utilizado como recurso didático para as discussões sobre o racismo estrutural; a ocupação dos morros do Recife; a produção cultural, entre outros caminhos que podem levar.

Neste produto, o uso do brega nas aulas de História se deu por perceber seu alcance nas escolas das redes municipal e estadual. Ele é um recurso didático que o docente deve levar em consideração a linguagem acessível, as situações do cotidiano que são narradas nas músicas e as representações através das redes sociais, esta última tendo um importante destaque e impacto em redes como o Instagram, Facebook e TikTok, por onde circulam conteúdos que divulgam essa expressão cultural que cresce cada dia mais.

Este produto educacional é um caminho para docentes que querem usar o brega em sala de aula e não sabem como, dada a ausência de materiais que tratam do tema. Ainda que possa sofrer alterações de acordo com as especificidades de cada turma, nesta sequência didática, docentes encontrarão uma organização sobre os encontros, documentos, músicas, imagens e ferramentas variadas para potencializar as discussões com a turma.

Discutir sobre temas tão emergentes na sociedade como o racismo estrutural através de um recurso didático que está tão próximo do cotidiano dos e das estudantes, sobretudo nas comunidades brasileiras, mostra como esse produto se torna tão importante como um meio de inovar na produção do ensino de História.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Compreender a dinâmica escolar perpassa pelo conceito de “cultura escolar” como objeto histórico (Julia, 2001), em que é possível perceber as práticas pedagógicas e as influências/resistências que existem nos espaços internos e externos da escola. A potencialidade criativa que há na sala de aula, assim como os recursos didáticos, propicia um ambiente de trocas entre estudantes e professores, trocas essas que muitas vezes acompanham as transformações que se dão em nossa sociedade.

Desse modo, entender a cultura escolar como um objeto histórico faz com que o/a professor/a de História compreenda as tensões presentes no currículo das escolas e na cultura que é reproduzida ou combatida dentro e fora da sala de aula. É nessa linha que o cruzamento do Movimento Brega com o ensino de História possibilita uma gama de caminhos para trabalharmos a problematização do próprio movimento, compreendendo as suas nuances, o seu alcance entre os e as estudantes, os recursos didáticos nos conteúdos históricos e as formas de resistências presentes no âmbito educacional.

Refletindo sobre as legislações que regem a educação e as suas relações com o ensino, Dominique Julia (2001) discute sobre as tensões que se fazem presentes na comunidade escolar, sejam elas oriundas do Estado, da comunidade, de um grupo de estudantes, da gestão escolar ou da equipe de funcionários, visto que são desafios que o docente pode encontrar, mesmo existindo legislação que seja favorável à prática exercida. Assim sendo, a cultura escolar pode ser “descrita como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos” (Julia, 2001, p. 9).

Um exemplo de conflitos que podem existir nesse espaço seria a Lei Anti-Passinho⁶⁴, que proibia os/as estudantes de fazerem danças que envolvam o brega, ainda que essa cultura seja reconhecida pelo Estado. Nesse sentido, compreende-se que

Não existe na história da educação estudo mais tradicional que o das normas que regem as escolas ou os colégios, pois nós atingimos mais facilmente os textos reguladores e os projetos pedagógicos que as próprias realidades. Gostaria de insistir somente sobre dois pontos: os textos normativos devem sempre nos reenviar as práticas; mais que nos tempos de calma, é nos tempos de crise e de conflitos que podemos captar melhor o funcionamento real das finalidades atribuídas à escola (Julia, 2001, p.12).

Discutir relações étnico-raciais no Brasil é um desafio, e foi pensando nisso que este produto foi criado, com o objetivo de ser um norte para docentes que buscam um recurso que seja atrativo para os/as estudantes, que possibilite aprofundar discussões do cotidiano, que crie roteiros patrimoniais na comunidade, ou várias outras possibilidades, desde que, como pano de fundo, discuta-se temas que mostrem a importância de tratar sobre aquilo que foi proposto.

Das tensões citadas por Julia (2001), podemos observar a pesquisa recente do Instituto Alana⁶⁵ (2023), que verifica que 7 a cada 10 secretarias de educação acabam descumprindo a Lei nº 10.639, “que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a

⁶⁴ Projeto de Lei 494/2019 de autoria da deputada Clarissa Tércio do Partido Social Cristão, alegando a erotização precoce de crianças e adolescentes no âmbito escolar.

Outros projetos de Lei da deputada e os objetivos

- **PL 2203/2021** — “Estabelece o sexo biológico como o único critério para definição do gênero de competidores em partidas esportivas oficiais no Estado de Pernambuco”.
- **PL 2907/2021** — “Proibição do uso heterogêneo de banheiros em locais públicos e privados”
- **PL 2374/2021** — “Dispõe sobre a proibição da publicidade, através de qualquer veículo de comunicação e mídia de material que contenha alusão a preferências sexuais e movimentos sobre diversidade sexual e informações sobre redesignação de gênero nas escolas direcionadas aos menores de 18 anos no Estado de Pernambuco”.
- **PL 2364/2021** — “Estabelece medidas protetivas ao direito dos estudantes de Pernambuco ao aprendizado de língua portuguesa de acordo com a norma culta e orientações legais de ensino, na forma que menciona”.

⁶⁵ Disponível em:

<<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2023/05/13/sete-em-cada-10-secretarias-municipais-de-educacao-descumprem-lei-que-obriga-ensino-sobre-historia-e-cultura-afro-brasileira-nas-escolas.ghtml>>. Acesso em 13/02/2024.

obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira" (Brasil, 2003)⁶⁶, e dá outras providências.

Para entendermos um pouco da gravidade deste percentual, cabe ressaltar que estamos falando de uma lei que, em 2024, completará 21 anos e que ainda não foi de fato implementada em todas as escolas do território nacional, o que faz com que surjam alguns questionamentos, como: Será que em todo esse tempo não se produziu material sobre a temática? Não foram pensadas metodologias que contribuíssem para sua implementação? Apesar de existir, essas são perguntas que este trabalho não terá fôlego de responder, mas pode apontar um caminho para que seja utilizado numa discussão escolar.

Neste contexto, vale destacar que a cultura afro-brasileira e a cultura indígena encontram-se presentes no cotidiano dos brasileiros, seja através da língua, dos costumes, da comida ou das contribuições musicais, pois foram indígenas e africanos que criaram o samba, o brega, o caboclinho, o coco de roda, a ciranda e tantos outros segmentos musicais que compõem os símbolos de nossa cultural nacional. Desse modo, as culturas e as histórias desses povos não precisam ser citadas somente ao tratar do período da escravidão, do açoite, da violência e dos estereótipos a que foram associados. Sendo assim, abordar esses temas em sala de aula são alguns exemplos de rupturas que precisam existir no ensino das disciplinas, principalmente no de História, pois é possível abordar, de maneira respeitosa e não estereotipada, as identidades, histórias e culturas desses povos e suas trajetórias.

Alinhada a esse pensamento, a sequência didática a seguir levou em consideração as observações de Alfredina Nery (2007), Joaquim Dolz (2004), Michele Noverraz e Bernard Schneuwly (2004) em sua criação, sendo tida, por esses autores, como um conjunto de atividades que leva em consideração o tempo, as estratégias que serão desenvolvidas e o que será produzido pelas turmas.

Sobre o tema, Nery observa que

[...] as sequências didáticas pressupõem um trabalho pedagógico organizado em uma determinada sequência, durante um determinado período estruturado pelo(a) professor(a), criando-se, assim, uma modalidade de aprendizagem mais orgânica. Os planos de aula, em geral, seguem essa organização didática (Nery, 2007, p. 115).

⁶⁶ Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm>. Acesso em: 13 jul. 2024.

A partir disso, podemos afirmar que a sequência didática é um mapa que guia a construção do conhecimento. Mas, para isso, também é necessário pensar nos recursos que serão utilizados durante esta jornada, potencializando o que virá a ser desenvolvido. Sendo assim, é necessário que nesta sequência didática fique explícito aos estudantes quais são os objetivos que perseguem o trabalho, não impedindo que o docente que esteja utilizando-a a adequa da melhor forma para o contexto em que ele está inserido, ao perceber alguma dificuldade ou notar que pode haver um grande avanço em determinadas questões.

Tratando de sequência didática, o autor Joaquim Dolz et al. (2004) produziu um quadro de como ela deve funcionar, sendo necessário que o/a professor/a siga a metodologia de, inicialmente, apresentar a situação e, a partir da produção inicial, adicionar módulos que contribuam para a reflexão e o domínio do tema pelos e pelas estudantes, resultando na produção final, que é o momento em que eles podem negociar com o/a professor/a aquilo que sentem ter mais habilidade ou acham que vai contribuir melhor para a consolidação do conhecimento.

Nesta dinâmica, é necessário que o docente não coloque o planejamento de forma impositiva, mas dialogue e negocie com os/as estudantes, inclusive as sugestões de músicas, imagens, lugares etc. que possam surgir no decorrer de cada módulo (na sequência didática coloquei a nomenclatura “momento”), possibilitando maior interação e pertencimento com o conhecimento que está sendo construído em sala de aula, como veremos a seguir.

Figura 1: Esquema da sequência didática.



Fonte: Dolz; Noverraz; Schneuwly (2004, p. 98).

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Título: Lei Nº 10.639 e Movimento Brega em Pernambuco: uma proposta para a educação patrimonial

Disciplina(s): História

Público-alvo: Ensino Médio

Duração/Momentos: 5 momentos – 8 aulas

Objetivos: O Objetivo geral consiste em compreender as rupturas e permanências das relações étnico-raciais no Brasil, levando em consideração a Lei 10.639 e a obrigatoriedade do ensino de História e cultura afro-brasileira. Como objetivos específicos temos como cerne: a) analisar a história do Movimento Brega e o seu processo de patrimonialização em Pernambuco; b) discutir o racismo estrutural na sociedade e c) fomentar a produção de conhecimento histórico através do reconhecimento do território e identidade das juventudes.

Competências e Habilidades conforme a Base Nacional Comum Curricular (BNCC)

Competências:

- Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, respeitando os Direitos Humanos.
- Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica.

Habilidades:

- a) **(EM13CHS102)** Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo; racismo; evolução; modernidade; cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado

histórico e comparando-as às narrativas que contemplem outros agentes e discursos.

- b) **(EM13CHS104)** Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial, de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.
- c) **(EM13CHS502)** Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.
- d) **(EM13CHS503)** Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados e usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos.

DESENVOLVIMENTO

O desenvolvimento da sequência didática deve levar em consideração a dinâmica de cada turma. Abaixo, segue uma sugestão que o docente pode seguir como norte para o ensino médio, discutindo os temas como racismo estrutural, identidade, História do Recife etc.

A organização em momentos se deu para que o/a professor/a possa encontrar as possibilidades na execução, vendo a necessidade ou não de ampliar esses momentos para que possa sanar dúvidas ou potencializar os resultados que serão obtidos ao final do plano. Dessa forma, a sequência didática ficou organizada da seguinte forma:

1º momento

O primeiro momento com os e as estudantes deve ser, preferencialmente, em aulas germinadas, onde haverá a apresentação do projeto a ser desenvolvido em

sala de aula e também para trabalhar os conteúdos com a dinâmica proposta para a discussão.

Após a apresentação do projeto, haverá a exibição e discussão o vídeo de Chimamanda Adichie – O perigo da História Única⁶⁷, totalizando os 50 minutos iniciais da aula, onde poderão compreender o objetivo proposto, que é discutir o processo de silenciamento da cultura negra, em que podem ter como exemplo o brega, o maracatu, o samba, entre outras expressões culturais estigmatizadas historicamente no Brasil.

Posteriormente à apresentação do vídeo, o docente conduzirá uma aula expositiva sobre as teorias raciais do século XIX, trazendo o conceito de “criminoso nato”, de Cesare Lombroso e de outros autores do período. Como material de apoio, a obra *O Espetáculo das Raças*, de Lilia Schwarcz, mostra como surge o debate sobre raça, alteridade e imperialismo, enriquecendo o debate que será construído no próximo encontro com a turma.

Um ponto importante nesse início é ter uma pergunta motivadora para a aula, algo que possa conduzi-la ao seu objetivo, sendo a bússola do navio ao encontro do seu destino. Portanto, é uma ferramenta que deve ser utilizada para que possa potencializar as discussões, sempre retomando ao ponto de partida, mostrando a pergunta como elemento chave na dinâmica da sala de aula, momento em que cada sujeito constrói seu questionamento a partir de sua singularidade e experiências, norteados os processos de aprendizagem (Rubinstein, 2019). Uma pergunta que pode ser feita para essa aula seria: Quais necessidades tinham os europeus quando criaram as Teorias Raciais no Século XIX? Com o andamento da aula, o docente vai utilizando desses meios para chegar até o objetivo pretendido.

Fica como agenda para o próximo encontro a pesquisa para todos e todas estudantes sobre o que é racismo estrutural, para que busquem fora da sala de aula elementos que contribuam para o debate.

⁶⁷ Disponível em:

<https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt>. Acesso em 10/09/2014.

2º momento

O segundo momento tem como objetivo discutir sobre o racismo estrutural, esmiuçando seu conceito e seus impactos na sociedade brasileira. Como metodologia, a sugestão é dividir a turma em grupos (entre 3 e 5 estudantes), entregando, a cada equipe, imagens, charges e textos sobre a temática a seguir, deixando um tempo para que possam discutir entre si e posteriormente ser apresentado em grupo.

O importante desse encontro é que eles possam relacionar as imagens e textos com as suas vivências e com o conteúdo o objetivo da aula anterior, que era falar sobre as teorias raciais do século XIX, percebendo as rupturas e permanências existentes ao longo da História.

A discussão sobre o racismo estrutural, as propagandas, os relatos de alguns e algumas estudantes sobre casos de racismo em suas famílias ou vividos por eles mesmos, ou casos famosos, são alguns exemplos possíveis que se apresentarão para o grupo quando forem discutir as imagens e os textos que cada um ficou para a reflexão. A participação de cada grupo nessa construção é fundamental para que os/as estudantes possam compreender o que está sendo proposto, cabendo ao/a professor/a estabelecer um tempo, como sugestão, de 5 minutos para apresentação e mais 5 minutos para debate.

Ao fim desse encontro, fica como agenda, para cada grupo, uma pesquisa nas redes sociais sobre o que é um “galeroso”. Esse será um elemento importante a ser discutido na aula seguinte, sendo também uma forma de incentivar e usar as redes sociais como um ponto de conhecimento.

3º momento

A análise do surgimento do brega e a sua patrimonialização como Movimento brega é o objetivo do terceiro encontro, que ocorrerá em três etapas:

- a) Conhecer a história do brega no âmbito nacional e local;
- b) Discutir o surgimento do brega funk nas comunidades do Recife e o debate em torno de sua patrimonialização.

Nesse ponto, é importante que o docente faça uma ambientação na sala e utilize dos recursos audiovisuais para a exibição de músicas e vídeos sobre o brega pernambucano. É interessante que entre uma música e outra seja ressaltado o contexto histórico, as mudanças e permanências, o estilo de letra, a melodia, entre outros aspectos que incitem a curiosidade dos/das estudantes, deixando espaço para que possam dialogar.

Também é importante levar para a sala de aula as leis que tornaram o brega expressão cultural pelo estado de Pernambuco (Lei 16.044/2017) e Patrimônio Cultural Imaterial da Prefeitura do Recife (Lei 18.897/2021), destacando a discussão no seu projeto de lei e o contexto histórico em que foram produzidas. O objetivo aqui é que a turma possa entender a dimensão da transição do brega e o seu reconhecimento do poder público.

A obrigatoriedade do ensino de História e cultura afro-brasileira através da Lei 10.639/2003 é outro documento importante para o debate em sala, já que é algo que impacta diretamente o cotidiano dos e das estudantes. Nesse momento, o docente pode promover uma discussão sobre os conteúdos abordados ao longo do ensino e que tinham alguma relação com lei supracitada.

Ao fim desta parte, a turma será dividida em grupos para pesquisar sobre os locais de produção de brega nas comunidades do Recife, comparando as estatísticas no IBGE, para apresentação na aula seguinte. Outro caminho é utilizar a comunidade ao redor da escola, fazendo uma integração entre escola e comunidade escolar, trazendo para a instituição os produtores de cultura. Nessa situação, os estudantes e as estudantes podem expandir a pesquisa buscando expressões culturais invisibilizadas que existam no território.

Um exemplo prático foi realizado na cidade de Alhandra, na Paraíba, onde esse projeto foi aplicado. Durante a execução, os e as estudantes acabaram pesquisando sobre culturas invisíveis, resultando na descoberta da Jurema Sagrada, religião de herança africana e indígena, a qual é título da cidade. Porém, por ter traços indígenas e práticas comumente associadas ao mal, é uma religião perseguida e mal visto por boa parte da população local.

Dessa forma, esses pequenos grupos (3 a 5 estudantes), irão relacionar os conteúdos anteriores, buscando elementos que enriqueçam a culminância que acontecerá na última aula, onde apresentarão suas pesquisas desenvolvidas na

comunidade, ficando ao critério da turma o que apresentar, podendo ser a história da comunidade pesquisada, a expressão cultural nela encontrada, uma biografia que acharam interessante, entre outros, já que são caminhos diversos e o importante é fazer com que eles conheçam e encontrem o que mais se adequem às suas habilidades.

4º momento

No quarto e último encontro antes da culminância, o objetivo é entender o processo de higienização no Centro do Recife através dos documentos (Anexo) e da aula expositiva do/da docente. Posteriormente, os grupos serão retomados para que possam discutir sobre a história dos bairros do Recife e suas ocupações, cruzando os dados do IBGE e/ou recolhidos na própria comunidade pelos e pelas estudantes.

O final desse encontro é importante para que o/a professor/a possa alinhar a culminância que acontecerá no próximo encontro, tirando dúvidas e orientando sobre o que será desenvolvido pela turma. Mesmo sendo os e as estudantes protagonistas, é necessário que o/a professor/a acompanhe o desenvolvimento das atividades, dialogando com o corpo escolar sobre a viabilidade ou não de sua execução.

5º momento - Avaliação

O quinto momento corresponde à culminância do que foi produzido pela turma durante a construção do projeto. Dessa forma, a sugestão é deixá-los à vontade para que possam apresentar seus territórios, suas especificidades, suas identidades. No decorrer do processo, cabe ao/à docente a sensibilidade de identificar as especificidades de cada turma, sugerindo a formação de pequenos grupos com temáticas diferentes ou a classe fazer uma sala temática.

Algumas sugestões para a culminância são:

- a) Produção de conteúdo audiovisual sobre o Movimento Brega;
- b) Memorial sobre as práticas culturais invisibilizadas no território escolar;
- c) Rodas de diálogo sobre o racismo estrutural;
- d) Seminário sobre a história do bairro com a participação da comunidade escolar.

A avaliação formativa é uma alternativa para aferir se os objetivos foram alcançados, observando em cada momento o envolvimento dos/as estudantes nas discussões, nas atividades fora de sala e o que foi produzido para a culminância, valorizando, assim, cada etapa do processo de construção do conhecimento.

Uma sugestão é o/a professor/a possuir uma tabela com conceitos, anotando se cada pessoa conseguiu ou não atender aos objetivos propostos em cada encontro, observando o domínio do tema, envolvimento com as atividades propostas, conhecimento sobre o surgimento do brega, compromisso com o grupo no qual foi designado/a, entre outros, avaliando de forma condizente com a realidade de cada sujeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A luta contra o racismo encontra na educação o seu melhor caminho, pois é nesse ambiente em que cidadãos e cidadãs dotados/as de direitos e deveres compreenderão sobre a formação da sociedade brasileira, os impactos da escravidão e sua influência na desigualdade.

A Lei 10.639/2003 ainda encontra desafios para o seu cumprimento. Por isso, criar estratégias para a sua utilização é fundamental para quem defende um ensino de história que seja crítico e inovador. É dentro dessa ótica, que o uso do brega como recurso didático apresenta uma possibilidade para a discussão de temas urgentes na nossa sociedade, como o racismo estrutural, identidade, patrimônio, teorias raciais, entre outros.

Este produto educacional é um norte para docentes que buscam trazer para as suas salas de aula uma maior proximidade com a juventude. A linguagem acessível, os símbolos de quem é adepto/a do brega, as narrativas dos cotidianos, os impactos na rede social, inserem a cultura dos e das estudantes na construção do conhecimento, valorizando suas experiências, tendo em vista que é urgente valorizar os saberes estudantis, rompendo com o ensino de História tradicional prescrito, que valoriza a História e a cultura dominante.

Fazer com que a educação faça sentido na vida dos e das estudantes, percebendo a relação entre teoria e prática, compreendendo o seu papel na sociedade, com criticidade e respeito às culturas diversas, entre outros, é um dos caminhos que esse produto evidencia no ensino de História, mostrando o quão é importante desenvolver a discussão sobre o racismo e seus impactos na sociedade, além da capacidade patrimonialização do brega, que também é outro fator a ser levado em consideração.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Circe Fernandes. Reflexões sobre o ensino de História. **Estudos avançados**, v. 32, n. 93, p. 127-149, 2018.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história**: fundamentos e métodos. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2009.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard e colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. E Org. de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.

BOLSANELLO, Maria Augusta. Darwinismo social, eugenia e racismo científico: sua repercussão na sociedade e na educação brasileira. **Educar em Revista**, n. 12, p. 153-165, 1996. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/er/a/sNH6RP4vvMk6wtPSZztNDyt/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 26 fev. 2019.

BRASIL. **Câmara dos Deputados. Projeto de Lei n.º 5.616-A, de 2023**. Institui o Dia Nacional do Brega, a ser comemorado, anualmente, em 14 de fevereiro. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 21 de novembro de 2023. Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=2426060&filename=Avulso%20PL%205616/2023. Acesso em: 10 set. 2024.

BRASIL. **Câmara dos Deputados. Projeto de Lei n.º 2.521, de 2021**. Declara o Município do Recife, no Estado de Pernambuco, como "Capital Nacional do Brega". Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 13 de julho de 2021. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=2047422>. Acesso em: 10 set. 2024.

DOVE se desculpa por propaganda acusada de racismo. **Época Negócios Online**: 10 out. 2017. Disponível em: <<https://epocanegocios.globo.com/Marketing/noticia/2017/10/dove-se-desculpa-por-propaganda-acusada-de-racismo.html>>. Acesso em: 21 jul. 2024.

FREIRE, Paulo. Considerações sobre o ato de estudar. In: FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a Liberdade**. Rio de Janeiro. 7. ed, Paz e Terra, 1984.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, n. 1, p. 9-43, 2001.

HALL, Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais. In: Lino Gomes, Nilma, Movimento negro e educação: ressignificando e politizando a raça. **Educação & Sociedade**, Campinas: v. 33, 2012. pp. 727-744. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=87324602005>>. Acesso em: 14 mar. 2019. ISSN 0101-7330.

JÚNIOR, Dalmir Reis. Alvejante Chlorinol (Racismo) – 1890. **Propagandas Históricas**. Disponível em:

<<https://www.propagandashistoricas.com.br/2014/08/alvejante-chlorinol-racismo-1890.html>>. Acesso em: 17 jul. 2024.

JÚNIOR, Dalmir Reis. Lautz Bros. & Co's Soap (Propaganda Racista) - Século XIX. **Propagandas Históricas**. Disponível em:

<<https://www.propagandashistoricas.com.br/2014/08/lautz-bros-cos-soap-propaganda-racista.html>>. Acesso em: 21 jul. 2024.

MUNANGA, Kabengele. Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje?. **Revista do Instituto de Estudos brasileiros**, p. 20-31, 2015.

OLIVEIRA, Gabriel. África e darwinismo social: O Imperialismo ideológico e cultural como ferramenta de hegemonia científica. **Medium**. 15 abr. de 2017. Disponível em:

<https://medium.com/@gabrieloliveira_78782/africa-e-darwinismo-social-o-imperialismo-o-ideol%C3%B3gico-e-cultural-como-ferramenta-de-hegemonia-cient-4da3a22eb03d>. Acesso em: 10 set. 2024.

PERNAMBUCO. **Lei nº 14.679, de 24 de maio de 2012**. Dispõe sobre a garantia de apresentações de artistas e grupos que executam a Expressão Cultural Pernambucana no Estado de Pernambuco inserir título ou assunto da lei. Diário Oficial do Estado de Pernambuco, 24 de maio de 2012. Disponível em:

<https://legis.alepe.pe.gov.br/arquivoTexto.aspx?tiponorma=1&numero=14679&complemento=0&ano=2012&tipo=>. Acesso em: 10 set. 2024.

RECIFE. Lei Municipal nº 18.807, de 29 de junho de 2021. Declara Patrimônio Cultural Imaterial do Município do Recife o "Movimento Brega. **Diário Oficial do Município de Recife**, Recife, 29 de junho de 2021. Disponível em:

<https://leismunicipais.com.br/a/pe/r/recife/lei-ordinaria/2021/1881/18807/lei-ordinaria-n-18807-2021-declara-patrimonio-cultural-imaterial-do-municipio-do-recife-o-movimento-brega>. Acesso em: 10 set. 2024.

RHODES, Cecil. representando seu ambicioso plano de construir uma linha férrea do Cairo à Cidade do Cabo. In: HÖRNER, Erik. **Vozes do Imperialismo**. 06 de fevereiro de 2012. Disponível em: <

<https://pos-aula.blogspot.com/2012/02/vozes-do-imperialismo.html>>. Acesso em: 10 set. 2024.

RUBINSTEIN, Edith. A pergunta no processo de ensino-aprendizagem. **Revista Psicopedagogia**, v. 36, n. 111, p. 317-331, 2019.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, MONICA RIBEIRO DA. A BNCC da reforma do ensino médio: o resgate de um empoeirado discurso. **Educação em revista**, v. 34, p. e214130, 2018.

SILVA, Kalina Vanderlei. **Dicionário de conceitos históricos**. Editora Contexto, 2015. Disponível em: <
<https://efabiopablo.wordpress.com/wp-content/uploads/2013/04/dicionc3a1rio-de-conceitos-histc3b3ricos.pdf>>. Acesso em: 26 fev. 2019.

SOARES, Thiago. **“Ninguém é perfeito e a vida é assim”**: a musica brega em Pernambuco/ Thiago Soares; [ensaio fotográfico Chico Ludermitz]. – Recife, PE: Carlos Gomes de Oliveira Filho, 2017.

SOUZA, José Clécio Silva de. Ensino de História: uma reflexão sobre materiais e métodos de ensino. **Revista Educação Pública**, v. 20, nº 37, 29 de setembro de 2020.

SOUZA, Monica Lima e. Fundamentos Históricos das Heranças Africanas. In.: **Samba em Revista** - Heranças africanas no Brasil: história, conhecimento e criação. Edição Especial. Dez 2021, Ano 13, n 11. pp 15-25.

ANEXO A – PLANO DE AULA

PLANO DE AULA		
DISCIPLINA: História	PROFESSOR: Frederico Neto	
SÉRIE: 1º 2º e 3º Série – Ensino Médio	CARGA HORÁRIA SEMANAL: 1 aulas	Período: novembro

PROJETO DE AULA	
TEMA	Lei Nº 10.639 e Movimento Brega em Pernambuco: uma proposta para a educação patrimonial
JUSTIFICATIVA	A recente patrimonialização do Movimento Brega trouxe à tona o debate da cultura negra, que consegue visibilidade nos espaços além da sua produção, mas mesmo com o reconhecimento estatal, há resistências e visões negativas sobre quem o produz, por exemplo, o conhecido “galeroso”. A partir disso, visando desconstruir essa visão em sala de aula, o debate das teorias raciais do final do século XIX e início do século XX propiciam o silenciamento da cultura negra e da associação do negro à violência, considerando os estudos de frenologia de Cesare Lombroso. Ressalta-se que perceber as nuances do racismo estrutural é fundamental para a construção de uma educação antirracista e multicultural, trazendo para a sala de aula a História e a cultura negra no Brasil. No âmbito local, compreender o processo de urbanização da cidade do Recife e o surgimento do Movimento Brega torna-se necessário, por ser expressão cultural do estado de Pernambuco e, consequentemente, o entendimento do ensino de História do tempo presente, percebendo as rupturas e permanências ao longo da História.
Competências e Habilidades conforme a BNCC	Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, respeitando os Direitos Humanos. (EM13CHS102) Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo; racismo; evolução; modernidade; cooperativismo/desenvolvimento, etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as à narrativas que contemplem outros agentes e discursos. (EM13CHS104) Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial, de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço. Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica. (EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas, etc., desnaturalizando e

	problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais. (EM13CHS503) Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica, etc.), suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados e usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos.
OBJETIVOS	Compreender as rupturas e permanências das relações étnico-raciais no Movimento Brega.
DESENVOLVIMENTO	O desenvolvimento do projeto pedagógico se dará através de aula expositiva, vídeos, pesquisa, atividades e debates para a construção do conhecimento.
CONCLUSÃO	Apresentação do que foi produzido pelos estudantes.

DATA	CONTEÚDO	OBJETIVOS	METODOLOGIA	AVALIAÇÃO	AGENDA
1º momento (140 minutos)	Teorias Raciais do século XIX Introdução	• Discutir o processo de silenciamento da cultura negra	• Apresentação e discussão do vídeo de Chimamanda: https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt - 30 minutos. • Aula expositiva sobre as teorias raciais do século XIX – Cap. 2 da Obra o Espetáculo das Raças. 20 minutos. • Dividir a turma em grupos e entregar charges, imagens, documentos do período – o grupo deve apresentar para a turma após a discussão entre si. (45 minutos).	• Participação no debate de sala de aula.	• Pesquisa sobre o que é o Racismo Estrutural.
2º momento (50 minutos)	Pergunta motivadora: Quais necessidades tinham os europeus quando criaram as Teorias Raciais no século XIX?	• Entender o contexto histórico de surgimento das Teorias Raciais do século XIX	• Aula expositiva sobre as teorias raciais do século XIX – Cap. 2 da obra “O Espetáculo das Raças”. (35 minutos). • Dividir a turma em grupos e entregar charges, imagens e documentos do período, que	• Debate sobre o racismo estrutural	• Pesquisa sobre a representação do galeroso nas redes sociais.
3º momento (50 minutos)					

			o grupo deve apresentar para a turma após a discussão entre si (65 minutos).		
4º momento (140 minutos)	O Movimento Brega e a Ocupação do Morros do Recife	• Identificar locais de produção do brega; • Compreender o racismo estrutural e a importância da educação antirracista para sua superação; • Analisar o surgimento do brega até tomar a conotação de “Movimento Brega”.	• Dividir a turma em grupos e pesquisar sobre os locais de produção de brega e comparar as estatísticas do IBGE – em seguida apresentação para a sala. (10 minutos). https://www2.recife.pe.gov.br/servico/perfil-dos-bairros • Entender o processo de Higienização no Centro do Recife através de documentos (vide anexo), o surgimento do Movimento Brega até a sua patrimonialização (vide anexo as leis), com o professor problematizando sobre a figura do “galeros”, a violência policial, a representatividade, etc. – Aula Expositiva (40 minutos) (vide anexo). Apoio para o professor: (https://revistacontinente.com.br/edicoes/259/o-brega-e-nosso-) (https://revistacontinente.com.br/secoes/reportagem/o-brega-e-nosso---parte-2-) • Exibição de músicas brega: representando as 3 gerações 1º geração: https://www.youtube.com/watch?v=g3WmnBJsuqE&ab_channel=ReiRossi2022 2º geração: https://www.youtube.com/watch?v=5DQfQ6nL2K8&ab_channel=ReiRossi2022	• Participação no debate de sala de aula. • Resolução de ficha de aula.	• Caminhos possíveis, mas cabe a cada professor identificar a especificidade de cada turma. • Divisão da turma em grupos, ficando cada um responsável para a produção de um conteúdo sobre o brega, o combate ao racismo, cultura negra, etc., estrutural Tik Tok, Instagram, Facebook, Podcast. • Criar a culminância do brega, dividir a turma em grupos, ficando uns responsáveis para falar sobre seu surgimento, as gerações, os traços culturais, etc., falando sobre o que é o Movimento Brega, fotografias, poesias, rap. • A culminância acontecerá na aula 5.
5º momento (140 minutos) Culminância do que foi produzido.					

			nel=VariousArtists-Topic 3º Geração: https://www.youtube.com/watch?v=H0OXMy8ZA9I&ab_channel=rtdmigor		
--	--	--	--	--	--

DATA: ____ / ____ / ____

Assinatura do Professor

ANEXO B – SEGUNDO MOMENTO

Figura 1: Charge de Cecil Rhodes representando seu ambicioso plano de construir uma linha férrea do Cairo à Cidade do Cabo.



Fonte: Vozes do Imperialismo⁶⁸.

⁶⁸ Disponível em: < <https://pos-aula.blogspot.com/2012/02/vozes-do-imperialismo.html> >. Acesso em: 10 set. 2024.

ANEXO C – TEXTOS DE APOIO

Figura 2: Texto sobre Teorias Raciais do século XIX.

A eugenia foi fundada em 1883 pelo primo de Darwin, Francis Galton (1822-1911). Preconizava o favorecimento, pelo Estado, da formação de uma elite genética por meio do controle científico da procriação humana, onde os inferiores (os menos aptos) seriam ou eliminados ou desencorajados de procriar. Visava essencialmente o aperfeiçoamento da raça. (Thuillier, 1984)

As ligações do darwinismo social com o racismo “científico” foram estabelecidas pelo antropólogo francês Georges Vacher de Lapouge (1854 - 1936), em sua obra *L'Arien*. Para ele, as raças dividiam-se em superiores (arianos) e inferiores (judeus, negros etc.). Tentou demonstrar a existência de correlações entre o *status* social dos indivíduos e sua identidade biológica ou racial. (Clarck, 1988)

Ressalta-se que o primeiro grande teórico do racismo foi o Conde Joseph Artur Gobineau (1816-1882), que abertamente defendeu a superioridade da raça ariana – “a mais nobre de todas”, na obra *Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas* (1853).

Segundo Blanc (1994), alguns trabalhos de Darwin também caminharam no sentido do racismo “científico”, salientando uma hierarquia de raças (onde negros e índios são considerados menos aptos) e classificando os seres humanos em intelectualmente superiores e intelectualmente inferiores. Darwin também apregoeou sua adesão aos ideais eugenistas, considerando que não deveriam casar-se pessoas portadoras de inferioridades no corpo e/ou no espírito.

[...] A Biologia, no entanto, foi a primeira ciência a desconstruir a teoria racialista que tinha ajudado a elaborar no xix. A partir do fim do século xx, os biólogos cada vez mais aderiram à hipótese de que não existem raças na espécie humana. Geneticistas de todo o mundo têm derrubado a crença de que se pode definir geneticamente as diferenças raciais na humanidade [...] (Bolsanello, 1996, p.348)⁶⁹.

[...] raça é uma construção política e social. É a categoria discursiva em torno da qual se organiza um sistema de poder socioeconômico, de exploração e exclusão – ou seja – o racismo. Todavia, como prática discursiva, o racismo possui uma lógica própria. Tenta justificar as diferenças sociais e culturais que legitimam a exclusão

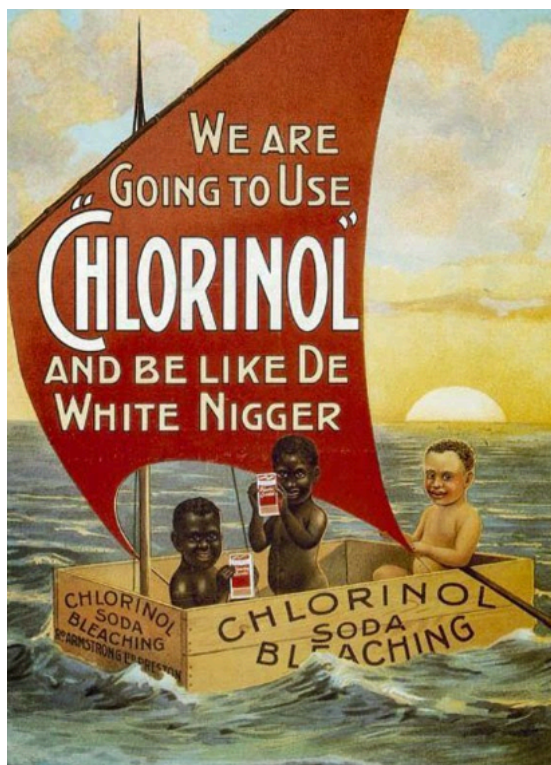
⁶⁹ Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/er/a/sNH6RP4vvMk6wtPSZtNDyt/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 26 fev. 2019.

racial em termos de distinções genéticas e biológicas, isto é, na natureza (Silva, 2006)⁷⁰.

⁷⁰ Disponível em:
<<https://efabiopablo.wordpress.com/wp-content/uploads/2013/04/dicionc3a1rio-de-conceitos-histc3b3ricos.pdf>>. Acesso em: 26 fev. 2019.

ANEXO C - PROPAGANDA DE ALVEJANTE

Figura 3. Propaganda da marca de alvejantes para roupa Chlorinol de 1890, "Nós iremos usar Chlorinol e ficar como o 'negro' branco".



Fonte: Propagandas históricas⁷¹.

⁷¹ Disponível em:

<<https://www.propagandashistoricas.com.br/2014/08/alvejante-chlorinol-racismo-1890.html>>. Acesso em: 17 jul. 2024.

ANEXO D - PROPAGANDA DE SABÃO

Figura 4. Propaganda de sabão. Homem branco usa sabão para lavar menino negro.



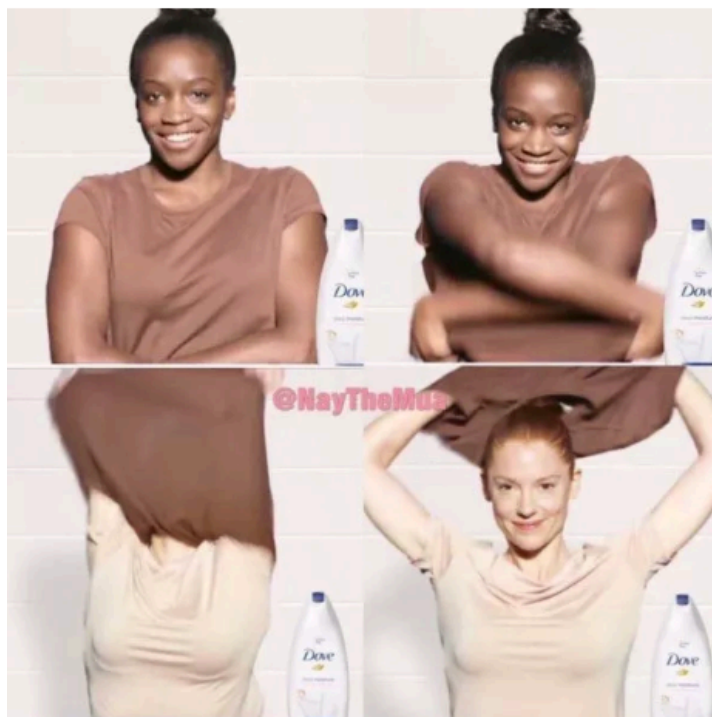
Fonte: Propagandas Históricas⁷².

⁷² Disponível em:

<<https://www.propagandashistoricas.com.br/2014/08/lautz-bros-cos-soap-propaganda-racista.html>>. Acesso em: 21 jul. 2024.

ANEXO E - PROPAGANDA DOVE

Figura 5: Propaganda da Dove.



Fonte: Revista Época⁷³

⁷³ Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/Marketing/noticia/2017/10/dove-se-desculpa-por-propaganda-acusada-de-racismo.html>. Acesso em: 21 jul. 2024.

ANEXO F - TEXTOS MOTIVADORES

“Considerarei a existência de Deus e decidi que há uma boa chance de que Ele exista. Se Ele realmente existir, deve estar trabalhando em um plano. Portanto, se devo servir a Deus, preciso descobrir o plano e fazer o melhor possível para ajudá-lo em sua execução. Como descobrir o plano? Primeiramente, procurar a raça que Deus escolheu para ser o instrumento divino da futura evolução. Inquestionavelmente, é a raça branca... Devotarei o restante de minha vida ao propósito de Deus e a ajudá-lo a tornar o mundo inglês”⁷⁴.

O neocolonialismo do século XIX prejudicou o continente africano de diversas formas, inclusive cientificamente ao edificar uma abnegação à ciência produzida por África e pessoas pretas em diásporas africanas. Frantz Omar Fanon (psiquiatra, filósofo, cientista social e revolucionário francês) propõe a descolonização como forma de posição anticolonialista e afirma que “A civilização europeia e seus representantes mais qualificados são responsáveis pelo racismo colonial”⁷⁵.

[...] Raça é uma construção política e social. É a categoria discursiva em torno da qual se organiza um sistema de poder socioeconômico, de exploração e exclusão – ou seja – o racismo. Todavia, como prática discursiva, o racismo possui uma lógica própria. Tenta justificar as diferenças sociais e culturais que legitimam a exclusão racial em termos de distinções genéticas e biológicas, isto é, na natureza.⁷⁶

[...] A Biologia, no entanto, foi a primeira ciência a desconstruir a teoria racialista que tinha ajudado a elaborar no XIX. A partir do fim do século XX, os biólogos cada vez mais aderiram à hipótese de que não existem raças na espécie humana. Geneticistas de todo o mundo têm derrubado a crença de que se pode definir geneticamente as diferenças raciais na humanidade [...]. (p.348).⁷⁷

⁷⁴ Disponível em: <<https://pos-aula.blogspot.com/2012/02/vozes-do-imperialismo.html>>. Acesso em: 10 set. 2024.

⁷⁵ Disponível em: <https://medium.com/@gabrieloliveira_78782/africa-e-darwinismo-social-o-imperialismo-ideol%C3%B3gico-e-cultural-como-ferramenta-de-hegemonia-cient-4da3a22eb03d>. Acesso em: 10 set. 2024.

⁷⁶ HALL, S. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora da UFMG; Brasília, DF: Unesco no Brasil, 2003.

⁷⁷ : SILVA, K. V. *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Contexto, 2006. Acesso em: 26 de fev. de 2019.

ANEXO G – QUARTO MOMENTO

A tapera, o mocambo, o casebre, a choupana, seja qual a denominação que se queira dar nunca poderão ser paraíso terreal, nem mesmo para jovens amorosos.

As doenças de múltiplas procedências rondam, por todos lados a misera habitação do habitante da zona rural e dos subúrbios citadinos. [...]

Infelizmente, a doença se propaga, de maneira acentuada. É outra calamidade que nos pesa assustadoramente. É mal que se propaga, quase às escondidas. (Diário da Manhã 02/03/73).

“Logo terminem as demolições dos restantes prédios para alargamento da Praça da Independência, iremos dar início às obras da Avenida Dantas Barrêto, fazendo desaparecer os bêcos infectos, as casinhas modestas, para que a nova artéria, que será o orgulho do meu Recife, comece a crescer para prestígio da cidade (...)” (Folha da Manhã, 04/01/1945).

“Logo terminem os trabalhos da Praça da Independência daremos início às demolições da Matriz de Santo Antônio ao Pátio de São Pedro, para abertura desse trecho da nova Avenida que será um dos serviços melhores que prestaremos ao Recife. O Recife não pode nem deve parar. Tem que evoluir, renovar-se, acompanhar o seu ritmo de trabalho e as suas qualidades de fé e de capacidade” (Folha da Manhã, 25/01/1945).

Anexo H – O Galeroso



Fonte: Acervo de José Leandro, com devida autorização.

ANEXO I – QR CODE COM MATERIAL SOBRE O BREGA

Fonte: Elaboração própria, 2025.